

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

**IVONY LESSA**

A SENHA DO ANTITOTALITARISMO: Memória do caso francês e investigações sobre o  
processo de desconstrução do PT em análise da Folha de S. Paulo

SÃO PAULO

2018

Ivony Lessa

A SENHA DO ANTITOTALITARISMO: Memória do caso francês e investigações sobre o processo de desconstrução do PT em análise da Folha de S. Paulo

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes

São Paulo

2018

## Ficha Catalográfica

LESSA, Ivony

A senha do Antitotalitarismo: Memória do caso francês e investigações sobre o processo de desconstrução do PT em análise da Folha de S. Paulo / Ivony Lessa. São Paulo: FLACSO/FPA, 2018.

197 f.:il

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2018.

Ivony Lessa

A S E N H A D O  
ANTITOTALITARISMO: Memória  
do caso francês e investigações sobre o  
processo de desconstrução do PT em  
análise da Folha de S. Paulo

Dissertação apresentada ao curso  
Maestría Estado, Gobierno y Políticas  
Públicas, Faculdade Latino-Americana  
de Ciências Sociais, Fundação Perseu  
Abramo, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do título de  
Magíster en Estado, Gobierno y  
Políticas Públicas.

Aprovada em

---

Prof. Dr. Reginaldo Moraes  
FLACSO Brasil/FPA

---

Prof. Dr. Greiner Teixeira Marinho Costa  
Universidade Estadual de Campinas

---

Prof. Dr. Kjeld Jakobsen  
Universidade de São Paulo

*Às "nossas mães" Dilma e Deise  
e a Surya, Alexandre e Eduardo, com  
todo reconhecimento e carinho.*

*"Educa a criança no caminho em que deve andar;  
e até quando envelhecer não se desviará dele."*

*Provérbios 22:6*

---

LESSA, Ivony. A Senha do Antitotalitarismo: Memória do caso francês e investigações sobre o processo de desconstrução do PT em análise da Folha de S.Paulo [dissetação]. São Paulo: FLACSO/FPA, 2018.

## RESUMO

O título “a senha do antitotalitarismo” indica, neste trabalho, um período em que a desconstrução do Partido dos Trabalhadores enquanto objeto discursivo na mídia passou a se apoiar em grande medida em formulações derivadas do discurso antitotalitarista, elaborado e desenvolvido como tal sobretudo a partir do final dos anos 60 na França. Trata-se de uma senha no sentido jornalístico porque esta vertente de crítica ao PT foi avançada e elaborada ao longo do tempo, até tornar-se uma “evidência”. É importante localizar a França na elaboração desse discurso, que foi magnificado pela inédita associação a métodos jornalísticos agressivos a ponto de muitos estudiosos daquele país identificarem naquele momento o nascimento do “intelectual midiático”. Isto ocorria em paralelo à autoconsciência da imprensa de sua verdadeira massificação e capacidade de criar acontecimentos, fenômeno observável em diversos países, tendo como paradigma o Caso Watergate, nos Estados Unidos. Na França, o antitotalitarismo foi mobilizado nos anos 70 para a denúncia e sistemático desmonte do Partido Comunista e da União de Esquerda, que se formava com o Partido Socialista. Apoiou-se em uma prática de associação imediata e moralista (ou seja, não histórica ou material) de toda esquerda à União Soviética, impregnando qualquer proposição daquele campo com todas as mazelas associadas ao dito socialismo real e, cada vez com mais ênfase, ao fascismo italiano e ao nazismo, elencados em bloco como sistemas totalitários. A desfiguração do PCF é observável em discurso, em seus programas de governo e, finalmente, nos próprios resultados eleitorais, conforme será demonstrado.

Em análise do jornal Folha de S.Paulo, procuramos identificar por distintos métodos de análise lingüística e conceitual, os enunciadores que avançaram a ideia em suas diferentes simpatias políticas, a disseminação dos conceitos para outros tipos de enunciadores e a percepção desse discurso entre os leitores a partir da década de 1990 até 2016. É possível perceber que o discurso do antitotalitarismo se apoderou do terreno da doxa, sendo incorporado com maior ou menor grau de sofisticação pelos mais diversos enunciadores, inclusive dentro do próprio Partido dos Trabalhadores, e serviu como pedra angular da fábula de singularização do PT no sistema político brasileiro no que concerne à corrupção.

**Palavras-chave:** Partido dos Trabalhadores. PT. Partido Comunista Francês. PCF. Antitotalitarismo. Totalitarismo. Folha de S.Paulo. Mídia.

LESSA, Ivony. *The Antitotalitarian Code: Remembrance of the French case and investigations about the process of deconstruction of the Workers' Party in an analysis of Folha de S.Paulo [decree]*. São Paulo: FLACSO / FPA, 2018.

## **ABSTRACT**

The "antitotalitarian code" refers to a period in which the deconstruction of the Workers' Party (PT) as a discursive object in the media began to rely heavily on formulations derived from the antitotalitarian discourse, which has been elaborated as such from the late 60's in France. It is a "code" in the journalistic sense because this aspect of criticism to the PT has been developed over time, until it became an "evidence". It is important to analyse the French origins of this discourse, as it has been magnified by the unprecedented association with aggressive journalistic methods to the point that many scholars of that country locate the birth of the "media intellectual" at that moment. This occurred in parallel with the self-awareness of the press of its true massification and capacity to create events, a phenomenon we observe in several countries, having the Watergate Case in the United States as paradigm. In France, antitotalitarianism was mobilized in the 1970s to denounce and systematically dismantle the French Communist Party and the Union of the Left, which was formed with the Socialist Party. That discourse was based on an immediate and moralistic (ie, non-historical nor material) association of the entire left with the Soviet Union, impregnating any proposition of that field with all the ills associated with the so-called real socialism, and with ever greater emphasis on Italian fascism and Nazism, all listed as totalitarian systems. The disfigurement of the FCP can be grasped in discourse, in its programs of government and, finally, in the electoral results themselves, as will be demonstrated.

In an analysis of the newspaper *Folha de S.Paulo*, we aimed at identifying, by different methods of linguistic and conceptual analysis, the enunciators who advanced the idea and their different political biases, the dissemination of the concepts to other types of enunciators and the perception of this discourse among the readers from the 1990s until 2016. It is possible to perceive that the discourse of antitotalitarianism lays comfortably in the terrain of the doxa, as it has been incorporated with a greater or lesser degree of sophistication by the most diverse enunciators, including members of the Workers' Party, and has served as a keystone of the fable of singularization of the PT in the Brazilian political system regarding corruption.

**Keywords:** Workers' Party. PT. French Communist Party. FCP. Antitotalitarianism. Totalitarianism. *Folha de S.Paulo*. Media.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Blog de Augusto Nunes na Veja Online, 18/2/2017.	20
Figura 2	Reprodução de post no Facebook da página Quebrando o Tabu.23	
Figura 3	Capa do jornal francês Libération de 18/10/1983.	57
Figura 4	Pichação sobre as portas do Marché des Blancs Manteaux, rue des hospitalières Saint-Gervais, Paris, 2014.	62
Figura 5	Capa da Folha de S.Paulo, 1/4/2009.	80
Figura 6	Imagem sugerida pelo Google para "15/03/2015".	85
Figura 7	Charge da editoria <i>Brasil</i> da Folha de S. Paulo, 17/11/2012.	107
Figura 8	Reprodução de panfleto do grupo Transição Socialista, 2017.	124
Figura 9	Capa da revista estadunidense Time, 20/9/1971.	130

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela de votação do PCF - região metropolitana (1924-1981).	54
Tabela 2	Tabela de ocorrências da expressão "imagem do PT" na Folha de S.Paulo entre 1984 e a votação do impedimento de Dilma Rousseff, em 2016.	86
Tabela 3	Tabela de ocorrências da expressão "projeto de poder" na Folha de S.Paulo entre 2003 e 2016.	123
Tabela 4	Tabela de ocorrências concomitantes (em peça ou página) da sigla PT e do <i>lexema</i> "totalit" entre 1994 e 2017.	132
Tabela 5	Tabela de ocorrências do <i>lexema</i> "totalit" nas colunas da Folha Online entre 2000 e 2018 (até março).	189

## Sumário

---

Introdução	12
Metodologia	15
PARTE 1	
Avant-propos	22
Antitotalitarismo na França	35
Ampliando a discussão	50
Liberalismo	51
Marxismo	53
Política e governo	54
Dois estudos de caso	58
André Glucksmann	58
Fondation Saint-Simon	63
Epílogo da Parte 1	68
PARTE 2	
Prólogo	72
Dos Meios	74
Dos Métodos	82
A Imagem do PT	86
Projeto de Poder	108
Tentação Totalitária	125
Totalitarismo	128
Opinião anti-PT	133

Comentário sintético de 'Opinião anti-PT'	145
Opinião anti-PT "de esquerda"	148
Comentário sintético de 'Opinião anti-PT "de esquerda"'	157
Opinião pró-PT	158
Comentário sintético de 'Opinião pró-PT'	164
Painel do Leitor	166
Comentário sintético de Painel do Leitor	169
Políticos	170
Comentário sintético de 'Políticos'	183
Breve comentário sobre a categoria "totalitarismo e sua crescente saturação no discurso publicado	186
Conclusão	190
Epílogo	193
Bibliografia	196
Anexo 1	201
Anexo 2	202

## Introdução

---

O material constitutivo deste trabalho é a mídia. Sua argamassa, digamos. Não a mídia em sua constituição como indústria ou materialidade cambiante, mas como difusor privilegiado de determinadas palavras, que são acrescidas de determinadas conotações de naturezas distintas, e que são postas em circulação em determinados tempo e espaço.

Os textos propostos no prefácio acima, por outro lado, indicam tanto a temática como os métodos que utilizaremos para produzir nossa análise. Sua cronologia total abrange, de certa forma, desde o final dos anos 60 até o momento da consumação do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, mas com diferentes ênfases analíticas e espaços geográficos. O prefácio, aliás, não se chama “avant-propos” casualmente.

Tendo partido de uma proposta circunscrita – sobretudo com relação à metodologia –, a saber, um estudo eminentemente linguístico das evoluções argumentativas no jornal Folha de S.Paulo com referência ao Partido dos Trabalhadores entre 1984 e 2016, o material que recolhi com esse objetivo terminou por me direcionar a outras análises. Honestamente, fui desviada por ramificações que ainda não pude fechar e que apresento nesta dissertação mais como linhas possíveis de trabalho do que com pretensões conclusivas.

De qualquer modo, estão anunciados os eixos primordiais do trabalho: discursividade (estudada no caso concreto do jornal Folha de S.Paulo) na construção e desconstrução do PT como objeto do discurso público.

Ao iniciar as buscas no acervo do jornal, no entanto, algumas referências se mostraram recorrentes demais para não serem tratadas em particular, especialmente porque remetiam a situações já experimentadas por outros partidos de esquerda e porque apontavam para estruturas que vieram a alterar e formular panoramas teóricos, acadêmicos e políticos na contemporaneidade após a queda do chamado socialismo real.

Democracia.

Um conceito quase vazio, muitas vezes definido, como a divindade, no terreno da ontologia negativa.

As controvérsias de construção do objeto linguístico 'PT' giraram muitas vezes em torno desse substantivo abstrato, menos por práticas do partido que pelo *esprit du temps* e os combates ideológicos que se travaram em âmbito planetário durante o período de existência da sigla. Nesse sentido, evidentemente, o partido em sua materialidade também representou uma expressão e um vetor nesse combate, ainda que de forma um tanto quanto errática.

Conversaremos brevemente, mais adiante, sobre o problema teórico da democracia, mas para prosseguir com a introdução do trabalho, concedamos que o conceito foi reconstruído ao longo do século XX à sombra de acontecimentos que foram singularizados teoricamente com sucesso estupendo como "totalitarismos".

Totalitarismo é a não-democracia, equivale a afirmar: o som é o não-silêncio. Digo, tornou-se no senso comum uma evidência com peso de concretude, ainda que ambos os conceitos sejam de complexíssima definição. Nesse buraco negro cabem características, associações, práticas, não-práticas e até partidos inteiros, segundo a conveniência do freguês.

Entre todas as vertentes críticas destiladas contra o Partido dos Trabalhadores ao longo dos seus 38 anos, o verdadeiro *coup de grâce* conceitual foi o antitotalitarismo, eis nossa hipótese. Se iniciamos o trabalho com a ideia de apreender os mecanismos retóricos de construção e desconstrução do PT, terminamos optando por ampliar a análise ao terreno da História das Ideias, sob o risco de turvar nosso objeto, mas com a ambição de alcançar uma abrangência sistêmica de maior utilidade para "Sua Excelência, o consumidor de dissertações"<sup>1</sup>.

Assim, ela será dividida em duas partes: a primeira é uma sorte de estudo de caso e a segunda é a análise do corpus (peças publicadas na Folha de S. Paulo) com base nos pressupostos de construção de sentido apresentados na primeira parte.

A Parte 1 descreve o caminho filosófico de algumas chaves de leitura da realidade política, analisado com base no caso francês do pós-guerra e, particularmente, após Maio de 68. O foco é o *antitotalitarismo*. Apresentaremos também, naquele contexto, o desenvolvimento do que se conveio chamar "intelectual midiático" com ênfase para sua atuação política e o fogo cerrado contra o Partido Comunista Francês. É a parte com ênfase na História das Ideias, elaborada em paralelo a exemplos concretos de atores ideológicos, sejam pessoas,

---

<sup>1</sup> O título do novo projeto editorial da Folha de S.Paulo, lançado em 2017 após 20 anos sem atualizações, é "Sua excelência, o consumidor de notícias". Nós dormimos com todo esse barulho.

movimentos ou fundações. Ela é essencial tanto para apresentar a profundidade da problemática de tradição eminentemente francesa em seu pesado lastro conceitual, quanto para delinear os tentáculos de elaboração de uma ideologia que se diz não-ideológica, que impregnou os futuros caminhos da própria esquerda, desarmada contra si mesma.

A Parte 2 tem por base o acervo da Folha de S.Paulo a partir dos anos 80 e buscará elementos da construção da imagem do Partido dos Trabalhadores, com especial atenção àquelas chaves de leitura da realidade nas mudanças do tratamento do jornal ao partido ao longo das décadas. Para tal, procedemos pela busca de palavras e radicais em mesmo contexto que a palavra "PT" ("projeto de poder" e "totalit\*"), além das expressões "imagem do PT" e a profética "Tentação Totalitária". A evolução no uso desses termos é eloquente, e a identificação dos locutores das ideias associadas a eles também. Esperamos, nessa parte, comprovar conceitual e linguisticamente nossa hipótese, apontando formulações que possibilitaram aos críticos singularizar a atuação do Partido dos Trabalhadores.

Por último, propomos a você uma leitura ativa na construção de seus próprios paralelos durante a Parte 1. Seria, em medida *infinitamente* mais modesta, como um Velho Testamento, que só resplandece em sentido à luz da posterior Nova Aliança. Será o nosso caso, porque o objeto *de facto* desta dissertação são acontecimentos posteriores, ocorridos na vida política brasileira entre o final dos anos 80 e 2016. Eles serão analisados na Parte 2, mas estão frescos na memória, o material é vasto e deve ecoar.

(Sim, interpretar situações de períodos anteriores sob o foco direto de qualquer evento contemporâneo, ou vice-versa, é extremamente complicado do ponto de vista epistemológico. Não estamos aqui para propor uma correlação imediata e nem a farsa depois da tragédia. Apenas um pouco de indulgência, oras. Com a finalidade de tornar sua leitura mais interessante e, talvez, até divertida.)

## Metodologia

---

Este trabalho não seguiu uma metodologia única por diversas razões, além da sua já mencionada divisão em duas partes. A disparidade entre ambas já foi comentada na introdução, e a disparidade entre métodos na Parte 2, em termos práticos, se deu porque este trabalho não comportaria (por seu âmbito e pelos prazos) uma análise exaustiva de todos os ângulos propostos.

Por outro lado, devo justificar neste capítulo, algumas escolhas que não são tão óbvias, especialmente tendo em conta a interdisciplinaridade do curso da Fundação Perseu Abramo. São elas:

1. a opção por uma análise estritamente linguística do corpus, sem recorrer a elementos exteriores
2. a ênfase dada ao componente midiático e conceitual na análise (ainda que indireta) de um acontecimento político
3. a circunscrição (quase total) do problema teórico e conceitual à tradição francesa

A terceira responde ao objetivo de iluminar um ângulo que frequentemente é menosprezado, de acordo com a minha opinião, no estudo dos conceitos políticos circulantes no Brasil. Quando não é menosprezado, atualmente, costuma vir embrulhado em um gigantesco pacote chamado “pós-modernismo”, criticado em seu viés dito “identitarista” e onde todos os gatos são pardos. Ou seja, a opção pela tradição francesa não é um grito de *eureka* para os nossos problemas, mas a tentativa de contribuir com uma reflexão que pode e deve ser muito mais ampla.

A formação de muitos dos ideólogos da direita brasileira (de Giannotti, passando por Rosenfield, chegando em Pondé, entre outros) em solo francês me parece relevante, e a já vastamente catalogada *doença uspiana* também há de ter origens naquela velha missão francesa de construção da faculdade de filosofia e letras iniciada em 1934<sup>2</sup>, mas esse tema mereceria uma reflexão própria antes de qualquer afirmação taxativa.

---

<sup>2</sup> “Teodoro Ramos, da Escola Politécnica, e Dumas são os responsáveis pelo recrutamento dos integrantes da chamada “missão francesa da USP”, que se desenvolveu em três fases distintas. Em 1934,

As duas primeiras escolhas respondem à minha formação prévia e a uma intenção metalinguística no tratamento dos temas expostos e analisados – o que, por sua vez, tem também relação com a minha prévia formação. Tendo realizado estudos e trabalhado em jornalismo e análise do discurso, esses terrenos me são relativamente familiares e plenos de significado.

É comum escutarmos sentenças sumárias quanto ao papel deletério da mídia na política brasileira, especialmente com relação ao PT. São críticas pouco elaboradas em primeiro lugar porque não chegam a definir um objeto – o que é essa mídia? Trata-se de um objeto muito complexo, de múltiplas camadas e cada vez mais complexo, que se não for devidamente analisado (no sentido forte do termo) só pode evocar suspeitas de teorias da conspiração. Esse também não é o tema deste trabalho, basta com dizer que uma análise exclusiva e séria sobre o papel da instituição Folha de S. Paulo, por exemplo, necessitaria incluir seus dados de patrimônio, circulação e receita, evolução do número e “qualidade” de leitores, ampliação e venda de empresas subsidiárias, movimentos dos jornais concorrentes, dados de migração para outras plataformas, alteração de tipo e número dos membros do staff, trajetórias de editorialistas e articulistas, mudanças de direção, movimentos trabalhistas internos, possíveis conexões com grupos internacionais, etc etc. Para depois proceder a uma análise de conteúdo.

Não.

Ao longo dos mais de trinta anos que visitam essas páginas, a mídia mudou, a empresa Folha de S. Paulo mudou, a linha editorial do jornal mudou, os leitores mudaram, o Partido dos Trabalhadores mudou, seus membros mudaram, o país mudou e o mundo mudou. As palavras, por outro lado, salvo aquelas acometidas pela reforma ortográfica, permanecem as mesmas e, dessa forma, constituem o

---

são contratados professores experientes em universidades e liceus franceses, com o objetivo de abrir os cursos. Dos seis nomes que compõem essa primeira leva - Émile Coornaert (história), Pierre Deffontaines (geografia), Robert Garric (literatura francesa), Paul-Arbousse Bastide (sociologia), Étienne Borne (filosofia e psicologia) e Michel Berveiller (literatura greco-latina) - somente Berveiller e Arbousse-Bastide renovam os seus contratos com a universidade no ano seguinte. Em 1935, o perfil do grupo se altera assim como a duração dos contratos, agora de três anos: trata-se de jovens agrégés, sem experiência no ensino superior, com exceção de Fernand Braudel. Além do professor de história, chegam ao país neste momento: Pierre Hourcade (literatura francesa), Pierre Monbeig (geografia), Claude Lévi-Strauss (segunda cadeira de sociologia) e Jean Maugüé (filosofia). Monbeig e Maugüé permanecem no país até 1944 e 1947, respectivamente, em função da eclosão da guerra. A partir de 1938, Dumas decide convidar docentes mais velhos, como fizera na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1935. Deste novo grupo de professores fazem parte: Roger Bastide (substituto de Lévi-Strauss), Jean Gagé (no lugar de Braudel), Alfred Bonzon (literatura francesa) e Paul Hugon (economia), que se estabelecerá definitivamente no país.” Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/intercambios.htm>

pivô ideal (em suas múltiplas associações entre elas e a diferentes entes e conceitos) para uma análise das demais realidades.

(Frase de efeito pouco convincente, eu sei. Explico.)

\*\*\*

O chamado “giro linguístico”, expressão que começa a entrar na moda nos anos 70, é definido pela Wikipédia como “um importante desenvolvimento da filosofia ocidental ocorrido durante o século XX, cuja principal característica é o foco da filosofia e de outras humanidades primordialmente na relação entre filosofia e linguagem”<sup>3</sup>. O verbete cita ainda Ludwig Wittgenstein (1889-1951), tido como um dos pioneiros da virada: “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo”<sup>4</sup>.

A posição da linguagem como principal elemento constitutivo do social existe em distintas formas, desde o viés moderado, que considera que a linguagem é nosso único meio de explicação e comunicação de uma realidade, até a ideia de que a própria realidade social funciona como uma linguagem, onde o significado é produzido por uma “gramática” subjacente.

O estruturalismo de Ferdinand Saussure, que inaugurou a ciência linguística, foi seguido pelo pós-estruturalismo, que passa a argumentar que os significados associados à linguagem não são fixos e é ela que produz e constrói a experiência pessoal.

No campo da história, Hayden White abandona o terreno do empírico e teoriza que as narrativas historiográficas se prestam a cumprir um efeito explicativo por meio de distintas estratégias de enredamento (criação de coerência formal entre eventos), argumentação formal (matriz causal dos elementos) e implicação ideológica (combinação de uma forma específica de enredamento com uma argumentação)<sup>5</sup>.

A proliferação e popularização dos estudos de Análise do Discurso em suas diversas correntes contribuíram, entre outros aspectos, com uma terminologia técnica sofisticada para essa mudança de perspectiva.

\*\*\*

---

<sup>3</sup> Wikipédia, verbete “Virada linguística” [https://pt.wikipedia.org/wiki/Virada\\_lingu%C3%ADstica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Virada_lingu%C3%ADstica) (visitado em 9/5/2017)

<sup>4</sup> WITTGENSTEIN, “Ludwig Tractatus logico-philosophicus”, 5.6, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1961.

<sup>5</sup> WHITE, Hayden “Meta-história – A imaginação histórica do século XIX”, Edusp, São Paulo, 1992

Sem a menor pretensão de discutir neste espaço toda essa senda de possibilidades epistemológicas, que conta com um sem número de ramificações, me limito a observar que o discurso midiático, especialmente a vertente que se marca como 'opinião', incorporou usos que referenciam essa espécie de metalinguagem. Vejamos alguns exemplos recentes:

"O PT tem razão, não inventou a corrupção. Delcídio e Sérgio Machado foram tucanos antes de entrarem no PT e PMDB, e nada indica que tenham mudado o comportamento na atuação política pela simples mudança de legenda. Mas **a narrativa que está sendo montada em Curitiba mostra** que a chegada do PT ao poder institucionalizou a corrupção, potencializando-a."<sup>6</sup>

"A primeira pessoa que transformou as **palavras "Dilma" e "impeachment" em unidades sintáticas**, formando um todo harmônico, foi este rottweiler amoroso, no dia 24 de outubro. Não me orgulho nem disso nem de ter criado o já **dicionarizado termo "petralha"**. Preferiria cultivar, como o poeta, neologismos celestes, colhendo uma poesia menos perturbada.

É claro que a minha **oração principal tinha –e tem– uma subordinada adverbial condicional**: "Se Dilma sabia da roubalheira na Petrobras, o impeachment é inevitável". **Essa não é a gramática do golpe, mas a do Estado de Direito.**"<sup>7</sup>

"História de Duque pode não ser verdadeira, mas tem **ares de veracidade**".<sup>8</sup>

"Afim, para a "intelligentsia" do PT, alianças que no passado seriam demonizadas pelo partido agora passam como "flutuações táticas"; governos petistas que, em troca de apoio legislativo,

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Merval *Corrupção em tintas fortes* O Globo, 16/06/2016 [blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/corruptao-em-tintas-fortes.html](https://blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira/post/corruptao-em-tintas-fortes.html) (visitado em 08/05/2017)

<sup>7</sup> AZEVEDO, Reinaldo *PT: organização criminosa* Folha de S. Paulo, 5/12/2014 <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2014/12/1557934-pt-organizacao-criminosa.shtml> (visitado em 08/05/2017)

<sup>8</sup> Globonews em Pauta do dia 08/05/2017 <http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/videos/v/historia-de-duque-pode-nao-ser-verdadeira-mas-tem-ares-de-veracidade-diz-cantanhede/5849957/> (visitado em 08/05/2017)

oferecem cargos a lideranças antes satanizadas não fazem fisiologia, mas "política de governabilidade".

No fundo, o que a **novilíngua petista** faz é justamente confirmar a transição do maior partido de esquerda brasileiro rumo ao centro, no que tange às ideias, e rumo ao pragmatismo, no que diz respeito a suas estratégias de campanha e de governo."<sup>9</sup>

\*\*\*

Fincar os pés no terreno do discurso não significa abandonar outros terrenos. No quadro teórico da Análise do Discurso, Pêcheux e Fuchs descrevem uma FD (Formação Discursiva) como um dispositivo que determina "o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares, no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes". Ela cria seu universo de semântico a partir do qual organiza o mundo. As FDs, por sua vez, inscrevem-se em formações ideológicas (FIs). A noção de FI, de inspiração althusseriana, seria "um conjunto de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos a posições de classe em conflito umas com as outras"<sup>10</sup>.

Tais formações podem ser apreendidas a partir do discurso midiático, instância que mediatiza o discurso político, a prática política e a opinião pública. Segundo Patrick Chareaudeau, todo discurso político depende de uma relação que se estabelece entre três atores participantes do ato de comunicação política: a instância política, a instância cidadã e a instância midiática. Essas três instâncias conformam o denominado "contrato de comunicação" e se manifestam em duas espécies de campos: o campo de ação, onde o fato político passa do domínio abstrato para uma dimensão mais concreta, na própria realidade, e o campo de enunciação, onde entram em cena os mecanismos da linguagem. O discurso político, por sua vez, é fabricado em três lugares ligados às instâncias participantes: lugar de governança (política), lugar de opinião (cidadã) e lugar de mediação (midiática).

A instância política é investida de um duplo poder, o de *fazer* (decisão, ação) e o de *fazer pensar* (persuadir as massas quanto à justeza de sua ação). A

---

<sup>9</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3105200201.htm>

<sup>10</sup> PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990

construção do ethos do líder político pressupõe um temperamento bem definido, circunstâncias históricas particulares e saber criar o acontecimento. A instância cidadã, destinatária do discurso político, está em um lugar de opinião que lhe confere a capacidade de avaliar os programas políticos propostos, escolher as figuras políticas que lhe representarão e punir aquelas cujo programa não corresponde às suas expectativas. A instância midiática tem a finalidade de difundir o pensamento político, com intenção de fidelizar seu público e de construir credibilidade a partir de estratégias diversas.

Finalmente, em referência mais específica a um método de análise que utilizaremos na Parte 2, é importante frisar que a própria seleção lexical na elaboração de um discurso se revela importante estratégia argumentativa. Mesmo um discurso que não ambicione explicitamente o convencimento carrega em cada palavra uma série de ideologias, posicionamentos, modos de ver e pensar. Nenhuma linguagem é neutra.



COLUNA

**Augusto Nunes**

SIGA



Com palavras e imagens, esta página tenta apressar a chegada do futuro que o Brasil espera deitado em berço esplêndido. E lembrar aos sem-memória o que não pode ser esquecido.

## Pequeno Dicionário da Novilíngua Lulopetista (Edição Consolidada – 104 verbetes)

A aliança governista. Maior ajuntamento de partidos de aluguel do planeta. aloprado. 1. Companheiro pilhado em flagrante durante a execução de bandalheiras planejadas para favorecer candidatos do PT ao governo de São Paulo. 2. Vigarista engajado em campanhas eleitorais de Aloizio Mercadante. analfabetismo. 1. Deficiência promovida a virtude no começo do século 21, para apressar [...]

Por **Augusto Nunes**

© 18 fev 2017, 09h55 - Publicado em 26 dez 2012, 08h00

\*\*\*

Retomando nosso universo conceitual, desenvolvido especialmente – assim como o “giro linguístico” – a partir dos anos 60 na França, é comum também escutar nos embates sobre a mídia o termo “hegemonia” ou “hegemonia cultural”,

geralmente associado a uma suposta perspectiva de esquerda, sob o pensamento do filósofo italiano Gramsci.

Louis Althusser, marxista francês mesmo nas épocas de pior refluxo, de quem viremos a falar, retomou a construção da hegemonia para explicá-la a partir do conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, conectando os instrumentos de dominação ideológica (superestrutura) aos instrumentos de dominação econômica (infraestrutura). Em suas palavras, *“podemos constatar que, enquanto o Aparelho (Repressivo) – unificado – de Estado pertence inteiramente ao domínio público, a grande maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (em sua aparente dispersão) pertence, ao contrário, ao domínio privado. Igrejas, partidos, sindicatos, famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, os empreendimentos culturais, etc são particulares.(...) Se os AIEs ‘funcionam’ maciça e predominantemente pela ideologia, o que unifica sua diversidade é precisamente esse funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual eles funcionam é sempre efetivamente unificada, a despeito de sua diversidade e suas contradições, sob a ideologia dominante, que é a ideologia da ‘classe dominante’.”*<sup>11</sup>

Segundo o sociólogo Rodrigo de Carvalho, em análise da mídia brasileira, “os jornais [...] têm compromissos político e ideológicos definidos, fazem uma opção de classe muito clara. Cumprem um papel de Aparelho Ideológico de Estado fazendo com que as opiniões emitidas e mesmo notícias publicadas tenham uma tendência de apoio à ideologia dominante. Isto não significa, contudo que estes jornais estão vinculados a todo e qualquer governo, partido ou personalidade política, ao contrário, o compromisso é com o sistema econômico e social, mesmo que haja pontualmente críticas republicanas à corrupção, à miséria social ou a outros assuntos relevantes. Estas críticas e posições próprias de cada veículo de comunicação fazem parte das características das lutas de ideias no seio do próprio liberalismo.”<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> ALTHUSSER, Louis (1996). “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”. IN ZIZEK, Slavoj. Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto

<sup>12</sup> CARVALHO Rodrigo Althusser e a questão da atualidade da hegemonia, *Trabalho apresentado no II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo, realizado nos dias 5 e 6 de outubro de 2007, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo.*

## PARTE 1

### Avant-propos

---

“A filosofia política tem uma conexão especial com a escrita. Aquele que se dedica a ela não pode ceder completamente à ilusão de se descolar do seu tempo, da sociedade em que vive, da situação que se cria para ele, dos acontecimentos que lhe atingem, do sentimento de um futuro que escapa ao conhecimento e que, ao mesmo tempo, estimula sua imaginação e lhe leva à consciência dos seus limites. Ele sabe, ao menos de maneira tácita, que sua obra cairá nas mãos de leitores afetados por suas observações, porque levantará questões que lhes concernem direta ou indiretamente, minando seus preconceitos. Ele não quer oferecer argumentos aos homens que considera adversários, imbecis ou devotos de uma doutrina, nem quer seduzir outros, ávidos por agarrar algumas de suas fórmulas e, sem compreendê-las, tornarem-se partidários, elegendo-lhe herói de uma causa. Portanto, escrever é, para ele em particular, um negócio arriscado que lhe oferece o recurso de um discurso singular, mobilizado pela exigência de desmontar as armadilhas da crença e de escapar das garras da ideologia, de ir sempre além do lugar em que esperam os movimentos contrários que decepcionam uma e outra vez as diversas frações de seu público. [...]

Ele não é, não tem como ser, controlador dos efeitos do seu discurso. Mas basta que esse discurso seja rigoroso para que, a uma certa distância, os leitores sejam capazes de escutá-lo e de acomodá-lo nos horizontes do seu tempo. Sua escrita, que carrega a marca da resolução de não se deixar engolir pelo oceano de opiniões, nem se deixar cegar sob o choque dos acontecimentos, coloca seus leitores em movimento - ainda que estes ignorem os detalhes das controvérsias que tanto lhe preocupavam. Uma escrita, portanto, muito bem amarrada, não tanto por obedecer ao imperativo da coerência, mas

porque ela se dedica a evitar os lugares em que cada um se fixou para abrigar suas certezas.”<sup>13</sup>

O texto que abre esta dissertação é de Claude Lefort, escrito na aurora dos tempos do fim da História<sup>14</sup>, 1992. Em publicação de 2011, o pensamento de Lefort era apresentado por Pierre Rosanvallon<sup>15</sup> da seguinte maneira:

“Para muitos filósofos da sua geração, a crítica do capitalismo era o único horizonte a organizar a visão de mundo. Embora se reconhecesse no âmbito da crítica marxista, Claude Lefort sempre pensou que a emancipação não deveria limitar-se apenas à crítica do capitalismo, à crítica da exploração, e que reflexões sobre a instituição dos indivíduos, sobre a constituição da sua dignidade, sobre as figuras de estabelecimento do coletivo que também deviam ser pensadas de maneira autônoma. Tratava-se, então, de inscrever a questão da emancipação em uma perspectiva antropológica da autonomia bem como em uma perspectiva política da invenção democrática.”



\*Imagens de caráter meramente ilustrativo

<sup>13</sup> Claude Lefort, *Écrire à l'épreuve du politique*, Camann-Lévy, 1992, p. 11-12 (tradução livre)

<sup>14</sup> Teoria de base hegeliana ressignificada por Francis Fukuyama à queda dos regimes soviéticos, primeiro em artigo de 1989 e desenvolvida em livro de 1992, para quem o advento da democracia liberal “ocidental” seria o ponto final da evolução sociocultural humana e sua forma final de governo.

<sup>15</sup> Falaremos bastante de Pierre Rosanvallon ao longo deste trabalho. Ninguém perde por esperar. Dialogue entre Claude Lefort *et al.*, « À l'épreuve du politique. Dialogue entre Claude Lefort et Pierre Rosanvallon », *Esprit* 2011/12 (Dezembro), p. 17-31. DOI 10.3917/espri.1112.0017

Não discutamos se há acordo ou desacordo quanto a essa descrição da obra de Lefort, que é vasta e tem miríades<sup>16</sup>. Ao longo destas páginas, diferentes locutores se expressarão sem maiores compromissos de comentários (diretos) por parte da autora. Uma ideia que permeia os estudos sobre semântica pelo menos desde Santo Agostinho e vem sendo desenvolvida por distintas vertentes da análise do discurso contemporânea é que qualquer opinião de qualquer locutor sobre qualquer assunto é muito mais reveladora quanto ao pensamento do locutor em questão do que quanto ao assunto em si – ou seja, ao referente<sup>17</sup>. Neste caso, Rosanvallon, ainda que fale de Lefort, fala sempre muito mais sobre Rosanvallon e sobre as ideias apropriadas por Rosanvallon em seu discurso.

Na mesma prosa, porém, Lefort apresenta seu itinerário de maneira bastante eloquente para a reflexão que proporemos em seguida. Destacaremos em negrito algumas palavras e expressões que merecem atenção especial:

“[...] **Cedo na minha juventude, eu era marxista**. Descobri Marx quando tinha 18 anos. **A luta de classes, o proletariado, fiquei deslumbrado, durou um certo tempo**. Mas me envolvi em um **grupo de extrema esquerda**, isto é, **trotskista**. Foi a partir daí que, radicalmente anti-comunista, questionei com ardor a natureza desse **novo regime** que era o **totalitarismo**. Escrevi um livro em **1981** intitulado **A Invenção Democrática**. Como que por casualidade, nesse livro, que é uma coletânea de ensaios, **há apenas um sobre democracia e todos os outros sobre totalitarismo**. Porque para mim, um jovem marxista se desligando do PC, o totalitarismo era o enigma. Compreendi que esse regime não era, como pensavam os trotskistas, um estado operário degenerado. Eu não era completamente estúpido e considerei que a atividade dos trotskistas era, em suma, marxista demais. Era também a defesa incondicional da União Soviética - incondicional porque, para os trotskistas, era necessário distinguir as boas estruturas (abolição do capitalismo, abolição da propriedade) de uma superestrutura ruim (Stalin e o partido Comunista). Fui esperto o suficiente para compreender com rapidez que isso era um absurdo. Depois, me encontrei com Castoriadis que, como eu, era absolutamente crítico da União Soviética e aceitou a

---

<sup>16</sup> A propósito da trajetória teórica de Claude Lefort, vide GARO Isabelle, « Entre démocratie sauvage et barbarie marchande. À propos de Le Temps présent, Écrits 1945-2005 de Claude Lefort », in La Revue internationale des livres et des idées, no 3, janeiro-fevereiro 2008

<sup>17</sup> “Eu, na verdade, pela admoestação das tuas palavras aprendi que estas não servem senão para estimular o homem a aprender, e que é já grande coisa se, através das palavras, transparece um pouquinho do pensamento de quem fala. Se, depois, foi dita a verdade, isto no-lo pode ensinar somente Aquele que falando por fora, avisa que habita dentro de nós”  
AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)

ideia de que a União Soviética era o capitalismo de estado. **Ainda estávamos na análise marxista - o capitalismo era o inimigo, mas os meios de produção haviam sido monopolizados pelo estado.** Demorei algum tempo, mas não muito, para ver que isso também era absurdo, que não era possível reduzir o sistema de poder na URSS a um capitalismo de estado. **Na verdade, a grande novidade era a capacidade do poder, através de um partido único, que era onipresente.** Digo partido único, mas era muito mais que partido único, era um partido que tinha tentáculos em todo o corpo social. Sabemos o quão importante foi Stalin como um indivíduo. Mas esse poder, ao mesmo tempo, vinha de todos os canais da sociedade.

Em 1948, **Kravchenko** publica ***Eu escolhi a liberdade***, que imediatamente despertou a indignação da grande maioria da esquerda, incluindo a esquerda intelectual, incluindo pessoas muito próximas a mim. Merleau-Ponty me permitiu escrever em *Les Temps modernes*, em **1948**, um artigo em que eu digo que o livro de Kravchenko é uma **revelação extraordinária**, mas seguido de uma nota dizendo que se tratava da opinião pessoal de Claude Lefort. Eu aconselho a lê-lo novamente agora, porque não é uma crítica teórica do regime soviético, é sua história - a história do filho de um trabalhador talentoso que, subindo na hierarquia social, se torna engenheiro e vive num mundo de delação. O partido está em todo lugar, a espionagem, em todo lugar, sem falar no que sabíamos ou o no que podemos conhecer ainda sobre as grandes purgas de 1930, quando o campesinato foi exterminado às centenas de milhares. **O terror vermelho foi uma coisa incomum; hoje há literatura abundante sobre o tema.** O que eu quero explicar é que o partido não é apenas um partido que dá ordens de execução de cima - milhões de pessoas foram executadas. Mas também é uma sociedade podre onde, porque uma pessoa te odeia, outra tem **inveja**, há o risco de você ser repentinamente considerado um anticomunista, um inimigo do povo. Você sabe que os campos de concentração na União Soviética foram povoados por milhões de homens; muitos deles apenas por dizer palavras que não deveriam ser ditas. Deve-se lembrar que, em grande maioria, essas pessoas eram pura e simplesmente inocentes.”

[...] Ler **Solzhenitsyn me fascinou e não tive a menor dúvida quanto à veracidade da sua história.** Novamente, é muito diferente de Kravchenko, que era um oficial soviético. **Solzhenitsyn esteve em um campo de concentração. Seu testemunho era indiscutível.** Ainda assim, em **1973**, boa parte da esquerda considera Solzhenitsyn como um homem religioso, conservador e ainda por cima idealista. A resistência a Solzhenitsyn naquela época é muito estranha.

**Foi o momento em que o Partido Socialista se aliou ao Partido Comunista.** Os socialistas nunca entenderam os comunistas. **Eles eram anti-soviéticos, mas foram traídos pelos comunistas em 1936,** quando houve uma enorme onda igualitarista entre a população. Eles não aprenderam nada da Frente Popular e do que se seguiu. **Mitterrand** ainda encontrou uma maneira de se aliar aos comunistas, ele **não entendeu o que era a URSS.**

Sobre a democracia e os fenômenos contemporâneos, lemos o seguinte diálogo:

LEFORT - [...] Redescobrir a democracia, para mim, não significa de modo algum minimizar as desigualdades, idealizar a **democracia.** É **tomar consciência** de que estamos em uma sociedade onde **temos oportunidades de desenvolvimento, em que há uma mobilidade social que permanece, apesar do desemprego.** Devemos ver a democracia como um ambiente de conflitos, onde é preciso saber contestar. Mas, quaisquer que sejam as críticas, não podemos nos distanciar deste regime e torná-lo mais um entre outros. **Ou teremos sucesso em transformar a democracia por dentro, com o poder da mobilização espontânea, ou ela desaparecerá.** O fato é que **há o temor de que, com o tempo, já não haja mais conflitos sociais importantes; porque a polarização da sociedade era importante para a sua vitalidade.**

Agora, a sociedade industrial se transformou, **o capitalismo continua existindo, mas não há mais, por assim dizer, algo que possa ser circunscrito como "agentes malignos da desigualdade",** as coisas são muito mais complicadas.

ROSANVALLON - Eles não são personalizáveis da mesma maneira. Houve muita discussão ultimamente sobre todos os mecanismos de desenvolvimento da **economia financeira. Não se trata apenas de um grupo social, é um mecanismo de abstração** que produz as dramáticas desigualdades que conhecemos. **O modo de produção das desigualdades mudou de natureza, e o sentimento de opressão ou de exploração também mudou na natureza,** porque hoje se expressa cada vez mais, de acordo com o que vemos na França, em muitos lugares, em comunidades em dificuldades, em momentos muito particulares. Também **é experimentado nas trajetórias compartilhadas muito mais do que em um pertencimento geral, rotineiro e cotidiano a algo que chamaríamos classe trabalhadora.** Esse sentimento está **encarnado em**

**momentos, em experiências, em trajetórias, em semelhanças de histórias, em solidariedades.** Portanto, possui rostos e formas muito diferentes.

LEFORT – Isso é, de certa forma, muito positivo. Mas, em outro sentido, **teme-se uma certa desmobilização social, causada em parte pela erosão das oposições. Podemos temer um poder que faz com que a sociedade adormeça, um poder que não consulta e que a reforma em distintos aspectos, seja educação, judiciário, sem qualquer mobilização das partes interessadas. Pode-se temer uma sociedade que se permita modelar por uma autoridade, coisa que antes era impensável.**

ROSANVALLON - **Mas nós, produtores de ideias, nós intelectuais, não temos alguma responsabilidade nisso?** Precisamos tornar esses problemas e mecanismos mais visíveis, mais sensíveis, porque os fenômenos de passividade podem ser explicados em parte pelo sentimento de não ter mais controle sobre a realidade, um sentimento de opacidade, um sentimento de não entender, uma sensação de desencanto com o mundo.

**Gostaria de terminar** com uma última pergunta.<sup>18</sup>

\*\*\*

A entrevista que reproduzimos parcialmente acima foi gravada por Stéphanie Mimouni em maio de 2009 no fórum “Réinventer la démocratie”, em Grenoble, e publicada em 2011, um ano após a morte de Claude Lefort, aos 86 anos. É uma de suas últimas entrevistas.

Isabelle Garo, filósofa marxista, inscreve Lefort desde o fim dos anos 50 – ou seja, precocemente –, no âmbito de uma intelectualidade engajada no projeto de forjar uma definição conjunta da democracia e do totalitarismo, que deveria substituir qualquer outra leitura política – especialmente a crítica do capitalismo e a perspectiva socialista ou comunista da sua superação<sup>19</sup>. Corroborando essa opinião, o comentário do próprio Lefort sobre *A Invenção Democrática*: todos os artigos compilados, à exceção de um, falavam sobre totalitarismo. Com efeito, para Lefort, a indeterminação radical seria marca da sociedade democrática, que segue em

---

<sup>18</sup> A pergunta derradeira versava, festivamente, sobre Maio de 68.

<sup>19</sup> Vide nota 4.

busca permanente de seus próprios fundamentos – enquanto o totalitarismo, ele sim, pode ser milimetricamente teorizado.

Nessa entrevista, no entanto, vislumbramos opiniões mais elaboradas em seu crepúsculo. Lefort via na dinâmica selvagem do capitalismo o risco de um economismo sem política, a perda de vitalidade social pela falta de uma polarização clara e, com isso, “o risco de uma sociedade que se permita modelar por uma autoridade”. A essas coisas não se dá muito nome, estariam no escopo da indefinição democrática que Rosanvallon pincela, em autocrítica pouco convincente, antes da pressa em encerrar o assunto.

\*\*\*

*“Ele não é,  
não tem como ser,  
controlador dos efeitos do seu discurso.”*

Um mecanismo argumentativo que vimos observando na opinião publicada brasileira para dar conta desse mal-estar inominado da democracia é precisamente dar-lhe o nome daquele fenômeno epistemologicamente mais familiar: totalitarismo. Ou alguma variante – Estado? -, que perde qualquer possível rigor teórico. Aquilo que foi teoricamente constituído como um contrário – ainda que nebuloso – do totalitarismo, vai tomando feições precisamente totalitárias. Finalmente, o que existe fora do totalitarismo além do liberalismo?

Luiz Felipe Pondé, que figura nas fileiras de alumni de Paris VIII, vem insistindo nos espaços que lhe são abertos que “erra quem ainda associa o fenômeno totalitário às formas clássicas do fascismo do século 20”. Ele propõe uma outra ideia e a desenvolve, assim, com a profundidade que meia lauda lhe proporciona e que parece ideal: “o novo totalitarismo está associado à inflação da ideia de “bem público””<sup>20</sup>.

A “inflação da ideia de bem público” é fenômeno magnificado de uma questão ontológica. “A essência do totalitarismo não é apenas governos fortes no

---

<sup>20</sup> PONDÉ Luiz Felipe, A gula republicana, Folha de S. Paulo, 2/8/2010 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208201018.htm>

estilo do fascismo e comunismo clássicos do século 20”, insiste Pondé, truncado como sói e como lhe serve. “Chama minha atenção um dado essencial do totalitarismo, quase sempre esquecido, e que também era presente nos totalitarismos do século 20.(...) Toda vez que alguém quiser fazer um ser humano melhor, associando ciência (o ideal da verdade), educação (o ideal de homem) e política (o ideal de mundo), estamos diante da essência do totalitarismo”. O arremate é “o que move uma personalidade totalitária é a certeza de que ela está fazendo o “bem para todos”, não é a vontade de destruir grupos diferentes do dela.”<sup>21</sup>

*Res publica e bem comum* são noções risivelmente ultrapassadas, vemos. *Interesse geral* também vai para escanteio. A democracia neoliberal não promete nada quanto à eventualidade de um mundo melhor ou mais justo, e essa é precisamente uma das suas virtudes. Um pensamento que, levado às últimas conseqüências, coloca em xeque qualquer definição possível de Estado<sup>22</sup>.

A “personalidade” totalitária traz também o conceito de totalitarismo à célula ideal do neoliberalismo, o indivíduo, de onde partem suas análises.

Comentaremos a seguir um artigo espantoso do filósofo, publicado na Folha de S.Paulo em 20/08/2012<sup>23</sup> que desenvolve um raciocínio tortuosíssimo sobre o tema da democracia versus fascismo. É difícil delinear o plano argumentativo do artigo em questão, mas identifica-se a questão do “Bem” como antivirtude totalitarista, com exemplos de como ele se insinua perniciosamente na administração da coisa pública para minar a democracia ‘verdadeira’ – aquela que essencialmente preserva os direitos individuais. O tema da corrupção petista aparece como leitmotiv com a função de cimentar o complicado edifício retórico, que se ampara nesta evidência social total para conferir sentido ao todo e para justificar sua própria existência enquanto peça publicada na Folha, de certa

---

<sup>21</sup> PONDÉ Luiz Felipe, A Tentação Totalitária, Folha de S. Paulo, 18/7/2011 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1807201116.htm>

<sup>22</sup> Como possível referência filosófica, lembremos Friedrich Nietzsche, teorizando que o igualitarismo democrático seria o coroamento desastroso da supremacia dada à ideia de bem comum em termos de determinação moral. A pretensão igualitarista só chegaria a se realizar a partir de um crescimento monstruoso do poder do Estado, o “novo ídolo” ou “o mais frio de todos os monstros frios”. É claro que os encadeamentos políticos desse raciocínio são menos publicáveis *in natura*: “uma aristocracia saudável (...) deverá tomar para si a tarefa de sacrificar, sem peso na consciência, uma multidão de seres humanos que ela reduzirá e rebaixará, por seu interesse, ao estado de homens diminuídos, de escravos, de instrumentos”. In NODÉ-LANGLOIS Michel, La politique Lidée de bien commun, Philopsis 2013 [http://www.philopsis.fr/IMG/pdf\\_politique\\_bien\\_commun\\_node-langlois.pdf](http://www.philopsis.fr/IMG/pdf_politique_bien_commun_node-langlois.pdf)

<sup>23</sup> PONDÉ Luiz Felipe, Basta, Folha de S. Paulo, 20/8/2012, reproduzido integralmente no Anexo 1. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/61753-basta.shtml>.

maneira. Como veremos, a discussão proposta pelo autor não se realiza. Ela nasce, repousa e se consuma na suposta intenção de um partido, que é roubar e controlar, e roubar e controlar para continuar roubando e controlando. O conceito proposto para isso é o de corrupção ideologicamente justificada.

A distinção é importante porque a corrupção petista é uma corrupção diferente de todas as outras. Sendo "ideologicamente justificada", é índice de totalitarismo. Em sua linha *enfant terrible* da incorreção política, em outro artigo (*O que é uma vida decente?*, de 22/10/2012<sup>24</sup>), Pondé afirma que "quase ninguém quer ter um pai ou marido pobre, e sim prefere um pai ou marido corrupto, mas que dê boas condições de vida. Esta é a verdade que não se fala". Dentro da lógica de Pondé, essa pessoa que quer "boas condições de vida" para si, que não pensa no Bem coletivo, que não quer criar um ser humano melhor, é o cidadão ideal antitotalitário.

A nota de rodapé número 11 traz a magnum opus em sua plenitude, então vamos direto à análise que interessa, com formato silogístico e recursos gráficos:

**1.**

***Fascismo é controle da vida dos outros***

Exigência de receita médica para compra de medicamentos tarja vermelha é controle da vida dos outros

Logo, exigência de receita médica para compra de medicamentos tarja vermelha é **fascismo**\*.

\* *cum hoc ergo propter hoc*

[Praga contemporânea número 1]

→ Intermissão "esperta" – vincula masturbação, recusa de ideologia, niilismo, saúde pública, taras sexuais, coisas (no caso, Freud) "na veia". O autor se dispensa ostensivamente de comentar possíveis fundamentos médicos e científicos que amparem a decisão da Anvisa. A Anvisa não é um sujeito válido de interlocução – ela é previamente definida como agência fascista porque controladora e vinculada ao governo-partido.

---

<sup>24</sup> PONDÉ Luiz Felipe, O que é uma vida decente, Folha de S. Paulo, 22/10/2012. [Folha de S.Paulo - Ilustrada - O que é uma vida decente? - 22/10/2012](#)

[Praga contemporânea número 2]

Universidades federais são financiadas com o dinheiro dos contribuintes

Universidades federais têm cotas de 50% das vagas para índios, negros e pobres

O dinheiro dos contribuintes financia as cotas de 50% das vagas para índios, negros e pobres :⇔ O dinheiro dos contribuintes é roubado

## 2.

Lei de cotas responde a um conceito de **justiça social**

Contribuintes não podem se defender da lei de cotas, que lhe bate a carteira (vide praga contemporânea 2)

Contribuintes não podem se defender do conceito de **justiça social**, que lhe bate a carteira

"ter a carteira batida"  $\wedge$  "não poder se defender de"  $\rightarrow$  *Ditadura "light"*

*Ditadura "light"* := **Justiça Social** := **Fascismo**

→ Intermissão erudita de demonstração de arcabouço compartilhado com o leitor alvo: Aldous Huxley, George Orwell, Ayn Rand, "os professores não ensinam nas escolas que..", vulgo *piscadela*.

→ Reforço de autoridade para o argumento de que **o Fascismo não morreu**

→ **Definição de Fascismo como característica de um agente**: tecnocratas e políticos ("que querem governar a vida", "que pensam que somos idiotas incapazes de decidir", "que usam nosso dinheiro para esconder suas incompetências e sustentar suas ideologias 'do bem'")

→ Retorno aos exemplos com exposição do argumento – Fascismo como marca de um agente, que sofre catilinária.

Governo Brasileiro *flerta*\* com o fascismo

Governo Brasileiro engana as pessoas com temas da "igualdade" e "saúde pública"

Governo Brasileiro maquia sua incompetência *imoral* em retribuir à sociedade o que arrecada *monstruosamente* em impostos

Governo Brasileiro é sócio parasita de todo mundo que trabalha

\*Ele *flerta* porque tem em seus componentes (políticos, tecnocratas) a marca fascista, mas o próprio governo não configura fascismo, que parece estar pulverizado em 'aspectos'.

→ ARGUMENTO

Dinheiro Público não é usado pelo Governo na educação básica

[porque]

Dinheiro Público é usado pelo Governo em 'aventuras' como o Mensalão

Dinheiro Público é pouco ou nada usado em medidas como cotas, controle da Anvisa e proibição de publicidade para crianças -> não disputam dinheiro com a corrupção [*ideologicamente justificada inventada pelo PT – primeira menção ao PT no artigo*]

Medidas como cotas, controle da Anvisa e proibição de publicidade para crianças têm forte apelo publicitário -> Bem comum, justiça social

*Salto lógico mortal triplo carpado:*

PT [não mais 'Governo Brasileiro'] **diz** que "é do Bem" [porque efetua medidas visando à justiça social] e por isso pode roubar [usar o dinheiro público em aventuras como o Mensalão], configurando a **corrupção ideologicamente justificada**.

Professores e funcionários das universidades federais concordam porque **também** são **fascistas**.

*[Praga contemporânea número 3]*

Argumentação com base na Doxa – "Todo mundo sabe..."

- só a família e a escola podem educar crianças
- é difícil educar, ocupar e conviver dizendo "não" para as crianças
- **mãe** só e/ou ausente leva crianças a comerem mais porcaria
- Vazio familiar faz com que escola pública seja mais necessária

No entanto, **escola pública atrapalha a corrupção** porque **gasta o dinheiro da "mesada do bem"** [proibir a publicidade infantil é mais barato]

PT cospe na cara da família como instituição, estimula **as mulheres** a pensarem só em si mesmas e acusa a família de ser **autoritária**. PT não dá dinheiro suficiente para a educação pública porque usa o dinheiro em aventuras como o Mensalão.

*[Na lógica da doxa, as afirmações sobre o PT como inimigo da família brasileira e desvirtuador do feminino também aparecem como um suposto perfeitamente compartilhado, dispensando maiores caracteres]*

- Não se discute a possível eficácia da proibição da publicidade infantil, não se discute se o orçamento da educação pública diminuiu, não se discute a esfera de poder mais diretamente responsável pela educação básica (municipal). Enfim, não se discute.

O mundo descrito pelo autor seria mais ou menos assim: um governo onipotente é plenamente identificado a um partido que tem a intenção primária de roubar e controlar; para tal, lança mão de artimanhas. O orçamento do governo é “um bolo”, e o partido deve surrupiar o maior pedaço. Ele retira para si parte do pedaço que seria usado para serviços fundamentais e inventa medidas que caibam no orçamento estropiado. Elas devem, além disso, cumprir plenamente suas duas intenções primárias, seja no divertimento de publicizar sua “bondade” para com o povo – que é um disfarce para o controle (proibição de automedicação, populismo universitário, censura da livre criatividade publicitária na venda de açúcar para crianças) –, seja no roubo (o roubo mesmo e o desvio do dinheiro do contribuinte a serviços que ele não poderá utilizar). Esse disfarce de intenções (“diga uma mentira mil vezes...”) aliado ao roubo (que lhe permite a manutenção do poder) e ao controle social configuram o fascismo. A aparente bondade do partido, que é o governo, faz com que boa parte da intelligentsia nacional faça vista grossa à corrupção – que ocorre para que a “justiça social”, vulgo fascismo, continue em vigor. A corrupção ideologicamente justificada.

Em suma, os únicos sujeitos do texto são o PT e o Governo, construído à sua imagem e semelhança. São os únicos sujeitos passíveis de gerar o Mal por sua ação. Nenhum outro sujeito oculto no texto – como a indústria farmacêutica, a indústria de alimentos ultra-processados, a indústria do marketing, as “famílias que largam as crianças” – têm a capacidade de gerar o Mal. Essas coisas todas são naturalizadas, existem no mundo com suas naturezas próprias, *boys will be boys*.

O único momento em que a ação do Estado é preferível à sua inação é naquele argumento que elogia a família tradicional brasileira e critica as mulheres “que só pensam em si mesmas”. MAIS EDUCAÇÃO, já líamos em alguns cartazes.

Para quem fala o autor? Quando diz que *a lei de cotas rouba nosso dinheiro*, ele define seu leitor como branco e não pobre. Quando diz que *alguém estimula as mulheres a pensarem só em si mesmas*, ele define seu interlocutor como homem - de maneira um pouco menos marcada. Esse direcionamento do público se trata de ranço conservador involuntário, esforço de identificação ao público alvo ou *caprichado propósito diversionista*?

Luiz Felipe Pondé é professor universitário e colunista do jornal de maior circulação em solo nacional.

## Antitotalitarismo na França

---

O dito Giro Antitotalitário, de fortíssima expressão no panorama intelectual francês a partir de meados dos anos 70 funcionou como um gatilho na direitização da intelligentsia, segundo o especialista em Revolução Francesa Claude Mazauric em sua resenha ao livro "Os intelectuais contra a esquerda: a ideologia antitotalitária na França"<sup>25</sup> do historiador estadunidense Michael-Scott Christofferson. "*Entre 1968 e 1981, essa intelligentsia ruidosa reuniu um arsenal ideológico usando materiais argumentativos à esquerda e à direita, preparando a derrota dos ideais teóricos fundadores da esquerda e do socialismo*"<sup>26</sup>, avalia Mazauric.

Esse fenômeno, no entanto, nunca se restringiu ao ambiente acadêmico, marcando antes de tudo uma inflexão na relação entre intelectuais, partidos políticos e mídia de massas. Conforme descrição de Christofferson<sup>27</sup>, que será fonte prioritária na reflexão deste capítulo, já não eram intelectuais gestando novas maneiras de analisar a realidade, mas soldados ideológicos instrumentalizando uma fórmula requeitada que se comprovara politicamente eficaz havia cerca de 30 anos. Tampouco combatiam um partido comunista revolucionário, mas partidos de inclinação prática trabalhista que atuavam essencialmente por meio da conciliação.

\*\*\*

À época da Segunda Guerra Mundial, o Totalitarismo foi estudado como fenômeno sociopolítico descolado ideia de Revolução<sup>28</sup>, até porque a presença viva do nazismo em seu caráter fortemente contrarrevolucionário não permitiria essa associação inequívoca. Ao contrário, a queda do nazismo legitimou a tradição revolucionária em seu conjunto<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> CHRISTOFFERSON Michael-Scott *Les intellectuels contre la gauche : L'idéologie antitotalitaire en France (1968-1981)* [« French Intellectuals Against the Left: The Antitotalitarian Moment of the 1970's »], *Agone*, Paris, 2009. (ISBN 978-2748900989)

<sup>26</sup> MAZURIC Claude *Aux sources de la droitisation de l'intelligentsia française*, *L'Humanité*, 9/10/2009. <http://www.humanite.fr/node/425292> (visitado em 15/4/2017)

<sup>27</sup> Op. Cit. 1

<sup>28</sup> Sempre mencionaremos "revolução" como conceito marxista.

<sup>29</sup> 7 LOSURDO, Domenico. *Le révisionnisme en histoire. Problèmes et mythes*. Paris, Albin Michel, 2006.

Segundo o filósofo italiano Domenico Losurdo, essa interpretação favorável resistiu alguns anos durante a Guerra Fria, mas viria a ser posta em xeque no amplo processo do *revisão histórico*. Este, ao eleger a ideologia como eixo central das análises, minimiza contradições objetivas, circunstâncias históricas e conflitos entre diferentes classes sociais, já que o foco argumentativo se dirige ao combate entre o *são*, o *normal* e o *natural*, de um lado, e o *louco*, o *doente* e o *colérico*, de outro lado. A relação entre o nazismo, o stalinismo e o dito liberalismo ocidental oscilou fortemente com relação a esses novos termos de análise e as decorrentes oposições ou identificações influenciariam todo um pensamento das décadas que se seguiram.

A teoria crítica, que denunciava o totalitarismo em uma linha marxista desde seu início na década de 30, iniciava em 1970 um segundo período. Um de seus fundadores, Max Horkheimer, deu naquele ano uma entrevista considerada histórica à revista *Der Spiegel*, cuja manchete foi "O que chamamos 'sentido' vai desaparecer"<sup>30</sup>:

*"HORKHEIMER: Devo admitir que não tenho uma previsão determinada para os próximos anos. Muito provavelmente, a história da Alemanha seguirá seu curso de acordo com a mesma lógica que hoje é imanente ao desenvolvimento dos Estados por toda parte.*

*SPIEGEL: E o que essa lógica indica?*

*H: Que os Estados, incluindo a República Federativa, serão totalmente administrados por dentro. Não estou dizendo que serão administrados de modo totalitário, ou seja, pelo terror.*

*S: Como essa perspectiva se relaciona à utopia de Karl Marx?*

*H: Marx propunha que a sociedade correta surgiria quando os meios de produção estivessem completamente desenvolvidos. Nesse momento, ou seja, quando todos os produtos necessários para a satisfação das necessidades puderem ser produzidos, a dominação seria obsoleta, já não haveria classes dominantes ou dominadas, seja por revolução ou por força da necessidade imanente.*

---

<sup>30</sup> "Was wir 'Sinn' nennen, wird verschwinden", entrevista com Max Horkheimer, *Der Spiegel*, 5/1/1970. <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-45226214.html> (Visitado em 15/4/2017)

A entrevista termina da seguinte maneira, após uma discussão sobre o desaparecimento na noção do transcendente:

"S: Mas também pode ser que as pessoas – se suas necessidades materiais, inclusive sexuais, forem completamente satisfeitas – recorram aos jogos.

H: Sim, até os animais fazem isso. Posso bem imaginar que continue com humanos."

*S: Mas você não acredita que isso levaria à verdadeira e justa sociedade?*

*H: Não mais. (...) Porque eu percebi que o Nacional Socialismo também podia ser derrotado de outra maneira [que não a revolucionária], efetivamente, pela guerra. Enquanto isso, o reino de terror de Stálin se tornou um símbolo do fato que a revolução também pode levar ao terror. (...) Apesar de toda dialética histórica, me parece, quanto mais penso nisso, que o Liberalismo cumpre um propósito extremamente importante. A ideia de que a abolição da competição social levaria à liberdade do homem me parece um equívoco otimista. Marx não tratou do fato que justiça e liberdade são conceitos dialéticos. Quanto mais justiça, menos liberdade; quanto mais liberdade, menos justiça. **Liberdade, igualdade, fraternidade** – maravilhoso! Mas se você quer igualdade, deve restringir a liberdade, e se quer permitir que as pessoas sejam livres, não há igualdade.”*

Outro exemplo da mudança de ventos no espírito do tempo: se em *Origens do Totalitarismo* (1951), Hannah Arendt reforçava o aspecto anti-iluminista e contrário à Revolução Francesa constituinte do nazismo e distinguia a ditadura revolucionária de Lênin da URSS *totalitária* – evolução que teria ocorrido sobretudo devido à guerra civil e não a uma lógica inexorável do bolchevismo –, em *Sobre a Revolução* (1963), a autora condena a Revolução Francesa como gênese da Revolução de Outubro e explica que a liberdade é mais bem conservada onde não há revolução. O momento da ampla coalizão antifascista era passado e a revolução vai desenvolvendo aura de modelo político degenerado.

Pouco mais de uma década depois, o historiador revisionista francês François Furet completará a volta da maneira mais acabada, localizando a problemática em solo nacional e contemporâneo. Em *Penser La Revolution Française* (1978), ele enraíza as origens do totalitarismo na Revolução Francesa do período jacobino e explica assim a atração francesa pelo comunismo no século XX. Ali, ele afirmaria que “a Revolução Francesa acabou”, sentenciando a morte da sua cultura revolucionária para ser coroado pela mídia como rei do bicentenário de 1989.

\*\*\*

Na França, após a Revolução Húngara de 1956 e a Guerra da Argélia (1954-1962), Maio de 68 acirrou ainda mais as críticas de intelectuais contra o leninismo e as políticas estatizantes defendidas pela esquerda institucional.

Os protestos daquele mês se iniciaram com manifestações estudantis, às quais se somaram sindicatos e partidos de esquerda, vindo a promover uma gigantesca greve geral, com cerca de nove milhões de aderentes. As manifestações foram desmobilizadas com promessas de aumentos salariais e convocações de eleições pelo General de Gaulle, ocupante do poder já havia dez anos. Nas eleições de junho daquele ano, os *gaullistes* conquistaram maioria absoluta na assembleia, uma composição nunca antes sucedida.

O fracasso político imediato não resume Maio de 68, que completa seu meio século de ruído neste ano, e nem uma listagem exaustiva das correntes, organizações e movimentos participantes contemplaria a complexidade daquele momento que não pretendemos abordar centralmente<sup>31</sup>. Traduziremos apenas, a título de ilustração, alguns contextos enunciativos produzidos por ativistas da época<sup>32</sup>:

*"Os que falam de revolução e de luta de classes sem se referir explicitamente à vida cotidiana, sem compreender o que há de subversivo no amor e de positivo na recusa aos limites, esses têm um cadáver na boca."<sup>33</sup>*

*"COMERCIANTE GAULLISTA: Estudantes e operários têm os mesmos interesses: a gente estuda pra não ser operário. (Vaias)*

---

<sup>31</sup> Sugerimos os seguintes estudos acerca das tendências políticas atuantes naquele momento: ANGLADA Camille. De la révolution prolétarienne aux révoltes démocratiques (1966-1974) : une étude de la mouvance maoïste française. Histoire. 2016. <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01400337/document> (Visitado em 5/5/2017)  
SALLES, Jean-Paul. La Ligue communiste révolutionnaire (1968-1981) : Instrument du Grand Soir ou lieu d'apprentissage ?, Rennes , Presses universitaires de Rennes, 2005 <http://books.openedition.org/pur/21289> (Visitado em 5/5/2017)  
ISBN : 9782753531833. DOI : 10.4000/books.pur.21289.  
GUÉRIN, Cédric. Anarchisme français de 1950 à 1970, Mémoire de Maitrise : Histoire contemporaine : Lille 3 : 2000. Villeneuve d'Ascq, Dactylogramme, 2000.  
PADIS Marc-Olivier, « 68, au-delà des générations », Esprit 2008/5 (Maio), p. 29-33. DOI 10.3917/espri.0805.0029

<sup>32</sup> Lista de fontes sobre Maio de 68 no site da Bibliothèque de Sciences Po Lyon: <http://doc.sciencespo-lyon.fr/Ressources/Documents/DocEnLigne/mai68.php>

<sup>33</sup> VANEIGEM Raoul, Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations, Paris, Gallimard, 1967. In: BRUN Éric, Les situationnistes, Une avant-garde totale, Paris, CNRS Éditions, 2014.

Vaneigem foi membro da Internationale Situationniste. A IS foi criada em 1957, reunindo diversos coletivos de artistas na Europa, e vai tomando uma postura crescentemente política ao longo dos anos 60, com importante atuação no Maio de 68. Guy Debord é o maior expoente do grupo, qualificado como uma das últimas "vanguardas históricas".

BRUN Éric, Les situationnistes, Une avant-garde totale, Paris, CNRS Éditions, 2014.

*RESPOSTA DE UM ESTUDANTE: Não é essa a questão, a questão é que o operário possa estudar... (Muitos aplausos)*

*OPERÁRIO: O burguês não é um operário que deu certo: é antes de tudo um estado de espírito. O problema é mudar as estruturas profundas, ser uma pessoa pensante. Na sociedade americana, o operário tem muito conforto, mas ele não pensa. Eu quero poder sustentar minha família trabalhando normalmente e tendo tempo de vida no sentido amplo do termo, quer dizer, com tempo também para pensar... (Aplausos)*

*GARÇOM DE CAFÉ: Eu ganho 1.400 francos por mês. Tenho dois filhos, saio de casa às 8h e volto às dez da noite. Vejo meus filhos uma vez por semana. Bom, acho que estou pagando muito caro para viver! (Ovação)*

*VENDEDOR DE LOJA: A alienação das pessoas é planejada metodicamente pelo governo, por exemplo, na televisão. Um mundo capitalista não pode aceitar a crítica porque se autodestruiria...*

*COMERCIANTE GAULLISTA: Mentira! A prova é que você pode falar aqui no Odéon!*

*VENDEDOR DE LOJA: Agora, porque o poder está muito ocupado com as greves. Assim que o trabalho voltar, você vai ver como ele envia a tropa de choque.*

*MÉDICO MARXISTA: O Partido Comunista representa a única força verdadeiramente revolucionária. O movimento de vocês leva diretamente ao fascismo. (assovios) Vocês estão criando o neocapitalismo, porque ao negar tudo, vocês não negam nada. Os ideais de vocês são os mesmos de Hitler e Mussolini (Vaias por toda a sala): sim, têm o mesmo romantismo niilista de fundo! Vocês se afastam do comunismo porque têm medo! (Gritos de indignação)*

*MULHER DE 50 ANOS: Temos que falar do cristianismo: só ele pode nos salvar! (Gargalhadas generalizadas) É preciso construir com a ajuda de Deus! (Gargalhadas e assovios) O movimento de vocês está se perdendo porque está cheio de tendências que se opõem: só a fé poderia unificá-las!*

*OPERÁRIO ESPANHOL: Tudo que vocês estão falando, aliás, tudo que se fala nessa sala em geral é muito distante da realidade da rua. (Aplausos e protestos) Vocês deveriam falar dos salários que foram descontados dos grevistas, é muito mais urgente!*

*ESTUDANTE: A gente não fez barricadas pra aumentar os salários dos cordeiros que caminham da Bastilha à Praça da República quando o sindicato convoca! Dessa vez, as ruas não estão servindo para o desfile desses cornos pacíficos, estão servindo para arrancarmos os paralelepípedos e resistir à polícia. (Ovação)*

*MÉDICO COMUNISTA: Parece que vocês não entendem que o fascismo está quase vencendo, não é discutindo assim que vocês irão barrá-lo!*

*EDITOR: Você fala sempre de fascismo, é mais uma fórmula, um rótulo: estamos fartos de rótulos! (Enorme ovação) Você fica ostentando o fascismo como um espantalho, mas ele é só um fantasma: o de Mussolini e seus adeptos. De Gaulle não é o fascismo, é o gaullismo, e já não é pouco... (Aplausos e risos)*

*ALGUÉM NA SALA: Muitos cristãos estão na linha de frente da revolução: o movimento deve afirmar abertamente que não os rejeita. (...) Tem até padres que estão conosco!*

*NA SALA: Vamos então a Notre-Dame pra dar de comer aos filhos dos grevistas!*

*A "FANÁTICA": Somos todos irmãos! (Vaias, tentam expulsá-la, a organização intervém para acalmar a sala)<sup>34</sup> – Teatro do Odéon, 29/5/1968*

\*\*\*

Após 1968, a crítica ao marxismo leninismo se tornou dominante entre os intelectuais de esquerda, muitas vezes sob forma de defesa da autonomia. A revolução não culminaria na tomada do poder por um partido revolucionário, mas na instituição da democracia direta. A política do PCF e da URSS era reacionária. O modelo a ser seguido, se houvesse, seria a Comuna de Paris de 1871 e não a Revolução Bolchevique de 1917.

---

<sup>34</sup> Diálogos e debates intensos tomaram as ruas, entre classes e gerações, durante maio e junho de 1968, e era também corrente a prática de assembleias públicas. O théâtre de l'Odéon foi ocupado pelo "Comitê de Ação revolucionária" e se tornou um símbolo desses espaços abertos de debates.

Trechos de transcrições de intervenções públicas realizadas no Théâtre de l'Odéon citados por RAVIGNANT Patrick, L'Odéon est ouvert. Paris, Stock, 1968. In: LOYER Emmanuelle, Mai 68 dans le texte. Bruxelas, Complexe, coleção « De source sûre », 2008.

Diálogos e debates intensos tomaram as ruas, entre classes e gerações, durante maio e junho de 1968, e era também corrente a prática de assembleias públicas. O théâtre de l'Odéon foi ocupado pelo "Comitê de Ação revolucionária" e se tornou um símbolo desses espaços abertos de debates.

Mesmo após o refluxo da maré contestatária, muitos intelectuais continuaram defendendo ideias mais ou menos autogestionárias<sup>35</sup> e denunciando toda forma de poder. É o caso de Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, André Glucksmann e Claude Lefort. Essas correntes foram muito bem representadas nas páginas do jornal Libération, das revistas Nouvel Observateur, Esprit e outros veículos acadêmicos ou de massa.

A rejeição dispensada ao comunismo foi estendida à socialdemocracia no plano político nacional com a Union de la gauche<sup>36</sup> (União da esquerda), que designava inicialmente uma aliança eleitoral entre o Partido Socialista (PS), o Mouvement des radicaux de gauche (Movimento dos radicais de esquerda – MRG) e o Partido Comunista Francês entre 1972 e 1977, com base em um programa de governo comum. Posteriormente, foi usado em diversas outras alianças eleitorais de esquerda. Naquele momento, os críticos acusavam o PS de ser manobrado por um PCF ideologicamente dominante na aliança.

Segundo Christofferson, foi precisamente em reação ao crescente sucesso eleitoral da União da esquerda entre 1974 e 77 que um movimento contra o “totalitarismo de esquerda” se unificou, de certa maneira, e se tornou veementemente militante, independente da atuação de intelectuais que denunciavam o totalitarismo e os métodos stalinistas desde a década de 40.

Assim, foi providencial a publicação, em 1974, da primeira tradução francesa do Arquipélago Gulag<sup>37</sup>, de Alexander Soljenítsin, e tida por esses intelectuais como uma grande revelação e apelo à “tomada de consciência” sobre as atrocidades que ocorriam sob a *Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colônias* da URSS.

Christofferson reúne uma vasta documentação que não sustenta essa gênese autodeclarada do movimento, uma vez que as práticas descritas no livro já

---

<sup>35</sup> Pierre Rosanvallon, “A era da autogestão”. Viria a ser posteriormente presidente da Fondation Saint Simon.

<sup>36</sup> FULLA Mathieu. « Chronologie », *Les socialistes français et l'économie (1944-1981). Une histoire économique du politique*, Fulla Mathieu (Org.) Presses de Sciences Po (P.F.N.S.P.), Paris, 2016, pp. 419-428. <http://www.cairn.info/les-socialistes-francais-et-l-economie--9782724618600-page-419.htm> (visitado em 26/5/2017)

<sup>37</sup> A apresentação da nova edição ao português, lançada neste mesmo 2017, explica que se trata de “uma obra excepcional, um livro de combate contra o totalitarismo de face estalinista, um livro que ainda hoje nos queima as mãos.”

[http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/romances/o-arquipelago-gulag-46532124?id\\_link=8787&adtype=pla&id\\_link=8787&adtype=pla&gclid=CjwKEAiw07nJBRDG\\_tvshefHhW\\_QSjABRcE-Z0yRZixYRvgG44K5vo-Kjqkr\\_TjAc6NAtRVrh\\_LY0VxoCbbTw\\_wcB](http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/romances/o-arquipelago-gulag-46532124?id_link=8787&adtype=pla&id_link=8787&adtype=pla&gclid=CjwKEAiw07nJBRDG_tvshefHhW_QSjABRcE-Z0yRZixYRvgG44K5vo-Kjqkr_TjAc6NAtRVrh_LY0VxoCbbTw_wcB) (visitado em 25/5/2017)

eram vastamente conhecidas<sup>38</sup>. No entanto, as críticas feitas pelos marxistas ao livro impulsionaram questionamentos sobre a liberdade e democracia caso os comunistas subissem ao poder na França. O mito de que até o apocalipse de Soljenítsin a esquerda estaria cega para os “excessos” dos soviéticos servia como premonição dos males futuros à França com uma vitória da União da esquerda, para os quais os intelectuais estariam ainda igualmente cegos: a “tentação totalitária<sup>39</sup>”. Em suma, Soljenítsin foi habilmente instrumentalizado no debate político doméstico, mas fez parte de um movimento mais amplo de reação ideológica.

1975 foi um ano notável para o desenvolvimento do antitotalitarismo, após o crescimento eleitoral da esquerda nas eleições do ano anterior. A Revolução dos Cravos avivou o espectro da “tentação”, sendo criticada por seus ataques à liberdade de expressão, e também data desse ano a publicação de *La cuisinière et le mangeur d’hommes*, que comentaremos no próximo capítulo.

A nova corrente antitotalitária foi modelada midiaticamente, sob alcunha de Nouveaux Philosophes (Novos Filósofos). Seus principais expoentes foram Bernard Henri-Levy, que sobrepõe a moral à política em suas análises, e André Glucksmann, de posição anti-intelectualista, atacando a ideia revolucionária e o progressismo da esquerda em distintos ângulos<sup>40</sup>.

Legitimados por sua origem na extrema esquerda de expressão no Maio de 68, especialmente na *gauche prolétarienne*<sup>41</sup>, os afiliados ultrapassaram com método os limites das salas universitárias, fazendo uso da mídia em geral e da televisão em particular para difundir sua agenda em tom dramático e espetaculoso<sup>42</sup>. Sua primeira grande aparição foi em 1977 no programa *Apostrophes*, assistido por cerca de dois milhões de franceses<sup>43</sup>, onde os Novos

---

<sup>38</sup> Victor Serge já denunciara a Gulag nos anos 30, Castoriadis e Lefort no final dos anos 40, o Relatório Khrushchov data de fevereiro de 1956, etc.

<sup>39</sup> Revel; mencionar que assunto será tratado depois

<sup>40</sup> Bernard-Henri Levy e André Glucksmann permaneceram na cena midiática até a contemporaneidade, enquanto outros “novos filósofos” terminaram ofuscados ou abandonaram a ideia. Entre eles, Jean-Marie Benoist (1942-1990), filósofo que sentenciou que “Marx está morto” já em 1970, Christian Jambet, Guy Lardreau e Jean-Paul Dollé.

<sup>41</sup> Organização maoísta espontaneísta atuante entre 1968 e 1973.

<sup>42</sup> Para uma detalhada compilação das aparições midiáticas da corrente na França e em outros países, como nos EUA, onde a revista Time lhe consagrou uma capa, vide CHRISTOFFERSON, Michael-Scott, 2009, op. Cit. 2

<sup>43</sup> BÉCARD Thomas, “Apostrophes” en 1977, l’émission qui rendit André Glucksmann et BHL célèbres, Télérama, 10/11/2015.

Filósofos seriam questionados em rede nacional se “são de esquerda ou de direita” por Xavier Delcourt e François Aubral. Este último terminaria por qualificar Bernard Henri-Lévy de “gênio do marketing”.

O antitotalitarismo amadureceu e rendeu frutos. 1977 foi o ano dos Novos Filósofos, com BHL e Glucksmann vendendo, cada um, 80 mil cópias de seus livros. Falavam da crise da esquerda por ocasião da ruptura da union de gauche, suas aparições eram sempre um ensejo para falar do futuro da esquerda.

Le Nouvel Observateur debateu os Novos Filósofos no especial “Objectif 78”, discutindo as eleições que viriam no próximo ano. Le Monde entrevistava membros do grupo sobre suas posições sobre a esquerda, para o jornal Libération, “Nouveaux philosophes” se torna a “expression de l’année”, a rádio France Culture realiza uma série de programas com os filósofos novos (Philosophie Aujourd’hui) publicadas três meses mais tarde sob o título “Geração Perdida”, a revista estadunidense Time lhes dedica uma capa, o jornal Nouvelles Littéraires organiza um número sobre as últimas tendências filosóficas com a promoção de Christian Jambet e Guy Lardreau, a revista Le Point publica um artigo sobre os “novos oráculos”,

Onipresentes na mídia, os Novos Filósofos também dispunham de fortes apoios institucionais no âmbito editorial e das publicações culturais. Um encarte na revista Magazine Littéraire de outubro de 1976 anunciava as publicações dos Novos Filósofos nas coleções Figures e Théoriciens, dirigidas por Bernard Henri-Lévy. A editora Grasset se tornou um feudo do grupo, que contou também com a contribuição de várias outras editoras<sup>44</sup>.

Os acadêmicos oscilaram com relação à corrente, que chegou a receber elogios mais ou menos entusiásticos, de Foucault e Roland Barthes, e reações mais ou menos furiosas, de Gilles Deleuze, Pierre Vidal-Naquet e Cornelius Castoriadis. Ainda que seu grupo, Socialismo ou Barbárie, tivesse servido de fonte de esquerda para as formulações anticomunistas dos Novos Filósofos, consta que à leitura de “*La barbarie à visage humain*”, publicado em 1976 por Henri-Lévy, Castoriadis “oscilou entre o riso desbragado e a indignação, diante da retórica grotesca e da

---

<http://television.telerama.fr/television/apostrophes-en-1977-l-emission-qui-rendit-andre-glucksmann-et-bhl-celebres,133946.php> (visitado em 23/5/2017)

<sup>44</sup> Para um relato detalhado das aparições midiáticas e publicações editoriais dos Nouveaux Philosophes, vide HOURMANT François Le désenchantement des clercs – Figures de l’intellectuel dans l’après-Mai 68, Presses universitaires de Rennes, Rennes, 1997

indigência do propósito<sup>45</sup>. Em entrevista a *Le Nouvel Observateur* (28/7/1975<sup>46</sup>), o próprio François Furet ponderaria que “quanto a essas fúrias um tanto vagas, a esses gritos literários, que têm o mérito de despertar a esquerda ocidental de uma longuíssima reverência, seria preciso ter a coragem paciente de não torná-los fonte para novas profecias”. Alguns anos mais tarde, o historiador Marcel Gauchet avaliaria que “é bem possível que a violenta querela de legitimidade levantada pelo intelectual midiático tenha sido em realidade a sepultura da figura clássica do intelectual na política<sup>47</sup>”.

Gilles Deleuze, criticado por Henri-Lévy na obra de 76, foi entrevistado a respeito dos Novos Filósofos<sup>48</sup>, denunciando sobretudo sua relação com a mídia e os efeitos decorrentes para o pensamento francês:

“- O que você pensa sobre os “novos filósofos”?”

- Nada. Acho o pensamento deles nulo. Vejo duas razões possíveis para essa nulidade. Primeiro, eles procedem por grandes conceitos, grandes como um buraco no estômago. A lei, O poder, O mestre, O mundo, A rebelião, A fé, etc. Assim, eles conseguem fazer misturas grotescas, dualismos sumários, a lei e o rebelde, o poder e o anjo. Ao mesmo tempo, quanto mais o conteúdo do pensamento é fraco, mais o pensador toma importância, mais o sujeito da enunciação se dá importância em relação aos enunciados vazios (“eu, enquanto lúcido e corajoso, vos digo..., eu, enquanto soldado de Cristo..., eu, da geração perdida..., nós, já que fizemos o Maio de 68..., porque já não nos deixamos enganar pelas aparências...”)

(...) O jornalismo impresso, em conluio com rádio e televisão, tomou cada vez mais consciência da sua possibilidade de criar o acontecimento (os vazamentos controlados, Watergate, as pesquisas). E assim como o jornalismo precisava cada vez menos se referir a acontecimentos exteriores, porque ele mesmo cria uma boa parte deles, também precisava menos buscar análises exteriores ao jornalismo, de personagens do tipo “intelectual”, “escritor”: o jornalismo descobriu em si mesmo um pensamento autônomo e suficiente. É por isso, em última instância, que um

---

<sup>45</sup> <http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20080709.BIB1699/que-reste-t-il-des-nouveaux-philosophes.html> (visitado em 24/5/2017). O livro se inicia com as seguintes frases: “Hitler não morreu em Berlim, ele ganhou a guerra. Stálin não morreu em Moscou, ele está no meio de nós”.

<sup>46</sup> in WEILL Nicolas, *Rétrocontroverse* : 1977, les “nouveaux philosophes”, *Le Monde*, 23/7/2007. [http://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/23/retrocontroverse-1977-les-nouveaux-philosophes\\_938320\\_3232.html](http://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/23/retrocontroverse-1977-les-nouveaux-philosophes_938320_3232.html) (visitado em 30/5/2017)

<sup>47</sup> GAUCHET Marcel, *Les idées en France*, Paris, Folio, 1989.

<sup>48</sup> A entrevista foi publicada em maio de 1977 como suplemento do número 24 da revista *Minuit*, disponível em: <http://www.acrimed.org/A-propos-des-nouveaux-philosophes-et-d-un-probleme-plus-general-Gilles-Deleuze#nb6> (visitado em 2/6/2017)

livro vale menos que o artigo de jornal que se escreve sobre ele. (...) É de se imaginar um livro que fala sobre um artigo de jornal, e não mais o contrário.

(...) O que me enoja é bem simples: os Novos Filósofos fazem uma martirologia, a Gulag e as vítimas da história. Eles vivem de cadáveres. Eles descobriram a função-testemunha, que é a mesma que a função-autor ou pensador (veja no número da Playboy em que aparecem: "nós somos as testemunhas"...). Mas nunca teria havido vítimas se elas tivessem pensado como eles, ou falado como eles. Só que seria preciso que as vítimas tivessem vivido e pensado de modo totalmente diferente para justificar os que choram em nome delas, e que pensam em nome delas, e dão lições em nome delas. Quem arrisca a própria vida pensa geralmente em termos de vida, não de morte, amargura e vaidade mórbida. Os resistentes são acima de tudo grandes viventes. Nunca se prendeu alguém por sua impotência ou pessimismo, ao contrário.

(...) Não são os Novos Filósofos que importam. Se eles desaparecessem amanhã, seu empreendimento de marketing recomeçaria. Ele representa, de fato, a submissão de todo o pensamento à mídia. (...) Nada de vivo passa pelos Novos Filósofos, mas eles terão cumprido sua tarefa se se mantiverem em cena tempo suficiente para entrevar alguma coisa qualquer."

\*\*\*

Além da relação com a mídia, Deleuze aponta o uso dos "grandes conceitos" vazios que permitem todo tipo de manipulação e o uso teratológico da "Gulag". Ela passou a funcionar como uma metáfora odiosa, como a palavra-chave que podia ao mesmo tempo expressar e legitimar a recusa radical do comunismo e da estratégia revolucionária: *Reductio ad Gulagem*.

Deleuze também aborda tangencialmente a nova personagem preferencial de autoridade, o dissidente. Com as críticas ao stalinismo, que acabaram por colocar em questão a própria ideia de tomar o poder, o revolucionário abre passagem para o dissidente como figura política de proa. Essa nova ênfase é marcada pelo impulso da temática dos Direitos Humanos como eixo transversal entre as diferentes disciplinas e políticas da época. Nos anos 70, associadas a esse viés, emergem ainda a ecologia política e o movimento feminista, parte de uma mudança mais ampla no panorama das ideias na França. A crítica ao totalitarismo fazia parte de um movimento geral mais amplo de crítica radical à democracia representativa por parte de setores autorreferenciados de esquerda.

Segundo o sociólogo Philippe Corcuff<sup>49</sup>, essa 'deuxième gauche' autogestionária e antitotalitária colocou questões interessantes ao conjunto da esquerda francesa: crítica bem enraizada de uma cultura estatista e consideração séria das experiências totalitárias que se classificaram como 'socialistas', entre outras. Mas frequentemente isso ocorreu em um contexto de justificação da 'economia de mercado', eufemismo para capitalismo, desarmando intelectualmente tal esquerda frente à revolução neoliberal dos anos 80. Raros são os críticos do capitalismo, como Miguel Abensour e Cornelius Castoriadis, que continuaram a associar vigilância antitotalitária e radicalidade anticapitalista. Ao mesmo tempo, as forças anticapitalistas que resistiram a esse movimento não conseguiram lastrear sua crítica ao capitalismo com suficientes componentes libertários e antitotalitários. Em seguida, a partir de 1983, a grande maioria da esquerda oficial que se apagou na prática e depois na teoria, em uma derrapagem social-liberal. No centro dessa configuração, a profissionalização política e o marketing eleitoral, mais ou menos acompanhados de anti-intelectualismo, ganharam a cena. E "as ideias" passaram a ser concebidas como bibelôs com vistas a enfeitar uma coletiva de imprensa ou um meeting de campanha.

\*\*\*

Perry Anderson vê aquela Paris como a "Capital da reação europeia", após ter sido a capital da esquerda, no pós guerra<sup>50</sup>. Não houve o chamado "efeito Gulag" no mundo anglo-saxão, onde as posições reacionárias do livro foram de pronto criticadas pelas esquerdas. É de se notar que o termo "antitotalitarismo" é eminentemente francês, enquanto em outros países discute-se primordialmente o "totalitarismo". A ênfase dada ao prefixo indica sua origem semântica no repúdio, em especial ao comunismo.

Entre meados de 70 e início dos 80, o conceito do antitotalitarismo na França mudou pouco, apenas se tornando mais radical e intransigente. Segundo esse primeiro antitotalitarismo, todos os projetos revolucionários levavam inelutavelmente ao totalitarismo por conta de sua ideologia maniqueísta. Além disso, essa ideologia cegava os "companheiros de estrada" desses movimentos, razão pela qual o partido comunista ainda representaria um grave perigo mesmo

---

<sup>49</sup> CORCUFF Philippe Actualité de la philosophie politique de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) - (II) - Politique et histoire, Mediapart, 7/1/2009. <https://blogs.mediapart.fr/philippe-corcuff/blog/070109/actualite-de-la-philosophie-politique-de-maurice-merleau-ponty-1908-1961-ii-politique-et-histo>

<sup>50</sup> ANDERSON Perry, Nas trilhas do materialismo histórico, Boitempo Editorial, 2004

quando estava decaindo em peso eleitoral com relação aos socialistas. Ainda assim, há diferenças substanciais entre o antitotalitarismo de Glucksman, Revel e Lefort, para citar três exemplos, que não aprofundaremos aqui. Já nos anos 80, a crítica do totalitarismo favoreceu a preponderância do liberalismo e o advento do chamado pós-modernismo.

\*\*\*

Um relatório da CIA de dezembro de 1985<sup>51</sup>, recentemente tornado público, tem por título: "França: a defecção dos intelectuais de esquerda". Trata-se de um documento muito interessante, pela própria limpidez de análise – para bem e para mal –, que atesta em tempo real o efeito ideológico desse antitotalitarismo filosófico. Lá, lemos acerca dos Novos Filósofos:

"(...) argumentam que não existe socialismo na França que não seja implicitamente marxista e que todo pensamento marxista é, em última instância, totalitário. (...) [Eles] mais que compensaram seu discurso abstruso ao se tornarem radiantes personalidade midiáticas, defendendo seus pontos de vista nos longos e intelectualizados programas de rádio e televisão que os franceses adoram. (...) [Seus livros] se tornavam best sellers ao sair da gráfica, um feito impressionante em uma época em que a maioria das obras de filosofia só consegue sair pela imprensa universitária, fortemente subsidiada. [Os Novos Filósofos] tiveram enorme êxito em persuadir a geração atual quanto à "tolice" de Sartre, aos males do marxismo e ao barbarismo do comunismo soviético (um chiste deles é que chamar os soviéticos de bárbaros é uma ofensa aos bárbaros)."

Quanto às perspectivas:

"O antimarxismo e antisovietismo, que causaram tanto furor nos anos 70, ganharam vida própria e já se integraram tanto à ortodoxia intelectual francesa que os Novos Filósofos ficaram sem ter o que falar."

"Há um debate sobre o declínio da influência dos intelectuais na política francesa. Há quem repute isso à economia e sociedade da alta tecnologia, e não se pode negar que a juventude francesa, que ia atrás de qualquer moda intelectual, agora procura carreiras científicas ou de business."

---

<sup>51</sup> Central Intelligence Agency, Office of European Analysis, Freedom of Information Act (FOIA) Library. France: Defection of the leftist intellectuals, 12/1985. <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP86S00588R000300380001-5.PDF> (visitado em 1/6/2017)

“Já não existe movimento estudantil. Os únicos grupos que ainda sobrevivem combinam um mínimo de retórica militante com um monte de fotocópias.”

“O antiamericanismo que era visto nos círculos letrados como evidência circunstancial de uma educação adequada, já saiu de moda (...) A tentativa de alguns de retomar amplas e expressivas críticas às políticas dos EUA é vista como um óbvio esforço de desviar a crítica do seu alvo legítimo, as atividades da URSS.”

“Os intelectuais provavelmente se oporão frontalmente à ideia de que a esquerda só conseguirá conquistar o poder pela união, reavivando a União da esquerda, e apoiarão entusiasticamente a estratégia de que o futuro a longo prazo do socialismo está na construção de uma aliança de centro-esquerda. Em suma, o ativismo da nova esquerda deve aumentar as picuinhas entre socialistas e comunistas, o que, por sua vez, também deve levar a um aumento da defecção de eleitores dos dois campos.”

\*\*\*

Michael-Scott Christofferson realizou uma análise preciosa, mas delimita seu objeto no tempo-espaço europeu e anglo-saxão. Ele avalia que o “papel” daquele antitotalitarismo foi cumprido ao marginalizar o pensamento marxista e minar a legitimidade da tradição revolucionária, abrindo assim a via para soluções políticas moderadas, liberais e pós-modernas que dominariam as décadas seguintes. Em entrevistas posteriores, Christofferson afirma que atualmente a ideia já não teria expressão relevante e que lhe aguarda um futuro tão morto quanto o comunismo.

No entanto, é forçoso reconhecer que a fórmula eficaz continua sendo aplicada aos “problemas” contemporâneos. Bernard Henri-Levy velho de guerra, por exemplo, não perdeu tempo em cunhar o neologismo “fascislamismo”, “a nova etapa de uma velha revolução iniciada com Lênin, continuada com Hitler e Mussolini, e que encontrou nos esquadrões da morte de Bin Laden seu mais recente avatar<sup>52</sup>”. A simplificação e o vetor genealógico grotescos não conseguem mais

---

<sup>52</sup> HENRI-LEVY Bernard, *American Vertigo*

A edição brasileira foi lançada no mesmo ano que a original, pela Companhia das Letras, que descreve o livro como “uma mistura bem dosada de pesquisa acadêmica e jornalismo investigativo”. Enquanto a editora, que tem por metier vender livros, necessita realmente elogiar suas publicações, a Folha de S. Paulo poderia ter acompanhado a crítica internacional, que rejeitou massivamente a obra. No entanto, em entrevista com o autor, o jornal estima que este analisa, “com toda lucidez, o futuro de nossas democracias”.

Filósofo francês investiga valores americanos em “American Vertigo”, Folha de S. Paulo, 24/9/2006.  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64516.shtml> (Visitado em 2/6/2017)

fazer furor nos círculos acadêmicos, mas, como dizia Deleuze, “o jornal já não precisa do livro”, e a mídia prescinde gloriosamente da academia.

Esse malabarismo conceitual também se instalou infalivelmente na América Latina dos governos identificados com a esquerda, com aplicação de todas as suas técnicas midiáticas e retóricas.

## Ampliando a discussão

---

Raymond Aron, crítico do comunismo e da esquerda, foi um intelectual execrado pelos estudantes do Maio de 68. Para eles, Aron seria “indigno” do título de professor universitário. Por ocasião de sua morte em 1983, a capa do jornal *Libération*, fundado havia dez anos por ativistas daquele período, mancheteava que “A França perdeu seu ‘profe’”.

A reputação de Aron, diametralmente revigorada, é emblemática da transformação na cultura política francesa ao longo daqueles quinze anos em que o provável retorno do Partido Comunista Francês ao poder pela primeira vez desde a década de 1940 se deparou com o chamado “momento antitotalitário”.

No entanto, essa interpretação de ofensiva retórica por cálculo político anticomunista, extensamente documentada por Michael-Scott Christofferson, não é unívoca. Conforme alerta o historiador Iain Stewart<sup>53</sup>, o ataque frontal ao PCF naqueles anos também se enquadra em uma tradição intelectual francesa que não considera o totalitarismo como oposição ao estado democrático, mas sim uma possibilidade permanentemente latente em qualquer sistema de poder. É evidente naquele período a tentativa de revisão historiográfica na busca de novas teorias para pensar a contemporaneidade e os conflitos por ela apresentados, a preocupação com temas “liberais” como Direitos Humanos e Sociedade Civil e, nesse contexto, um maior interesse no nos escritos liberais franceses do século XIX – Constant, Tocqueville, Guizot. Esse fenômeno não é circunscrito à França, que também nunca abandonou completamente o pensamento liberal, embora a maioria dos intelectuais engajados no próprio momento antitotalitário evitasse se identificar como “liberal”.

Este capítulo pretende estender uma contextualização superestrutural e apresentar os resultados eleitorais do PCF já em finais dos anos 70 e início dos 80, em contraposição a uma interpretação recorrente sobre o seu declínio eleitoral – a saber, de que a esquerda francesa teria chegado a um ápice com a eleição em 1981 de François Mitterrand, que passou então a adotar uma doutrina liberal no

---

<sup>53</sup> STEWART Iain, Rethinking the ‘French Liberal Revival’, palestra realizada na Conferência *New Directions in French History*, 09/2015. <http://frenchhistorysociety.co.uk/blog/?p=670> (visitado em 10/06)

espírito Thatcherista (There Is No Alternative), levando ao subsequente declínio daquele campo político.

A ofensiva midiática antitotalitária não é um fenômeno ex-nihilo, mas as considerações aqui apontadas não devem ser vistas como delimitação inequívoca de um vetor genealógico ou como teoria da conspiração. O próprio uso da expressão “teoria da conspiração”, convenhamos, pode ser questionado, uma vez que se refere, em termos práticos, a formas de planejamento ou estratégia. A justa medida em que os pontos se conectam de fato seria tema para outro estudo, muito mais extensivo, com o uso de outras fontes. O objetivo deste capítulo é pincelar um panorama mais amplo, precisamente para fugir das interpretações taxativas e monocausais, necessariamente equivocadas. É também acomodar o antitotalitarismo descrito no capítulo anterior dentro de um contexto alargado, no qual ele ocupa, ainda assim, um lugar importante.

## **Liberalismo**

Iain Stewart, em sua tese de doutorado<sup>54</sup>, retrata o caminho do liberalismo no século XX francês com foco em Raymond Aron, que teria sido um dos primeiros teóricos do país a escrever sobre o keynesianismo e participava no entreguerras do think-tank Groupe X-Crise, fundado por economistas da École Polytechnique com o objetivo de desenvolver uma visão de planejamento e “uma linguagem não de comando estatal, mas de iniciativa, coordenação e produtividade”. O grupo reunia capitalistas, sindicalistas, liberais ortodoxos e socialistas desiludidos em uma abordagem declaradamente “não ideológica”, “*ni de droite, ni de gauche*”, tecnocrática. Tal caráter foi retomado mais recentemente por think tanks autodeclarados “pós-ideológicos”, como a Fondation Saint Simon<sup>55</sup>.

O historiador François Denord, em seu livro *Néo-libéralisme version française* (2007)<sup>56</sup>, defende que a primeira aparição documentada deste termo em solo francês se deu justamente em 1938, em um colóquio dedicado à obra “*Cité libre*”, do jornalista estadunidense Walter Lippmann. Sob o vulto da crise de 29 e

---

<sup>54</sup> STEWART Iain, *Raymond Aron and the roots of the French liberal Renaissance*, tese de doutorado, Universidade de Manchester, 2011

<sup>55</sup> Fundada em 1982 por François Furet, Pierre Rosanvallon e Alain Minc, entre outros. Para mais informações sobre a tradição dos think-tanks “pós-ideológicos” na França, vide: Vincent Laurent, ‘Enquête sur la Fondation Saint-Simon: les architectes du social-libéralisme’, *Le Monde diplomatique* (septembre, 1998), <http://www.monde-diplomatique.fr/1998/09/LAURENT/10967.html> (Visitado em 10/6/2017)

<sup>56</sup> DENORD François *Néo-libéralisme version française : Histoire d’une idéologie politique*, Éditions Demopolis, Paris, 2007.

da grande recessão dos EUA em 1937, alguns participantes do colóquio, como Aron, entendem que o credo liberal ortodoxo deve ser renovado criticamente, enquanto outros, como Von Mises e Hayek, defendem a retomada neoclássica. Mesmo sem chegar a um consenso, o colóquio lança as bases de uma "Internacional do neoliberalismo", o Centre international d'études pour la rénovation du libéralisme (CIRL). O Centro, dissolvido por ocasião da Segunda Guerra, tem sobrevivência garantida por meio da editora Éditions de Médicis, que difunde o pensamento neoliberal na França até meados dos anos 70.

Segundo Denord, locais de sociabilidade como o Colóquio, o CIRL e o Groupe X-Crise prefigurariam, em seu caráter cosmopolita e de reunião de diferentes atores comprometidos com a causa neoliberal (oficiais governamentais, patronato, políticos, acadêmicos, jornalistas), a fundação da Sociedade do Mont-Pèlerin em 1947, com Friedrich Hayek, Ludwig Von Mises e Milton Friedman, entre outros. Se estes grupos têm suas especificidades e variantes teóricas, a rede que cada um deles conforma – internacional antes de ser nacional – está em contato, havendo personagens que participaram de todos eles.

Denord defende, assim, que não se deve localizar a chegada do neoliberalismo na França nos anos 80, uma vez que sua concepção já era trabalhada e circulava no território. Além disso, teóricos da chamada "economia social de mercado" atuavam diretamente nos governos nacionais a partir de 1947, com a saída dos ministros comunistas.

É importante notar que inicialmente havia uma grande heterogeneidade entre as distintas variantes do neoliberalismo, que não era sinônimo do radicalismo mercadista com que é associado hoje. O triunfo de um dos neoliberalismos possíveis, delineado já no Tratado de Roma (1957), atualmente em vigor como Tratado Constitutivo da Comunidade Europeia, institui uma economia aberta de mercado sob controle da burocracia, prevendo uma espécie de "planejamento" do liberalismo por meio da disposição, pelos Estados, de um quadro jurídico que garanta o funcionamento da economia, mas sem capacidade de intervenção.

Importante para a nossa discussão é o fato de que em meados dos anos 70, em paralelo aos "Novos Filósofos", um grupo de economistas e jornalistas intitulado criativamente "Novos Economistas" traz ao grande público francês a discussão sobre as obras de antigos presidentes da Sociedade do Mont-Pèlerin (Gary Becker, James Buchanan, Milton Friedman).

## Marxismo

A questão também pode ser analisada do ponto de vista da evolução do marxismo. Perry Anderson<sup>57</sup> descreve uma situação marginalizada do pensamento marxista desde suas origens na França, onde os movimentos de trabalhadores tradicionalmente nutriram uma grande desconfiança com relação a instituições e à intelectualidade nacional, de tendência majoritariamente positivista e hostil à filosofia e dialética alemãs. Ainda que o período da resistência tenha trazido uma grande leva de intelectuais ao PCF, como Althusser, Furet e Foucault, a Liberação não trouxe a esperada emancipação radical e a França se viu submergida em guerras coloniais e nas *débâcles* parlamentares da Quarta República. Por outro lado, a repressão em Budapeste e o relatório Kruschew, ambos em 1956, arrefeceram maiores entusiasmos soviéticos.

Louis Althusser veio a se tornar o grande nome do marxismo francês em meados do século passado, em um esforço para desenvolver as credenciais científicas da matéria à margem dos eventos históricos e da política conjuntural. Segundo Daniel Bensaïd, o *corte epistemológico* permitiu que “a história histórica fosse deixada para os ideólogos e que os cadáveres do Gulag congelassem em paz”<sup>58</sup> enquanto a prática política permanecia na esfera de competência do Partido.

Bensaïd cita uma das raras intervenções diretas de Althusser em uma crise da União dos Estudantes Comunistas (UEC): “Qualquer discussão entre comunistas é sempre uma discussão científica: é nesse fundamento científico que repousa a concepção marxista-leninista de crítica e autocrítica. O direito de criticar e o dever de fazer autocrítica têm um e o mesmo princípio: o reconhecimento real da ciência marxista-leninista e suas consequências.” Embora Maio de 68 tenha forçado Althusser a reconhecer a existência de um “desvio stalinista”, ele teria ocorrido essencialmente devido ao subdesenvolvimento da filosofia marxista. Assim, Bensaïd julga que existe um grande equívoco quanto à era dourada do marxismo francês, que se (sub)desenvolveu em meio ao protecionismo universitário nacional e ao provincianismo editorial, publicando escassos títulos dos marxistas de outros países. Boa parte das obras de Marx, inclusive, não estava disponível em francês ainda em meados dos anos 60. De modo geral, avalia Bensaïd, as doenças francesas do marxismo seriam a ambiguidade entre tradição filosófica e pesquisa histórica/antropológica e a resistência à economia.

---

<sup>57</sup> ANDERSON Perry op cit.

<sup>58</sup> BENSAÏD Daniel The crisis of French Marxism, International Marxist Review, n. 14. 1992. <http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article2215>

1968 explicitou a falência dessa tradição marxista francesa e o acordo do PCF pelo Programa Comum com os socialistas em 1972, representando o retorno da política, desarmou e desmobilizou muitos dos que se engajavam no comunismo. A primeira crítica real de Althusser ao PCF ocorreu somente em 1978 (*Ce qui ne peut plus durer dans le Parti Communiste*), mas seu universo intelectual já se havia esfacelado e, em pouco tempo, Althusser já não escreveu mais.

## Política e governo

Existe uma interpretação recorrente que reputa o declínio da votação do Partido Comunista Francês a uma derrocada generalizada da esquerda após as eleições presidenciais de 1981, seguida por um desastroso governo Mitterrand. Após uma aplicação inicial do Programa Comum, sua virada liberal impôs medidas como o congelamento dos salários em 1982, a política de austeridade em 1983, a desregulamentação bancária em 1986, a liberalização do fluxo de capitais em 1988, etc.

Concorre contra esta leitura a própria reeleição de François Mitterrand em 1988. Mas de modo ainda mais significativo, notamos que já na eleição de 1981 o PCF apresenta uma queda abrupta, perdendo um quarto dos seus eleitores com relação a 1969 e descendo ao mais baixo patamar de votos em legislativas desde 1936.

Tableau 1. Tableau général des suffrages communistes (métropole)

Elections		Suffrages communistes*	% inscrits	% exprimés
1924	Chambre des Députés .....	875 812	7,9	9,5
1928	Chambre des Députés (1 <sup>er</sup> tour).....	1 063 943	9,3	11,4
1932	Chambre des Députés (1 <sup>er</sup> tour).....	794 883	6,9	8,4
1936	Chambre des Députés (1 <sup>er</sup> tour).....	1 487 336	12,6	15,4
1945	Assemblée constituante .....	5 005 336	20,3	26,1
Juin 1946	Assemblée constituante.....	5 119 111	20,7	25,7
Novembre 1946	Assemblée nationale .....	5 489 288	21,9	28,6
1951	Assemblée nationale .....	5 056 605	20,6	26,9**
1956	Assemblée nationale .....	5 514 403	20,6	25,9**
1958	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	3 907 763	14,3	19,2
1962	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	4 003 553	14,5	21,8
1967	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	5 029 808	17,8	22,5
1968	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	4 435 357	15,7	20,0
1969	Présidence de la République (1 <sup>er</sup> tour) .....	4 779 539	16,6	21,5
1973	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	5 085 008	17,0	21,4
1978	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour) .....	5 829 943	16,9	20,7
1979	Assemblée des Communautés européennes ...	4 102 576	11,9	20,6
Avril 1981	Présidence de la République (1 <sup>er</sup> tour) ..	4 413 575	12,4	15,5
Juin 1981	Assemblée nationale (1 <sup>er</sup> tour).....	4 002 767	11,3	16,1

\* Les suffrages communistes comprennent les voix obtenues par les candidats non communistes soutenus par le PCF.  
 \*\* Pour les élections législatives de 1951 et 1956, les pourcentages aux suffrages exprimés ont été calculés par rapport au total des moyennes de liste.

\**inscrits*: Porcentagem bruta do eleitorado / \**exprimés*: Porcentagem relativa sobre votos válidos

Naquele ano não havia uma crise aguda no quadro político, como em 1958 ou 1968, e a campanha ocorreu em tempo normal, sem maiores sobressaltos. Por outro lado, a crise econômica dos países industrializados nos anos 70, que colocou em questão certos mecanismos liberais, poderia também atrair mais votos aos comunistas.

Do lado negativo, os crescentes atritos com os Socialistas e a ruptura da Union de Gauche em 1977-78 modificaram o ambiente político. Se em 1979 o PCF manteve sua porcentagem sobre os votos válidos, isso se deveu a uma alta taxa de abstenção em geral para as eleições para a Assembleia Europeia, já que houve expressiva queda de votos brutos. No entanto, as evasões de votos dirigidas ao PS, que continuava a encarnar as aspirações unitárias do "peuple de gauche", já se faziam sentir – os Socialistas ultrapassaram os Comunistas em 1978 pela primeira vez desde 1945, obtendo 22% dos votos e se firmando como principal polo da esquerda na França.

Em números brutos, entre março de 1978 e abril de 1981, o PCF perdeu cerca de 1.400.000 votos, em um recuo geral sobre o mapa francês, incluindo as zonas consideradas como "bastiões" comunistas. Nas regiões mais urbanizadas (cidades com mais de 30 mil habitantes), a involução entre 1979 e 1981 foi de 22% para 16,3%, enquanto no restante do país foi de 19,9% para 15,1%.

À época, os Comunistas ensaiaram sucessivas interpretações para a derrota: "voto útil", prática equivocada da Union de Gauche desde 1965, responsabilidade de alguns dirigentes, etc<sup>59</sup>.

A partir de 1981, o PCF obteve as seguintes porcentagens de votos válidos nas eleições presidenciais que disputou sem alianças<sup>60</sup>: 1988 – 6,76%, 1995 – 8,64%, 2002 – 3,37%, 2007 – 1,93%.

Analisando a dramática queda eleitoral do PCF a partir dos anos 80, o sociólogo Julian Mischi<sup>61</sup> expõe as profundas transformações sociais e culturais das classes populares a partir da década de 70, assim como da geopolítica, com a queda da URSS. No entanto, uma análise que se resumisse a isso significaria que o

---

<sup>59</sup> Para uma análise detalhada do resultado das eleições de 1981, vide:

PLATONE François, RANGER Jean "L'échec Du Parti Communiste français aux élections Du printemps 1981", Revue Française de science politique, 1981, Vol. 31.

[http://www.persee.fr/doc/rfsp\\_0035-2950\\_1981\\_num\\_31\\_5\\_393989](http://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1981_num_31_5_393989) (Visitado em 11/6/2017)

<sup>60</sup> Para uma análise detalhada do voto no PCF, incluindo sua força relativa entre as forças de esquerda, vide France Politique: <http://www.france-politique.fr/elections-pcf.htm> (Visitado em 11/6/2017)

<sup>61</sup> MISCHI Julian Comment un appareil s'éloigne de la base, Le Monde Diplomatique, janeiro de 2015. Disponível em <https://www.monde-diplomatique.fr/2015/01/MISCHI/51938> (Visitado em 5/6/2017).

partido seguiu uma evolução mecânica, programada, da qual não se podem tirar lições. Assim, a organização do PCF e a mudança do seu discurso são fundamentais para a compreensão do processo.

Mischi enfatiza que a partir da década de 80 e sobretudo na de 90, o PCF passa a se considerar representante não mais das classes populares, mas da França em sua "diversidade", em um ajuste discursivo e de linha política que apaga a luta de classes sob temáticas da sociologia moderna como "participação cidadã" ou recriação dos "vínculos sociais". Os comunistas eleitos se demarcam em uma dimensão despolitizante, se dizendo defensores de uma "democracia local" que preencheria o abismo entre a classe política e os "cidadãos".

Em 1995, o partido liberou seus membros eleitos "de qualquer tutela nebulosa do partido, pois eles detêm seus mandatos não somente pelos comunistas, mas pelo sufrágio universal", privilegiando as experiências de gestão sobre os recursos militantes. O papel dos militantes é reduzido em vista de uma ênfase na atividade eleitoral.

Citando o documento adotado no XXIX Congresso, de 1996, Mischi evidencia que o projeto marxista abre espaço a uma retórica humanista amplamente difundida no mundo associativo e político: "Associação, partilha, encontro, cooperação, intervenção, concertação: essas exigências tomaram uma vitalidade inédita, associadas ao desenvolvimento da revolução tecnológica e da informação, a complexificação da sociedade, a evolução do trabalho, a necessidade da cidadania, de novas relações humanas que respeitem a autonomia dos indivíduos." Nesse congresso, o partido proclama sua "opção pelo humanismo e a democracia". Em 2008, o documento inicial do XXXIV Congresso menciona a palavra "operário" uma única vez, em meio a uma série de outros grupos sociais de mesmo estatuto. Segundo Mischi, a ideia de "classe operária" estaria associada ao stalinismo.

Em uma entrevista<sup>62</sup> realizada em 2012 sobre a herança de Georges Marchais, secretário geral do PCF entre 1972 e 1994, o historiador especializado na esquerda francesa Philippe Buton afirma que: "Tudo que o partido queria é fazer tabula rasa do seu passado. Seja do passado Georges Marchais, seja o passado soviético, é preciso apagar tudo. A questão do PCF não é mais desenvolver uma reflexão científica séria e aprofundada. Sua relação com a história se tornou uma

---

<sup>62</sup> Au PCF, "l'impossible héritage" de Georges Marchais, entrevista com Philippe Buton, Le Monde, 20/11/2012. Disponível em <http://gauche.blog.lemonde.fr/2012/11/20/au-pcf-limpossible-heritage-de-georges-marchais/> (Visitado em 10/6/2017)

relação de amnésia: é preciso conseguir acreditar que o partido comunista francês já não tem a ver com o modelo bolchevique.”

**MUNICIPALES: ANTONY S'INSTALLE DANS L'OPPOSITION**  
*Après Drouot et Sorbonne, la gauche a rebâti dimanche Antony à la droite. La liste conduite par le maire sortant André Aubry (PC) a perdu plus d'un millier de voix. Prochaine station du chemin de croix du PC: Antony sous Deux dans trois semaines. Lire pages 9 à 11.*

MARDI 18 OCTOBRE 1963

**Libération**

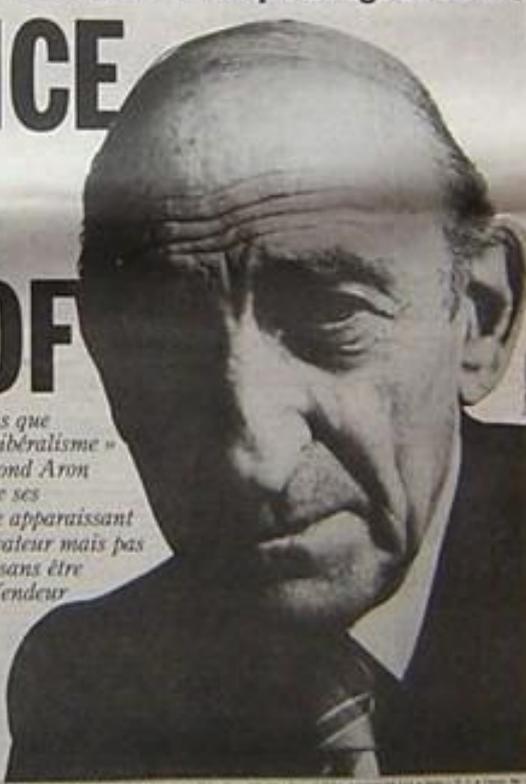
**Sécu: 8 questions aux syndicats**  
*A vingt-quatre heures du scrutin, « Libération » a demandé aux cinq organisations syndicales représentatives de défendre leur programme. Lire pages 14 et 15*

**Raymond Aron est mort hier d'une crise cardiaque à l'âge de 78 ans**

**LA FRANCE PERD SON PROF**

*Professeur, journaliste-éditorialiste plus que philosophe, défenseur constant d'un « libéralisme » qui retrouve une nouvelle vogue, Raymond Aron venait de connaître, avec la parution de ses « Mémoires », une consécration tardive apparaissant comme une revanche. Idéologue conservateur mais pas homme de parti. Résistant de Londres sans être gaulliste. Mandarin de mai 68 et pourfendeur incessant du totalitarisme. Anti-communiste quand ce n'était pas de mode, il n'avait, sa vie durant, suscité aucune des passions qui avaient marqué la vie de Sartre.*

*Lire pages 2 à 7.*



## Dois estudos de caso

---

### André Glucksmann, “o homem que livrou Paris de seus amores totalitários”

O filósofo francês André Glucksmann, nascido em família comunista em 1937 e morto em 2015, tem em seu histórico remoto uma filiação ao PCF, rapidamente renegada, e uma aguerrida e violenta militância maoísta na *Gauche prolétarienne* em Maio de 68. Em seguida, adentra a “corrente” dos ditos Novos Filósofos.

No entanto, já antes de 68 e suas manifestações mao-spontex<sup>63</sup>, Glucksmann foi aluno de Raymond Aron, que em meados da década de 50 especulava sobre o fim das ideologias e, em paráfrase, definia o marxismo como o ópio dos intelectuais: “inflexíveis quanto às falhas das democracias e indulgentes aos maiores crimes, desde que cometidos em nome das boas doutrinas”<sup>64</sup>.

É de 1975 sua publicação de “La cuisinière et le mangeur d’hommes, réflexions sur l’État, le marxisme et les camps de concentration”<sup>65</sup>, em que realiza

---

<sup>63</sup> “O termo Mao-spontex (ou “maoísmo libertário”, “anarco-maoísmo”) designa uma corrente política no encontro do [marxismo](#) e do [movimento libertário](#), na [Europa](#) ocidental nos anos 1960 e 1970. Este neologismo é um termo guarda-chuva derivado de “[maoísta](#)” e “espontaneísta.” Quanto à forma “spontex”, ela é uma alusão pejorativa à esponja de cozinha da marca francesa Spontex.” Wikipedia, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mao-spontex> (visitado em 24/5/2017)

<sup>64</sup> ARON Raymond, *L’Opium des intellectuels* (1955), édition Agora, Paris, 1986.

Ninguém precisa se surpreender que após apenas duas edições brasileiras, a última datando de 1980, 2016 viu vir à luz a terceira edição nacional – pela Editora Três Estrelas –, que pode ser adquirida nas melhores casas do ramo por cerca de R\$54. Mereceu resenha elogiosíssima do secretário de redação da Folha de S.Paulo, Vinícius Mota: “Os mitos basilares dessa coleção de crenças [marxismo] Aron vai expondo e destruindo um a um. A esquerda quer-se portadora da libertação e representante única dos despossuídos, mas basta chegar ao governo para evidenciar sua natureza parcial, de grupo privilegiado em luta pelo poder contra outras facções privilegiadas”.

MOTA Vinicius, ‘O Ópio dos Intelectuais’ é reeditado no Brasil com nova tradução, Folha de S. Paulo, 30/7/2016. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1796827-o-opio-dos-intelectuais-e-reeditado-no-brasil-com-nova-traducao.shtml?cmpid=compfb> (visitado em 24/5/2017)

<sup>65</sup> Uma resenha de 1976 descreve o livro como uma “obra salubre”: “Trata-se de captar as homologias estruturais das sociedades estatais do Leste e do Oeste, de apreender o Estado além de seus componentes marxistas ou liberais, de compreender a prática além do discurso, de descobrir o canibal (que escondemos) por trás da cozinha (de quem falamos)”.

Perrineau Pascal. Glucksmann (Andre) - *La cuisinière et le mangeur d’hommes, Essai sur l’Etat, le marxisme, les camps de concentration..* In: *Revue française de science politique*, 26<sup>e</sup> année, n<sup>o</sup>2, 1976. pp. 324-327. [www.persee.fr/doc/rfsp\\_0035-2950\\_1976\\_num\\_26\\_2\\_418236\\_t1\\_0324\\_0000\\_002](http://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1976_num_26_2_418236_t1_0324_0000_002) (visitado em 22/5/2017)

paralelos e conecta desde o título o marxismo e o nazismo. Sucesso de público, nem tanto de crítica, a obra defendia que o livro de Soljenítsin revelava a importância da resistência popular contra o Estado e o Marxismo, “*uma linguagem usada pela elite para controlar o povo ao justificar sua opressão*”<sup>66</sup>. Note-se que aqui o autor ainda criticava uma “essência estatal” mesmo nas democracias ocidentais, mas é o exemplo da Gulag que conforma a versão moderna do “grande confinamento”, estudado por Foucault. Impulsionando a crítica do marxismo e da política revolucionária enquanto totalitários, o livro serviu de modelo para as posteriores publicações da “Nova Filosofia”.

“Les maîtres penseurs”, livro publicado em 1977, aprofunda a denúncia do marxismo, argumentando que a filosofia ocidental seria essencialmente uma filosofia do Estado para justificar seu poder, e por isso esmaga a própria ideia de resistência da plebe ao descrevê-la como inconcebível. A revolução, em meio a esse projeto total de dominação estatal, só reforçaria o Estado, e a única política defensável é a ação da resistência da plebe, irrefletida e auto-interessada.

Glucksmann volta à cena em 1979, reunindo intelectuais conflitantes como Aron e Sartre em defesa dos refugiados vietnamitas do pós guerra<sup>67</sup>, iniciando um ativismo por Direitos Humanos. No entanto, sua orientação humanitária era exclusivamente anticomunista, nesse caso específico, com Bernard Kouchner<sup>68</sup>, médico e ex-PCF, expulso em 1966, futuramente ministro de Nicolas Sarkozy. No início dos anos 80, Glucksmann apoiou o envio de armas aos mujahedins afegãos contra a URSS e fez campanha a favor de “Euro-mísseis” contra a “crescente ameaça soviética”. (Posteriormente, para além da retórica dos Direitos Humanos e

---

<sup>66</sup> CHRISTOFFERSON Michael, “May 1968’s Black Sheep”, Jacobin Magazine, 26/12/2015 <https://www.jacobinmag.com/2015/12/andre-glucksmann-foucault-nouveaux-philosophes-christofferson-french-new-left-may-1968> (visitado em 22/5/2017)

<sup>67</sup> GILSON SCHWARTZ: ‘Boat people’ sobrevivem à Guerra Fria - Folha de S.Paulo, 30/6/1997. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/6/30/mundo/20.html> (visitado em 22/5/2017)

<sup>68</sup> Na ocasião, Kouchner lançou a organização Doctors of the World após seu desentendimento com a Médicos sem Fronteiras, da qual também havia sido fundador. Ele defendia o fretamento de um barco para testemunhar, com médicos e jornalistas, as violações de Direitos Humanos no Vietnã, mas recebeu críticas da MSF. Evidentemente, o barco “L’île de Lumière”, finalmente fretado, serviu apenas em missões para refugiados de países comunistas.

Shampo, Marc A., e Robert A. Kyle. “Bernard Kouchner—Founder of Doctors Without Borders.” *Mayo Clinic Proceedings* 86.1 (2011): e6. PMC. (visitado em 22/4/2017); Jean-François Péresse, « MSF, une vie de révoltes », *Les Échos*, 20/12/2001 [https://www.lesechos.fr/20/12/2001/LesEchos/18556-174-ECH\\_msf--une-vie-de-revoltes.htm](https://www.lesechos.fr/20/12/2001/LesEchos/18556-174-ECH_msf--une-vie-de-revoltes.htm) (visitado em 22/4/2017); Pierre Cochez, “Grâce à l’île de Lumière”, des milliers de Vietnamiens ont reconstruit leur vie”, *La Croix*, 8/8/2013 <http://www.la-croix.com/Actualite/Monde/Grace-a-l-Ile-de-Lumiere-des-milliers-de-Vietnamiens-ont-reconstruit-leur-vie-2013-08-08-996240> (visitado em 22/4/2017)

da resistência da plebe contra o Estado, Glucksmann apoiou a invasão do Iraque em 2003.)

Em 1986, Glucksmann publica com Thierry Wolton "Silence on tue", sobre a crise na Etiópia, um panfleto contra o regime do país e o socialismo africano em geral. O humanitarismo praticado por diversas organizações na ocasião foi descrito como continuação do "sentimento de solidariedade" esquerdista. Essa caridade seria cúmplice do regime que "tomou seus cidadãos por reféns", uma vez que, sob a justificativa da soberania nacional, devia ser realizada sem contestações políticas, em silêncio. Os autores lamentam que o marxismo, "morto em Paris", ainda podia ser encontrado em prisões do terceiro mundo.

Sobre essa obra, é interessante notar a ênfase dada ao tratamento televisivo do acontecimento<sup>69</sup>: *"Impossibilitado de esconder a tragédia, Mengistu escolheu o momento mais oportuno para explorá-la. Confortável em sua poltrona de secretário geral, o país nos trilhos do socialismo, ele podia deixar entrar milhares de ocidentais sem medo nenhum. O drama até lhe serviu de trampolim para acurar o culto de sua personalidade na mais pura tradição marxista-leninista."*

A obra explica que uma catástrofe que não aparece na televisão, não existe mundialmente, citando como exemplos um terremoto na China em 1976 e uma grande fome em Camboja, em 1979, que teria marcado a ruptura entre duas idades de consciência na comunicação de massa. Segundo os autores, "a maior operação de ajuda humanitária realizada na história humana" ocorreu à sombra de um regime culpado, que organizou a disposição de informações difundidas ao mesmo tempo para um bilhão e meio de terráqueos atônitos. Glucksmann se já se preocupava em definir o princípio de uma moral de calamidade fundada pela nova solidariedade eletrônica. As democracias, afirma, estariam em defasagem nessa guerra de imagens, sofrendo as cenas terroristas sem questionar a estratégia que lhes idealizam.

---

<sup>69</sup> Lembremos do discutido e extremamente discutível papel da mídia no posterior conflito de Kosovo (1999), quando a OTAN atacou a antiga Iugoslávia sem autorização da ONU, e nas duas guerras do Golfo (1991, 2003).

HUTCHINSON William "Media, government and manipulation: the case of the two Gulf Wars", Proceedings of the 9th Australian Information Warfare and Security Conference, Edith Cowan University, Perth Western Australia, 1/12/2008. <http://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1027&context=isw> (visitado em 10/5/2017)

KE Jing, "Did the US media reflect the reality of the Kosovo war in an Objective Manner?", Intercultural Communication Studies Review, I 2008. <http://web.uri.edu/iaics/files/16-Jing-Ke.pdf> (visitado em 10/5/2017)

Quando Nicolas Sarkozy falou em liquidar a herança de Maio 68 na campanha de 2007<sup>70</sup>, André Glucksmann “respondeu” com um livro em que resume o acontecimento a seu elemento libertário e identifica o então presidente francês a um de seus herdeiros rebeldes<sup>71</sup>. “Foi uma revolução antitotalitária”.

Quando da sua morte, em 2015, Glucksmann foi celebrado por sua capacidade de “indignação”.

Uma análise dos posicionamentos políticos de Glucksmann mostra que na realidade ele nunca mudou de lado. Seu percurso intelectual é eloquente, tanto mais quando descobrimos sua participação em diferentes think-tanks “neoconservadores”, ou, “de direita”. O termo “*spin doctor*” tem aqui um representante-tipo, na inversão de conceitos e na denúncia contra o adversário, ou inimigo, daquilo que o seu próprio campo está realizando.

Em 2004, ele assina, com membros do PNAC<sup>72</sup> (Projeto para um Novo Século Americano), uma carta<sup>73</sup> aos chefes de Estado ocidentais e à OTAN clamando por uma nova postura com relação à Rússia e Vladimir Putin:

“... estamos profundamente preocupados que esses trágicos eventos [crise de reféns da escola de Beslan<sup>74</sup>] estejam sendo usados para minar ainda mais a

---

<sup>70</sup> “Nicolas Sarkozy veut “liquider” l’heritage de mai 68”, L’Obs, 30/4/2007 <http://tempsreel.nouvelobs.com/politique/elections-2007/20070430.OBS4781/nicolas-sarkozy-veut-liquider-l-heritage-de-mai-68.html> (visitado em 22/5/2017)

<sup>71</sup> Glucksmann père et fils: Sarkozy, enfant de Mai 68?, Le Point, 7/2/2008. <http://www.lepoint.fr/actualites-chroniques/2008-02-07/glucksmann-pere-et-fils-sarkozy-enfant-de-mai-68/989/0/222761> (visitado em 23/5/2017)

<sup>72</sup> O nome PNAC remete ao século XX, o século americano, e as propostas para que o século XXI seja igualmente um século americano, ou estadunidense. O think tank funcionou de 1997 a 2006, tendo sido fundado por William Kristol e Robert Kagan, com o declarado objetivo de promover a liderança mundial dos EUA – “boa para a América, boa para o mundo”. “Observadores como Irwin Stelzer e Dave Grondin sugerem que o PNAC desempenhou um papel chave na definição da política externa da administração Bush, angariando apoio para a guerra do Iraque”. Após o encerramento de suas atividades, foi substituído pelo novo think-tank Foreign Policy Initiative, pelos mesmos fundadores.

[https://en.wikipedia.org/wiki/Project\\_for\\_the\\_New\\_American\\_Century](https://en.wikipedia.org/wiki/Project_for_the_New_American_Century)

<http://www.foreignpolicyi.org/>

<sup>73</sup> <http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http%3A%2F%2Fwww.newamericancentury.org%2Frussia-20040928.htm> (visitado em 24/5/2017)

<sup>74</sup> Massacre em escola de Beslan mata mais de 300, Portal Terra, retrospectiva 2004. <http://noticias.terra.com.br/retrospectiva2004/interna/0,,OI435301-EI4427,00.html> (visitado em 24/5/2017)

Cabe mencionar que em abril deste ano, 2017, o Tribunal Europeu de Direitos Humanos terminou por condenar por unanimidade a ação da Rússia na ocasião, porque “apesar de possuir informação suficiente e específica sobre um ataque terrorista na região contra uma instituição de ensino na abertura do ano letivo, o Estado russo não fez o suficiente para evitar que os terroristas se reunissem e planejassem o atentado”. O tribunal condenou a Rússia a pagar 3 milhões de euros aos requerentes-familiares das vítimas e sobreviventes. O governo russo qualificou a decisão de inadmissível: “Para um

democracia na Rússia. (...) No dia seguinte ao horrível crime em Beslan, o Presidente Putin anunciou planos para centralizar ainda mais o poder e impor medidas que representam um passo a mais em direção a um regime autoritário<sup>75</sup>. (...) Os líderes do Ocidente precisam reconhecer que nossa estratégia atual com relação à Rússia falhou. Nossas políticas não conseguiram contribuir com a Rússia democrática que desejávamos e que esse grande país merece após todo o sofrimento que suportou. (...) Neste período crucial da história, quando o Ocidente está fazendo avançar mudanças democráticas por todo o mundo, inclusive no Oriente Médio, se faz imperativo que não nos esquivemos de lidar com o comportamento de Moscou e nem criemos um duplo padrão para a democracia nos países da Europa Oriental.”

Entre outras participações, contribuiu com a Fondapol<sup>76</sup> (Fundação pela Inovação Política – “um think tank liberal, progressista e europeu”).



---

país que foi atacado, essas formulações são absolutamente inadmissíveis”, disse o porta-voz do Kremlin Dimitri Peskov.

AYUSO Silvia, Estrasburgo condena Rússia por “erros graves” na matança de Beslan, El País, 13/4/2017. [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/13/internacional/1492071692\\_601052.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/13/internacional/1492071692_601052.html) (visitado em 24/5/2017)

<sup>75</sup> Lembremos do Patriot Act, assinado pelo presidente dos EUA, George W. Bush, pouco mais de um mês após o atentado às torres gêmeas de Nova Iorque, em 2001.

107th Congress Public Law 56, "Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001", U.S. Government Printing Office, 26/10/2001. <https://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-107publ56/html/PLAW-107publ56.htm> (visitado em 24/5/2017)

<sup>76</sup> GLUCKSMANN André, Liberté, Égalité, Fraternité, Fondapol, Paris, 5/2011.

<http://www.fondapol.org/wp-content/uploads/2011/05/Andre-GLUCKSMAN-Note.pdf> (visitado em 24/5/2017)

## **Fondation Saint-Simon, arquitetos do social-liberalismo**

Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon foi um pensador francês que à primeira metade do século XIX disseminou, especialmente por meio de jornais, ideias sobre o profundo impacto que a industrialização e o avanço científico trariam à sociedade. Segundo Saint-Simon, essa sociedade reorganizada superaria as mudanças trazidas pela Revolução Francesa e teria a ciência e a indústria como substitutos dos poderes temporais e morais da teocracia medieval.

Em 23 de junho de 1999, Le Monde trazia em sua página 1 um artigo de Pierre Rosanvallon que anuncia a dissolução e as razões do término da Fondation Saint-Simon, em atividade desde 1982. O conselho de administração da Fundação era então composto por Jean-Claude Casanova, Roger Fauroux, président, Alain Minc, Jean Peyrelevade, além de Rosanvallon, e a decisão foi unânime: sua tarefa havia sido cumprida.

Rosanvallon distingue dois ciclos, anos 80 e anos 90, em que a Fundação teria atingido plenamente sua "função social":

"Nos anos 80, a Fundação primeiro permitiu criar alguma transversalidade em uma sociedade que permanecia fortemente segmentada, o mundo intelectual e os meios econômicos, ou 'profissionais'<sup>77</sup> (...) Aproximou-se todo um conjunto de pessoas que compartilhavam o mesmo ethos modernizador ou reformador, mas que se mantinham à distância por hábito ou conveniências. (...) Em um período em que a esquerda francesa ainda estava majoritariamente enredada nos arcaísmos intelectuais e políticos do programa comum – lembremo-nos apenas do culto às milagrosas nacionalizações –, a simples existência dos nossos encontros abertos já fazia sentido. Mesmo que de maneira modesta, essa iniciativa contribuiu inegavelmente a ultrapassar alguns fardos do passado e a acabar com a demonização anterior a qualquer cultura de governo para abrir intelectualmente um novo espaço ao pensamento reformador. (...)

[Nos anos 90] a função de permitir o encontro e as trocas continuava, mas o foco foi na produção propriamente intelectual. A Fundação Saint-Simon se "universitarizou", de certa maneira, constituindo o primeiro Think Tank à francesa, funcionando ao mesmo tempo como editora e organizadora de grupos de reflexão que produziam. Quarenta livros foram lançados naquele contexto (essencialmente na coleção "Liberté de l'esprit"), com títulos dedicados ao sindicalismo, à política

---

<sup>77</sup> No artigo, Rosanvallon menciona nominalmente François Furet, Albert Hirschman, Edgar Morin e François Jacob do lado intelectual e, do outro, Michel Albert, François Bloch-Lainé, Roger Fauroux, Edmond Maire, Simon Nora e Antoine Riboud.

industrial, à Europa, mas também obras de filosofia política, entre as quais algumas que se tornaram clássicos<sup>78</sup>. (...) Mas esses estudos notáveis constituíram apenas a face visível de uma tarefa intelectual muito mais ampla (...) fomos os primeiros a esclarecer os termos do que viria a constituir, em torno à corrente 'soberanista', um novo eixo de clivagem política e intelectual na França (...) além de análises iluminadoras sobre as transformações contemporâneas do capitalismo<sup>79</sup>. Face aos que nos acusavam por preguiça de pensamento único, tentamos concretamente pensar de maneira livre e aberta, permanecendo absolutamente independentes de qualquer poder. (...)

Se todas essas razões intelectuais e práticas nos convidam a ter a coragem de saber terminar uma história, outros motivos, mais pessoais, também contaram (...) não posso esconder que o falecimento de François Furet em 1997 colocou um gosto amargo a uma dessas tarefas que só têm sentido pelo prazer da amizade e da iniciativa compartilhada."

Cinco anos após o término oficial da Fondation, o jornalista do Réseau Voltaire, Denis Boneau, escreve um longo artigo sobre o lastro da "atlantista" instituição que, entre outras coisas, teria sido participante de uma rede internacional de Think Tanks patrocinada pela CIA (Club de La Haye). O Réseau Voltaire não pretende estar inserido em nenhuma forma de objetividade jornalística, de forma que tomemos com pinças as afirmações mais polêmicas, mas o artigo – assim como outros que se seguirão – serve como pedra de rosetta para o conteúdo da carta testamento de Rosanvallon:

"No rastro da 'terceira via' (...) reuniu personalidades vindas dos círculos liberais e social-democratas e desenvolveu um discurso 'nem de esquerda, nem de direita', qualificado por seus detratores como 'pensamento único'"

"Seu fundador e primeiro presidente, François Furet, não escondia seus contatos com a CIA após seu rompimento com o Partido Comunista. (...) se apresentava como continuador da obra de Raymond Aron, intelectual anticomunista que organizou o Congrès pour La liberté de La culture (dissolvido em 1975), uma vasta operação da CIA para manipular intelectuais da Europa Ocidental a se engajarem na Guerra Fria"

---

<sup>78</sup> Nominalmente, *Écrire à l'épreuve du politique* de Claude Lefort, *Principes du gouvernement représentatif* de Bernard Manin, *Histoire intellectuelle du libéralisme* de Pierre Manent, além de ensaios como de Emmanuel Todd sobre o mal estar da política francesa, de Jean Peyrelevade sobre administração de empresas, de Daniel Cohen, Denis Olivennes e Thomas Piketty sobre o emprego, de Patrick Weil sobre a política de imigração e de Irène Théry sobre o contrato de união social.

<sup>79</sup> De Michel Aglietta, Robert Boyer, Robert Castel e Jean-Paul Fitoussi.

“Ao final dos anos 70, a escola de Aron (*representada nas revistas Contrepoint, Preuves e Commentaire – esta, dedicada especificamente à análise do fenômeno totalitário*) passa a sofrer “concorrência” com a criação de um novo pólo de reflexão dito “reformista”, composto por jovens intelectuais em busca de reconhecimento acadêmico. Em 1980, Pierre Nora, chefe da editora Gallimard, e Marcel Gauchet, adversário de Michel Foucault, lançam a revista *Le Débat*, que constituirá uma tribuna e um trampolim para a jovem geração encarnada por Alain Finkielkraut, Alain Minc, Gilles Lipovetsky, Luc Ferry... Esta equipe, que defende uma “nova esquerda”, liberal e social, entrará na Fundação Saint-Simon em 1982.”

“O surgimento da rede Saint-simoniana é resultado do encontro entre dois importantes intelectuais da corrente anti-totalitária, o historiador François Furet e o porta-voz da CFTD (Confederação Francesa Democrática do Trabalho) Pierre Rosanvallon, e duas personalidades do mundo econômico, o ultra-católico presidente da Saint-Gobain Roger Fauroux e o influente conselheiro do patronato francês Alain Minc.”

“Os Saint-simonianos são altos funcionários do planejamento, jornalistas midiáticos, estrelas da televisão, filósofos, chefes de empresas, banqueiros, editores e políticos.”

Boneau conta como a Fundação Ford, organizou em 1964 um simpósio em Berlim para criar fundações de estilo americano na Europa e, cinco anos mais tarde, o Club de La Haye foi fundado como grupo de contato para tais fundações. Desde então o Club organizou uma série de encontros anuais com temas de propaganda que deveriam ser publicizados por cada fundação em seus países. Segundo o jornalista, Rosanvallon era normalmente o representante da Fondation Saint-Simon em encontros que contavam também com membros da National Endowment for Democracy e de fundações ligadas a George Soros.

As grandes greves de 1995, contra as reformas da seguridade social propostas por Juppé e Notat, teriam sido uma prova de fogo para a Fondation, cujo plano midiático em defesa da aprovação teria fracassado e, posteriormente, levado à sua dissolução.

Jacques Kergoat, sociólogo francês e ex-presidente da Fondation Copernic, considerada de “extrema esquerda”<sup>80</sup>, assinava em 30 de junho de 1999 no jornal *L’Humanité* um artigo que comenta a carta de Rosanvallon publicada em *Le Monde* na semana anterior. A tarefa da Fondation Saint-Simon teria sido efetivamente

---

<sup>80</sup> Esquerda de transformação social, nas palavras de Jacques Kergoat, em oposição à esquerda liberal.

cumprida de maneira parcial, com a infiltração do liberalismo da esquerda francesa e a modernidade sendo apresentada como renúncia e adaptação ao mercado. Kergoat não entende porque Rosanvallon omite o 'real' papel da Fondation, muito mais amplo que um mero lugar de encontros abertos e livres: ela teria funcionado como fulcro de elaboração de um projeto político específico. Curiosamente, diz o sociólogo, Rosanvallon não mencionou como uma das grandes obras patrocinadas pela Fundação o livro que escreveu em colaboração com François Furet e Jacques Julliard ainda nos anos 80: "República do Centro", que explicita a natureza do projeto. No entanto, morto um dia antes da publicação desse comentário, Kergoat considerava que a Fondation não havia cumprido plenamente sua função na medida em que o impulso liberal não teria conseguido se encarnar em uma forma política que assegurasse sua supremacia e perenidade: um governo de "centro-esquerda" que publicize seu credo liberal.

Laurent Bonelli, membro do grupo de análise política (GAP) de Paris-X, retoma o pensamento de Pierre Rosanvallon sete anos após o encerramento das atividades da Fondation Saint-Simon<sup>81</sup>. Assim como na entrevista que abriu este trabalho, com Claude Lefort, Rosanvallon demandava na época uma postura mais ativa na decodificação e formulação social por parte dos intelectuais: "há um déficit de compreensão", ele dizia. Em 2002, o antigo presidente Saint-simoniano lançava a coleção "La république des idées", propondo lançar pequenos ensaios com o objetivo de *refundar a esquerda reformista*. Em sua leitura: "No começo dos anos 70, a esquerda [*a esquerda, para ele, resumida ao Partido Socialista*] dispunha de uma bagagem política e intelectual, o programa comum, que era na realidade um resumo da história do socialismo desde o começo do século XX. Então foi com um capital de ideias envelhecidas que ela iniciou sua subida em potência que lhe levará ao poder em 1981. Daí a ideia da 'deuxième gauche', que defendia a modernização a partir da aceitação da economia de mercado, mas também por uma abertura à sociedade civil e uma cultura dos direitos individuais herdada de Maio de 68. A chegada de Michel Rocard ao Matignon<sup>82</sup> marcou o ápice desse movimento, mas em seguida a esquerda governamental não conseguiu passar a uma nova etapa, e é com isso que "La république des idées" pretende contribuir".

Bonelli define a pretensão de Rosanvallon: apagar a expressão dos antagonismos sociais graças às virtudes de um diálogo entre pessoas de boa companhia com o objetivo de "redefinir, nessa tarefa, um projeto de soma positiva

---

<sup>81</sup> BONELLI Laurent Quand Pierre Rosanvallon fustige un "déficit de compréhension", Le Monde Diplomatique, maio de 2006. <http://www.monde-diplomatique.fr/2006/05/BONELLI/13430>

<sup>82</sup> Michel Rocard, figura reconhecida da 'deuxième gauche', foi nomeado primeiro ministro de François Mitterrand logo após sua reeleição, em 1988.

para todos”, que o analista considera uma visão assaz singular do trabalho de “análise e compreensão da realidade” que Pierre Rosanvallon tomou para si.

## Epílogo da Parte 1

---

Em 2012, após a vitória de uma campanha reverberantemente antiliberal, antifinancista e 'anti-europeia', como se dizia por lá em referência às medidas de austeridade que vinham sendo impostas pela União, François Hollande assumiu a presidência da França e passou a atuar exatamente como seu contrário discursivo. Assinou os tratados de austeridade e teto de gastos, trabalhou em afinado conjunto com Angela Merkel, tocou 'reformas' diversas que reduziram ou retiraram direitos conquistados da população. Basicamente, realizou com mão de ferro o programa do candidato derrotado no pleito.

Como propusemos na introdução, sigamos com as evocações paralelísticas. Esta ainda está bastante fresca na memória. François Hollande, ainda que "impedido" de concorrer à reeleição por sua altíssima impopularidade, conseguiu terminar seu mandato. Mas a que preço?

Em entrevista aos historiadores Pierre Nora e Marcel Gauchet publicada em setembro de 2016 na revista *Le Débat*, o então presidente François Hollande foi provocado a responder se seria reconhecido como o presidente do fim da ideia socialista<sup>83</sup>. Ele responde que o socialismo é realmente mais uma ideia que uma organização e que, apesar de ser socialista, é contra a socialização dos meios de produção e sempre foi. Prosseguiremos com trechos da entrevista, grifos meus:

*"Quando Léon Blum evoca o que lhe fez tornar-se socialista, diz que o determinante foi a ideia de justiça. Hoje, eu sou conduzido por essa ideia de justiça para assegurar o destino de uma nação, não qualquer uma, a França, no mundo. (...) **É possível construir o socialismo em um só país? A resposta já foi dada pela História e pelos fatos. A questão é saber se a esquerda, mais que o socialismo, tem um futuro no mundo ou se a globalização reduziu ou até aniquilou essa esperança, essa ambição, essa pretensão, de uma maneira tal que só haveria um modelo e que as fronteiras entre direita e esquerda***

---

<sup>83</sup> GAUCHET Marcel, NORA Pierre, HOLLANDE François, Une France fraternelle, Le Débat n°191 setembro-outubro 2016.

François Hollande vinha defendendo uma 'mudança de nome' do Partido Socialista (PS) para Partido Progressista (PP), possivelmente projetando a absorção do partido em um grande Partido Democrata, ao estilo estadunidense.

***seriam tão frágeis que o voto dos cidadãos só passe a obedecer uma lógica de adesão a personalidades.”***

Quando questionado sobre a falta de clareza quanto à dificuldade programática dos socialistas, recordando a mudança de rota de Mitterrand em 1983, a resposta foi particularmente escandalosa:

*“Eu não preciso me situar nesse debate porque já havia feito meu **aggiornamento pessoal. Fui particularmente claro na campanha das primárias, falei de mudança e não de ruptura. O discurso do Bourget<sup>84</sup> que denunciava a finança, a finança que estrangula os Estados com a crise dos subprimes, foi emblemático porque uma campanha se resume a uma fórmula e a algumas palavras. Eu não as renego.***

***A esquerda governamental se torna suspeita no momento em que ela cede às responsabilidades e seu destino é ser sempre acusada de traição. Não há um só exemplo de uma esquerda no poder que não tenha estado sob a pressão dos procuradores de alternativas.***

*Confrontada a essa suspeita perpétua, **a esquerda governamental não deve baixar a cabeça, deve se orgulhar do que faz. Ela deve se definir como uma força de gestão e de transformação, cujos méritos não podem ser louvados somente quando ela deixa o poder.** A esquerda é sempre linda na oposição, não só porque fica com as mãos limpas, mas também porque mitifica suas reformas do passado, esquecendo como foi duro o convencimento de que eram bem fundamentadas quando teve essa responsabilidade. Esse reencantamento a posteriori não é saudável.”*

Confrontado com a ideia de que o comunismo já não representaria o ‘superego’ da esquerda como já havia representado, diminuindo a possibilidade de

---

<sup>84</sup> Em 22 de janeiro de 2012, 25 mil pessoas escutavam o vencedor das primárias do PS em discurso que fez as vezes de lançamento da campanha presidencial. Entre as passagens mais retumbantes, podemos citar: “Nessa batalha que está começando, vou lhes dizer quem é meu adversário, meu verdadeiro adversário. Ele não tem nome, não tem rosto, não tem partido. Ele nunca vai sair candidato, e por isso não será eleito, ainda que agora ele governe. Esse adversário é o mundo das finanças”. Nesse discurso, Hollande apresentou um programa preciso, pela reorientação da política da UE, lei bancária, reforma tributária, etc, que não foi cumprido.

acusação de traição e possibilitando uma maior concordância entre discurso e atos, Hollande listou os novos superegos da atualidade:

*"Ele não se chama mais comunismo, mas **"alternativa", "outra esquerda", "insubmissa"**. Ele é influente **em alguns meios universitários ou militantes que consideram que nós nos perdemos** e que, de qualquer modo, a questão não é mais o poder. O objetivo é impedir. O projeto é muito diferente, sobretudo com relação à antiga posição do Partido Comunista. **Hoje a própria ideia de exercer o poder é contestada**. O objetivo é enterrar o Estado por todos os meios, de acordo com a teoria do grão de areia. Já não é contestar suas reformas, mas sim paralisar o Estado. E desafiá-lo, até no terreno da manutenção da ordem, daí a violência contra os policiais (...) **O que é novo é a renúncia. Porque o mundo está globalizado, porque as fronteiras entre esquerda e direita estão se apagando, então mudemos de estratégia e recorramos à obstrução. Encontramos essa tentação no meio sindical**. Melhor que passar pela negociação para buscar um meio-termo é bloquear, sem que haja necessidade de mobilizar grande efetivos para chegar a esse resultado."*

Após a tergiversação sobre a inadequação do discurso ao governo, Hollande foi questionado claramente sobre a conveniência de "mostrar suas cores e assumir o social-liberalismo que pratica", abandonando a própria palavra "socialismo", ao que respondeu que:

*"**O socialismo é uma ideia que tem a vida dura. A questão é saber o que a gente coloca atrás da palavra**. O socialismo não se resume a instrumentos, uma organização ou uma doutrina econômica. Por outro lado, **ele carrega o movimento de redução das desigualdades em escala planetária**. Ele se encarna em partidos que, para alcançar esse objetivo, aceitam o reformismo para garantir o progresso ao longo do tempo. **Se ser social-democrata é aceitar a negociação, sou social-democrata**. Garantir o lugar dos atores sociais, é disso que se trata a lei trabalhista tão denunciada por aqueles que temem a negociação coletiva em sua forma mais pertinente. Ao longo de todo o meu mandato, **procurei colocar em diálogo um patronato moderno e um sindicalismo reformista**. É difícil, há resistências. **E à direita como à esquerda ainda há aqueles que acham que tudo deve passar pelo Estado e pela lei**."*

Mas desde 2012 acordos importantes foram negociados e o sindicalismo reformista se fortaleceu.

**Social-liberalismo? É o liberalismo sem a brutalidade.** Não sou um liberal no sentido de que a lógica do mercado deve ditar tudo. Por outro lado, admito em certas circunstâncias uma política da oferta. **Em 2012 o estado do país justificava ajudar as empresas para melhorar sua competitividade.** Foi esse o sentido do pacto de responsabilidade. **Foi de direita, foi de esquerda? Foi necessário, e eu o fiz. A oferta deve necessariamente encontrar a demanda.** É o reestabelecimento das margens que permite proceder à redistribuição. **É preciso produzir antes de repartir.** E sem consumidores, não existe futuro para os empreendedores. O liberalismo é a ideia de que somente o mercado fornece bons sinais, que o Estado perdeu sua função, que a regulação é contraprodutiva. Oras, tudo que eu fiz, seja no plano ambiental, fiscal ou financeiro contradiz essa visão da economia. **Recusar o dirigismo não significa se aliar ao liberalismo! É preciso que o Estado cumpra seu papel e o exerça com autoridade para que o mercado possa ser mais eficaz.** E que a economia integre o progresso social, o longo prazo e os imperativos da luta contra o aquecimento climático. O social não é algo que se agrega à ecologia, eles já são uma coisa só.”

## PARTE 2

### Prólogo

---

François Furet, enorme maestro revisionista, foi entrevistado pela Folha de S. Paulo em 4 de janeiro de 1992. Ali, ele elenca a cambaleante URSS entre os impérios coloniais, "fadados a desaparecer". Outras ideias-força que vimos apresentando ao longo dos últimos capítulos também são expostas de modo muito bem acabado:

*"A invocação do mercado é mágica. **A tirania comunista conseguiu transformar a sociedade liberal de mercado numa utopia.** Essa inversão de valores transformou os comunistas em direitistas e os defensores do mercado em esquerdistas. Na Europa oriental, quanto mais comunista você é, mais conservador. Como consequência, há um vácuo entre a esquerda da Europa oriental e as esquerdas da Europa ocidental e da América Latina."*

*"Para o liberalismo, a essência do homem é a liberdade. Para Marx, a liberdade moderna não passa de uma mentira da sociedade de mercado. Marx faz a crítica da liberdade moderna, mas ao fazê-lo, divide com Adam Smith o mesmo solo. Nesse sentido, **o fracasso do comunismo é para nós somente um retorno às contradições básicas da sociedade liberal. É um retorno a Smith, é um retorno a Tocqueville, a Constant ou a Mill.** Não há uma ideia nova no que os anticomunistas chamam erradamente de "revoluções" na Europa do leste. Se você olha o que emerge na URSS, em Praga, em Varsóvia, não há nada novo: o mercado, a democracia pluralista, os direitos humanos, a ideia de "check and balances"... Não há uma ideia nova sequer! **As populações que abandonam a experiência comunista parecem obcecadas pela negação do regime vencido, por uma paixão da restauração: restauração do estado de direito, da liberdade, da propriedade privada, do mercado.**"*

*"O que o processo na Europa oriental nos mostra é que é impossível nos livrarmos do liberalismo. Se queremos ser ricos, temos que viver com o mercado. Se queremos uma sociedade que produza muitos bens e aumente o*

*bem estar da população, temos que aceitar o mercado. **O colapso do comunismo nos deixou sem alternativas. Estamos condenados a viver na sociedade liberal.** Podemos aprimorá-la, introduzindo mudanças aqui e ali, mas **não podemos mais sonhar com uma sociedade democrática pós-liberal.** Essa situação traz um problema filosófico interessante: **vamos viver em democracias privadas de um horizonte utópico e essa é uma situação sem precedentes nas democracias ocidentais.** É o que Fukuyama chama de fim da história. Mas o fato de que até agora ninguém tenha sido capaz de ver além, não significa que a história acabou."*

\*\*\*

Em 2 de agosto de 1995, a Folha de S. Paulo, na editoria 'brasil' (com minúscula), considerou "notícia" um presente recebido pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, o livro "Le Passé d'une Illusion", de François Furet – lançado na França no ano anterior e até então não traduzido ao português. Foi dado pelo então ministro da Ciência e Tecnologia José Israel Vargas, "em função do interesse de Ruth Cardoso pelo assunto".

## Dos Meios

---

*"A Folha cristalizou uma concepção de jornalismo definido como crítico, pluralista e apartidário. Tais valores adquiriram a característica doutrinária que está impregnada na personalidade do jornal e que ajudou a moldar o estilo da imprensa brasileira nas últimas décadas."*

Projeto Editorial da Folha, 1997<sup>85</sup>

O corpus desta parte da dissertação é composto por peças publicadas na Folha de S. Paulo. Esse jornal servirá como base da análise porque tradicionalmente foi considerado um jornal de maior amplitude ideológica, menos identificado ao conservadorismo e com alguma intenção de discussão intelectual. Sua derrapagem só não parece mais gritante que a da revista Veja, mas os casos de patologia editorial não são isolados.

A título de sucinta apresentação, digamos que a empresa nasceu em 19 de fevereiro de 1921 com o nome "Folha da Noite" e veio a tornar-se Grupo Folha, agregando a Folha de S. Paulo, o jornal Agora, o site Folha Online, o portal de conteúdos e serviços UOL, a maior gráfica comercial do Brasil (Plural), o instituto de pesquisas Datafolha, a editora de livros Publifolha, uma livraria virtual, a agência de notícias Folhapress, etc. A Folha de S. Paulo tornou-se o jornal mais vendido do país na década de 80, consolidando a posição durante a campanha de redemocratização de 1984, e em novembro de 2017 possuía uma circulação total (digital e impressa) de 292.331 edições<sup>86</sup>.

Retomando o trecho da abertura do capítulo, vemos de entrada que a Folha não esconde a que vem em seu projeto editorial. Seria difícil conceber um texto mais espantoso de definição do jornalismo praticado pela empresa. Em um exercício barroco, o texto pretende que seja possível "cristalizar", "moldar" e "doutrinar" elementos que são, por natureza e definição lexical, instáveis, cambiantes e/ou essencialmente neutros – a saber, a "crítica", o "pluralismo" e o

---

<sup>85</sup> <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projetos-editoriais-anteriores/1997-caos-da-informacao-exige-jornalismo-mais-seletivo-qualificado-e-didatico.shtml> - consultado em 18/04/2017

<sup>86</sup> Números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), segundo a própria Folha de S. Paulo. <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml?fill=5>

“apartidarismo”. Aqui também é digno de nota que a Folha tenha renunciado ao jornalismo “moderno”, que figurava justo ao lado dos outros itens no manual de 1984.

Na frase seguinte, aprendemos que a crítica, o apartidarismo e o pluralismo são, para o jornal, “valores” – ou seja, derivam da esfera moral e não epistemológica ou metodológica. Ou, ainda, são relativos. Esta segunda interpretação pareceria ganhar consistência com a frase que segue, a mais tremenda do trecho reproduzido, em que teríamos que nos afastar ainda mais do senso comum para encontrar algum sentido lógico no que está escrito.

Os tais valores adquiriram uma característica doutrinária. A tal “característica doutrinária” não vem a ser desenvolvida ao longo do manual, devendo, portanto, se sustentar sozinha.

Segundo o dicionário Michaelis online:

doutrinário

dou·tri·ná·ri·o

adj.

1 V [doutrinal](#).

2 Que se mostra excessivamente apegado a uma doutrina e à aplicação rigorosa de seus postulados.

3 Que é sentencioso e dogmático em seu modo de expressar-se; afetado, doutoral, empolado.

sm

1 Hist Partidário, na França, de uma política moderada ou de meio-termo entre a democracia pura e a tradição monárquica.

2 Conjunto de ideias, concepções, teses etc.

3 Político muito dado a teorias e pouco prático na aplicação de suas ideias.

O autor pretendia, possivelmente, que entendêssemos que os valores da crítica, do apartidarismo e do pluralismo passaram a ser aplicados rigorosamente. Mas que escolha de palavras! Aprendemos ali que a personalidade (!) do jornal

possui uma característica doutrinária. Uma doutrina é, antes de tudo, um “conjunto de princípios em que se fundamenta um sistema religioso, político ou filosófico; ideologia, sistema, teoria”<sup>87</sup>. Um postulado não é uma técnica, nem um método. Um postulado não é mais que um princípio admitido, não demonstrável e não evidente, um ponto de partida para um sistema teórico, religioso ou ideológico.

O campo semântico escolhido infalivelmente nos afasta da ideia de técnica ou método profissional. O jornal possui *uma “personalidade”*, não uma “marca” ou qualquer outra palavra menos explicitamente subjetiva e unívoca – características que afastam as ideias de apartidarismo, pluralidade e crítica. Esta “personalidade” é “impregnada”. Ou seja, é infiltrada pouco a pouco, é decisivamente influenciada por algo que lhe foi inculcado. Pela tal da característica doutrinária.

O que quer que signifiquem de fato as palavras – crítica, pluralidade e apartidarismo – que o formulador do manual escolheu para escandir o que seriam os valores do jornal –, nós sabemos que esses valores são “cristalizados” e “adquiriram uma característica doutrinária”. Sabemos também que uma característica doutrinária “impregna a personalidade da Folha de S. Paulo” e “ajudou a moldar o estilo da imprensa brasileira nas últimas décadas”.

Depois de toda essa ode à ideologia, contrariada apenas pelos autodeclarados princípios de “crítica, apartidarismo e pluralidade” perdidos no texto, em seguida leremos admirados que:

*“Se o jornalismo atravessa um período de qualificação, que ultrapassa a ênfase normativa do período anterior, a decorrência é que aqueles valores devem ser tomados, também eles, de modo mais qualificado. Isso não significa que o jornalismo deva aplacar a sua disposição crítica, mas refiná-la e torná-la mais aguda num ambiente que não é mais dicotômico, no qual o debate técnico substituiu, em boa medida, o debate ideológico”*

Projeto Editorial da Folha, 1997<sup>88</sup>

Em 1997 Fernando Henrique Cardoso ainda era presidente. A continuação do ambiente de fim da história é afirmado como evidência nesta mesma revisão do Projeto Editorial.

---

<sup>87</sup> Dicionário Michaelis Online

<sup>88</sup> <http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projetos-editoriais-anteriores/1997-caos-da-informacao-exige-jornalismo-mais-seletivo-qualificado-e-didatico.shtml> - consultado em 18/04/2017

A “característica doutrinária” neste trecho é parafraseada como “ênfase normativa”, confirmando o significado exprimido no excerto anterior. Só que os valores, no plural, que no passado adquiriram a ênfase normativa, – ou seja, a crítica, a pluralidade e o apartidarismo – devem ser refinados. A crítica deverá ser refinada porque o certo e o errado já não respondem a parâmetros ideológicos, mas a critérios técnicos.

*O pluralismo, apequenado muitas vezes na auscultação meramente formal do "outro lado" da notícia, deveria renovar-se na busca de uma compreensão mais autêntica das várias facetas implicadas no episódio jornalístico. Mesmo a atitude apartidária, que veda alinhamentos automáticos e obriga a um tratamento distanciado em relação às correntes de interesse que atuam sobre os fatos, não pode servir de álibi para uma neutralidade acomodada, quando não satisfeita em hostilizar por hostilizar.*

O “apartidarismo” dará lugar a uma atitude ativa e responsável.

A Folha publica que só fará críticas “refinadas” ao governo e que “qualificou” seu “apartidarismo e pluralidade”. Ela também anuncia que o pensamento único – a técnica, o liberalismo, as tendências internacionais – não é ideológico e que a esquerda morreu. Não há maiores mudanças com relação à versão anterior, da qual também consta um trecho que nos ajudará a melhor apreciar a evolução do veículo em sua autodeclarada tarefa:

***"A evolução do jornalismo brasileiro na década de 80 culminou no impeachment do presidente da República em 1992, no qual a imprensa teve papel determinante. Os telejornais ganharam desenvoltura informativa, firmou-se nos meios impressos o prestígio de um profissionalismo independente, submetido apenas às forças de mercado. (...) Os meios de comunicação passaram a refletir pressões crescentes de democratização do poder público, expressas em timbre moralizador (...)***

***Entrou em grande evidência um jornalismo baseado na investigação, nem sempre conscienciosa, de irregularidades na administração pública, divulgadas de forma categórica, às vezes bombástica. O impeachment ocupa entre nós posição análoga à do caso Watergate na evolução da imprensa norte-americana, seja no sentido de ter revitalizado a função político-institucional do***

*jornalismo, seja no de revelar falhas que o próprio aumento da influência dos meios de comunicação tornou patentes.*

*Assim como cresceu a percepção crítica da imprensa em relação aos poderes instituídos, especialmente os de natureza pública, aumentou também a recepção crítica dos meios de comunicação por parte da sua base social, o público que consome a mercadoria-informação. O mal-estar que cerca a imprensa passou a se traduzir em três acusações predominantes: ela seria superficial, invasiva e pessimista. Em vez de se voltar para o esclarecimento de processos complexos e contraditórios a imprensa opta – de acordo com a primeira crítica – por pinçar seus fragmentos mais estridentes, praticando simplificações que só aparentemente refletem uma disposição crítica, na verdade conivente com as estruturas que finge ignorar. Para o segundo tipo de acusação, no afã de obter revelações chocantes a imprensa atropela quaisquer limites, sobrepondo um suposto interesse público, cuja extensão ela mesma estabelece, aos direitos individuais de privacidade e reputação. Tangida pela competição à busca do “furo pelo furo”, permeada por uma atmosfera de descrença reinante nas redações, a imprensa adota uma linha destrutiva – daí o seu alegado pessimismo. (...)*

*Subordinado a um regime de pressa que faz parte de sua utilidade pública, o jornalismo está sujeito a erros e distorções, raramente premeditados. (...)*

*Como praticar um jornalismo mais interessante (pois há queixas também nessa direção) e ao mesmo tempo mais ponderado? Como manter e até ampliar o diapasão de crítica, sem ferir direitos nem utilizar métodos capciosos? Como aprofundar os enfoques sem perder a necessária vivacidade jornalística? Como evitar tanto o conformismo como a crítica pela crítica? Mais especificamente, **essas questões deverão assumir forma prática com a nova legislação de imprensa, que provavelmente tornará mais ágeis e frequentes as punições nos casos em que prevalecer, em juízo, o entendimento de que houve negligência ou abuso.**<sup>89</sup>*

\*\*\*

Se ao longo da década de 80 a Folha lançou cinco projetos editoriais (1981 – A Folha e alguns passos que é preciso dar, 1984 – A Folha depois da campanha diretas já, 1985 – Novos rumos, 1986 – A Folha em busca da excelência, 1988 – AA Hora das reformas), a de 90 teve apenas o projeto de 1997 (Caos da informação

---

<sup>89</sup> Nos anos 2000 ainda veríamos a Folha defendendo a “legislação da imprensa”, desta vez na crítica dos monopólios. Bons tempos préantitotalitários.

exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático)<sup>90</sup>. Posteriormente, foi apenas em 2017, 20 anos depois, que a Folha atualizou seu Projeto Editorial. E isso não se dá casualmente.

Em “Sua excelência, o consumidor de notícias” (2017), o jornal demonstra querer enfatizar o combate às fake news e ampliar o debate pluralista para fazer face à intolerância encontrada nas redes sociais. Se nos demais projetos os princípios editoriais básicos pareciam, ainda que oscilando em advérbios e graus, estar sintetizados em quatro características (pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independente), em 2017 a Folha listou doze princípios que exprimem mais uma resposta a pressões externas que uma auto-reflexão sobre sua forma de fazer jornalismo. De outro ângulo, também poderiam ser lidos como uma autocrítica pelos de boa fé – com relação à postura do jornal nos últimos anos, ou como uma promessa de pisada no freio com relação à “fiscalização” dos governos vindouros<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> Para apresentação comentada dos distintos projetos editoriais da Folha de S.Paulo, vide DINIZ Talita Rampazzo, O que guia o maior jornal do Brasil: a visão editorial da Folha de S. Paulo, artigo apresentado no 1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP da SPBJor, Novembro/2017, disponível em <http://sbpior.org.br/congresso/index.php/sbpior/sbpior2017/paper/viewFile/818/500>

<sup>91</sup> 1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la. 2. Praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo, com ênfase na obtenção de informações exclusivas. 3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público. 4. Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes. 5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores. 6. Cultivar a pluralidade, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismo entre as partes nela envolvidas; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa. 7. Obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório. 8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão. 9. Preservar o vigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário. 10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo. 11. Rechaçar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei. 12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção.

In: Manual da Redação da Folha chega à 5ª e mais ampla versão, Folha Online, 18/2/2018. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/manual-da-redacao-da-folha-chega-a-5a-e-mais-ampla-versao.shtml>

# FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

DOMINGO, 5 DE ABRIL DE 2009  
A3149 • SP-20.222

EDIÇÃO NACIONAL, CONCLUÍDA ÀS 18H30 • R\$ 4,00

**história**

Ficha de Dilma Rousseff no Dops



**Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto**

**FORMAÇÃO DE GRUPO**

Antonio Spinaza, ex-estagiário da embaixada em Cuba, foi o primeiro a entrar em contato com Dilma Rousseff em 2008.

A ação chegou a ser dada a nível de Brasília. Um mapa da embaixada mostra de processo no STM. Dilma, hoje aliada de Dilma, seguiu de Brasília "por segurança". "Ele fugiu logo. Não se lembra disso." p. 12

## Brasil gasta com 'spread' 2,5 vezes o orçamento da Saúde

Estudo calcula que pessoas físicas e jurídicas pagaram R\$ 134,5 bi em 2008

Em 2008, os brasileiros gastaram R\$ 134,5 bilhões em "spread" bancário — diferença entre a taxa paga pelo banco e a que é aplicada em empréstimos a consumidores. O valor é duas vezes e meia o orçamento de Ministério da Saúde no período.

Segundo estudo feito pela Ficoercio-SP (Federação do Comércio de Estado de SP), as pessoas físicas foram responsáveis por R\$ 85,4 bilhões do total, e as empresas, por R\$ 49,1 bilhões. O "spread" bancário no Brasil é o maior do mundo.

No cálculo do "spread" estão impostos, custo de inadiplância, custos e lucro.

Considerando empréstimo pessoal de R\$ 1.000 a ser quitado em um ano, dos R\$ 100 que o cliente de banco paga de juros em 2008, R\$ 675 equivalem ao "spread".

O governo Luiz Inácio Lula da Silva criou um grupo que reúne técnicos do Ministério da Fazenda e do Banco Central para estudar maneiras de reduzir a margem bancária. Para especular, a distinção vai de imediato tempo. Pág. 41 e 42

\*Imagens de caráter meramente ilustrativo, sempre.

"Autenticidade de ficha de Dilma não é provada"<sup>92</sup>

Publicado na própria Folha – como uma espécie de selo na carteirinha de vacinação do jornal pluralista –, um artigo do filósofo Renato Janine Ribeiro aponta criticamente a evolução do leitor do periódico de 'cidadão' para 'consumidor': *"Dá vontade de dizer que o leitor deveria ser visto mais como cidadão do que como consumidor. Mas o jornal sabe disso. No Projeto Editorial, a palavra cidadão*

<sup>92</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u556855.shtml> (visitado em 19/5/2017) No artigo justificativa, a Folha afirma que "cometeu dois erros", e nenhum deles foi ter publicado uma imagem com alto potencial deletério sem possibilidade de verificar sua autenticidade. Por erro, finalmente, leia-se mentira. Em palavras do jornal:

"O primeiro erro foi afirmar na Primeira Página que a origem da ficha era o arquivo [do] DOPS". Na verdade, o jornal recebeu a imagem por e-mail. O segundo erro foi tratar como autêntica uma ficha cuja autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada."

Não pode ser descartada, ainda que o coordenador do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que conserva os documentos do Dops, tenha afirmado categoricamente ao jornal que "Essa ficha não existe no acervo (...) Nem essa ficha nem nenhuma outra de outra pessoa com esse modelo. Esse modelo de ficha a gente não conhece."

A matéria conclui com: "Apenas parte dos acervos dos velhos Dops está nos arquivos públicos. Muitos documentos foram desviados por funcionários e hoje constituem arquivos privados."

*aparece três vezes, só que nunca sozinha: uma vez como leitor-cidadão, duas como cidadão-contribuinte.*"<sup>93</sup>.

Por ocasião do aniversário do periódico em 19/2/2018, a Folha de S. Paulo publicou auto-elogio em que explicita que "vem sustentando uma linha de fiscalização crítica em relação a todos os governos" e "define-se como veículo de inspiração liberal, reformista e aberto à pluralidade de tendências."<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> RIBEIRO Renato Janine, Em novo 'Manual', leitor é consumidor, não mais cidadão, Folha de S. Paulo, 24/2/2018. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/em-novo-manual-leitor-e-consumidor-nao-mais-cidadao.shtml>

<sup>94</sup> Fundada em 1921, Folha sustenta fiscalização crítica dos poderes, Folha Online, 18/2/2018. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/fundada-em-1921-folha-sustenta-fiscalizacao-critica-dos-poderes.shtml>

## Dos Métodos

---

Em 1996, o sociólogo estadunidense Stjepan Mestrovic cunhou o termo pós-emocionalismo em seus estudos sobre a percepção da guerra dos Bálcãs. Trata-se de um conceito relacionado a uma visão de pós-modernismo, mas que se refere à manipulação de representações coletivas da “realidade” emocionalmente carregadas pela indústria cultural.

*O Pós-modernismo prometeu tolerância e um modelo de caldo cultural de diversidade que substituiria a assimilação modernista, mas são os conflitos étnicos, e não tolerância, que parecem estar aumentando nos anos 90. O pós-modernismo reduziu o mundo a um texto cognitivo de imagens midiáticas racionais, mas não contou com o poder das emoções. Mais importante ainda, o pós-modernismo conquistou o racionalismo de base iluminista e deixou a democracia sem fundamentos filosóficos seguros. (...)*

*O pós-emocionalismo pode ser definido como um mecanismo neo-Orwelliano encontrado nas sociedades ocidentais com que a indústria cultural comercializa e manipula emoções mortas do passado que são acopladas seletiva e sinteticamente a acontecimentos atuais.<sup>95</sup>*

Simplificações à parte, o autor entende que as narrativas que circulam no imaginário representam a coexistência da realidade com ficções emocionalmente carregadas. Com foco na Guerra dos Bálcãs, Mestrovic expõe suas diversas

---

<sup>95</sup> Stjepan Mestrovic, *Genocide after emotion: The post-Emotional Balkan War*, Routledge, Nova Iorque, 2005 – primeira edição em 1996.

No livro *Postemotional Society*, de 1997, Mestrovic desenvolve o conceito, colocando no centro a separação entre emoção e ação pelo bombardeio emocional da indústria cultural e midiática e uma certa nostalgia por experiências emocionais autênticas. Esse ângulo surge em estudos sobre mídias sociais e reality shows, mas é menos interessante para este trabalho.  
Stjepan MESTROVIC, *Postemotional Society*, SAGE Publications, Londres, 1997

analogias, dependendo do público: para os estadunidenses, um potencial pântano vietnamita; para os sérvios, a revanche contra “os turcos” de 1389; para franceses e britânicos, uma derivação do expansionismo alemão etc. As analogias e metáforas associadas àquele evento determinariam a reação de cada público, envolvendo uma emoção deslocada. Se, em geral, analogias constituem um mecanismo básico para a compreensão, seu uso indiscriminado associado a um bombardeio de imagens e retórica inflamada, concorre para o contrário.

Há mais de um século, a psicologia definiu “emoção” como um problema de adaptação, uma vez que a exposição de um sujeito a uma determinada informação ou situação, sem que se tenha uma resposta pronta, acaba por perturbar sua atividade e suas representações<sup>96</sup>.

Na mídia, a onipresença da emoção suscita uma série de questões, primordialmente porque a emoção suspende uma determinada linha de raciocínio e tem base em uma *percepção*, necessariamente subjetiva. Ou seja, ela se esquia da racionalidade constitutiva do debate. Além disso, a emoção não é um fenômeno puramente mental e supõe um vínculo com motivação, ação ou reação física. No entanto, o usuário da mídia não tem nenhuma possibilidade de ação imediata à emoção suscitada, sendo uma testemunha longínqua da situação argumentada.

Seguindo esse quadro, Jean-François Tétu<sup>97</sup> propõe três ângulos de análise sobre o fenômeno: o próprio dispositivo de informação, a temática e a retórica e sua configuração discursiva. Aqui, não exploraremos o problema do dispositivo, ou seja, o meio da mensagem e suas especificidades, que mereceriam um estudo exclusivo<sup>98</sup>.

Com relação às temáticas, para configurar uma situação emocionante, os meios de informação devem apresentar algo que seja comum ao grupo social alvo: uma situação que disponha um agente que, no relato, se tornará vítima ou

---

<sup>96</sup> Jim GARRISON (2003), Dewey's Theory of Emotions: The Unity of Thought and Emotion in Naturalistic Functional "Co-Ordination" of Behavior, *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, Vol. 39, No. 3

<sup>97</sup> Jean-François TÉTU, « L'émotion dans les médias : dispositifs, formes et figures », *Mots. Les langages du politique* [En ligne], 75 | 2004, mis en ligne le 22 avril 2008, consulté le 14 mai 2017. URL : <http://mots.revues.org/2843>

<sup>98</sup> Nesse aspecto, o meio televisivo parece não somente ter a primazia, por uma conexão fundamental entre emoção e visão, mas também colocou um parâmetro para outros meios. Tétu lembra a essência arquetípica dessa conexão na cegueira de Tirésias e na de Édipo em Colona, permitindo-lhes escapar às aparências e exercer a razão.

beneficiário de uma norma socialmente compartilhada, com base em uma motivação forte.

A dramatização dos sentimentos, por signos diversos e amplificados, é o primeiro recurso temático da representação das emoções. O segundo, conectado, é a criação do acontecimento, ou seja, exibir uma fratura na ordem das coisas. Podemos distinguir três componentes principais no regime discursivo de construção da emoção:

- a norma social como moral que deve ser mantida
- a norma social sob forma de opinião rápida em denunciar a inação, a cumplicidade, a impunidade, a ineficácia dos poderes públicos ou das autoridades
- a estetização do acontecimento

A denúncia pode tomar outras formas, sobretudo a da indignação, que pressupõe a existência de um mundo justo. A ameaça à sociabilidade e a criação do “monstro”, que representa, em última instância, uma ameaça à humanidade, são outras temáticas facilmente mobilizáveis. Assim, a fratura, o excesso, o antissocial e o inumano fornecem permanentemente novas figuras que permitem a atuação de procedimentos retóricos recorrentes, por exemplo:

- o minimalismo, que cria a ilusão de que “tudo foi dito” e que se aproxima a uma primeira reação suscitada pelo choque de um acontecimento – induzindo-a. O informador torna-se um arquiteitor<sup>99</sup> e uma referência.

- a seleção léxica com estratégias de hipérbole (inflação de cifras, etc.), palavras que descrevem emoções de maneira transparente (p. ex. vergonha), palavras que desencadeiam emoções (criminoso, banditismo etc), enunciados que produzem emoções pela descrição da situação.

As estratégias são diversas, mas por trás da expressão da emoção como recurso eminentemente empático enquanto denominador comum da humanidade, sempre há o pressuposto de natureza política que busca, a partir de uma situação de choque, uma maneira de impor o que é ordem e o que é desordem no mundo.

---

<sup>99</sup> Conceito proposto por Michael Riffaterre para toda a recepção do texto literário. Considera-se o arquiteitor uma forma de palimpsesto onde se vão registrando todos os comentários e análises do leitor, incluindo os próprios exercícios de auto-interpretação e correção do autor e um sistema de intertextualidade crítica. Trata-se de um conceito de leitor ideal, que não considera as idiosincrasias que estão sempre presentes no ato de leitura de um mesmo texto. RIFFATERRE Michael, *Essais de stylistique structurale*, 1970.

Segundo a jornalista e Professora do Instituto de estudos europeus de Paris VIII, Anne-Cécile Robert, a emoção impõe um desafio poderoso à democracia porque coloca o cidadão em uma posição passiva – ele reage ao invés de agir. Para Robert, um dos símbolos mais visíveis da invasão do espaço público pela emoção é o crescente fenômeno das manifestações pacíficas após tragédias pessoais (*marches blanches*), que exprimiriam “a indignação frente a acontecimentos tão insuportáveis quanto incompreensíveis”. Segundo Jean-Paul Sartre, citado por Robert, “padece-se a emoção. Não conseguimos sair dela por vontade própria, ela se esgota em si mesma, mas não conseguimos fazê-la cessar. Quando todos os caminhos estão fechados, a consciência se precipita no mundo mágico da emoção, e se precipita ao mesmo tempo em que se degrada. A consciência que se emociona é muito semelhante àquela que adormece”.



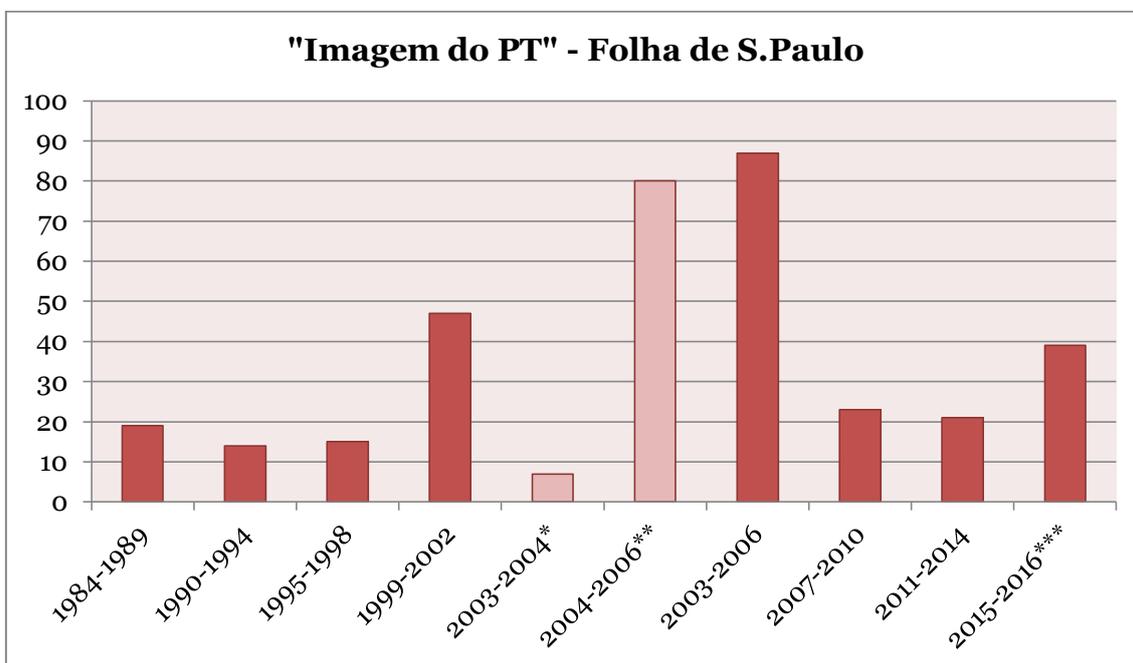
15/03/2015

## A Imagem do PT

---

Ao longo dos anos, a imagem do PT vem sendo mencionada pela mídia em diferentes contextos, em uma tentativa tanto de capturar a dita opinião pública como de moldá-la. É importante notar que textos que mencionam a "imagem do PT" são em geral de análise política e eleitoral, não refletindo necessariamente a forma como o partido figura no restante do noticiário. Isso ficará claro especialmente na cobertura do período de 2011 a 2014.

Em uma busca exaustiva nos arquivos do jornal Folha de S. Paulo, de 1984 até a votação do impedimento de Dilma Rousseff em 2016, selecionamos os contextos imediatos (frase ou parágrafo) em que aparece a expressão "imagem do PT" e observamos a seguinte distribuição de ocorrências (segundo períodos de eleições presidenciais):



\* até o caso Waldomiro

\*\* repercute tanto o caso Waldomiro como a AP470

\*\*\* até a votação do impedimento de Dilma Rousseff

Durante primeiro período, de 1984 a 1989, o termo é utilizado sobretudo na posição de objeto, sendo afetado por uma série de sujeitos entre os quais se destacam "manchete" (que insinua que Maluf teria voto no PT; que nada tem a ver com o texto) e "campanha" (ideológica; cerrada das forças conservadoras; brutal). As ações associadas são majoritariamente negativas, mas de natureza mais "técnica" (comprometer, prejudicar, minar, estigmatizar, desmistificar), e demonstram que a imagem do PT ainda é algo frágil e em processo de construção (criar, distorcer, desestabilizar, fortalecer, associar). Esse último ponto também se verifica pela alta ocorrência do verbo "tentar" (6) nos contextos selecionados. Tentava-se "fazer algo" com relação à imagem do PT, perante uma "opinião pública" (4 ocorrências).

Quanto à qualificação, entre "tentativa", negativa ou afirmativa, figuram: raivosa de 1982, irresponsável, fora do sistema partidário. Entre as pessoas citadas nos contextos de 1984 a 1989 estão Lula (8), Suplicy (5) e Maluf (2 – comprometendo a imagem do PT desde os anos 80).

Notemos que o que viria ou não a prejudicar a imagem do PT não estava associado em absoluto a corrupção. Seguem alguns exemplos:

#### **25 de Setembro de 1984**

"Acho que a manchete da "Folha" insinuando que o Maluf teria voto no PT só tem duas explicações, ou é erro da redação ou é má fé da pessoa que fez a manchete, pois, quem sabe, chateada pelo fato do Maluf ter voto no seu partido, quis comprometer a imagem do PT com a opinião pública brasileira"

#### **13 de Abril de 1986**

"O virtual candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo paulista, Eduardo Matarazzo Suplicy, 44, admitiu ontem, em Guariba, que a prisão dos cinco membros do PT após assaltarem uma agência do Banco do Brasil, ontem em Salvador, poderá prejudicar a imagem do partido.

#### **16 de Julho de 1986**

"Querem criar pretexto para jogar o PT na ilegalidade"

### **13 de Setembro de 1986**

"O Gabeira é uma vacina anti-rábica contra a imagem do PT raivoso de 1982"

### **23 de Agosto de 1987**

Para Figueiredo, a administração de Maria Luiza em Fortaleza se caracteriza pelo fracasso, "e ela se filiando ao PSB trará esta péssima imagem, deixando limpa a imagem do PT".

### **22 de Julho de 1989**

(...) matérias 'PT usa carros oficiais na campanha de Lula' e 'Lula não supera Sarney', do reacionário Gilberto Dimenstein, mostram como a Folha não poupa esforços para denegrir a imagem do PT.

### **28 de Novembro de 1989**

O ex-titular do Incra, José Gomes da Silva, está articulando reunião com empresários da área rural, no Rio, para tentar desmistificar a imagem do PT.

No período subsequente, 1990 a 1994, observamos a estabilização de uma primeira "imagem do PT" segundo a Folha. Já aparece mais vezes como sujeito e os verbos que a afetam denotam ação suave sobre um objeto consolidado (produzir um desgaste, desgastar, arranhar, reforçar, mudar) e sua colocação em relação a outros objetos do mundo político (desvincular, vincular, dissociar, conseguir dissociar, associar, ligar). Esse processo é realizado majoritariamente por agentes "internos" (petistas, Maurício – prefeito desfilado do PT -, deputados do PT, decisão de não participar da revisão constitucional, Lula, greve).

A imagem do PT é associada a adjetivos e adjuntos como: moderado, estúpido, radical, embaraçoso, imagem do prefeito, jovens militantes, "regimes socialistas" e "socialismo burocrático". Podemos observar como as experiências de gestão passam a influenciar a "imagem do partido", que enquanto "imagem" também passa a ser associada explicitamente às experiências, então já derrotadas geopoliticamente, do socialismo.

Data deste período a primeira menção – nos contextos imediatos - a disputa interna com relação a "mudança na imagem" do partido, defendida por José Dirceu,

criticada por Cândido Vaccarezza. As pessoas citadas nos contextos desse período são Lula (5), Gilberto Dimenstein (3), José Dirceu (2), Maurício (2), Bittar, Djalma Bom, Cândido Vaccarezza e José Genoíno.

#### **06 de Outubro de 1994**

Do coordenador da campanha de José Dirceu (PT), Cândido Vaccarezza, sobre as declarações do candidato favoráveis à mudança da imagem do PT:  
- Isso aponta para a disputa interna, o pior caminho para o PT.

#### **24 de Setembro de 1994**

A menos de 50 metros da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, conversaram pacientemente com eleitores durante duas horas. Quem se acostumou a vincular a imagem do PT com a de jovens militantes se surpreendia com a abordagem.

Entre 1995 e 1998, aquela primeira imagem se desestabiliza, com um novo aumento de "tentativas" (6) de ação sobre ela. Permanecem os arranhões (2), reforços e associações (2 - a MST e CUT, em contexto negativo - saques e greves), mas a tônica está em recuperar (2), mudar (2), alterar, confundir, melhorar, descaracterizar, diluir, tentar fixar e, finalmente, tornar-se preocupação.

O foco eleitoral fica evidenciado, com campanhas, linhas de campanha, campanhas publicitárias, candidaturas e comunicadores assumindo a posição de sujeito pela primeira vez. "Acusações" também figuram como agentes sobre a imagem. As questões internas do partido ganham protagonismo no processo, havendo três menções (sobre 15) a divisão interna, disputa interna e adversários internos. Nos qualificadores, reforça-se a ideia da discórdia ("idiotice de alguns filiados", "que não consegue se unificar"), a de oposição irracional ("perfil negativo e pessimista", "sectário", "fechado a alianças"), a de estar fora do sistema ("imune à corrupção"), a da mudança ("sem barba") e o centro lulista ("de Lula"). Programa e imagem devem andar lado a lado, segundo a esquerda do partido.

As pessoas citadas nesses contextos imediatos são Markus Sokol, Arlindo Chinaglia, Ângela Guadagnin, Celso Pitta, Luíza Erundina (7), Lula (5), Simões (2), Palocci, Marta, José Dirceu, além de três menções a CUT e três ao MST.

Dignas de nota estão as menções a "táticas nazistas", "frente de centro esquerda pragmática" e duas vezes a "corrupção".

### **17 de Julho de 1996**

Autorizado pela Justiça Eleitoral, ainda esta semana o PT colocará 150 outdoors na cidade de São Paulo com a palavra "sim" em destaque, acompanhada de uma estrela vermelha, símbolo do partido, e do nome de Erundina, de forma discreta. Trata-se de uma tentativa de alterar a imagem do PT, tido como um partido "do contra".

### **02 de Junho de 1997**

Folha - Na sua análise, as denúncias tentam atingir Lula?

Angela - Attingir o PT.

Folha - A sra. acha que o objetivo foi atingido?

Angela - (Há) um repique de acusações, a cada hora uma denúncia diferente. Dificilmente será recuperada a imagem que o PT possuía.

Folha - A crise arranhou a imagem que o PT tentou fixar, de um partido imune à corrupção?

Angela - Tenho certeza de que nós administramos com moralidade o dinheiro público. Em todos os escândalos nacionais, como o do Collor e o da CPI do Orçamento, nunca foi conseguido ligar o PT. A partir do momento em que demonstrarmos que as denúncias são infundadas, a credibilidade do PT vai ser muito grande.

### **09 de Julho de 1997**

Simões declarou que sua candidatura é contra a "descaracterização e diluição do programa e da imagem do PT", o que ocorreria se o partido formasse uma frente de centro-esquerda "pragmática" para disputar as eleições de 98. Palocci, favorito para ganhar o diretório paulista, disse que o PT precisa "ouvir a sociedade e fazer debates mais plurais". O ex-prefeito quer ainda que, em 98, a legenda faça "amplas alianças".

### 13 de Junho de 1998

“O alvo principal da propaganda pefelista é a classe média. Pesquisas qualitativas do partido mostram que essa parcela da população não estaria identificando o PT por detrás das ações da CUT e do MST.”

O período de 1999 a 2002 traz o primeiro salto nas menções à “imagem do PT”. São 47, em contexto majoritariamente negativo e fora do controle do partido – os agentes sobre ela já não são somente as campanhas e seus próprios membros. Eles continuam (“decisão da convenção PT-RJ”, “nós- PT”, “Tarso Genro”, “Heloísa Helena”), também em seu aspecto de divisão como fator de desgaste (“brigas internas”, “disputas internas”) e de campanha (“Carlito”, “vermelho”, “pesquisas”, “projetos de Franca que serão usados no programa eleitoral”, “programa de Lula”), mas eventos da política passam a ser centrais (“nomeação de esposa do prefeito de Recife”, “apoio de Maluf”, “punição de Heloísa Helena”, “levar a senadora a processo disciplinar”, “polêmica do anonimato das emendas”, etc.).

Entidades externas e adversários bem identificados, em contraste às “campanhas ideológicas” genéricas dos anos 80, passam a atuar (afetando ou comentando) sobre a imagem do PT (Maluf, PSDB, declaração de FHC, Folha, embaixador estadunidense, tucanos, elite mesquinha) e a questão denunciatória começa a pesar (“denúncias envolvendo o governo gaúcho”, “denúncias”, “o caso” – denúncias -, “investigações do assassinato do prefeito Celso Daniel”).

O principal contexto em que ocorrem as menções – de análise eleitoral – é apreensível a partir das expressões adjuntas: projeto, propaganda, pesquisas, pesquisas quantitativas e qualitativas, cor-de-rosa, da Marta, que administra bem, instituição ética. Outros qualitativos “tradicionais” são proporcionalmente reduzidos: intolerante, desordem, invasões, sectário. Os problemas das diversas gestões locais do PT já começam a aparecer no noticiário e moldar (ou desmoldar) a sua imagem.

Há proporcionalmente menos “tentativas” (5) de ação, e as associações permanecem presentes (especialmente com relação ao MST - 4 menções): estar associado, vincular, afastar, desvincular. Com uma imagem em transformação, aparecem verbos como desqualificar, contribuir, não contribuir, construir, levar, mudar, promover, tornar nítida. As ações mais negativas ainda seguem um padrão de de ortodoxia jornalística, por assim dizer: desgastar, denegrir, atingir, arranhar,

prejudicar, afetar, degradar, trazer danos, macular e, finalmente, uma menção a enlamear. Do lado da defesa, aparecem: deixar limpa, resguardar.

Com o aumento de ocorrências, um grande aumento de menções a pessoas: Lula (16), José Dirceu (11), José Genoíno (10), Marta (9), Erundina (8), Giannazi (6), Maluf (6), Palocci (5), Heloísa Helena (4), Mercadante (4), Carlito Maia (3), Rui Falcão (3), FHC (3), Henrique Meirelles (3), ACM (2), Tony Blair (2), Garotinho (2), Thomas Traumann (como jornalista – 2), Zeca do PT (2), Harrington (2), Machado (2), Duda Mendonça (2), Olívio Dutra (2), Pitta (2), Celso Daniel, Ângelo Vanhoni, Bittar, Bonduki, Berlusconi, José Carlos Bumlai, Vicente Trevas, Donizeti Rosa, Newton Mendes Garcia, Tarso Genro, etc.

### **17 de Julho de 2000**

PT de Palocci troca o vermelho pelo azul

O presidente do PT da cidade, Newton Mendes Garcia, diz que é apenas questão de estética. "Uma coisa que o Palocci não pode esconder é que ele é do PT", afirma.

Para ele, o fundamental é que a estrela seja vermelha. Mas essa não é bem a opinião do coordenador da campanha petista para a Prefeitura de São Paulo (de Marta Suplicy), o ex-deputado Ruy Falcão. Na semana passada foi apresentado o material de campanha de Marta, com a cor vermelha dando o tom. Falcão declarou que o vermelho tem de estar sempre associado à imagem do PT.

"Nossa campanha tem as cores de todos os partidos. Temos vermelho, azul, amarelo. Me apresentaram essa proposta e eu acho o azul bonito. É só isso", explica-se Palocci, que será assessorado este ano pela equipe de publicidade de Duda Mendonça, conhecido por fazer campanhas para Paulo Maluf (PPB). O publicitário e membro do PT de Ribeirão, Genival Silva, discorda de Palocci. Para ele, quem não quiser o vermelho (símbolo do socialismo), que saia do PT.

### **18 de Fevereiro de 2001**

Para Machado, seria uma "interferência indevida" do partido na autonomia do município exigir prestação de contas ou prazos na área das finanças.

"O prefeito foi eleito pelo povo. Meu dever é resguardar a imagem do PT e respeitar as diretrizes do partido, mas eu não recebo ordens. Eu procuro levar à frente o programa que o PT defende como proposta de governo, mas não admito receber ordem de nenhum dirigente do PT", declarou.

### **30 de abril de 2001**

*Folha - Que tipo de estratégia de campanha será adotada para reduzir a rejeição ao PT e a Lula?*

*Dirceu -* Rejeição não é mais problema. A rejeição caiu muito. A situação do PT é excelente, porque construímos uma imagem de partido democrático, que administra bem. O eleitorado considera que o Lula mudou, que tem mais experiência.

*Folha - Vocês têm pesquisas que demonstram isso?*

*Dirceu -* Sim. E até a eleição vamos fazer um trabalho altamente profissional, com apoio de institutos de pesquisas, publicitários, marqueteiros. Vamos fazer pesquisas qualitativas e quantitativas sobre a imagem do PT, sobre o que espera o eleitorado.

### **30 de outubro de 2001**

O deputado federal José Genoíno, uma das principais lideranças do PT, admitiu ontem que as denúncias envolvendo o governo gaúcho trarão um desgaste para a imagem do partido.

"Que essas denúncias produzem desgaste para o partido, isso é óbvio. Não vamos esconder o sol com a peneira. É claro que uma notícia como essa atinge a imagem do PT", disse Genoíno.

O presidente nacional do PT, José Dirceu, teve posição oposta à de Genoíno. Para ele, o caso, apesar da seriedade, não arranha a imagem da sigla. "O PT tem posição clara de apoiar Olívio. Se alguém falou aquilo, falou por conta própria. Quem cometeu infração deve ser punido."

### **09 de novembro de 2001**

O prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, está preocupado com o desgaste da imagem do PT, após as denúncias de envolvimento do partido e do governo gaúcho com o jogo do bicho.

Para ele, os petistas vencerem por três vezes as eleições para a Prefeitura de Porto Alegre e a última para o governo do Estado porque o partido foi identificado como uma instituição ética.

### **27 de janeiro de 2002**

PT critica "uso político" da apuração do caso

O presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, deputado federal José Dirceu, disse ontem, durante a cerimônia multirreligiosa em memória de Celso Daniel, que as investigações do assassinato do prefeito de Santo André estão tomando um rumo político com o objetivo de denegrir a imagem do PT em razão da proximidade das eleições.

No entanto, diz Dirceu, "estão vazando" informações para a imprensa com o objetivo de macular a imagem do prefeito petista, que era um dos símbolos de excelência administrativa do PT.

### **27 de março de 2002**

O problema para Lula, com superexposição e tudo, é o MST. Na Cultura e na TVE, o petista se declarou "contra a invasão", insinuou que seria uma armação etc. Outros petistas - dentre os candidatos dirigidos por Duda Mendonça - foram além, afastando aos gritos a imagem do PT do MST. São ações coerentes com a estratégia eleitoral da legenda, que não exclui nem o apoio de ACM - como admitiu o próprio Lula, no Roda Viva.

É o jogo.

### **07 de Maio de 2002**

"O que estou criticando é o projeto da prefeita, milhares de petistas fazem isso. Quem está degradando a imagem do PT é esse grupo ligado à Marta e à família Tatto", disse Giannazi.

### **23 de junho de 2002**

Mas, se os tucanos ajudarem a elite mesquinha a deturpar fatos e a enlamear a imagem do PT e se os petistas alimentarem a guerra de dossiês contra os adversários, o debate mudará de patamar. E ninguém vai ganhar.

(Eliane Cantanhêde)

### **03 de Outubro de 2002**

"Erundina disputou diversas eleições pelo PT e não foi eleita. Ela acreditava que seu desempenho negativo era fruto do desgaste do PT e não da sua imagem. A eleição de Marta Suplicy em 2000 mostrou que Erundina estava errada. O problema não era a imagem do PT e sim dela", disse Mercadante.

As apenas 7 ocorrências entre o início de 2003 e meados de 2004, com o advento do "Caso Waldomiro", indicam o breve período de estabilidade da imagem do PT com ações como preservar, cuidar, marcar; modulações como "poder manchar", um "tentar sujar" e, finalmente, atingir. Os agentes, à exceção de "processo que apura o assassinato de Celso Daniel", são em sentido amplo ligados ao governo: "promessas de ruptura econômica", "protesto", "marketing de governo", "Duda Mendonça". Outro agente que retorna dos idos dos anos 80 é a imprensa, com duas ocorrências de "Folha". A noção de disputa interna fica por conta de uma marginalizada "ala radical", as denúncias permanecem em nível local, mas há ênfase na questão criminal, com 4 menções a Santo André.

A pessoa mais citada nos contextos ampliados denota a transposição da "imagem do PT" ao terreno do marketing ativo: Duda Mendonça, seis vezes. Aparecem também Lula (6), João Avamileno (2), Celso Daniel (3), Marta (3), Babá, Maluf, etc.

### **01 de janeiro de 2003**

Se mantivesse as promessas de ruptura econômica que marcaram historicamente a imagem do PT e, em parte pelo menos, a campanha eleitoral, Lula não diria "paz e amor" e não se elegeria presidente. (Francisco Weffort)

## 20 de agosto de 2003

"Essa unidade de trabalhadores federais, estaduais e municipais é que fará com que essa reforma possa ser derrotada", disse o deputado Babá (PT-PA), da ala radical do partido, durante a manifestação. Diferentemente da passeata anterior realizada por funcionários federais, o protesto de ontem "preservou" a imagem do PT e do presidente. Não houve queima de bandeiras nem enterros simbólicos. Os servidores que chegavam à concentração, ao lado da catedral de Brasília, recebiam um papel com "orientações". A primeira delas dizia: "Evite provocações e não se envolva em distúrbios".

## 20 de setembro de 2003

"Gostaria de conhecer a pesquisa que a **Folha** deve ter em mãos dando conta de que ou critica o PT rotineiramente ou morre. A linha editorial deste jornal é 100% de perseguição. É um jornalismo rasteiro, em que a denúncia de hoje não precisa, necessariamente, ser comprovada amanhã. E pensar que a **Folha** já acusou o PT de denunciismo. Quem pratica denunciismo é o jornal, que parece nada ter aprendido com a Escola Base. A perseguição a Marta Suplicy é outro caminho seguido pela **Folha** para tentar sujar a imagem do PT. Não conseguirão, mas, pelo jeito, continuarão tentando." (Painel do leitor)

Os grandes ataques vieram a partir do dito "Caso Waldomiro", que seria um primeiro balão de ensaio do ataque massivo que ocorreria a partir de 2005, com a criação da AP470. Sem nos determos no contexto político, cabe uma divisão neste período de ofensiva, uma vez que o Caso Waldomiro e o Mensalão tiveram uma interpretação substancialmente diferente, o primeiro significando primordialmente a queda do PT do panteão da ética anti-sistema político – apontando, na realidade, o quanto essa ideia era associada ao partido e que foi a primeira frente explorada no processo de desconstrução.

O Caso Waldomiro não foi a única notícia a incidir sobre a imagem do PT, que seguiu sofrendo a ação do "acirramento da tensão no campo", "greve"; de adversários políticos em contexto de governo como "partidos de oposição (PSDB, PFL, PDT)", "partidos oposicionistas", "alguns setores da política" e mais fortemente

de "alianças heterodoxas", "alianças eleitorais", sem menção à vida interna do partido, que parece ter se tornado monolítico. O que vem sendo nomeado de "caso" por aqui, apareceu três vezes como agente em forma de "Escândalo Waldomiro", de "situação negativa" e até como "fato isolado".

Aquela imagem estabilizada do período imediatamente anterior manifestou robustez, e os verbos que incidiram sobre a imagem do PT, embora negativos, não denotavam abalos estruturais e muitas vezes apareceram precedidos por "não": atingir, deslustrar, manchar, desgastar, arranhar, trazer prejuízos, provocar danos, causar estragos, cair, macular, ter efeito sobre, e, um pouco mais contundentes, sangrar e fazer estragos generalizados. Ocorrem também "ligar" e "guardar e preservar". Guardar e preservar o quê? As expressões adjuntas explicitam a frente: "ética", proprietário monopolista da ética na política, túnica inconsútil, campo da moral e da ética, partido ligado à ética na política, partido ético, história, identidade, pureza ideológica, pura fantasia. Mencionam-se ainda o "poder do ministro", "casos de corrupção" e "desmoronamento". No período, o bloco eleitoral está presente em proporção um pouco menor: pleitos municipais, vésperas das eleições, processo de reconstrução [PT-RJ], ponto de vista popular.

A entrevista de Roberto Jefferson em que "denuncia o Mensalão" foi publicada em 06 de junho de 2005 na Folha de S. Paulo. Sinalizando a campanha feroz que seguiria, talvez a título de fotografia do "antes", no dia 07 de junho de 2005, o jornal traz uma pesquisa do Datafolha destacando que a imagem do PT como partido ligado à ética na política era válida para 85% dos brasileiros, uma vez que somente 15% dos entrevistados responderam "sim" à pergunta: "Você tem conhecimento de algum caso de corrupção ligado ao PT ou a governos do PT?". Isso faz 12 anos. As 80 menções à imagem do PT de meados de 2004 ao fim de 2006 representam, proporcionalmente, cerca de 550% mais menções que a média verificada de 1984 a 2014, tirando esse período. Nem antes, nem depois se falou tanto da "imagem do PT" na Folha de S. Paulo.

Deste momento até o final de 2006, foram agentes no campo dos "adversários" (sobretudo em ataque ao "Mensalão", mas residualmente ao MST e outros): depoimento de Jefferson; denúncias; outro golpe (somado ao estelionato eleitoral); crise; escândalos; pior crise; desgaste; advogados; ligação de Valério com o partido; monopólio da ética; risco de desabamento; prisão de um militante com R\$437 mil em dinheiro vivo; objetivo do PFL; propaganda partidária (PFL); objetivo da oposição; publicitário; José Serra. A ação da imprensa é trazida como "notícias negativas", "vazamento". No âmbito do PT, do governo e eleitoral, muitas vezes em relação à AP, vemos: saída de Genoíno, Pereira e Delúbio (para "salvar");

discurso do tesoureiro do PT; imagem do presidente; reeleição de Lula; governo; planos; plano da nova executiva; acertos; conversas e acertos; aliança com antigo desafeto (Quércia).

Se as expressões presentes nos contextos do Caso Waldomiro indicam discussões quanto à própria "imagem do PT", o advento do Mensalão amplia o contexto. Já não se fala sobre a natureza da imagem do PT, mas sobre como os danos a ela incidirão sobre outros objetos (opinião pública; imagem internacional; dificuldade exterior; congresso; imagem do Presidente Lula, setores da opinião pública), além dos ecos da "reputação ética", "partido mais ético", "bastião da ética na política", e da constatação jornalística da crise de imagem: "em declínio", "alvo de preocupação", "desgaste", "drasticamente", "grau de deterioração", etc.

Os verbos utilizados também apresentam um grau de aprofundamento. Se permanecem os clássicos "desgastar", "prejudicar", "macular", "atingir", "abalar", "comprometer", "trazer prejuízos", "manchar", o movimento de reação por parte do partido e dos publicitários em contexto de campanha passa a ser fortemente representado: melhorar, salvar, defender, preservar, recuperar, reconstruir, criar, formar, renovar, limpar, edulcorar, adquirir tons de Duda. Essa reação vem em resposta a algumas ações que aparecem consolidadas ("ficar comprometida", "afetar", "sair arranhada"), mas sobretudo ao peso de um novo campo semântico que passa a figurar com prevalência: corroer, chocar frontalmente, danificar totalmente, degradar, destruir, liquidar, demolir.

Cabe mencionar a alta frequência nos contextos imediatos de termos e radicais como "corrupção", "crise" (19), "desgaste" (10), "denúncias" (8) e "ético\*" (16), "ideolog\*" (5), mostrando direcionamento do ataque. Seu caráter amplo e definitivo se dá por sínteses que mencionam "história" (5), "25 anos" (3) em conexão à situação daquele momento.

Assim como a Folha gostou de dizer "Escândalo Waldomiro", também citou 6 vezes "Escândalo do Mensalão". Tendo Watergate como pináculo do seu uso em jornalismo, a palavra escândalo tem uma história interessante, à qual convém que nos atenhamos brevemente.

É comum dizer que a imprensa "demoniza" o PT. Não é possível "demonizar" algo ou alguém pelo simples fato de falar mal, é preciso uma série de outros requisitos. O demônio representaria a causa de todos os males segundo algumas tradições teológicas, é a entidade responsável pela tentação original no Éden e o anjo que caiu porque escolheu livre e conscientemente o Mal.

Enquanto para Dante o pecado da soberba tinha morada num modesto terceiro círculo do inferno, em intensos debates, a escolástica franciscana já havia eleito a soberba como pecado primordial, porque foi o sentimento que levou Lúcifer a voltar as costas a Deus e ir pra lugar quente. Foi também o pecado de que mais se acusou o PT.

Para demonizar algo ou alguém no discurso é necessário criar um campo semântico religioso, além da lógica argumentativa em direção à causa original de todos os males – que, convenhamos, seria de muito difícil convencimento sem o aspecto ‘sobrenatural’. Escândalo cumpre justamente essa função, em conjunto com outros termos. Lembremos ainda que “corrupção” é uma palavra bíblica por excelência.

Nos contextos imediatos, em 1997 a palavra havia aparecido uma vez com referência a Fernando Collor, ressurgiu em 2003 problematizando a dupla função de Duda Mendonça, à frente do marketing do PT e do governo: “beira o escândalo”, disse um tucano à época. Tem sua idade de ouro na época de Waldomiro e AP470, com 15 menções em dois anos e meio – a título de comparação, posteriormente, até 2016, houve apenas 8 ocorrências, com Petrolão, com Lavajato, com tudo.

No uso vulgar a palavra escândalo significa:

1. *fato ou acontecimento que contraria e ofende sentimentos, crenças ou convenções morais, sociais ou religiosas estabelecidas.*
2. *indignação, perplexidade ou sentimento de revolta provocados por ato que viola convenções morais e regras de decoro.*

Na etimologia, “skandalon” é uma palavra que praticamente não existe no grego clássico. Ela entrou em voga justamente em contexto religioso, tendo sido utilizada na primeira tradução da Bíblia ao grego, a Septuaginta (entre IIIaC e IaC), para representar o original hebreu “moqesh”: armadilha, obstáculo para fazer cair, ocasião que leva ao pecado, ou pedra de tropeço, como lemos em algumas passagens de traduções ao português. Com 14 ocorrências no antigo testamento e 40 no novo, é difícil encontrar um significado preciso para o termo, mas ele aparece diversas vezes para descrever as reações ao Cristo e muitos tradutores preferem frisar o aspecto da surpresa psicológica<sup>100</sup>.

*“E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim.” Mateus 11:6*

---

<sup>100</sup> GOT Olivier *Histoire “Du mot scandale”*, Sigila n°33, primavera-verão 2014.

Para além do escândalo e da corrupção, as imagens teológicas abundam para além do escopo dessa análise. Copiaremos apenas um trecho mais, em assinatura de Jorge Bornhausen, que captura diversos elementos daquele episódio:

01 de março de 2004

### **O escândalo, bem além dos bicheiros**

*Com o caso do sr. Waldomiro Diniz, cai a túnica inconsútil de pura fantasia da imagem do PT*

“Como estava acontecendo com relação ao caso Celso Daniel, prefeito de Santo André. O crime terrível, o assassinato de um dos mais importantes líderes do próprio PT, foi reduzido a um caso policial vulgar, quando tudo indica e os promotores demonstram que foi uma conspiração para encobertar corrupção. Mas o risco de atingir o PT bastou para que o assunto fosse relegado à vala comum. Com o caso do sr. Waldomiro Diniz, porém, cai a túnica inconsútil de pura fantasia da imagem do PT, o componente que esse partido mais fortemente explorava. Assim, depois de abandonar a ideologia e liquidar seu programa histórico, o PT agora realiza o enterro dos seus últimos compromissos éticos.”

*“Quando crucificaram Jesus, os soldados repartiram as suas vestes em quatro partes, uma parte para cada soldado. Deixaram de lado a túnica. Era uma túnica sem costura, feita de uma peça única, de alto a baixo” (Jo 19,23-24)<sup>101</sup>.*

Ou ainda, em referência profana:

“Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão - esta pantera -  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,

---

<sup>101</sup> O Evangelho de João narra expressamente este fato enquanto cumprimento de profecia feita no Antigo Testamento (Cfr. Salmo 22, 18).

Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!”<sup>102</sup>

Voltando. Em junho de 2004, a Folha consultou um brasileiro, Timothy J. Power, coordenador dos cursos de pós-graduação em ciência política da Universidade Internacional da Flórida, para uma opinião isenta quanto ao tema:

**11/06/2004**

Folha - O PT sempre tentou obter vantagem eleitoral com seu discurso anticorrupção. Essa retórica foi afetada pelas recentes acusações de desvios?

Power - Quando Lula foi eleito, havia as seguintes colunas de legitimidade: 1) seu desempenho pessoal; 2) sua força interna no PT; 3) sua promessa de mudar o modelo econômico; 4) a imagem do PT de partido ético, sem manchas. As primeiras duas colunas se mantêm intactas, as duas últimas nem tanto. É normal que um partido no governo passe a enfrentar manchetes negativas e ser visto como outro partido qualquer.

Uma opinião mais caseira dava conta de que “quanto mais alto o coqueiro, maior o tombo”:

**4/7/2005**

***Folha - O que a as denúncias poderiam acarretar à imagem do PT?***

***Bolívar Lamounier*** - É preciso ponderar que, por enquanto, temos apenas indícios de corrupção. Mas isso se chocou frontalmente com a

---

<sup>102</sup> ANJOS Augusto dos, Versos Íntimos. Essa mensagem já seria para aqueles no PT que esperavam cooptar os favores midiáticos. <https://www.conversaafiada.com.br/brasil/o-lula-e-o-dirceu-ja-tinham-a-globo>

imagem do PT como sendo o partido mais ético. O partido sempre disse como partido aquilo que o presidente disse como pessoa física: "Eu sou o mais ético do Brasil". Aí é aquela história: quanto mais alto o coqueiro maior o tombo. Uma consequência disso que já vemos é que o PT perde espaço no governo.

***Folha - O discurso do tesoureiro do PT, na sexta-feira, não seria uma tentativa de preservar a imagem do partido, de que a crise se deve aos "setores conservadores"?***

***Bolívar Lamounier*** - Não sei o que o Delúbio [Soares] entende por "setores conservadores". Uma certa mania de onipotência o PT certamente tem. Por mais que tenha edulcorado essa imagem e adquirido tons de Duda Mendonça, um certo discurso de prepotência, de quem detém toda a verdade, o PT sempre teve. Isso alimentou um sentimento de prepotência.

Ao longo de quase duas décadas, a imagem do PT se caracterizou pela ética e por disputas internas. O período entre 2003 e 2006 destruiu essa imagem. A queda abrupta nas menções indica que já não há imagem. Fala-se, então, do partido. Falar em "imagem do PT" explicita que há diversos ângulos do mesmo objeto, que sua essência não se resume à sua imagem, que a complexidade do corpo pode não estar na aparência, etc. Essa deferência já não interessa e é desnecessária. Na casa dos mortos cobriam-se os espelhos. Os vampiros, mortos-vivos, também não possuem imagem. Sua consistência física, material, se baseia em uma maldição, uma feitiçaria que pode, assim como foi feita, ser desfeita. O espelho não pode refletir o que não existe.<sup>103</sup>

O primeiro passo para essa transformação foi perceber que as poucas 23 menções no período subsequente já aparecem em grande parte na posição de sujeito. Há agentes afetando a imagem do PT, mas ela também afeta objetos distintos – traz prejuízos, marca, arrebenta, atinge, produz desgastes. Não há mais menção a disputas internas, o partido se torna um monólito, e as pessoas mencionadas nos contextos diretos são Lula (6), Serra (5), Dilma (4), Marina Silva (4), Índio da Costa (3), Berzoini (3), Collor (2), Chinaglia (2), Sandra Cureau (2), José Dirceu (2), Sarney (2), Tarso genro, Valter Pomar, Markus Sokol, José

---

<sup>103</sup> VION-DURY Juliette, BRUNEL Pierre Dictionnaire dês mythes du fantastique, Presses Univ. de Limoges, 2003

Eduardo Cardozo e Celso Daniel. No bojo da descabelada Campanha Serra, a tentativa de associação ao narcotráfico e às FARC aparecem quatro vezes.

É também digno de nota que, enquanto o "mensalão" teria afetado a imagem do PT, que necessitaria ser "reconstruída", a própria imagem da Câmara de Deputados como um todo estaria muito conectada ao escândalo.

**16 /9/ 2007**

#### **Não desistem** – Editorial

Com a inominável votação de quarta-feira passada, protegeram-se, com Renan Calheiros, os interesses do governo Lula. Soma-se a médio prazo, entretanto, mais um abalo na imagem do PT. Um partido que, em outros tempos, dizia-se representante de uma atitude republicana e ética na política hoje não mais se distingue do coronelismo, do atraso, da prepotência e da falta de princípios dos que, vá lá a palavra, não foram dotados de nenhum "dom da desistência" quando se trata de achincalhar as instituições da democracia brasileira.

**25/8/2009**

Demóstenes Torres classificou como "deplorável" a decisão do PT, manifestada em nota assinada pelo presidente do partido, Ricardo Berzoini (SP). "Essa nota arreventa com o que tinha de imagem do PT. Eu cheguei a confiar no partido. Mas hoje vejo que até os sonhos de juventude da adolescência já não se justificam mais. Isso é querer brincar com a opinião pública. No papel, o PT é uma coisa, na prática é outra.

Com apenas 21 ocorrências entre 2011 e 2014, a "imagem do PT" aparece majoritariamente em contexto eleitoral, tanto com a eleição de Fernando Haddad à Prefeitura de São Paulo quanto na reeleição de Dilma Rousseff à Presidência – como vemos a partir dos adjuntos (reeleição, chegada ao poder, governo Dilma, financiamento público exclusivo de campanha, reta final da disputa pelo Planalto) e agentes (Haddad, abraço de Haddad e Maluf, aliança de Haddad com Maluf). O "mensalão", assim, volta para assombrar as eleições com 10 menções, e já se insinuam os efeitos da Lava Jato, que ainda não tinha nome consolidado (escândalo da Petrobrás, impacto das denúncias de corrupção na Petrobrás). Os verbos são negativos, mas suaves – tremelicar, arranhar, piorar, prejudicar, jogar (ainda mais) para baixo, causar problemas, estar avariada, provocar danos, fragilizar. Muitas

vezes, no entanto, vieram precedidos de negação, indicando a surpresa do jornal pela falta de efeitos eleitorais práticos da “vinculação do governo e do PT a atos de corrupção”.

Duas observações sobre o período: mesmo durante o auge do julgamento da AP 470, não houve aumento de ocorrências à imagem do PT (apenas 8 em 2012) e datam deste quadriênio quatro das nove colunas de Eliane Cantanhêde que mencionam a expressão, mostrando seu engajamento nas eleições paulistanas.

**21/6/2012**

O crime compensa – Eliane Cantanhêde

“Fazendo o cálculo, Lula concluiu que valia a pena prestar-se ao que Luiza Erundina chamou ontem de “higienização” de Maluf. A imagem do PT? Já não anda lá essas coisas mesmo desde o mensalão... Pragmatismo em puríssimo estado, tão ao gosto de quem se atirou com tanto prazer nos braços de Collor, de Sarney, de tantos outros inimigos históricos do PT. E, quando se fala de Maluf, a questão não é ideológica, programática, política. A questão é visceralmente ética.”

**1/3/2014**

O mensalão e a retórica – Fernando Rodrigues

“É nulo o impacto eleitoral da decisão do Supremo. A imagem do PT já estava avariada. O ganho difuso (e mínimo) da oposição já foi contabilizado há muito tempo. Persistirá a “luta política”.”

O novo salto às ocorrências contabilizado entre 2015 e o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff parece ter colocado a “imagem do PT” de volta aos holofotes, mas dessa vez em tons apocalípticos, refletindo o vindouro desastre eleitoral das eleições municipais de 2016. Foram 39 menções, que também contabilizaram a crise do governo Dilma 2 e a consolidação da Operação Lava Jato, mas sobretudo apontavam os esforços pessoais de Lula na “recuperação da imagem” do partido em resposta a esses eventos. Pululam os *offs*.

**08/02/2015**

Para Dirceu, crise pode ser 'pá de cal' na imagem da sigla

José Dirceu considera que a Operação Lava Jato, que apura a corrupção na Petrobras e seus braços no mundo político, poderá ser a "pá de cal" na imagem do PT se a sigla que ajudou a fundar em 1980 e que liderou no processo de chegada ao Palácio do Planalto em 2003 não reagir.

**27/03/2015**

Réu na Lava Jato, tesoureiro do PT avisa que não sairá do cargo

A resistência de Vaccari mina ainda mais seu apoio entre seus companheiros de sigla, que o acusam de desprezo com a imagem do PT, submetida a forte desgaste.

**03/06/2015**

Painel

Lula pediu que aliados trabalhem para amenizar o tom dos ataques públicos feitos por petistas ao governo Dilma Rousseff. Preocupado com o desgaste da imagem do PT, o ex-presidente tem ponderado que o partido não vai se recuperar se o governo permanecer sob artilharia e que seria um erro ampliar o afastamento entre as duas instâncias.

**14/08/2015**

Diretor do Instituto Lula diz que irá a protestos para 'sentir o tom das ruas'

Depois de uma semana intensa, com participação em dois eventos em Brasília, Lula fechou o início de sua agenda de viagens pelo país na tentativa de resgatar a imagem do PT.

**25/10/2015**

Painel do Leitor - Haddad incinerou imagem do PT na capital, diz leitora

O prefeito Fernando Haddad acha que, trocando o PT pela Rede, terá suas chances de reeleição aumentadas. Haddad ainda não percebeu que, se o PT está queimado no Estado de SP, ele também acabou por incinerar a imagem do PT na capital com sua gestão paranoica, fulminando assim sua própria imagem.

**03/11/2015**

Desinteresse pelos partidos em SP é recorde, mostra Datafolha

A alta taxa de desinteresse parece ter relação direta com a crise de imagem do PT. A mesma pesquisa mostra que a simpatia dos paulistanos pelo PT é a mais baixa desde 1989, ano em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disputou a presidência pela primeira vez e o partido ultrapassou o PMDB como o líder da preferência entre os eleitores da capital. No levantamento feito nos dias 28 e 29 de outubro, 11% dos eleitores da cidade apontam o PT como o partido preferido. Em fevereiro eram 17%. Em dezembro do ano passado, 22%. A taxa recorde de popularidade da sigla na cidade foi 35%, alcançada em duas ocasiões: em novembro de 2010, logo após a primeira eleição da presidente Dilma Rousseff, e abril de 2013, pouco antes dos protestos de junho daquele ano.

**02/12/2015**

Rui Falcão pede a deputados petistas que 'não acabem com imagem' do PT

Numa queda de braço com o Palácio do Planalto, o presidente nacional do PT, Rui Falcão, pediu aos deputados federais petistas que integram o Conselho de Ética que se posicionem Pelo prosseguimento do processo de cassação do mandato do presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha.

Em conversa por telefone, o dirigente petista ressaltou que o partido não pode passar por esse desgaste e que a participação da sigla no arquivamento do processo contra o peemedebista "vai acabar com a imagem do PT"

**29/02/2016**

Lula prioriza sua defesa e a do PT e vê Dilma em 2º plano

No momento de maior afastamento da presidente Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva fez chegar à sucessora o recado de que pretende se concentrar em sua defesa pessoal e na reconstrução da imagem do PT, deixando em segundo plano a advocacia do governo.

\*\*\*

A título de comparação, enquanto há mais de 300 menções ao termo exato "imagem do PT" na busca eletrônica no acervo da Folha entre 1994 e junho de 2016, "imagem do PSDB" apresenta apenas 37 ocorrências durante o mesmo período, associadas geralmente a marketing eleitoral. Quanto a "imagem do PMDB", há apenas 24 menções.

Espanta, no caso do PMDB, que as menções são cronologicamente distribuídas de maneira regular até 2002, havendo duas ocorrências regionais (RS, Rigotto) em 2005 e ressurgindo novamente apenas em 2013. A "imagem do PMDB" virtualmente deixa de existir entre 2002, com "Má imagem do PMDB influenciou decisão de Lula [de minar a negociação do partido por dois ministérios]" (21/12/2002) e 2013, com "Por 2014, Dilma deve rever cargos, diz líder do PMDB" (18/02/2013). Essa última é uma entrevista com Eduardo Cunha. A primeira traz o seguinte trecho: "É só desculpa a alegação dada a Temer de que a luta interna do PT foi o motivo para Lula não dar duas pastas ao PMDB. Para acomodar aliados, há ministeriáveis petistas que podem ser cortados. Lula decidiu tirar Minas e Energia da negociação porque a equipe de transição diagnosticou risco de apagão em seu governo. Preferiu não correr risco e nomear uma técnica de confiança, Dilma Rousseff (PT-RS)."

Outras agremiações, como PP, PSB, PDT, PR e PCdoB não receberam nenhuma menção com referência à sua imagem.



Folha de S. Paulo – 17/11/2012, página A2.

## Projeto de Poder

---

Martelados diuturnamente com a história tenebrosa do “Projeto de Poder” do PT, não deixa de ser surpreendente que nos idos de 1994 a expressão aparecesse majoritariamente em reportagens comuns – não de opinião –, em tom casual e, muitas vezes, brotando da boca dos próprios “conspiradores”. Mas conspiradores viriam a ser somente os petistas, porque naquele momento quem tinha abertamente um “projeto de poder” eram PSDB e PFL.

Gilberto Dimenstein, infalível presença nessas questões, abre a série elogiando o tucanato que tem “preparo intelectual, não sujou as mãos no regime militar e demonstrou sensibilidade social”, mas alertando para a maquiagem que esconde a índole pragmática do partido: saíram do PMDB porque sentiram falta de espaço, setores mostraram-se simpáticos ao vencedor de 89, Collor, dominaram o governo Itamar<sup>104</sup>. “Agora, para dar continuidade ao projeto de poder, aceitam todos os tipos de aliança, a começar do PFL – o símbolo da fisiologia brasileira”. O artigo é interessante porque é dos relativamente poucos que se propõem a analisar o PSDB, em contraste à profusão de textos que esmiuçaram o PT ao longo do período. O título diz bastante sobre o conteúdo: “A Bela da Tarde”<sup>105</sup>. A próxima menção vem logo antes das eleições de 94, com um Fernando Henrique Cardoso assertivo, afirmando que “o projeto de poder da aliança entre PSDB, PFL e PTB por ele encabeçada pode atravessar o milênio”<sup>106</sup>.

Esse projeto de poder tucano, no entanto, vem em Dimenstein sem adjetivos nem explicativas, só sabemos que se iniciou no governo Itamar. Fernando Henrique Cardoso, em entrevista no mesmo dia, dá mais pistas. Seria uma aliança da social-democracia com o liberalismo, em contraponto a uma visão totalitária da velha esquerda. No entanto, não se pode mais ser “liberal à antiga”.

Folha – O sr. disse em Recife: “A esquerda somos nós.” Mas, a **esquerda** não morreu?

---

<sup>104</sup> DIMENSTEIN Gilberto “A Bela da Tarde”, 17/04/1994  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/17/opinioao/4.html>

<sup>105</sup> Em referência a filme de Luis Buñuel de 1967, sobre uma burguesa casada com um médico, mas que passa suas tardes trabalhando em um bordel.

<sup>106</sup> FHC 48 X 22 Lula 3/10/1994  
[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/03/caderno\\_especial/70.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/03/caderno_especial/70.html)

FHC - Depende do que você chama de esquerda. Se for **amor à liberdade**, todo mundo hoje tem. No fundo, é você mudar para diminuir as diferenças sociais. Se você chamar isso de esquerda, somos nós.

Acho que, no Brasil, os que se intitulam de esquerda e que fazem as críticas de que eu tenho uma aliança conservadora, eles é que, na verdade, são conservadores. (...) **A esquerda somos nós, porque nós estamos fazendo as mudanças.** [em referência à "estabilização econômica" advinda do Plano Real]

(...)

Folha - A impressão que se tem é a de que essa união de sociais-democratas com liberais é uma união pensada para durar. Um projeto de poder de longo prazo...

FHC - Pode ser. Isso aconteceu na Espanha, aconteceu no Chile, no Uruguai. E os liberais que se mantiveram separados da social-democracia, como os da Alemanha, entenderam que não se podia ser liberal à antiga.

Então, se nós tivermos condições de fazer as reformas, acho que sim. Não se muda o Brasil em quatro anos. É difícil saber o tempo, qual é a saturação histórica. Mas, se nós não errarmos, podemos atravessar o milênio.

Folha - O sr. desistiu de uma aliança com o PT, como o sr. e o PSDB chegaram a pensar antes mesmo da aliança com o PFL. Não há mais possibilidade de convívio no poder?

FHC - Não creio, porque o PT foi para o caminho da velha esquerda. Acho que a história nunca tem um ponto final. Diálogo sempre haverá, mas, de imediato, não acredito em convivência no poder.

As visões hoje são muito diferentes. O próprio PT vai passar por uma fase de discussão interna muito séria, se perder. Vai levar tempo para digerir.

**E o PT tem de perder a ideia de que ele é o único partido bom e o resto não é bom. É uma visão totalitária. Eles ainda não passaram pela penitência democrática.**<sup>107</sup>

A estratégia argumentativa para ligar o PT ao totalitarismo é esperta. Apresentando-se como partido ético e diferente, em contraste à acusação de fisiologismo sofrida pelo PSDB em suas alianças; apresentando-se como *único* partido bom, chegamos à associação do PT ao "partido único" e, portanto, antidemocrático. O caráter diabólico de tal condição também é elegantemente indicado: o PT é impenitente – de um pecado cometido por Stálin.

Voltando ao projeto de poder tucano, avaliava-se, em fevereiro de 1995, que pecava por falta de força: "Para deputados tucanos, o PFL, aliado ao PMDB de Sarney, tem um projeto de poder mais forte do que o PSDB. Apostam que ACM será presidente do Senado em dois anos e que, em 98, terá três presidenciais: Sarney, Jatene e Ciro."<sup>108</sup> Alguns dias depois, analisava-se que o famigerado "centrão" estava sendo gestado para garantir um "projeto de poder de longo prazo"<sup>109</sup>, uma justificativa, portanto, válida e correta. Em 22 de junho do mesmo ano, Sérgio Motta, aquele, anunciava orgulhosamente que "o PSDB não é um partido de tertúlias acadêmicas e sim um partido que tem projeto de poder", e que esse reich duraria pelo menos 20 anos<sup>110</sup>. Notemos que isso ocorria a seis meses da primeira posse de Fernando Henrique Cardoso que, no dia seguinte, se preocupou em dizer que não estava preocupado em manter o poder até 2015<sup>111</sup>.

José Genoíno teria observado, um mês depois, que "**O PFL não enfeita governo. Ele quer o poder. E como o Serra, felizmente, também tem um projeto de poder, o PFL quer detoná-lo**"<sup>112</sup>.

Cada um sabe das alianças que faz.

---

<sup>107</sup> FHC pretende longa união com PFL, 3/10/1994  
[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/03/caderno\\_especial/10.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/03/caderno_especial/10.html)

<sup>108</sup> Paineis 5/2/1995 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/05/brasil/1.html>

<sup>109</sup> Centro, o álibi da direita, 12/2/1995 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/12/mais/24.html>

<sup>110</sup> Motta prevê 20 anos de poder para tucanos 22/6/1995  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/22/brasil/18.html>

<sup>111</sup> FHC diz não pensar em 20 anos de poder, 23/6/1995  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/23/brasil/41.html>

<sup>112</sup> Paineis, 20/7/1995 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/20/brasil/1.html>

Em agosto do mesmo ano, Luiz Gushiken sobriamente coloca as coisas em perspectiva: "As velhas elites que professam um liberalismo de palanque, liberais que não se liberam do Estado paternalista e perdulário, sentiram a necessidade de buscar um candidato palatável às classes médias, um verniz para dar continuidade a seu projeto de poder. Encontraram em FHC o candidato que se prestou admiravelmente ao papel"<sup>113</sup>. Nada de novo no "consenso de Washington e no novo liberalismo social-democrata". Esse artigo saiu no caderno de economia – que se chamava à época "dinheiro".

Em janeiro de 1996, o eterno crítico Ciro Gomes fazia uma análise pertinente:

"Folha - Ao contrário do que o senhor diz, a maioria das pessoas avalia que o governo tem um projeto muito claro. Alguns discordam do rumo tomado, mas admitem que ele existe.

Ciro - **Projeto de governo não é igual a projeto de poder. Este, o Fernando Henrique tem, e é muito forte.** Difícil até de ser examinado moderadamente. Cheira a censura o que está acontecendo no Brasil. Esse alinhamento geral, que chega ao ponto de o Lula dizer que o Fernando vai se reeleger, é muito perigoso. Se um presidente da estatura da sua biografia afirma que nega o modelo neoliberal e que o modelo é outro, ele tem que mostrar qual é. Um ano depois, eu não sei o que eles estão fazendo. Se fosse neoliberal, seria até mais simples. O que vejo é uma enorme confusão dentro do governo, e eu sei quem são os protagonistas dessa confusão."<sup>114</sup>

Voltando às matérias "factuais", o projeto de poder tucano aparece aliado a Paulo Maluf e um possível candidato comum: **"A Prefeitura paulistana é considerada "ponto central" do projeto de poder tucano de longo prazo"**<sup>115</sup>. Entre ameaças de aumento de passagem – em forma de boicote à estabilização inflacionária do Real – e promessas de ministérios para o PDS, tudo parecia fazer parte da política.

---

<sup>113</sup> As nossas elites ainda não mudaram, 26/08/1995  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/26/dinheiro/7.html>

<sup>114</sup> Ciro e seu guru buscaram novo eixo de poder, 22/1/1996  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/22/brasil/18.html>

<sup>115</sup> Maluf e FHC negociam candidato único em SP, 23/3/1996  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/23/brasil/3.html>

Como projeto de poder era algo bastante positivo, com ares de pré-requisito de qualquer estadista, o PMDB também anunciava possuir o seu por meio do então presidente do partido, Paes de Andrade: "Essa luta interna é a característica maior do PMDB. Se o partido não rachou ontem, não racha hoje. **O partido tem projeto de poder.** Terá candidato a presidente da República."<sup>116</sup>

Ainda no contexto das municipais, uma estranha oposição de direita estaria tentando desmoralizar o governo FHC, coisa que Sérgio Motta atribuía "à reação das "velhas elites do país" ao projeto do PSDB"<sup>117</sup>. (A expressão passou por muitas bocas.)

"A oposição está desesperada", avaliou o ministro, um dos formuladores de uma estratégia ofensiva do PSDB nas eleições municipais. **O pleito é tido como fundamental para o projeto de poder de longo prazo dos tucanos** porque fixará as bases políticas para as eleições de 1998. De acordo com os cálculos do ministro, o PSDB passará a ter, depois das eleições municipais, a mais forte estrutura partidária do país."

Ainda em 1996, houve conflito para escolher o novo presidente do PSDB. Este seria, em matéria "factual", o responsável por "**operar o projeto de poder tucano**"<sup>118</sup>.

"O projeto tucano de permanecer no poder até o próximo milênio foi a causa da mudança de posição de José Serra quanto a disputar a prefeitura paulistana", explicava tranquilamente a matéria de maio de 96, sem nenhum drama quanto à alternância de poder. "O pano de fundo era sempre o mesmo: a sucessão de FHC"<sup>119</sup>.

Em crítica à hipoteca do governo ordinário em favor da aprovação da extraordinária reforma da reeleição, no final daquele ano o cientista político Renato Lessa alertava para "o risco de um "projeto oligárquico", cujo objetivo seria a restrição do espaço democrático.

Essa nova oligarquia estaria se impondo, segundo Lessa, não segundo os velhos hábitos e modos truculentos, mas de forma "ilustrada", através de

---

<sup>116</sup> Paes culpa PMDB paulista, 26/3/1996 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/26/brasil/28.html>

<sup>117</sup> Sérgio Motta afirma que FHC tem "o saco preto", 29/3/1996 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/29/brasil/3.html>

<sup>118</sup> Tucanos não definem o novo presidente, 13/4/1996 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/13/brasil/15.html>

<sup>119</sup> Projeto de poder do PSDB foi decisivo, 29/5/1996 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/29/brasil/9.html>

sofisticadas manobras institucionais como a defesa do voto distrital e a redução do número de partidos no Congresso.”

*Folha - O José Luís Fiori, cientista político da UFRJ, diz que FHC assumiu, enquanto presidente, a condução política de seu antigo objeto de estudo -que era a burguesia industrial. Segundo a análise, FHC estaria atualizando nosso capitalismo dependente e associado, porque teria percebido uma brecha para o Brasil no rearranjo da ordem internacional.*

*Lessa - É muito interessante essa análise, mas confesso que tenho dificuldades de pensar dessa maneira um pouco cósmica. Acho que **a questão é saber como você organiza as forças políticas e viabiliza um projeto de poder no país.***

*Folha - Mas tem o lado externo, fundamental para viabilizar o projeto. As constantes viagens de FHC ao exterior apontam para isso.*

*Lessa - Isso é inerente ao exercício da Presidência num país moderno. Isso aqui não é uma republiqueta isolada do mundo. É fundamental termos hoje uma agenda externa muito bem estruturada. Há dinâmicas internacionais que fogem do nosso controle. O nosso problema é saber o "timing" disso, quais os ajustes internos que você vai fazer em função delas. Enfim, como é que vamos nos globalizar, esse é o problema. Você pode globalizar com políticas compensatórias de habitação, saúde etc<sup>120</sup>.*

Em 1997, "Maluf já estaria convencido de que a reeleição será aprovada. Ele espera apenas que FHC saia desgastado do episódio, devido a denúncias de fisiologismo.

O senador diz que vai acompanhar a posição que será tomada pelo partido na convenção de dezembro, provavelmente contra a reeleição. "Como temos um projeto de poder, é natural que a convenção enseje uma antecipação da sucessão", afirmou. Amin é pragmático: "Se houver reeleição, existe um candidato forte, que é

---

<sup>120</sup> Emenda da reeleição é a grande reforma do governo, 11/11/1996  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/11/brasil/3.html>

o Fernando Henrique. Se não houver, o PSDB não tem candidato, e nós temos: o Maluf".<sup>121</sup>

Mais além do "projeto de governo", agora aparece em contraste ao projeto de poder um "projeto político", quando o deputado governista do PMDB, Moreira Franco, disse "concordar com o ` ` candidato próprio", mas acrescenta: ` ` Isso não significa que seja do PMDB. Pode ser do PFL, do PSDB. Temos que dar continuidade ao projeto político, não ao projeto de poder".<sup>122</sup>

Quando a política ainda não era crime, líamos no noticiário ordinário textos como o que segue: "A luta política pelo impeachment do governador de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira (PMDB), envolve um projeto de poder para 99. PPB, PFL e PSDB articulam uma aliança para ganhar o governo do Estado nas eleições do próximo ano. O candidato ao governo é o senador Esperidião Amin (PPB). A primeira etapa do projeto seria cumprida com a posse do presidente da Assembléia, Francisco Kuster (PSDB), no governo do Estado, por 180 dias, enquanto durasse o julgamento do governador e do seu vice, José Augusto Hulse. Em seguida, um governador eleito de forma indireta, pela Assembléia, completaria o mandato de Paulo Afonso."<sup>123</sup>

Naquele ano, Sérgio Motta sairia em caravana pelo Brasil em preparação para as eleições do ano seguinte porque "temos um projeto de poder para cada Estado". Para ele, o PSDB "sofreu de "complexo de inferioridade" e é hora de ele assumir sua ` hegemonia". Em sua avaliação do primeiro mandato de FHC, comparava o país com Cuba, mas não nos moldes que observamos ao longo dos anos 00 e 10: "Houve melhoria na distribuição de renda. Mas isso não resolve nada. A educação ainda é vergonhosa. Temos 4,8 anos de escolaridade média. Em Cuba, são 11 anos."<sup>124</sup> Esse homem cairia em altíssima desgraça política<sup>125</sup>.

O projeto de poder de cada partido passava pelas estimativas de resultados eleitorais, decisões por alianças ou candidaturas próprias.

---

<sup>121</sup> FHC pede neutralidade a Bornhausen para evitar veto de Amin à reeleição, 14/11/1996 [http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/14/caderno\\_especial/28.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/14/caderno_especial/28.html)

<sup>122</sup> Paes vai recorrer à convenção para ficar no cargo até 1998, 14/2/1997 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc140203.htm>

<sup>123</sup> PPB, PFL e PSDB tentam união, 1/7/1997 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/01/brasil/20.html>

<sup>124</sup> Em campanha por FHC, Motta promove caravana, 27/2/1997 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc270202.htm>

<sup>125</sup> Sérgio Motta foi denunciado pela Folha de S. Paulo que, divulgou gravações envolvendo o então ministro no "escândalo da compra de votos" para a aprovação da emenda constitucional 16/97, que permitiu a reeleição de, entre outros, FHC – amigo que conheceu em 1975 no CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

Ciro Gomes, decidindo filiação ao PPS, dizia do PSDB: "Não saio falando mal. É um grande partido, mas está rendido ao presidente, às suas deficiências, suas incoerências, seu fisiologismo."<sup>126</sup>

Em 1998, em artigo elegia, Cândido Mendes diria que "o tucanato perdeu o "id" de sua "persona" máxima, morto com Sérgio Motta". "Político é quem tem o apetite para saciar-se do poder. Grande homem é quem usa esse apetite a serviço de projeto ou ideia", era o argumento inicial do panegírico. Entre outras coisas, Motta "desatendeu frontalmente ao compromisso de consulta às bases pelo PSDB para a escolha do candidato" e "confrontou o movimento dos tucanos vermelhos". "O **essencial era assegurar um genuíno projeto de poder**, nascido de uma afirmação que passava pela AP, pelas pressões do autoritarismo militar e pelo pacto, enfim possibilitado por esse extraordinário governo Montoro, de formação de uma grei política, **capaz de moldar um querer nacional fora do rigor ideológico**. FHC, Serra, Plínio de Arruda Sampaio, Jorge da Cunha Lima ou Serjão vão, na maioria, encontrar-se no PSDB por essa vontade da diferença, que permitiria o próprio amadurecimento do **Brasil das liberdades**." "Sujava sartrianamente as mãos, com gosto, a bem de uma nova desenvoltura da nossa "realpolitik". Esta o levou a patrocinar a aliança com o PFL para, a seguir, reconhecer que não teria tido FHC necessidade da legenda para abocanhar a vitória estupefaciente. (...) deve-se a Serjão a passagem do amadorismo das boas intenções a um profissionalismo político que veio para ficar." <sup>127</sup>

Em termos mais crus, como sói, Arthur Virgílio expunha o seguinte:

**"Folha - Na semana passada, o sr. disse que era leal, mas não idiota. O sr. mantém o que disse?"**

**Arthur Virgílio** - Mantenho o que disse, e disse não só em relação a mim, como também ao partido. Está na hora de ficar bem claro que o PSDB tem um projeto de poder. No segundo mandato, ele vai precisar daqueles aliados leais, que ficam com ele quando ele tiver 80% ou 8% de aprovação popular. Se ele não tiver esses aliados ao lado, o governo soçobrará. Ou cairá na mesmice ou na

---

<sup>126</sup>      Ciro filia-se ao PPS e faz apelo à frente de oposição, 27/9/1997  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/27/brasil/3.html>

<sup>127</sup>      A disfarçada grandeza de Sérgio Motta, 5/6/1998  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz05069810.htm>

mediocridade ou se extinguirá por falta de governabilidade, com uma CPI aqui outra lá.”<sup>128</sup>

Eliane Cantanhêde era fã daquele projeto, inclusive em nível regional. Em análise sobre o advento da reeleição, em maio de 98, a colunista dizia que “No Ceará, a reeleição se transformou num fardo para Tasso Jereissati. Governador pela segunda vez, acha que não haverá nada a inovar numa terceira. Sonha voltar à política nacional, com gabinete em Brasília. A reeleição não deixa. Todas as pesquisas mostram que ele é o único candidato do PSDB considerado imbatível. Se for outro, pode estar em risco todo um projeto de poder.”<sup>129</sup>

A querela da reeleição, no entanto, não passou incólume. A Folha, em matéria assinada por seu então Secretário de Redação, Bernardo Ajzenberg – e não em editorial –, fustiga a reforma ministerial de FHC com vistas à “governabilidade”: “A reforma anunciada semana passada, com a mediocridade apenas exacerbada e a inclusão no ministério de uma figura tão emblemática como a de Renan Calheiros, não deveria surpreender ninguém”. Ajzenberg critica as “viúvas do uspiano social-democrata”, como Bolívar Lamounier. Esse comentava assim a nomeação: “Acho que a expectativa era a da escolha de alguém com mais estatura (para a Justiça). Se não foi possível, paciência”. “Jornalistas, de seu lado, procuram interpretar as mudanças com genuíno e louvável esforço, chegando a ver em FHC um articulador derrotado, vítima das contingências políticas”, continua Ajzenberg, concluindo que “acima dos desígnios e ambições pessoais, FHC é um projeto de poder, o único bastante sólido hoje para aglutinar os poderosos do país, dentro e fora do governo ou do Estado”<sup>130</sup>.

Curiosamente ou não, a partir desse momento, a expressão “projeto de poder” passou a figurar majoritariamente em artigos de opinião e entrevistas. Em novembro do mesmo ano, Cantanhêde expunha os cargos de FHC, Covas, Serra, Mendonça de Barros e André Lara Resende avaliando que “juntos, são a fotografia de um projeto de poder para 20 anos, como queria Sérgio Motta.” Sem explicitação de maiores juízos de valor, a colunista dizia que por conta da possível CPI, havia “um projeto de poder em perigo”<sup>131</sup>. Em crítica ao “indigno” uso de meios ilegais e condenáveis – grampos, no caso – o editorial da Folha de novembro de 98 afirmava que “Mendonça de Barros é, hoje, uma das cabeças mais visíveis de um projeto de

---

<sup>128</sup> FHC é fraco e injusto, diz Arthur Virgílio, 10/9/1997 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc101213.htm>

<sup>129</sup> A armadilha, 12/5/1998 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz12059805.htm>

<sup>130</sup> AJZENBERG Bernardo Tubarões Bicudos, Folha de S.Paulo, 6/4/1998. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz06049807.htm>

<sup>131</sup> Guerra de poder, 19/11/1998 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz19119805.htm>

poder de longo prazo para o PSDB. É natural, pois, que os outros partidos, mesmo os que fazem parte da atual coalizão governista, se empenhem em torpedear tal projeto, minando, para tanto, o ministro.”<sup>132</sup>

Em maio de 2000, FHC é entrevistado pela Folha, que lhe pergunta se é possível governar sem o PFL. A resposta, hoje, pareceria caída de Vênus por tão inusitada: “Só se o PFL fosse trocado pelo PT, o que é inviável. **O PT tem um projeto de poder. Não é uma questão de ideias diferentes. As ideias estão ficando parecidas.** Não vimos agora o PT e o Antonio Carlos Magalhães unidos? A questão está no projeto de poder. **O PT tem um projeto, o que é legítimo.** Ele quer vir para cá, logo não vai querer estar comigo.”<sup>133</sup>

Aquele projeto de poder que envolvia PSDB, PFL e PMDB, que tantos colonistas pareciam lamentar estar em risco, entrava na linha de fogo com risco de não conseguir chegar ao segundo turno nas eleições de 2002. Em junho de 2001, Valdo Cruz dizia que “a coisa vai muito mal “para quem esnobava os adversários nos anos anteriores e trabalhava com um projeto de poder de vinte anos”.

No mesmo período, o PT atraía novos filiados vindos de outros partidos. “Para a cientista política Maria Victoria Benevides, professora da USP, **o partido está correto ao buscar mais apoio para seu projeto de poder.** Mas ela faz uma distinção entre conquista de apoio e de filiados: “O critério para conseguir apoio é um, enquanto o utilizado para conquistar filiados tem de ser outro, bem mais rigoroso”. Benevides diz que o aumento da presença de “novos filiados” na bancada federal resulta do fortalecimento do partido. *Ela crê que existe o risco teórico de o PT, ao chegar no poder, promover um inchaço de quadros. Mas afirma que isso não deve ocorrer: “As alas mais à esquerda do partido e a militância não deixam. Inchar o PT seria, antes de tudo, um suicídio político”, diz.*”<sup>134</sup>

Em novembro de 2001, José Luís Fiori avaliava que o “pior” já estava acontecendo: “Covas morreu, Cardoso está de saída e a política liberal chegou a um beco sem saída. Logo, acabou o PSDB”<sup>135</sup>. Segundo Fiori, “uma mudança de rumo no país terá de passar pela redefinição dos seus objetivos estratégicos e das bases sociais de sustentação de um novo projeto de poder.”

---

<sup>132</sup> 2002 começa, e mal, 21/11/1998 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz21119801.htm>

<sup>133</sup> FHC diz que não teme o julgamento da história, 27/5/2000 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2705200023.htm>

<sup>134</sup> PT promove ofensiva para filiar congressistas de outras legendas, 15/7/2001 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1507200112.htm>

<sup>135</sup> PSDB se esfacelou, diz cientista político, 19/11/2001 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1911200108.htm>

Pouco antes do início da campanha presidencial de 2002, o professor da FEA-USP José Augusto Guilhon Albuquerque decretava o óbito do projeto tucano após a ruptura do pacto de governabilidade com o PFL. "O espaço político da oposição foi efetivamente ocupado por Lula, enquanto o da situação não foi devidamente ocupado. E isso, por sua vez, reflete o ocaso do "projeto de poder" tão ardorosamente preconizado por Sérgio Motta. Tal projeto de poder existiu, mas não na forma de um voluntarismo jacobino, e sim, para usar uma expressão que Fernando Henrique popularizou, como um processo. Um processo que deve mais à direita e a seu partido "orgânico", o PFL, do que ao PSDB."<sup>136</sup> Após detalhado diagnóstico, o Professor parecia urgir o PSDB a salvar o bendito projeto: "Se a situação não for capaz de ocupar seu próprio espaço, a candidatura Serra estará condenada, qual Ulisses, a uma nova odisséia, desta vez sem regresso."

Naquele momento, Ciro Gomes também intensificava movimentações políticas em favor do seu projeto de poder, aproximando-se de empresários e economistas liberais<sup>137</sup> e Jânio de Freitas escrevia sobre a armadilha para o PT em sua aliança com o PL: "Os bispos evangélicos que tanto influem no PL compõem um movimento ultraconservador, um coronelismo de nova espécie -o coronelismo religioso- e só fazem política para dentro dos grupos que integram seu projeto de poder"<sup>138</sup>.

Já em 28 de outubro de 2002, a Folha faz um perfil de José Dirceu como "artífice da vitória de Lula", figurando no jornal como um Sérgio Motta para FHC: "Presidente nacional do partido, Dirceu operou a guinada pragmática do PT com mão de ferro, muitas vezes à revelia de lideranças partidárias importantes, incomodadas com o "novo PT", em cujo projeto de poder cabem partidos como o PL e figuras como Orestes Quécia e José Sarney."<sup>139</sup>

Em 2003, a então oposição mostra irritação com a aceitação de antigas propostas de FHC e com a declaração de João Paulo Cunha "segundo a qual a oposição do PT às reformas era parte de um "projeto de poder".<sup>140</sup> Notemos que esse projeto de poder já aparece entre aspas, e não no corrido do texto político como até aquele momento.

---

<sup>136</sup> Ocaso de um projeto de poder, 19/8/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1908200210.htm>

<sup>137</sup> Ciro cerca empresários de peso e economistas liberais, 20/8/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2008200234.htm>

<sup>138</sup> Negociações abertas, 9/10/2002 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0910200204.htm>

<sup>139</sup> Artífice da vitória, Dirceu é sombra de Lula, 28/10/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2810200201.htm>

<sup>140</sup> PSDB quer fazer PT reconhecer que errou ao não apoiar proposta de FHC, 18/4/2003  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1804200309.htm>

Voltando ao PSDB, uma curiosíssima entrevista com Mendonça de Barros, então presidente da Instituto Sérgio Motta<sup>141</sup>:

**"Folha - No primeiro documento de responsabilidade do Instituto Sérgio Motta sob a sua presidência, intitulado "Um Plano de Ação para o PSDB", faz-se o diagnóstico do governo Lula e do desempenho do seu partido na oposição. O texto conclui: "Temos de decidir: seremos um partido com um projeto de poder ou uma ONG com projeto de gerência?". E então?"**

**Luiz Carlos Mendonça de Barros** - Espero que o PSDB opte por ser um partido, é claro, que tenha, como diria o presidente da Câmara, João Paulo Cunha - só que num contexto infeliz-, um projeto de poder. Peguemos o caso das reformas. Os tucanos são favoráveis ou contrários? Alguns dizem que, em nome da coerência, têm de defender as medidas. Ok, mas a coerência só pesa nos ombros do PSDB e do PFL? O que faria o PT se obrigado, também ele, à coerência? O Brasil deve dar ao PT e a Lula o monopólio da incoerência?"<sup>142</sup>

Para as eleições de 2004, o PFL ainda apostava no início de um novo "projeto de poder", também entre aspas<sup>143</sup>. No entanto, ao assumir a presidência nacional do PSDB em novembro de 2003, menos de um ano de governo Lula, um amargado José Serra já daria toda a senha do que estava por vir: "Ficou claro até agora que existe no Brasil um projeto de poder, mas não existe um projeto de governo". "O PSDB sempre fugiu das **tentações** de aparelhar o Estado com o partido e de aparelhar o partido com o Estado, como tem acontecido na gestão de

---

<sup>141</sup> Hoje o Instituto Sérgio Motta aparecia num site sem certificado de segurança com a seguinte descrição: "O Instituto Sergio Motta é um centro de projetos e debates voltados ao uso criativo da tecnologia e à inovação. Efetiva ações que unem as tecnologias de telecomunicação com o setor cultural e social, fazendo com que essas novas tecnologias ajudem no desenvolvimento da sociedade, em consonância com as exigências do nosso tempo.". A intelligentsia do PSDB se organiza no Instituto Teotônio Vilela, fundado em 1995. Seria interessante pesquisar, nos meandros do tucanato, o que ocorreu com o Instituto Sérgio Motta, sito na Travessa Dorothy Poli Zioni, 7. Em 2006, Wilma Motta, viúva de Sérgio Motta, foi eleita a mulher mais influente do Brasil no Setor Público pela Forbes Brasil, em "reconhecimento pela fundação do Instituto Sérgio Motta, um centro de debates da política e da cultura do Brasil" que realizava o "Prêmio Sérgio Motta de Arte e Tecnologia". No Facebook, a entidade se descreve como "um centro de projetos e debates voltados ao uso criativo da tecnologia e da inovação" e publicou até março de 2013, [https://www.facebook.com/pg/Inst.SergioMotta/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Inst.SergioMotta/about/?ref=page_internal) , mas o endereço do site que consta na página é hoje (28/2/2018) um "domínio que pertence à Locaweb" <http://ism.org.br/>. Aparentemente, segundo a enciclopédia Itaú Cultural, a entidade entregou o prêmio até 2011, e realizava atividades com a Secretaria Estadual da Cultura <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento602473/premio-sergio-motta-9-2011-sao-paulo-sp> .

<sup>142</sup> PT abraça agenda morta de FHC, diz Mendonça, 27/5/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2705200319.htm>

<sup>143</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u54917.shtml>

Lula". "Dentro da lógica do poder pelo poder, temos assistido uma verdadeira ocupação do Estado por quadros do partido do governo (...). Exarcebou-se o loteamento de cargos entre forças aliadas."

À época, o então presidente do PT, José Genoíno, avaliou que "[Serra] está fazendo o dever de casa, buscando identidade como oposição. Está cumprindo seu papel, mas já vi discursos mais brilhantes de Serra".<sup>144</sup> Curiosa opção de análise, técnica retórica.

Em janeiro de 2004, encontramos mais uma dessas pérolas que testemunham a enorme mudança de percepção e do próprio ambiente político. Em entrevista, Aécio Neves dizia que sua grande conselheira na vida era a falta de obsessão [em ser presidenciável]. Destacou pontos "positivos" do primeiro ano do governo Lula ("Assistimos à transformação rápida de um discurso atrasado e populista numa prática responsável, sobretudo na política econômica. Durante muitos anos não teremos mais eleições ideologizadas entre aspas, nas quais as questões centrais serão debates de conceitos, como o papel do Estado, se menor ou se maior. A guinada do PT acabou com isso.") e, assim como outros tucanos, avaliava a possibilidade de união com o PT:

***Folha - O sr. vê chance de união PT-PSDB num só partido?***

**Aécio** - Partido é projeto para bem mais adiante. Pode ser uma grande aliança, sem a necessidade de se pagar preços que o presidente Fernando Henrique pagou e que Lula começa a pagar hoje.

***Folha - É possível trocar aliança fisiológica por ideológica?***

**Aécio** - Plenamente possível. **Hoje há uma aliança com setores e pessoas tão distantes do ponto de vista ideológico que se unem em torno de um projeto de poder.** Não sou puritano. Há **hoje a necessidade real de certo loteamento de espaço para construir maioria no Congresso.**

\*\*\*

Observamos ao longo dos próximos meses José Serra martelando a ideia de que o PT possuía projeto de poder, mas não de governo. Aquela ideia que Genoíno considerou "não brilhante". De fato, a partir daquele discurso de Serra ao se tornar

---

<sup>144</sup> Serra assume PSDB e diz que PT não tem projeto de governo, 21/11/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u55678.shtml>

presidente do PSDB, passamos a ouvir somente de projeto de poder do PT, em oposição a projeto de governo, de sociedade, etc<sup>145</sup>.

No entanto, não se pode atribuir ao candidato derrotado a primeira grande menção à ideia na Folha de SP. O infalível Denis Lerrer Rosenfield, "Doutor pela Universidade Paris I", em 15 de outubro de 2003 (menos de um mês antes do discurso de Serra), escrevia assim sobre o tema: "Se a prática do governo está demonstrando que o **PT não tinha uma proposta para o país, o mesmo não se pode dizer de seu projeto de poder, este sim muito bem estabelecido.**" Falando da "conversão petista ao ideário de FHC", ele considera que "há uma orientação constante em todo esse processo, a saber, o **projeto de conquista e de permanência no poder, presente no aparelhamento partidário da máquina estatal.** O "emprego" dos militantes partidários em cargos de confiança, dos mais elevados aos de menor valor, passando pelas empresas estatais e pelos fundos de pensão, é uma prática que, de um lado, deita raízes no próprio Estado brasileiro e, de outro, **corresponde a um projeto de poder de inspiração esquerdista, assentado na apropriação do Estado para a realização de uma posterior mudança política.**" Segundo o doutor, a o projeto piloto da prática teria sido o governo Olívio Dutra, no RS, e se diferencia de outros partidos porque nenhum outro se "apossou totalmente dos cargos de comissão e, tampouco, [se fortaleceram] via contribuição obrigatória"<sup>146</sup>.

Rosenfield acreditava ainda que "o aburguesamento dos militantes [em decorrência da carguificação] poderia contra-arrestar essa tendência esquerdista. Essa leitura é bem plausível, podendo indicar um caminho que estaria sendo percorrido." Eu considero o Professor bastante clarividente.

---

<sup>145</sup> Ao longo de 2003 houve ainda menções a projeto de poder do PMDB, que foram escasseando. Em abril, o então presidente do PMDB Michel Temer lançou nota em que anunciava que o partido ficaria fora do governo por "sua autonomia no "projeto de poder" de se fortalecer a partir das próximas eleições [municipais], lançando candidatos próprios"<sup>145</sup>. Sete meses depois, em novembro, Renan Calheiros como líder do PMDB no Senado defendeu que Lula só realizasse a reforma ministerial depois das votações das reformas previdenciária e tributária (Temer teria sido contrário a esta posição). Na ocasião, Calheiros propôs "um pacto estratégico de poder entre PMDB e PT", afirmando que seu partido tem um "projeto próprio de poder", que não impede a reeleição de Lula em 2006: "O mais provável é que a aliança com o PT se mantenha em 2006 com o Lula sendo candidato. O PMDB tem um projeto de poder adiante."<sup>145</sup>

Em reunião, PMDB decide manter-se fora do governo, 17/4/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u48163.shtml>

<sup>145</sup> PMDB diz que quer ser do "núcleo do poder", 15/11/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u55459.shtml>

<sup>146</sup> Afinidades eletivas, 15/10/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1510200308.htm>

Sempre atentos ao discurso da oposição não para neutralizá-lo, mas para reforçá-lo, “alguns ministros”, reportados por Valdo Cruz, avaliavam que Lula precisava definir um projeto de governo: “O maior problema para deixar de apenas reagir ao cotidiano de crises e imprimir um novo projeto ao país é exatamente a falta de um projeto - e até mesmo de alguém que o formule. Na equipe principal de Lula, ninguém se encaixa no perfil de formulador.”<sup>147</sup>

No mesmo dia, uma “intelligentsia petista” também mostrava na Folha o seu “mal-estar” com a falta de projeto de governo, uma gente que depois acabou indo para vários outros lados e que, não curiosamente, estava ali também convergindo com a então oposição: “A heterogeneidade de pensamento, que o grupo de Maria Victoria vê como qualidade, para o economista Reinaldo Gonçalves, da UFRJ, significa que o governo “não tem muita estratégia, fica respondendo às circunstâncias”. Segundo ele, isso mostra que o PT “não tem um projeto de sociedade, só um projeto de poder.”<sup>148</sup>

, Em dezembro de 2003, Gustavo Krause já naturalizava o mote: “É voz corrente entre os analistas políticos que o PT tem um projeto de poder, porém há expressivos sintomas de que lhe falta um projeto de governo.” O projeto de poder, no entanto, ainda não era um vilão de V maiúsculo, apenas um objetivo paralelo e, sem juízo de valor, poderia funcionar ou não: “sem crescimento econômico, geração de empregos e aumento de renda qualquer governo está condenado à impopularidade e o projeto de poder fadado ao fracasso”<sup>149</sup>.

\*\*\*

Um dado importante sobre essa busca é que ela gerou 688 resultados, dos quais apenas 113 ocorrem até janeiro de 2003. O restante, ou seja, 575, aparecem já nos governos petistas e em reminiscências pós golpe (até 2/2018).

Se até 2003 “projeto de poder” era um termo corrente de análise política, sem representar alguma chave especial de interpretação da realidade, vemos que nos anos subseqüentes ele passa a ser martelado quase sempre com relação ao PT (na interpretação do “mensalão” e em seguida da Operação Lava Jato) e também com freqüência com relação aos governos de esquerda da América Latina. Os

---

<sup>147</sup> Falta de projeto de governo causa desconforto, 30/11/2003  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3011200311.htm>

<sup>148</sup> Lula provoca mal-estar na intelligentsia, 30/11/2003  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u55933.shtml>

<sup>149</sup> Espetáculo do crescimento ou truque? 30/12/2003  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3012200310.htm>

números a seguir devem ser matizados porque a busca da Folha retorna alguns resultados repetidos a partir da inclusão das matérias publicadas na Folha Online e, neste caso, não foram verificados um a um:

Ano	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17
Ocorr.	21	28	41	45	18	15	17	20	19	62	56	63	68	73	28

A explosão em 2005 e 2006 advém da chave de leitura proposta para a AP 470, sobretudo em artigos de opinião e declarações, a seguir o termo passa a ser utilizado em boa parte com relação à América Latina para voltar ao noticiário de campanha nacional, ainda modestamente, em 2010. 2012 é o ano do julgamento da AP 470, e a campanha fervorosa não arrefece até a consumação do impedimento de Dilma Rousseff e suas posteriores justificativas. Em 2017, aparecem apenas 28 ocorrências. 2016 também mostra uma transferência do "projeto de poder", sempre usado de maneira extremamente negativa, mas também com relação à Igreja Universal. Naquele ano, algumas vezes que se levantavam contra o impeachment, como Kátia Abreu e Raduan Nassar, denunciaram o "projeto de poder" de Michel Temer, que voltaria a ser mencionado, mas residualmente. Aparece também a ideia de "projeto de poder" do judiciário nas bocas mais insuspeitas. Claro que somente em tempo oportuno.

Entre os maiores avançadores da ideia de "projeto de poder" petista no ano do golpe estão Aécio Neves (que em total publicou no jornal 17 colunas mencionando o termo), Kim Kataguirí, Ferreira Gullar, Igor Gielow, Demétrio Magnoli e Elio Gaspari. É comum aos políticos o uso de slogans e ideias-força, eles o fazem da maneira mais tosca, mais simples e mais acabada. Foi o que vimos em 2016.

Entre as figuras políticas identificadas com a esquerda, lamentavelmente Frei Betto foi dos pioneiros a abraçar a tese e figurar no listado, coisa que faz até hoje, em coro com Dom Odilo Pedro Scherer<sup>150</sup>. "O PT precisa voltar a ter um projeto de Brasil, e não apenas de poder", disse Betto com relação à "ideia fixa" do partido de ganhar as eleições em 2018<sup>151</sup>. Não é, em si, lamentável a crítica. Sem pretensão de explorar o terreno, muitas coisas podem e devem ser discutidas com

---

<sup>150</sup> "O resultado das eleições de 2002 despertou grandes expectativas de transformação social. Aos poucos, o projeto de poder se sobrepõe à busca de um projeto de nação socialmente mais justa.", dizia o então porta-voz da CNBB em 18/8/2006. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1808200611.htm>

<sup>151</sup> Voltamos à era do messianismo político que gerou Hitler, diz Frei Betto. Folha de S. Paulo, 29/5/2017. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1888307-voltamos-a-era-do-messianismo-politico-que-gerou-hitler-diz-frei-betto.shtml>

relação ao “projeto do PT”. Lamentável é o uso e abuso da tribuna preferencial, esgrimindo as *weapons of choice* do campo adversário.

---

## **TRANSIÇÃO SOCIALISTA**

---

transicao.org fb.com/transicaosocialista

# Pela condenação e prisão de Lula!

# Não ao risco de governo autoritário!

Lula é comprovadamente corrupto. Quem fala que não há provas contra ele ou é ignorante (não leu a condenação de Sérgio Moro) ou é mal-caráter: Lula e a falecida Mariela Letícia ocultaram a propriedade do apartamento triplex no Guarujá com uma série de maracutias tão bem registradas que não deixam qualquer dúvida de sua culpa. Além disso, há mais processos, ainda não julgados, com provas mais consistentes (o sítio em Atibaia, a corrupção com grandes empresas automobilísticas, sem falar nos indícios de corrupção na Petrobras). Lula esbaldou-se na fama mais repugnante da burguesia.

Temer deu declaração na Folha de SP a favor do “direito de Lula se candidatar”. Renan Calheiros disse que “Lula só pode ser julgado pelo

povo” (ou seja, nas urnas, não na justiça). FHC disse que “prefere derrotar Lula nas urnas a vê-lo na cadeia”. Aécio Neves disse “eu não torço pela prisão do Lula”. Henrique Meireles disse que “a participação de Lula na eleição é positiva”. A lista de mafiosos a favor de Lula poderia ser infinita.

Não se esqueça: esses mafiosos são aqueles que querem aprovar a reforma da previdência para que você trabalhe até morrer. São os mesmos que defenderam com unhas e dentes a reforma trabalhista, que precariza ainda mais as relações de trabalho. Só isso já deveria bastar para não confiarmos em nada do que esses senhores dizem. Agora, quando defendem Lula, devemos ter clareza do seguinte:

## Tentação Totalitária

---

Na busca do site da Folha (a partir de 1994), recuperamos as ocorrências de “tentação totalitária” e seus relativos “homófonos” nas quantidades e períodos que seguem:

Tentação totalitária: 27 ocorrências, de 17/3/1996 a 28/5/2017

Vocação totalitária: 19 ocorrências, de 1/1/1994 a 10/3/2017

Tradição totalitária: 6 ocorrências, de 17/3/1996 a 29/4/2006

Tentação autoritária: 62 ocorrências, de 17/3/1996 a 25/6/2017

Vocação autoritária: 41 ocorrências, de 5/9/1995 a 8/10/2017

Tradição autoritária: 62 ocorrências, de 31/3/1994 a 15/4/2017

Optamos por analisar o termo com mais proximidade às suas “origens”, e o acervo da Folha proporcionou o acesso a matérias dos anos 80. “Tentação Totalitária” é o título de um livro publicado pelo jornalista francês Jean-François Revel em 1976.

\*\*\*

Em 23 de março de 1980, ao lado de um enorme anúncio do Jumbo Eletro em que um acendedor elétrico para fogão custava mais de dez vezes o preço de um balde grande de plástico, a Folha de S. Paulo trazia um artigo de Pedro Del Picchia sobre “Os indiferentes de ontem e de hoje na sociedade italiana”. O texto informa que nos primeiros 82 dias do ano de 1980, duas dezenas de pessoas haviam sido assassinadas “por extremistas”.

“Os indiferentes” são uma referência ao romance de Alberto Moravia, que retrata “o mesquinho mundo de uma faixa da burguesia italiana que caminha para o fim e, preocupada com a própria sobrevivência, está completamente alheia ao que acontece fora da minúscula área social e geográfica em que circula”. Os indiferentes de hoje seriam “a gigantesca classe média [que] não está interessada no assunto”. “Corrupção, suborno, lama, serviços que não funcionam, e nada: ela

permanece no sofá, assistindo programas dominicais. Conseguem ser piores que os brasileiros”, sentencia o jornalista.

O artigo centra críticas nas soluções autoritárias que teriam sido oferecidas ao presidente italiano para recuperar a ordem nacional: constituição de tribunais especiais sem júri popular, autocensura da imprensa, reprodução do sistema alemão de combate ao terrorismo, utilização direta do exército no combate à violência. A maioria dos juízes – três juízes haviam sido assassinados na semana anterior à publicação do artigo – estaria contra tais medidas, mas o medo entranhado em todos os setores começava a gerar anseios por um “salva-pátrias” que promettesse proteção e segurança para que o povo trabalhasse em paz.

Tal era a “tentação totalitária” de uma Itália que, à época, padecia os efeitos do conflito desencadeado pela Operação Mãos Limpas de combate à máfia – aquela que posteriormente viria a “inspirar” a Lava Jato do juiz Sérgio Moro.

Em 4/2/1981, a expressão-fetichismo de Jean-François Revel dá título a editorial da Folha em que se criticam as fraudes e outras violências ocorridas nas eleições municipais daquele ano: “a representação popular parece ter apodrecido por inteiro, de alto a baixo. Para a grande maioria, o mandato tornou-se um emprego como outro qualquer. Para muitos, ficar ao lado ou contra o governo é uma simples questão de lucros e perdas”. “Diante desse quadro”, prossegue, “há uma tentação para justificar os regimes de força. Poderia até ser uma boa saída, se as mazelas que temos não fossem produto de tantos anos de exceção”.

No mesmo ano, em abril, temos esta joiha:

**A Ibrasa anuncia “O Louco e o Proletário”, de Emmanuel Todd. O autor compara a tentação totalitária ao suicídio, ao alcoolismo, à esquizofrenia e aos acidentes de automóvel — um fenômeno de patologia social.**

José Carlos de Azevedo, oficial da Marinha na reserva, engenheiro nuclear e conselheiro do Centro de Estudos Sociais Políticos e Econômicos Comparados da Universidade de Georgetown, em 12/7/1985 teme que nas eleições que se aproximam emerja o totalitarismo<sup>152</sup>. Sem nenhuma sutileza e, talvez até por isso, muito espertamente, joga o governo militar no colo do socialismo como evidência de primeiro parágrafo: “a prevalência do planejamento centralizado sobre a vida

---

<sup>152</sup> AZEVEDO José Carlos, A opção e a tentação totalitária, Folha de S. Paulo, 12/7/1985.

nacional, própria de países socialistas, deixou-nos problemas econômicos, políticos e sociais da maior complexidade”.

Segue outra evidência, sem sombra de desenvolvimento: “Estatização e mau desempenho educacional são problemas correlatos, razão pela qual temos hoje o maior contingente de analfabetos e o maior índice de estatização do mundo ocidental”. (Se neste momento chove e ocorrem eleições no centro acadêmico, a chuva é causa das eleições no centro acadêmico). No parágrafo seguinte temos a ladainha completa com uma impressionante negligência com respeito às conexões lógicas: problemas nacionais são causados pelo mau desempenho do setor educacional; greves e paralisações contribuem com a inflação mas não estancam o investimento em universidades públicas; universidades públicas recebem rios de dinheiro mas não contribuem para o desenvolvimento nacional; universidades públicas contribuem negativamente para a tranquilidade social por serem um cabide de emprego.

Como os partidos em geral são todos iguais e não têm um programa educacional, tudo girará no mesmo círculo vicioso “até que os comunistas assumam o poder. Por que na Rússia a educação vai bem? Pois ali não vicejam os vírus da “mediocracia” e da “democratite” que transformam nossas instituições de ensino superior em sindicatos de baixo nível”.

Segue um elogio genealógico bastante curioso do liberalismo, “que de certa forma remonta aos filósofos gregos”, e das liberdades individuais, que não devem ser confundidas com “direito à mazorca e prevalência de interesses pessoais sobre o coletivo”.

Depois, no que poderia ser um ato falho ou a correção de um tipógrafo engajado, Azevedo diz que “o liberalismo é *incompatível* com o ensino público e não exime o Estado da obrigação de oferecer, gratuitamente, boas escolas àqueles que não podem pagá-las (...) **Afinal, a escola pública propicia a maneira mais eficaz de moldar o caráter e a personalidade do cidadão, à feição da classe dirigente**”.

Após mencionar o topos “não se vota para pilotos de aviões a jato”, o oficial continua retificando os erros comuns quanto ao sistema eleitoral – “corrompido seu significado, ‘democracia’ tornou-se, entre nós, sinônimo de ‘popular’”; “a democracia não é panacéia”; “a minoria pode estar certa, mas a maioria está sempre errada” – para em seguida desvendar “o antídoto para todos os radicais”: Hayek. O autor austríaco “mostra”, em uma ótica precisamente binária, que “o

oposto de democracia é o regime autoritário e o de liberalismo é o totalitarismo e é este que pode emergir nas próximas eleições”.

Concedendo que é preciso limitar a força coercitiva do governo, é “preciso entender claramente que, se a maioria deseja alguma coisa, ela não é necessariamente boa”. O militar acredita que “não sucumbir à tentação totalitária” significa limitar a ação do governo (“à justiça, forças armadas, fazenda e mais uma meia dúzia de áreas”).

O artigo termina citando uma anedota de Colbert, emblemas de brasões ingleses e com a proposta de criação de um Partido Liberal “tout court”, de mote “laissez nous faire”.

Este texto espantoso foi publicado em um período turbulento da história brasileira, e ali já carrega o núcleo do pensamento da proclamada “nova direita”, que de nova se vê que tem bem pouco a cada ano que remontamos no pensamento publicado no nosso país. Este traz o ranço autoritário em carne viva, mas desenha de maneira cristalina a mesma tautologia que fundamenta o argumento do grosso dos protestantes anti-PT da atualidade.

- Partindo de uma proposta inatacável, a de que se deve melhorar o nível educacional do país, nada se diz sobre como fazê-lo. É o cartaz autista que pede “Mais Educação”. Mais adiante, sobre o tema, Azevedo desliza despudoradamente em um dos cânones do que seria o totalitarismo para alguns ideólogos atuais (entre eles os do *Escola Sem Partido*): educação para “moldar o caráter e a personalidade do cidadão”.
- Estatização e centralização são típicas do socialismo. São as medidas (tipicamente) socialistas aplicadas pelo governo militar – e não o governo militar – as responsáveis pelos problemas econômicos, políticos e sociais.
- Estatização é “correlata” e “razão” do baixo nível educacional. Ainda assim, o nível educacional da Rússia é bom. “Mediocracia” e “Democratite”, típicas de sindicatos de baixo nível, são responsáveis pelo baixo nível educacional.
- Defendendo a redução do Estado, propõe limitação da **ação do governo** a “justiça, forças armadas, fazenda e mais uma meia dúzia de áreas”. Sem mencionar claramente o executivo, parece que ficariam sob seu controle todo o aparato coercitivo e punitivo, além da Fazenda e “meia

dúzia de áreas”, ampliando dramaticamente qualquer proposição assumida neoliberal e, sobretudo, qualquer proposição democrática.

- Em meio a diversas alusões negativas ao sindicalismo, o que deve ser evitado a todo custo é o “totalitarismo”. Trata-se do único foco de clareza, desde o título. Esse, aliás, “Opção e Tentação Totalitária”, significa que ter a opção de um outro governo implicaria ter a possibilidade de sucumbir à tentação totalitária.

Oscilando tortuosamente entre críticas à democracia e ao ‘socialismo’ estatista, é difícil definir se a miscelânea de temas e o truncamento lógico são fruto da tentativa de expor extensivamente uma cartilha recentemente aprendida e ainda mal assentada no raciocínio ou se são propositais, uma vez que na falta de argumentos ‘publicáveis’, mais vale a tática da sobreposição e confusão de dados com ares de doxa e autoridade.

Colocando um sujeito (“*nous*”) na forma clássica do mote liberal (“Laissez-faire”), o leitor deve-se perguntar de quem se trata. Dos próprios militares “iluministas” como o autor? De um Partido Liberal que deve ter a mesma “autonomia” de governança que tiveram os militares? De um governo liberal, em qualquer conformação, que não dependa da vontade da maioria (que não é necessariamente boa)?

A expressão continua em disputa em julho de 1985, quando Ruy Lopes comenta a insegurança política dos “pactos” realizados para a transição com Sarney e sentencia que “tão logo a maioria esqueça quem foram os responsáveis pelo nível de inflação, pela dívida externa, pela recessão e pela dependência colonial, voltará a existir a **tentação totalitária**”<sup>153</sup>.

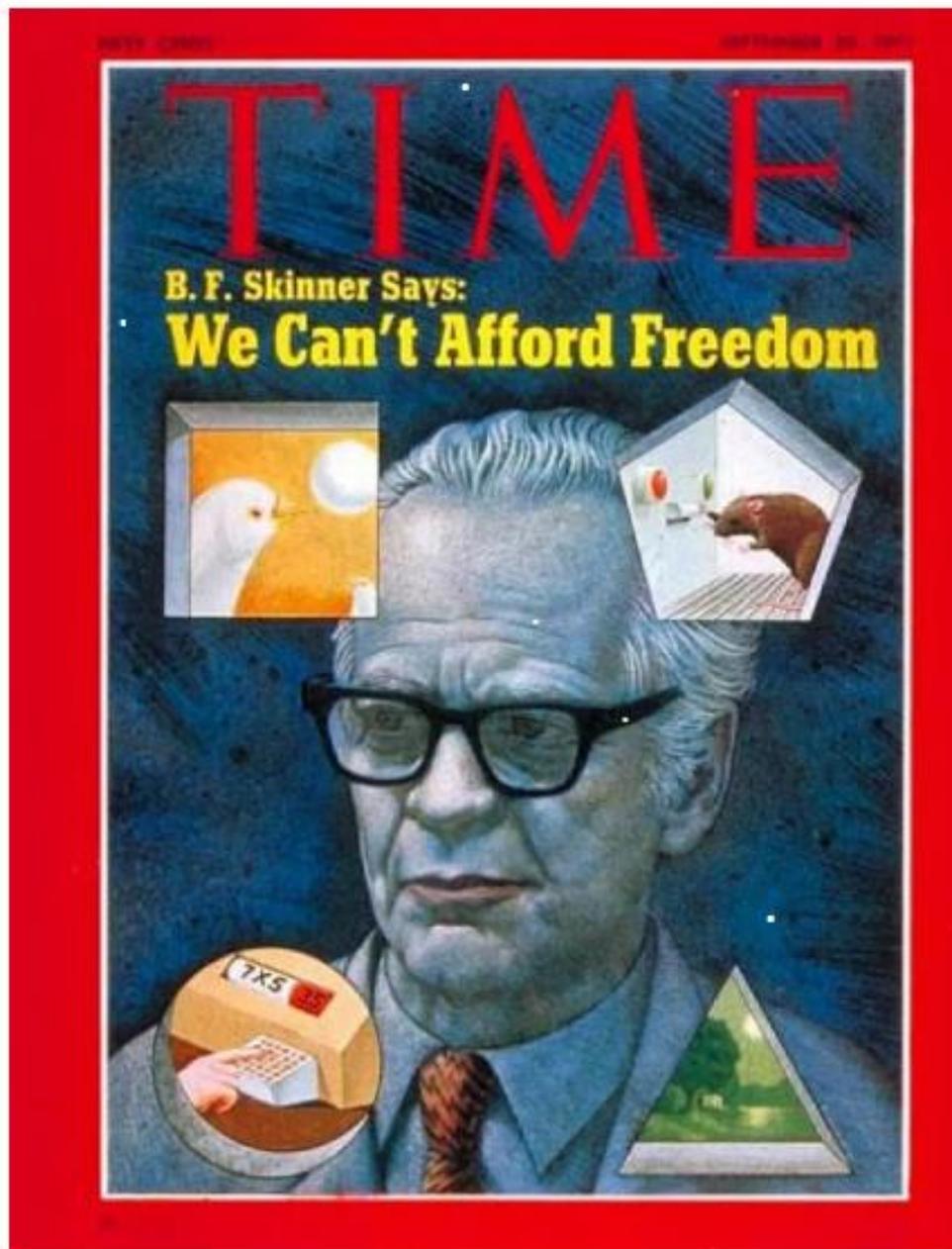
Naquele mesmo mês de 1985, celebra-se no jornal a chegada de Jean-François Revel a São Paulo, a convite da FIESP, “para conferências e encontros com personalidades do mundo político e empresarial”. Seu artigo publicado no jornal em 20/7/1985<sup>154</sup>, é dedicado em boa parte a informar que a “reviravolta neoliberal” não é “ideológica”, mas “consequência da experiência”. Não é “influência de teóricos”, mas “rejeição espontânea do dirigismo estatal pela opinião pública”, e passa a defender centralmente, com “argumentos da experiência”, a desnacionalização. Ele menciona que na França de meados dos anos 80, o “empresário privado tornou-se, aos olhos dos jovens, o herói cultural do nosso

---

<sup>153</sup> LOPES Ruy O Pacto Indefinido, Folha de S. Paulo 18/7/1985.

<sup>154</sup> REVEL Jean-François O neoliberalismo: uma desintoxicação ideológica, Folha de S. Paulo, 20/7/1985

tempo” para concluir que o novo clima intelectual não resulta de uma construção ideológica, mas antes de “uma rejeição dos métodos ideológicos em geral”.



*Capa da Revista Time de 20 de setembro de 1971.*

## Totalitarismo

---

Em resposta a um artigo do então vereador pelo PT, Francisco Whitaker, o jornalista, ex-membro do PCB na década de 60 e assessor de imprensa do prefeito Jânio Quadros nos 80, Odon Pereira, identifica-o à "esquerda paleolítica" por atribuir suas derrotas ao baixo nível de politização dos eleitores<sup>155</sup>. Segundo Odon, "este tipo de raciocínio é a matriz, o eixo teórico do totalitarismo que submeteu durante tantas décadas os países do Leste Europeu".

O artigo é de 1 de janeiro de 1994 e Odon Pereira faleceu em 2001, sem presenciar o ascenso eleitoral do PT, "de vocação totalitária", à presidência. Mas ali ele já sentenciava que, em uma tal eventualidade, o partido "seria fatalmente **tentado** a se perpetuar no poder, utilizando-se de alguma forma antidemocrática. Isso aconteceria por razões lógicas: "proteger o bom povo" e impedir que "cometa erros", como o de não eleger Suplicy em 92."

*"O vereador Whitaker não percebe que "modelar cérebros" é uma missão que transcende a política. E já foi cumprida, como nos informa uma formidável reportagem, a maior de todos os tempos. Seu título é Velho Testamento. A missão a que se propõem o vereador Whitaker e o PT durou seis dias, ao fim dos quais Ele descansou."*

Cerca de vinte anos mais tarde, podemos recordar como exemplo aquele artigo de Pondé analisado no nosso avant-propos<sup>156</sup>, a tese apresentada é a mesma – o totalitarismo perpetuatório – mas com argumentos opostos: com Odon, o PT pregaria a proverbial conscientização, com Pondé, a 'conscientização' seria prejudicial ao PT, que mantém as massas na ignorância para se manter no poder. O interruptor entre um e outro é o resultado das urnas, coisa que, admitamos, aparece também com sinal ideológico invertido.

---

<sup>155</sup> PEREIRA Odon, O PT e o Criador, Folha de S. Paulo, 1/1/1994. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/01/cotidiano/13.html>

<sup>156</sup> PONDÉ Basta, op cit.

Neste capítulo analisaremos a mutável composição do “aspecto totalitário do PT” em nosso veículo *of choice* ao longo dos anos do nosso escopo. Em uma busca pedestre, usando em conjunto a sigla “PT” e o lexema “totalit\*”, encontramos 384 resultados (excluindo os repetidos) entre janeiro de 1994 e de 2018 assim distribuídos:

94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17
21	5	6	14	8	7	11	3	20	33	19	30	21	11	14	8	25	4	6	8	22	10	13	10

Trata-se de uma busca interessante que mostra, entre outras coisas, a evolução da profundidade intelectual a que se propôs a Folha de S. Paulo e que mereceria que lhe extraíssemos mais suco, mas aqui nos ateremos ao principal. Analisamos exaustivamente as ocorrências a partir do ano 1998 divididas em cinco categorias de espaço interno bastante generoso: Opinião anti-PT, Opinião anti-PT “de esquerda”, Opinião pró-PT, Políticos e Leitores. Entendamos “anti-pt” por aqui indo desde o hidrófobo até algum crítico sóbrio a medidas quaisquer do partido. Trata-se de uma aproximação do esquema proposto por Patrick Chareaudeau para análise discurso político que se realiza em três instâncias, a política, a midiática e a cidadã. Uma aproximação, porque na realidade só analisaremos a instância midiática e as vozes que ela escolhe publicar na configuração do seu próprio discurso, construindo a ilusão de pluralidade.

Seguiremos essa ordem de categorias e propomos duas maneiras de leitura para esse capítulo. O resultado analítico de cada busca será comentado cronologicamente e ao final de cada seção, faremos um comentário sobre o conjunto de ocorrências compilado, que poderá ser lido preferencialmente.

A problemática será introduzida por um tradicional colunista da Folha e membro do seu conselho editorial.

\*\*\*

À época do impeachment de Dilma Rousseff, Marcelo Coelho se propôs a analisar na Folha de S. Paulo a *aura antidemocrática do PT*<sup>157</sup>. Sem se ater ao absurdo da situação do golpe parlamentar, em que não havia sombra de reação remotamente autoritária por parte da presidência, ou, mais precisamente, havendo completa falta de reação, ele toca em alguns pontos importantes quanto à percepção pública do partido. Coelho aponta uma convicção sincera, mas não

<sup>157</sup> COELHO Marcelo Nós contra Eles, Folha de S. Paulo, 27/4/2016

sistematizada, de que o PT não é afeito à ideia de democracia, apoiada em grande medida no fato de que o partido promove uma visão binária e antagônica da política: nós contra eles. O jornalista conecta essa visão à *"teoria claramente totalitária de Carl Schmitt, que entendia a política a partir da dualidade amigo-inimigo"*. Coelho pondera que em qualquer disputa é natural uma divisão do gênero e aponta a impossibilidade lógica de afirmar que *"eles estão errados porque dividem o mundo em nós contra eles"*.

A primeira explicação encontrada para o fenômeno é aplicada somente aos tucanos que, após o governo FHC, se sentiriam moralmente acuados pela postura principista do debate político petista, mas que por fim flagraram o PT em casos diversos de corrupção e conluíus capitalistas.

O colunista também aponta a percepção de uma especificidade maligna da roubalheira atribuída ao PT, pelo fato de estar a serviço de um "projeto de poder", apesar de todo partido ter necessariamente um projeto de poder. Nesse caso, os "partidos menores" também se incomodariam, segundo Coelho, com a postura arrogante do PT, que se colocaria em um patamar histórico e doutrinário superior às demais agremiações oportunistas e fisiológicas. Ainda que concorde com o raciocínio de que, para muitos petistas, a corrupção se tratava de uma conjuração de forças diabólicas para atingir um fim maior, o colunista frisa que não se trata de atitude antidemocrática.

Marcelo Coelho é dos que oscilam em suas opiniões, tendendo para a linha *deuxième gauche* que mais desgosta do PT como ideia de partido do que gosta. Mas exercita a lucidez em suas análises publicadas, o que veio a se tornar por si só uma característica louvável. Ele transitou com desenvoltura pelas nossas categorias.

\*\*\*

### **Opinião anti-PT**

Em 1998 iniciamos em grande estilo com o filósofo Roberto Romano que, comentando episódio duvidoso da história do partido – a saber, a escolha do candidato a governador no Rio de Janeiro –, optou por mobilizar o instrumental antitotalitarista.

*"o autoritarismo deita raízes no mais antigo pensamento político.  
Os donos nacionais daquele partido, gerados pelo ideário stalinista*

*e semelhantes, enfrentam as oposições internas com chantagem e outras armas violentas.”*

Mais acima, afirmava – não sei a partir de que fontes – que « *A liderança do PT sugeria aos militantes que todos no partido eram anjos e os demais, "farinha do mesmo saco". Partido infalível, exceção, criação do Homem Bom. Referência teológica – porque o anjo, antes de tudo, cai – mas também ao hit de 1976 dos Nouveaux Philosophes Guy Lardreau e Christian Jambet, *L'Ange*. Mais ainda, os franceses usam um dito derivado de aforisma do filósofo do XVII Blaise Pascal: "qui veut faire l'ange fait la bête" » muito apreciado pelos liberais, teóricos da natureza humana.*

*L'enfant terrible* Arnaldo Jabor aparece em 1998 e duas vezes em 2000, falando mal de um monte de gente e coisas, e até não se conformando "com o sectarismo do PT, recolhendo o entulho totalitário que sobrou da queda do Muro", porque lhe dava a sensação de desperdício histórico. Um dia sectário, no outro pragmático ou até fisiológico. Seja do modo que for, sempre é possível ser totalitário.

Naquele mesmo ano, Carlos Heitor Cony faz o elogio aos 80 anos de Dom Eugênio que, "sem se curvar aos patrulhamentos ideológicos, sem cortejar os formadores de opinião, foi peça importante na custódia de perseguidos pelo regime totalitário". É preciso admitir que, embora muitas vezes criticando o PT por esse ângulo, Cony sempre se referiu ao período da ditadura militar como regime totalitário. Era bem amplo o conceito para ele. Este artigo aparece aqui porque traz crítica a quem rotulava o religioso de conservador.

Lançando mão da artilharia pesada a partir de 2002, a Folha convoca Olavo de Carvalho que elogia o escritor cubano Armando Valladares: tem um lugar assegurado na história do século 20 entre os personagens que provaram, por sua coragem e retidão inflexível nas piores circunstâncias, a soberania do espírito livre ante as trevas do diabolismo totalitário.

No mesmo ano, fiel à crítica ao patrulhamento e ao universo conceitual, Cony traça uma linha reta entre o stalinismo e a campanha de 2002: "Os xiitas do PT pretendem decretar a morte de Regina Duarte como personagem do mundo artístico. Manifestação explícita do patrulhamento, *que começou no período totalitário* e que agora ameaça voltar no melhor estilo da "não-pessoa" que vigorou nos tempos mais duros do stalinismo"

Em agosto daquele ano, a Folha embarca o meu favorito, Dennis Lerrer Rosenfield, filósofo pupilo de Giannotti, professor na UFRG, com larga passagem por terras gaulesas. (Diga-se de passagem que nosso atual presidente Michel Temer lhe convocou recentemente para o conselho da corte).

Ele faz muitas aparições, menciono as que apareceram na busca proposta. Em tréplica de um primeiro artigo, que foi criticado pelo coordenador da campanha de Lula, Carlos Tibúrcio, no Painel do Leitor, Rosenfield dá uma aula que convém que prestemos atenção:

*"nada mais fiz do que apontar as incoerências do PT e as **práticas que qualifiquei de próprias de "movimentos totalitários". No artigo, utilizei essa expressão no sentido de H. Arendt, que distingue movimento totalitário de Estado totalitário. O movimento totalitário consiste no processo de desestruturação do Estado e da democracia, seguindo, nesse estágio, as regras estatais e democráticas, porém deturpando-as e as obedecendo nos seus limites, quando não além deles. Esse processo escalona-se, assim, num amplo espaço de tempo. Ele pode também ser chamado de "revolucionário", se utilizarmos os vocabulários marxista e comunista em suas diferentes versões. O Estado totalitário, por sua vez, é o resultado desse processo, sob a forma da pura dominação violenta, escancarando o que antes se ocultava, com a abolição subsequente da democracia, das liberdades e do Estado de Direito.***"<sup>158</sup>

À época do lançamento do seu livro "PT na encruzilhada: Social-Democracia, Demagogia ou Revolução?"<sup>159</sup>, o Rosenfield elogia a contribuição do PT ao cenário político brasileiro: a bandeira da ética, para em seguida criticar sua falta de coerência nesse aspecto e por não realizar uma revisão programática. O partido teria que "superar as divisões internas" mencionadas no subtítulo da obra e, basicamente, suprimir a "vertente gaúcha" e iniciativas totalitárias como o Orçamento Participativo (a palavra "totalitária" aparece na introdução do jornalista, não na entrevista publicada). Rosenfield temia os "revolucionários" do PT, como chama o que a mídia apelidava de "radicais", porque "esse terço do partido demandará sua parte do poder".

---

<sup>158</sup> ROSENFELD Dennis Lerrer, Quem mente? Folha de S. Paulo, 2/9/2002 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0209200209.htm>

<sup>159</sup> Filósofo aponta falta de coerência no PT, entrevista com Denis Rosenfield, Folha de S. Paulo, 8/9/2002 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0809200225.htm>

Em outro momento da entrevista, questionou a validade da divisão entre esquerda e direita para afirmar que o país não conta nem com uma esquerda realmente renovada e nem com uma direita clássica.

O ano de 2003 foi rico nesta rubrica. Logo no início, Bóris Fausto descomemora a ascensão de Lula à presidência porque defende que a sua bandeira jamais será vermelha e é contra a divisão do país: "Os símbolos e as imagens expressaram essa sensível restrição: o verde-amarelo apareceu envergonhado, quando apareceu; a praça dos Três Poderes foi tomada pelo mar de bandeiras vermelhas, pelas estrelas petistas e pela foice e o martelo, expressão de uma grande utopia do século 20 que resultou no desastre de regimes totalitários."

Próximo à data (29/1/2003), o cético Delfim Netto tinha outra avaliação: *"Não foi o PT que mudou o mundo, foi o mundo que mudou o PT", embora ainda uma juventude generosa que não se conforma com o desenrolar histórico. Insiste em querer mudar o mundo com métodos totalitários a serviço de ingênuas utopias igualitárias."*

Carlos Heitor Cony, constante no patrulhamento do partido alheio, lamenta o centralismo petista, onde os radicais não são livres: "Cobrar uma unidade de pensamento dentro de um partido é uma tendência totalitária que pode descambar para uma espécie de partido único - base de qualquer ditadura, seja de esquerda, como na antiga União Soviética, seja de direita, como na Alemanha nazista e na Itália fascista."

Em 2003, como costuma, Elio Gaspari falava de totalitarismo em tópicos internacionais – os EUA são acusados de fascismo pelos que defendem métodos totalitários". Demétrio Magnoli, no mesmo ano, fala da "cumplicidade de Lula com o totalitarismo", por não criticar fuzilamentos ocorridos em Cuba: "Rosa morreu, Stálin venceu e a esquerda marxista se tornou stalinista. Essa esquerda, apagando os vestígios do seu passado, qualificou a liberdade como "burguesa" e, no poder, ergueu os muros do privilégio."

Cony volta à carga ainda em maio de 2003, criticando a submissão do governo ao sistema que antes criticava, mas elogiando a volta atrás de uma medida que qualifica como índice de "dirigismo estatal, uma das aberrações mais nefastas de qualquer regime totalitário".

Clóvis Rossi se une ao time em junho de 2003, afirmando que o PT desclassifica seus críticos antes de tentar verificar se a crítica procede: "um mecanismo totalitário".

Rossi é bastante laxista em suas avaliações conceituais, diferente do psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg, que faz análise das massas frente ao "mistagogo ou estadista Lula" com profusão de autores em citações de uma frase, até Aristóteles. Em determinado momento ele diz que "a função totalitária é reduzir o homem a uma máquina impessoal, cobaia do progresso". Eu acredito que na realidade ele estava falando bem do PT, e até do MST, mas não tive tempo para maiores indagações quanto ao texto, questão de prazos. Convido o leitor para contribuir com a reclassificação:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0708200309.htm> .

É por meio de uma crítica de revistas literárias que somos apresentados à Sra. Rosenfield, Kathrin, Professora de teoria literária na UFRG, que, em meio a uma prosa bastante lírica e suave, faz um parêntese (com parênteses gráficos, mesmo) estranho a um comentário sobre as políticas gaúchas: "O futuro mostrará se o entusiasmo com o modelo político-cultural do Rio Grande do Sul (**que os entrevistadores e o entrevistado devem ter observado a uma distância que filtrou os traços totalitários da política cultural do PT gaúcho**) confirmará a ideia de que Porto Alegre "é um evento que não só imagina alternativas em conjunto, mas que apresenta um tipo de coerência... global entre os vários movimentos e assuntos sociais". Quase posso imaginar a cena doméstica. Tudo isso ainda em agosto de 2003.

Quando, em setembro, Lula procurou "resgatar os símbolos nacionais", foi criticado pelos sociólogos Sérgio Miceli e Hélio Jaguaribe: "Só os **governos totalitários** fazem essas grandes paradas. Elas estão em pleno ocaso". Totalitário por ter cão, totalitário por não ter cão.

Roberto Romano volta à Folha naquele mesmo ano fatídico, 24/9/2003, criticando a cultura do militante, cuja norma seria a renúncia ao intelecto pessoal desde a censura napoleônica e passando pelo totalitarismo do século XX.

Cony volta a criticar a confusão interna do PT: "os conflitos internos do partido, inclusive uma tendência totalitária de cúpula tão nociva quanto a dos estados maiores que nos governaram durante o regime militar", comparando de maneira ostensivamente leviana aquele governo à ditadura militar.

Rosenfield, Dennis, já depois do artigo que escreveu sobre o "projeto de poder" do PT, e depois da paráfrase do seu artigo na convenção do PSDB por José Serra, esmiúça ponto a ponto um documento apócrifo, "que teria sido elaborado por assessores do Ministério da Justiça" e foi "vazado", tratando do linchamento

público de Luiz Eduardo Soares após sua exoneração da Secretaria Nacional de Segurança Pública: "segue os melhores cânones do stalinismo!"<sup>160</sup>. O lema totalit\* aparece aqui três vezes.

Tudo isso ocorreu em 2003, o primeiro da Presidência petista. Em 2004, vimos o foco da crítica se direcionar a propostas de regulação midiática, ameaça à liberdade de imprensa, e os riscos de monopolização do poder em mãos de um único partido, com as eleições municipais.

Em maio de 2004, por ocasião do imbróglia com o jornalista Larry Rohter Jr. do NYT<sup>161</sup>, Carlos Heitor Cony diz sua expulsão "coloca o Brasil do PT na mesma situação de países ridículos, geralmente em vigência de regimes totalitários". Em setembro daquele ano, o mesmo colunista se surpreende com o aumento da popularidade do Presidente Lula. Em inferência pouco sutil, diz que os "militares garantiram a ordem com um Estado totalitário", enquanto "Lula e o PT ganharam a preferência eleitoral porque lutaram por uma agenda social que foi esquecida", "mas as taxas de popularidade de Lula continuam garantindo a normalidade institucional" (até quando?).

José Arthur Giannotti, coordenador da área de filosofia do CEBRAP<sup>162</sup> e autor de "Certa herança marxista", entre outras qualidades, tem por método o uso de elegância e pretensão de lucidez em suas análises, que não indicam "riscos de regime totalitário" no horizonte, mas que, não obstante, apontam ameaças ao jogo democrático no "projeto político do PT". Em artigo de outubro de 2004<sup>163</sup> ele se esforça para distinguir "troca de indulgências" com políticos nefastos (prática do jogo político) e "busca por retardar o indiciamento [de políticos nefastos]" (que

---

<sup>160</sup> ROSENFELD, Dennis O agente da CIA, 13/11/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1311200309.htm>

<sup>161</sup> "O governo federal decidiu ontem expulsar do Brasil o jornalista do " The New York Times ", William Larry Rohter Junior, em resposta à matéria assinada por ele relatando uma suposta preocupação da sociedade brasileira com o consumo excessivo de bebida alcoólica pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em nota, o Ministério da Justiça explicou que o governo determinou o cancelamento do visto temporário do repórter. " Em face da reportagem leviana, mentirosa e ofensiva à honra do presidente, com grave prejuízo à imagem do país no exterior, publicada na edição de 9 de maio passado do jornal " The New York Times " , o Ministério da Justiça considera, nos termos do artigo 26 da Lei nº 6.815, inconveniente a presença em território nacional do autor do referido texto " , diz a nota do Ministério da Justiça, assinada pelo ministro interino, Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto." Valor Online, 12/5/2004, <http://noticias.uol.com.br/ultnot/valor/2004/05/12/ult1913u7695.jhtm>

<sup>162</sup> Para uma discussão do papel ideológico do CEBRAP como think tank de deuxième gauche subdesenvolvida (classificação com a qual arco inteiramente), com discussão sobre seus membros, financiamento (também pela Fundação Ford desde o início), seu papel como plataforma política, vide excelente artigo de LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. Cad. AEL, v.8. nº14/15, 2001.

<sup>163</sup> GIANNOTTI José Arthur Com a cabeça fria, Folha de S. Paulo 17/10/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1710200408.htm>

enfraquece as instituições), entre outras paráfrases. Defendendo a alternância de poder, celebraria a vitória de José Serra em São Paulo, bem como a de Fernando Pimentel em Belo Horizonte, disse o filósofo.

Já em 2005, o monocórdio Cony comenta entrevista do então presidente do PT, José Genoíno, em que afirmava que o partido "ainda é de esquerda" de maneira inusitada: "a preocupação em "ainda" ser da esquerda me parece démodé. O grande mérito do partido foi justamente abrir, no passado, uma espécie de terceira via que libertasse o eleitorado da defasada dicotomia esquerda-direita". O programa nacional e operário proposto pelo PT nos anos 80 estaria desvinculado do discurso da esquerda oficial, dependente da URSS. "O PT lutou e se consagrou por manter uma linha independente, "ainda" que esta independência o levasse a recusar o apoio à candidatura de Tancredo Neves, que era decisivo para sepultar definitivamente o regime militar. Não queria se contaminar com as correntes liberais [‘deuxième gauche’] que afinal enterraram o totalitarismo." Cony conclui que essa opção foi desfigurada.

Em setembro de 2005, portanto pós entrevista de Roberto Jefferson (6/6/2005), um fidelíssimo à cartilha Demétrio Magnoli inicia coluna citando o "discurso secreto" de Krushev, de 1956: "Stálin preparou o partido e a NKVD para o uso do terror de massas"<sup>164</sup>. A crítica do articulista se dirigia aos intelectuais da esquerda tradicional: "a interrupção da crítica, mais até do que a falência do governo, condena o PT a repetir a trajetória descrita no passado pelos partidos comunistas".

Esse foi um leitmotiv do momento, e personalidades acadêmicas, especialmente a filósofa Marilena Chauí, foram colocadas na linha de fogo. Um artigo de agosto de 2005 traz opiniões de intelectuais que "rejeitam silêncio de filósofa": "Leôncio Martins Rodrigues, professor aposentado da Unicamp, disse que os intelectuais de esquerda já cometeram muitos erros, como **"o apoio servil a regimes totalitários"**, e para evitar novos erros "é bom mesmo que se calem. Ou que só se pronunciem sobre sua especialidade".

2005 trouxe outra polêmica que instrumentalizou o vocabulário do totalitarismo, mas fugindo da forma francesa e se aproximando da problemática de tradição estadunidense, a polêmica da proibição do comércio de armas de fogo. Flávio Flores da Cunha Bierrenbach vociferava em 22/10 de 2005 que "Confirmou-se ao longo da campanha [do desarmamento] a certeza de que a política de

---

<sup>164</sup> MAGNOLI Demétrio A crítica interrompida, Folha de S. Paulo 1/9/2005 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0109200507.htm>

desarmamento proposta é inconstitucional, irrazoável, demagógica e totalitária, incompatível com o Estado democrático de Direito. No dia seguinte, Alberto Fraga argumentava que "o desarmamento dos cidadãos é historicamente uma das bases do totalitarismo", citando Stálin, Fidel Castro e Mao Tsé-Tung.

A crítica aos laços do PT com Cuba também enseja matérias em que o sistema de governo da ilha é descrito 'factualmente' como "um regime totalitário comandado por Fidel Castro" (30/10/2005).

Em julho de 2005, Cony "se justifica" com relação às "crônicas pesadas" contra o PT e o governo: "Não admiro o partido. Há muito detectei nele um ranço totalitário. *Duas crônicas publicadas na semana passada* chegaram a lembrar alguma analogia (nunca a identidade) com o partido nazista." Ele admite, no entanto, que as generalizações são inevitáveis mas injustas e torce para que a "banda podre" seja menor que se anuncia. Entre petistas admiráveis estariam Eduardo Suplicy, Aloizio Mercadante e Ricardo Kotscho, "os primeiros a sofrer na própria carne a onda que se formou contra o partido".

Em 3/12/2005, Cony diz que "mal chegado ao poder, com Dirceu no absoluto comando executivo do partido, o PT tomou aquela poção misteriosa que transforma um médico em monstro. O pequenino grupo que denunciou a transformação ou a traição foi truculentamente expurgado - nos moldes de todos os partidos totalitários que conhecemos". Aparentemente não se pode expurgar a banda podre.

Em 11/12/2005, Carlos Heitor Cony se contradiz com relação às origens do PT e procede com suas alusões sempre surpreendentemente frívolas: "Desde os inícios do partido, senti nele um bafio totalitário, lembrando em alguns casos a ascensão dos nazistas, pelo menos até 1933, quando tomaram o poder na Alemanha democraticamente, dentro das regras do jogo". Saímos de Stálin para pisar diretamente no nazismo. Após loa à origem antiautoritária do PT, "há muito" ele já detectava o "ranço" e agora o "bafio" estava desde os inícios.

Dennis Rosenfield mostra a que vem em entrevista de fevereiro de 2006, onde afirma que há espaço para o surgimento de uma nova direita, desvinculada das ideias de um Estado totalitário e corrupto e identificada com a boa gestão administrativa e a defesa das liberdades. Em agosto de 2006, vemos o coerente teórico Rosenfield retomar Arendt e a noção de "movimento totalitário": "a saber, aquele processo que conduz ao desmantelamento do Estado".

Contardo Calligaris defendeu uma tese na Universidade de Provence em 1993 que ele menciona muito amiúde, cada vez com um motivo para não ter sido publicada<sup>165</sup>. Em 13/4/2006, ele diz que lhe parecia que a questão central pertencia a outra época, “à dos totalitarismos”, mas que uma declaração do então deputado Jorge Bittar lhe fazia mudar de ideia quando à contemporaneidade do tema. Em crítica ao relatório de Delcídio Amaral (PT-MS) da CPI dos Correios, xingou e disse que o senador não agiu como “um verdadeiro petista”. O argumento é que o PT seria um grupo que oferece férias à subjetividade dos seus membros para que ajam como instrumentos a serviço do partido, (configurando índice de totalitarismo).

Em 1/10/2006, Danuza Leão distingue a “gente simples” da “gentalha que ocupa cargos no governo”. Ela alerta para que uma vitória do PT no primeiro turno das presidenciais seria um perigo “com as tendências totalitárias do presidente”, que pode levar do fechamento do Congresso à censura à imprensa.

Em agosto de 2007, nosso ideólogo de primeira linha Dennis Lerrer Rosenfield afina o discurso, agregando os governantes bolivarianos da América Latina na análise: “Pensam que o Brasil deveria seguir o mesmo caminho, instaurando uma sociedade socialista, dita solidária, mas, de fato, autoritária ou totalitária”. O artigo se dedica a falar da possibilidade de “anistia política” de José Dirceu, “candidato natural do PT à Presidência que teve o caminho barrado com a cassação”, que assumiria em campanha uma atitude mais à esquerda.

Nas sendas internacionais, o acordo de cooperação do PT com o partido sírio Baath é visto como um retorno às origens stalinistas pelo politólogo Octaciano Nogueira: “Aliar-se ao Baath, que é um partido totalitário, num país [Síria] onde não há democracia, isso é uma volta à origem radical, ao stalinismo”.

Em 2008 a ponderação acadêmica do mestre José Arthur Giannotti já se mostrava completamente démodé como ideólogo tucano. O filósofo fala dos vícios da política brasileira, especialmente depois do “desaparecimento do horizonte do ideal de uma economia sem mercado e da ilusão da política regida pelo comitê central” e em plena crise econômica internacional de 2008. Ele dá tarefas para todo mundo, inclusive para a esquerda contemporânea: “criar alternativas reais às misérias promovidas pelo capital, o que se consolidará na luta pelo aprofundamento

---

<sup>165</sup> Em outra coluna, ele explica o cerne conceitual da sua tese: “Nessa altura, Arendt já tinha publicado há tempos (em 1951) seu “Origens do Totalitarismo” (Companhia das Letras). Fato extraordinário para a época, Arendt examinava os totalitarismos do século 20 levando stalinismo e nazismo para um mesmo tribunal. Ela encontrava as origens do totalitarismo do século 20 no imperialismo colonialista e no racismo (ideias, convicções, tanto das elites como dos povos). Pois bem, dez anos mais tarde, Arendt saía do processo de Eichmann pensando diferente: as convicções (por exemplo, antissemitas) dos funcionários do regime não bastavam para explicar o que os tinha transformado em assassinos genocidas, e o totalitarismo tinha sido possível não graças aos entusiasmos ideais de sua tropa, mas, ao contrário, graças a personagens quaisquer e banais, facilmente dispostos a abdicar sua faculdade de pensar.” CALLIGARIS Contardo, Meu vizinho genocida, Folha de S.Paulo, 18/7/2013.

da democracia, na demanda de instituições transparentes, que sejam capazes de controlar as loucuras do mercado, as lutas de classes desvairadas, o jogo sujo na política". (Nesse ponto, relemos Lefort, em sua defesa da polarização da sociedade.) "Embora os resultados dessas eleições tenham sido melhores do que o esperado, pois não se configurou a onda vermelha unificadora do nada, o jogo político não respeitou as regras mínimas do respeito pelo adversário." Giannotti teme que com "a profundidade da crise nacional e internacional, espreita o perigo de uma solução totalizante e totalitária, liderada por gaviões que busquem o apoio popular sem os meandros das instituições democráticas."

Em janeiro de 2009, Sérgio Malbergier fala da militância de esquerda: "cega", "turba de difícil educação", "filhos de ideologias totalitárias vencidas" (note-se o plural), e maniqueísta. Note-se que o colunista usou o título "de olhos bem fechados" no mesmo jornal uma segunda vez, em 2015, para falar do radicalismo islâmico – uma passagem já trilhada por, entre outros, Bernard Henri-Levy.

2010, como bom ano eleitoral, traz um grande leque de nuances antitotalitárias. Em março, a Folha capricha na elaboração e na virulência de sua crítica academicista: "Como o partido se julga o representante místico dos "trabalhadores", o financiamento escuso que receba de empreiteiras, as alterações legais casuísticas que promova em favor de uma empresa de telecomunicação, não representarão escândalo jamais. fins justificam os meios. Autoabsolvido pelo venerável espírito hegeliano-marxista da História, o petismo pode fazer tudo o que condenava em seus adversários. Quem apontar a farsa será tachado de inimigo dos trabalhadores - e, na tese de uma imaginária "guerra de extermínio", o PT mostra apenas a sua **própria tentação totalitária**. (...)Perdeu a moral, mas não perde o autoritarismo, a mendacidade e a arrogância." Cantanhêde é fiel ao seu espírito bonachão e ironiza os profetas do totalitarismo bolivarianista em maio. Em setembro, o politólogo Ricardo Caldas, por ocasião da quebra do sigilo fiscal da filha de José Serra e outros nomes do PSDB, era dos que apostavam na iminência do estado totalitário. Fernando de Barros e Silva volta a criticar Marilena Chauí segundo a cartilha, citando Claude Lefort como "crítico precoce do totalitarismo de esquerda". Ela teria abandonado seu papel de ponte entre o pensamento filosófico e a opinião pública.

2011 retorna com Cony em crítica ao controle social da mídia: "sonho de consumo de todos os partidos [em referência ao PT] que cultivam sequelas totalitárias, dominar a sociedade com o pensamento único".

2013 (11/4) tem uma associação mais original por Sérgio Malbergier, que diz que o consumismo é o novo comunismo, com a China como prova e o "PT também tem esse lema: consumam!". Para se fazer mais convincente, apela ao viés mórbido do "sangue de dezenas de milhões de inocentes" na conta do comunismo e outros totalitarismos.

Em 2014, Demétrio Magnoli, mais metódico, comenta artigo de Tarso Genro, em que colocava a China como um modelo para o Brasil. Ali o totalitarismo como "sujeito político (Partido-Estado)" que "cria o mercado e suas relações", num processo em que "estas relações novas recriam o sujeito (Partido-Estado), que será permanentemente outro" de forma a gerar poder absoluto ao partido-Estado. O artigo teria demonstrado o "lado escuro da alma do partido que nos governa".

A Política Nacional de Participação Social também ensejou questões totalitaristas. Em junho de 2014, o jurista Oscar Vilhena Vieira diz que o problema não é a participação dizendo que preocupa mais a cultura patrimonialista radicalizada pelo PT. Em menção às origens, fala da demanda por mais participação democrática desde 1968 e que um regime totalitarista poderia fazer uso da participação social para atingir seus "perversos objetivos". Pondé, por outro lado, denuncia o golpe iminente e a transformação da república em uma "União Brasileira Socialista Soviética" a partir do decreto que instituiu o Sistema Nacional de Participação Social, um fruto de setores do PT radical e raivosos ex-PT. Em artigo confuso publicado em setembro, Carlos Heitor Cony diz que é contra a democracia representativa, mas contra ditadura ou qualquer outra forma de totalitarismo (com referência ao período militar).

Novembro de 2014, em tempos da quarta vitória consecutiva do PT à Presidência, Luiz Felipe Pondé dá a senha do que viríamos a observar nos próximos meses. Em um de seus artigos mais beligerantes, pregou a necessidade de formação de uma militância de secessão para aprofundamento da polarização política. Respeite-se a institucionalidade, mas com "secessão política cotidiana em todo lugar onde algum bolivariano quiser acuar quem recusar a cartilha totalitária petista". No processo de destruição da liberdade de pensamento, o filósofo acusa a maior parte dos intelectuais de serem membros da seita bolivariana.

Entre os índices do totalitarismo ele elenca: processo de destruição da liberdade de pensamento, negar diálogo à imprensa, depredações à editora Abril, mentiras contra adversários na campanha, perseguições a profissionais politicamente divergentes (que perdem emprego ou são alijados de concursos e editais), marco regulatório da mídia, bolivarianismo, nós e eles (ódio político

ensinado pelo PT, que vai provar do próprio veneno). Em tom ultracatastrofista, ele sentencia que este é o projeto bolivariano de domínio totalitário do país e que o PT ficará no poder por 1000 anos, em referência indireta ao Reich.

No mesmo dia, a Folha publica carta do roqueiro Lobão em que negava apoio à intervenção militar, mas acusava a "evidente postura [do PT] de impor ao país um regime totalitário": não há três poderes independentes, não há soberania por conta do atrelamento ao Foro de São Paulo, etc..

Em 2015, dias antes da maior manifestação a favor do impeachment de Dilma Rousseff, Reinaldo Azevedo escrevia que "o PT está em pânico porque o poder demiúrgico está sendo destruído por indivíduos de verdade". Menciona muitas vezes "matar" e outros temas do imaginário mórbido, em associações indiretas ao PT. Totalitarismo aqui seria a heresia da igualdade: "Delírios totalitários de esquerda ou de direita". Faz também menção indireta à máxima thatcherista: "não há povo, há pessoas".

Em junho de 2015, Magnoli retoma o mote do culto a Lula como reedição do de Stálin: "uma engrenagem da propaganda de massas do totalitarismo". Entretanto, diferentemente do que ocorreu na URSS, com o PT esse culto significaria apenas o vazio de ideias de um partido desnordeado e precocemente envelhecido. Ainda assim vale o totalitarismo como Estado-partido, extinção da política, extinção da divergência, propaganda de massas, culto à personalidade.

Magnoli volta em fevereiro de 2016 em comentário a discurso de Dilma Rousseff conclamando os cidadãos a lutar contra os criadouros do mosquito *Aedes Aegypti*: um flerte com "técnicas o marketing totalitário", inspirado de um projeto político hegemônico. São mais visíveis os aspectos do uso de técnicas de marketing, culto à personalidade, demonização da oposição na conceituação do totalitarismo. Em outubro do mesmo ano, pós impeachment, Magnoli iguala totalitarismo e realismo socialista, com a presunção de indicar o "caminho certo" ao povo. Nesse artigo, o ex-Libelu se define como "tão de esquerda quanto um social democrata europeu"<sup>166</sup>.

Também após a consumação do impedimento, a "Resolução sobre a Conjuntura" publicada pelo PT rendeu críticas antitotalitárias diversas. Ferreira Gullar recitou a ladainha completa da versão nativa em 5/6/2016: "o populismo característico do governo do PT nasceu como uma alternativa ao regime comunista que acabou antes que chegassem ao poder pela revolução", ganhou adesão da população usando recursos públicos com assistencialismo, levou o país à bancarrota

---

<sup>166</sup>Fernandes, Anaís; Tainá, Shimoda (abril de 2013). «"Amigos, amigos, 13 à parte"». [ECA-USP](#).

para mostrar-se anticapitalista, ao mesmo tempo em que saqueou as estatais em aliança com empresários capitalistas<sup>167</sup>. Com relação ao documento, interpreta que o ele mostra que o projeto do partido era instaurar um regime antidemocrático por meio do aparelhamento e controle das instâncias democráticas – um regime totalitário. Entre os índices de totalitarismo estão: controle do judiciário pelo partido, mudança de formação ideológica das forças armadas, controle das decisões do Itamaraty e compra da opinião publicada. Uso da máquina estatal e do assistencialismo para perpetuação no poder, representação do partido como intérprete da vontade popular e da autêntica democracia. Deveria ser irônico escrever essas coisas com relação aos governos petistas, mas parece que foi publicado a sério.

\*\*\*

### **Comentário Sintético de 'Opinião anti-PT'**

Inicialmente, vemos, associadas ao totalitarismo petista, críticas aos procedimentos internos do partido, que não seriam democráticos. (Nem precisaríamos mencionar que não é corrente, digamos assim, a discussão sobre os procedimentos internos de nenhum outro partido).

A vertente da arrogância, de mostrar-se como exceção no sistema político e detentor da ciência do “caminho correto para o povo”, aparece desde o início, bem como o sectarismo na defesa de suas posições. Também aparece o patrulhamento ideológico, na perseguição de opiniões alheias para conformar um pensamento único possível.

As associações a Cuba são recorrentes, bem como associações diretas à URSS e, com menor frequência, ao nazismo e à própria ditadura militar brasileira. O onipresente Carlos Heitor Cony foi um que, em 2005, em nome da própria credibilidade, se viu forçado a se justificar pelas associações do PT ao nazismo: “*chegaram a lembrar alguma analogia (nunca a identidade)*”. Há aqueles que, como Demétrio Magnoli, se dedicaram com método a traçar paralelos de identificação do governo petista ao stalinismo.

Dennis Lerrer Rosenfield me parece um divisor de águas na opinião antipetista porque, ainda durante a campanha presidencial de 2002, com a

---

<sup>167</sup> GULLAR Ferreira Antes autoritário que corrupto, Folha de S. Paulo, 5/6/2016 <http://www1.folha.uol.com.br/co...-autoritario-que-corrupto.shtml>

bagagem da crítica dos governos petistas no Rio Grande do Sul, apresenta um raciocínio coerente, com base teórica e suposta observação empírica. Retomemos:

*"[O PT tem práticas próprias de movimento totalitário que] consiste no processo de desestruturação do Estado e da democracia, seguindo, nesse estágio, as regras estatais e democráticas, porém deturpando-as e as obedecendo nos seus limites, quando não além deles. Esse processo escalone-se, assim, num amplo espaço de tempo. Ele pode também ser chamado de "revolucionário", se utilizarmos os vocabulários marxista e comunista*

*O Estado totalitário, por sua vez, é o resultado desse processo, sob a forma da pura dominação violenta, escancarando o que antes se ocultava, com a abolição subsequente da democracia, das liberdades e do Estado de Direito."*

Para sustentar essa tese, inicialmente, ele localiza o risco nas correntes "revolucionárias" do PT, ou, os "radicais". Posteriormente, o dito mensalão forneceria mais carne para essa interpretação.

Em 2006, Rosenfield começa a pregar o surgimento de uma nova direita, desvinculada das ideias de um Estado totalitário e corrupto e identificada com a boa gestão administrativa e a defesa das liberdades. É importante dizer que nosso amigo ideólogo parou de escrever na Folha. Embora tenha continuado a dissertar no Estadão e n'O Globo, entre muitas outras tribunas, perdemos sua trilha em nosso corpus.

No primeiro ano do governo Lula, o PT recebeu muitas críticas pelo viés antitotalitário, fosse por "dividir o país" (bandeiras vermelhas, e não verdes e amarelas), pelo centralismo exigido dos deputados e pelo abandono da subjetividade por parte da militância (pensamento único), desqualificação da crítica (pensamento único), pelo resgate dos símbolos nacionais (nacionalismo fascista), etc.

Em 2004, com as propostas de regulação da mídia, entre outros eventos, as críticas se voltaram à ameaça de censura e da liberdade de imprensa. Somadas à campanha petista contra o denunciamento midiático e de denúncia de golpe midiático, o tema transitará por todos os anos subsequentes, associado à questão do pensamento único e da propaganda de massas.

Com as municipais de 2004, aparece também a necessidade democrática da alternância de poder. Após o advento do "mensalão", a crítica antitotalitária se encarna contra os intelectuais do petismo, em sua postura militante e acrítica – um movimento que vimos com precisão nos anos 70 franceses. Outro tema que mobilizou o campo semântico do totalitarismo, mas segundo a tradição estadunidense e não francesa, foi a campanha do desarmamento.

Percebe-se, principalmente a partir de 2005, um movimento de redenção dos "radicais", verdadeiros petistas, que teriam sido expurgados pelo autoritarismo de uma cúpula sedenta de poder. A exigência do centralismo é pintada sob as cores da banalidade do mal arendtiana, quando um grupo "oferece férias à subjetividade dos seus membros para que ajam como instrumentos a serviço do partido" na realização de qualquer atrocidade. A partir de 2007, a questão latino-americana e bolivariana toma mais força.

Na campanha de 2010, o elemento "corrupção" está plenamente integrado à análise antitotalitária: "como o partido se julga o representante místico dos "trabalhadores", o financiamento escuso que receba de empreiteiras, as alterações legais casuísticas que promova em favor de uma empresa de telecomunicação, não representarão escândalo jamais. Fins justificam os meios.". A quebra de sigilo fiscal da filha de José Serra também ensejou críticas pelo viés da espionagem e controle da sociedade.

2014 trouxe a querela da Política Nacional de Participação Social, lida por comentaristas diversos com escandalização e lentes antitotalitárias. Ela reforçou as críticas ao "aparelhamento" do governo pelo partido, que queria dominar ou subordinar os três poderes. Um dos grandes escandalizados, Luiz Felipe Pondé, deu a senha do que viria a ocorrer após a quarta vitória consecutiva do PT à presidência nacional, exortando a criação de uma militância de secessão para 'patrulhar', pelo menos, qualquer simpatizante que defenda o governo ou PT, já plenamente associado com o bolivarianismo ("uma seita").

As noções de misticismo, seita, culto, demiurgia e delírio são mencionadas com frequência, especialmente a partir do aumento da virulência da crítica, com relação ao PT, mas crescentemente com relação à pessoa de Lula.

No pós-impedimento, a "Resolução sobre a Conjuntura" do PT forneceu uma "evidência póstuma" de suas intenções totalitárias na conclusão da fábula da opinião publicada. Entre as estratégias, estaria o controle das forças armadas a partir de uma mudança de formação ideológica.

Embora não esteja no escopo cronológico deste capítulo, reproduzimos como bônus um trecho da coluna de José Simão de 4/2/1994:

*"Zé Genoio, Zé Dirceu, Aloisio Mercadante e senador Eduardo Suplicy, socorro! Os xiitas estão chegando! E os simpatizantes indo embora! Tô lendo o Programa do PT! Ai que medo! E olha que eu nem sou dono da Globo, só assisto! Rarará! Não precisam tentar derrubar o Lula. O Programa já derrubou. Como diz uma amiga: "Já não sou mais companheira, agora sou só simpatizante". E a outra: "Já não voto mais só pela confusão que vai dar".*

*E vão quadruplicar o soldo dos militares? Como disse o Ciro Gomes: isso é tentativa de suborno! Rarará! Pra botar esse programa retrógrado e totalitário na rua só com tanque!*

*E tem um item que deve ser comigo: "Obrigatoriedade de criação de Comissões de Redação em toda e qualquer empresa de comunicação"."*

\*\*\*

### **Opinião anti-PT "de esquerda"**

Esta subdivisão é realmente complicada, as críticas têm variações sutis, mas os autores desta seção em geral se autodeclaram de esquerda. Seria necessária uma classificação mais criteriosa, ou talvez a união desta seção com a anterior, mas ela será útil para identificar algumas especificidades pelo menos no início do período que estamos estudando neste capítulo.

Em 24/2/1997, um editorial da Folha intitulado "Esquerda, volver"<sup>168</sup> menciona o "fracasso do Estado totalitário soviético" como enterro simbólico de tradicionais conceitos de esquerda, como de intervenção estatal. No Brasil, a esquerda teria então limitado sua atuação à negação do que era proposto pelo governo sem propor alternativas e defendendo, finalmente, o imobilismo. Com relação especificamente ao PT, a agremiação teria nascido crítica ao modelo soviético, mas em sua queda permaneceria preso ao regime sem ainda conseguir dizer que espécie de socialismo pretende implantar. A Folha considera que o lugar que deveria ser ocupado pela esquerda está vago, enfraquecendo o debate e a

---

<sup>168</sup> Esquerda Volver, Folha de S. Paulo, 24/2/1997  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/2/24/opinia0/1.html>

busca por alternativas. Nesse texto, ainda que "totalitarismo" seja aplicado inequivocamente à URSS, é tomado por algo implicitamente rejeitado pelo PT desde sua origem.

Bóris Fausto, em 1999, critica a campanha "Fora FHC" e, com relação ao PCdoB, diz que "sua suposta defesa do socialismo constitui uma palavra-chave enganosa, que não serve para dissimular o fato de que o partido esteve sempre ao lado do totalitarismo stalinista, seja na versão chinesa, seja na versão caricata dos albaneses." Pouco mais de um ano depois, em dezembro de 2000, Bóris Fausto fala da democracia como um consenso básico em nosso país de tradição clientelista e autoritária: "a busca desse objetivo não significa a busca das unanimidades, do pensamento único, que foi, aliás, uma nuvem que passou. Pelo contrário, para não se converter em dogma autoritário ou totalitário, o consenso básico pressupõe a existência de políticas e opiniões divergentes e conflitantes, no âmbito da política."

Neste grupo de artigos incluiremos um artigo de ninguém menos que Otávio Frias Filho<sup>169</sup>. Lembremos que as fronteiras entre esquerda e direita andam particularmente obnubiladas neste capítulo. É de 31 de janeiro de 2002, bastante antes das eleições e da ascensão petista à presidência, no qual o empresário de mídia critica o oligopólio Global em sua estratégia de interatividade do programa BBB, usando todos os seus braços (TV aberta e fechada, revistas, rádios, jornais, internet). Nesse artigo lemos pérolas de qualidades variáveis, tais como: "A população não tem como se proteger da TV", ou "Com a conversão dos veículos de mídia em grandes conglomerados econômicos, discute-se nos Estados Unidos se o jornalismo terá autonomia, ainda que relativa, para tratar do jogo de interesses de tais megaempresas." "Em outros tempos, havia forças políticas dispostas a enfrentar o problema. O poder do oligopólio se tornou tão avassalador, porém, que as calou, a começar do nosso partido de esquerda, ao qual se poderia aplicar o slogan "Globo e PT, tudo a ver"" "Ninguém mais lembra, mas Big Brother era o nome do governante totalitário, inspirado em Stálin, do livro "1984", de George Orwell. Num futuro que para nós já é passado, essa ditadura havia colocado câmeras vigiando cada aposento de cada domicílio." Totalitarismo é associado ao poder exacerbado de um meio de comunicação. O PT, no caso, teria sido tragado por esse oligopólio e estaria a ele associado.

Em 1/6/2002, Fernando de Barros e Silva não deixa passar batida a menção de Lula, na "Carta ao Povo Brasileiro" ao "aspecto "totalitário" do discurso de um governo [FHC] que em oito anos não cansou de propagandear a inexorabilidade de

---

<sup>169</sup> FRIAS FILHO Otávio, BBB, Folha de S. Paulo, 31/1/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3101200207.htm>

sua política econômica. Acossado, no entanto, o próprio PT se rendeu à ditadura dos mercados. Depois de vender a alma ao demônio - dê-se a ele o nome que quiser-, só falta a Lula pedir desculpas por ser candidato.”

Tomemos um tempo maior para comentar artigo publicado em 2/6/2002. Ruy Fausto, radicado em Paris, conforma um capítulo todo especial nessa construção, sendo um legítimo representante do antitotalitarismo em estado puro. Além disso, consta que muitas e várias frustrações acadêmicas amargaram ainda mais suas críticas amplas, específicas ou generalizadas para muitos lados, mas não entremos nesse assunto. Em “Marx contra Marx”<sup>170</sup>, entrevista dada à Folha em 9/6/2002, ele defende um “socialismo democrático” sem maiores definições e fala com relação ao totalitarismo que:

- é preciso reencontrar um ponto de convergência entre princípios éticos universais e práticas políticas específicas, sem o que a história corre o risco de assistir ao retorno de regimes totalitários.
- Há uma esquerda que tece loas à ditadura cubana e ao capitalismo totalitário chinês em vez de defender o socialismo democrático como projeto.
- MST tem ideologia pré-totalitária, nutrida do culto de Che Guevara e outros.
- Há um jeito de ir para a esquerda que na realidade leva para a direita ou pelo menos para o totalitarismo

E com relação ao PT ele diz que:

- É preocupante o que ocorre com o PT nos últimos tempos, agindo de maneira oportunista, o que é (nada menos que) uma catástrofe. As alianças do PT do momento têm como modelo as de FHC: “O PT imita os tucanos e isso pode ser a morte do PT”.
- Construiu um grande partido de esquerda, desenvolveu o importante projeto dos orçamentos participativos, administrou prefeituras bem, Lula e parte do PT se manifestaram – positivamente – contra as violências do MST. Tomou distância em relação a antigos modelos, pode mobilizar grandes energias intelectuais em caso de vitória para contrabalançar sua “pretensa incompetência”.
- “Votarei em Lula, mas o destino da esquerda brasileira não se identifica com o destino do PT e ainda menos com o destino de Lula.”

---

<sup>170</sup> Marx contra Marx, Folha de S. Paulo, 9/6/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0906200204.htm>

- "Se o PT abandonar a política de alianças oportunistas, escolher um bom candidato (ou candidata) à Vice-Presidência, a derrota não será uma catástrofe."

- Se o PT insistir nesse caminho "Votaria em branco, mas só até que se formasse um novo partido, reunindo as forças socialistas e democráticas não contaminadas pelo oportunismo e pela corrupção. Essa não seria a primeira vez que um partido de esquerda teria apodrecido."

No mesmo ano, Fausto vaticina que as categorias fundamentais do marxismo não dão conta das formas sociais do presente; e 2) de que é preciso reencontrar um ponto de convergência entre princípios éticos universais e práticas políticas específicas, sem o que a história corre o risco de assistir ao retorno de regimes totalitários. Em 2003 Ruy Fausto seria novamente publicado mencionando o viés "autoritário no núcleo que dirige o PT e o governo" e os relativos riscos de direita e de "pseudo-esquerda".

Em dezembro de 2002, Helio Bicudo empunhou o estandarte da liberdade de expressão, gravada a fogo na evangélica Declaração dos Direitos Humanos e fundamento *sinequanon* do Estado Democrático de Direito, para criticar o princípio de fidelidade partidária petista que em "episódio recente" impedira a livre manifestação de uma senadora indefesa<sup>171</sup>. "Se a divergência não viola os princípios partidários, não há como sufocá-la; porque, então, estar-se-á violando claramente um direito humano protegido por convenções internacionais ratificadas pelo Brasil", sabatina Bicudo com uso de mesóclise e profusão de vírgulas. Totalitarismo para ele seria obediência como sinônimo de submissão, que esmaga o pensamento, e o ato do Partido dos Trabalhadores consistiu violação dos Direitos Humanos e da nacional constituição cidadã, antes mesmo de assumir a presidência.

Em maio de 2003, o sociólogo Francisco de Oliveira fala do risco de subordinação da política à economia, analisando pontos de continuidade e ruptura no recém iniciado governo Lula com relação ao anterior: "Podemos estar frente a uma nova forma de uma sociedade de controle, que nem é democracia, nem totalitarismo. O capital tem suas invenções." Esse viés, às vezes também chamado "globalitarismo" em referência ao pensamento do geógrafo uspiiano Milton Santos, de componentes econômicos e internacionais, não teria maiores relações com o antitotalitarismo francês.

---

<sup>171</sup> BICUDO Hélio Liberdade e Fidelidade, Folha de S. Paulo, 22/12/2002  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2212200208.htm>

Em agosto de 2004, Marcelo Coelho faz uma espécie de balanço das "heranças" do PT, mostrando que o tema saturava a opinião publicada e discursos políticos<sup>172</sup>. Como elementos da herança "stalinista", menciona: "amores pelo regime de Cuba, as alianças com o PC do B, as tendências para o culto à personalidade em torno de Lula e para a rigidez na militância". Antídotos para o veneno seriam: aposta na autonomia dos movimentos sociais, a crença numa democratização radical da sociedade, a obsessão ética, o velho "basismo" da sua organização. O lado "trotskista" se via com "a impaciência, o imediatismo, a aversão do PT a táticas conciliatórias". Do ponto de vista econômico, havia mais estatismo que liberalismo no PT, mas stalinismo não é palavra única para a característica: "poderíamos igualmente chamá-la de varguista, desenvolvimentista, geiseliana, social-democrata, nacionalista ou corporativista". O autor cita brevemente as heranças católica e puritana protestante, que convivem com a do pós-68 ("o PT da Vila Madalena não é -vê-se agora- o de Zé Dirceu"). A que constitui novidade para Coelho, no entanto, é a "Fernando-henriquista", com o abuso dos termos "denuncismo" e "governabilidade". "A aposta do PT era predominantemente antiautoritária", mas "para alcançar o poder, Lula e seus companheiros decidiram não romper com uma herança autoritária que prefere a "ordem" ao "progresso", o que significa paternalismo em vez de mobilização e mistificação propagandística em vez de esclarecimento político". O colunista também identifica uma clara "escalada contra a liberdade de imprensa".

Em março de 2005, Ruy Fausto se *escandaliza* com a notícia de aproximação e intercâmbio da Abin e a DGI, serviço secreto cubano: "mais uma pérola do lado sombrio da política externa do atual governo brasileiro". Ele diz que não sabe de quem partiu a ideia do "programa de intercâmbio", "mas, provavelmente, o ministro José Dirceu o vê com muita simpatia, ele cujo encantamento pelo poder castrista já era bem conhecido". Em janeiro de 2006, Ruy Fausto redireciona as presas a José Dirceu: já que uma parte do PT o celebra como herói (!), cabem duas palavras a respeito dele. Dirceu, é preciso dizê-lo, encarna o que há de pior na esquerda, em termos de burocratismo e de autoritarismo. O que não é só questão de traços pessoais. Seus laços - passados e presentes - com o "socialismo" totalitário são conhecidos, ainda que não inteiramente".

Já que "a crise que atingiu o PT estaria fazendo com que as pessoas perdessem o medo de declarar-se "de direita"", em fevereiro de 2006, Hélio Schwartzman questiona se "a esquerda morreu". O articulista recita a ladainha das

---

<sup>172</sup> COELHO Marcelo Stalinismo, Folha de S. Paulo, 25/8/2004.  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2508200415.htm>

fronteiras esmaecidas entre esquerda e direita e se propõe explicar a questão desde a assembléia dos Estados Gerais (mudança x conservação) até o golpe desferido ao marxismo em 1989, que enfiou a ideia teleológica de revolução "em uma gelada gulag". À confusão que se seguiu, Schwartzman diz que a esquerda (qual?) abandonou bandeiras tradicionais como o direito ao aborto e confiança no progresso científico, que seriam então identificadas como teses liberais. Ele sugere então o abandono das categorias progressismo e conservadorismo para a cisão política, propondo o exercício de uma distinção baseada na noção de natureza humana defendida por cada lado: imutável para a direita, relativa para a esquerda. Ambas teriam possibilitado a emergência de regimes totalitários com "pilhas e pilhas de cadáveres". Afirmando-se corintianamente "de esquerda", ele argumenta que "ainda que exista uma natureza humana nada apreciável, parece haver também circunstâncias sociais que exacerbam ou contêm nossas piores tendências". Apesar de todos os "equivocos da esquerda", a evolução do homem, comprovada por avanços da medicina e outros, pode indicar que, sob a definição proposta, ainda não se deve assinar o atestado de óbito da esquerda.

Em março de 2006, Ruy Fausto sumariza a opinião publicada em geral com relação ao dito "socialismo real", advindo de processos revolucionários: As três revoluções "socialistas" mais importantes do século 20 -a russa, a chinesa e a cubana- levaram aos piores resultados. Em primeiro lugar, elas custaram muito sangue e sofrimento. Para a primeira: coletivização forçada - mais ou menos 7 milhões de mortos-, terror e Goulag, mais uns 4 milhões ou 5 milhões, pelo menos etc.; para a segunda, além dos massacres dentro e fora do partido que começaram muito antes da vitória final, houve o chamado "grande salto para frente", que custou de 20 milhões a 30 milhões de mortos, a "revolução cultural", mais ou menos 1 milhão etc.; para a terceira: exílio de mais de 10% da população, repressão brutal de toda opinião dissidente, assassinatos políticos etc. E tudo isso para desembocar em um capitalismo selvagem (China) ou mafioso (Rússia) ou em uma situação de miséria e colapso econômico (Cuba), que prenuncia também, a médio prazo, um retorno ao capitalismo. A acrescentar, nos três exemplos, a liquidação de todo movimento socialista-democrático e a desmoralização da ideia geral de "socialismo". A catilinária se presta a defender "o projeto de reconstrução de um movimento socialista democrático no Brasil, no contexto de uma política de esquerda antitotalitária para todo o continente".

Em abril de 2006, Marcelo Coelho resenha o livro "Leituras da Crise - Diálogos sobre o PT, a Democracia Brasileira e o Socialismo", que compila entrevistas com Marilena Chauí, Wanderley Guilherme dos Santos, Leonardo Boff e

João Pedro Stédile. É uma senha para apontar 'incoerências' e tradição totalitária porque "quaisquer críticas ao PT são válidas, desde que feitas pelos próprios petistas. Fora do PT, o que há é ideologia, golpismo, visão parcial da realidade, o que quisermos".

Jogando em tabelinha, é Ruy Fausto que retorna em junho de 2006 para nos explicar o que é "esquerda totalitária e esquerda democrática". Ele critica "equipes ideológicas" do MST e a investidura por parte da direção petista do "antigo impulso revolucionário [que ele critica, como todo antitotalitário] na montagem de uma máquina de corrupção", resultando em um "bolchevismo mafioso".

Em julho daquele ano, Jânio de Freitas fala do sucesso da campanha presidencial de Heloísa Helena no PSOL, "que a deixa vingada da violência totalitária que a excluiu do PT". Em novembro, Fernando de Barros e Silva antecipa a crítica que Eliane Cantanhêde faria em 2010 para ridicularizar "os extremismos retóricos" de lado a lado nas eleições: "Não há nenhuma tentação golpista em curso, como brada certa intelligentsia petista para vitimizar Lula. Também não faz sentido ver na reeleição uma nova ameaça autoritária, **como quer certo colunismo "made in Miami", que chega ao ridículo atroz de invocar as "Origens do Totalitarismo", de Hannah Arendt, para alertar contra o "risco PT"**. O eleitor parece ter mais o que fazer e dá de ombros. Feitas as contas, a eleição é pobre, mas o debate em torno dela é mais miserável."

Em 2007, Marcos Augusto Gonçalves faz um paralelo "involuntário" dos movimentos de esquerda no Brasil de fins dos anos 70 e os franceses: "Disseminava-se no movimento estudantil a influência de organizações trotskistas (especialmente em São Paulo) e de uma miríade de dissidências de dissidências do Partido Comunista. Esses grupos, autodenominados "esquerda revolucionária", viviam a divergir por questiúnculas, mas tinham algo em comum: consideravam o Partidão uma horda de reformistas atrasados e velhotes bem colocados no sistema cultural, que fazia o jogo da reação ao pregar a necessidade de uma etapa de reformas democráticas, na qual os trabalhadores se associariam à burguesia progressista para combater o imperialismo e o fascismo. (...)A atitude anti-Partidão era também uma atitude anti-União Soviética, a pátria do socialismo "desvirtuada" pelo stalinismo e pela burocracia totalitária. Mas alguns já sacavam que o stalinismo não era apenas um "desvio", mas o pilar do socialismo real, que em muitos aspectos se assemelhava -ou era pior- à própria ditadura brasileira." O artigo defende que a recente greve da USP estaria associada a uma disputa política contra a hegemonia do PT nos aparelhos escolares. "Agora, os remanescentes ou

herdeiros da "esquerda revolucionária" combatem o partido de Lula como combatia-se o "reformismo". O PT ficou careta. É o novo Partidão!". Ou PCF...

Em 2008, por ocasião do lançamento de "Os murmuradores", de Orlando Figes, Hélio Gaspari aproveita para falar de outra obra do autor, publicada em 1999: "A Tragédia de um povo – a revolução russa, 1891-1924". O livro conta, entre outras coisas, que tavernas russas da época serviam carne de criança e que, se a Revolução Russa poderia ter sido evitada, a natureza totalitária do regime, não. Gaspari também diz que não há necessidade de ler outros livros, este basta, para saber sobre o assunto.

Em 2013, no lastro da querela das biografias não autorizadas, uma manifesto de intelectuais geralmente colocados neste grupo dizia que sua proibição remeteria a um "monopólio da história, típico de regimes totalitários". Totalitarismo em roupagem de versão única dos fatos, sem contraditório e liberdade de expressão.

Em 26/11/2014, Em elogio ao recentemente falecido Charles Fourier, Francisco Daudt cita a definição do PT alardeada por José Serra: "bolchevismo sem utopia", ou "poder totalitário sem idealismo". Há no texto uma analogia entre o discurso secreto de Krushev e o "mensalão".

2016 viu o lançamento do livro de Ruy Fausto sobre os "Caminhos da Esquerda". Ele viria a ganhar muita atenção da Folha<sup>173</sup>, que se compunge com o tema e para quem Ruy Fausto parece um guru ideal – ele não fala de economia, para começar. Em novembro, a resenha de Celso Rocha Barros, doutor em sociologia pela Universidade de Oxford, com tese sobre as desigualdades sociais após o colapso de regimes socialistas no Leste Europeu, conta que o totalitarismo é uma das três patologias da esquerda identificadas pelo autor. Em breve comentário, Rocha Barros diz que a Esquerda, seguindo Marx, muitas vezes flerta com o discurso de que o Estado de Direito é instrumento de dominação ou uma mera ficção. Citando Lefort, o sociólogo defende que a liberdade de opinião garantida na Declaração dos Direitos do Homem assegura a circulação do pensamento em contraposição ao poder. Ele admoesta PT, PSOL e PCdoB a se libertarem dos traços totalitários e assumirem uma "postura vigorosa de defesa da instauração da democracia" em Cuba. Rocha Barros também gosta das propostas de uma frente de esquerda e de prévias, a título de "renovação". Preocupam o

---

<sup>173</sup> ROCHA BARROS Celso de É hora de discutir programas e ideias na esquerda brasileira, Folha de S. Paulo, 13/11/2016 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/11/1831312-e-hora-de-discutir-programas-e-ideias-na-esquerda-brasileira.shtml>

articulista as discussões recentes nos documentos petistas, radicais e sem condução de liderança responsável. Há no partido quem ache que faltou populismo político, “como se esse não fosse um dos seus méritos”. O totalitarismo aqui seria uma “simpatia por regimes ditatoriais brutais como o stalinismo e o maoísmo”. Vem em oposição a Estado de direito, liberdades individuais, liberdade de opinião, Declaração dos Direitos do Homem. Totalitarismo também não parece ser exatamente uma postura programática, mas um ritual ou tradição que dá identidade a certos grupos da esquerda brasileira.

Em julho de 2017, Marcelo Coelho assina artigo sobre o encontro mediado por ele em que foi discutido o último livro de Ruy Fausto<sup>174</sup>. Ele repisa as ideias do livro a respeito das “patologias da esquerda”: “uma tolerância persistente aos modelos totalitários surgidos com as revoluções russa chinesa ou cubana”, “apoio a soluções populistas em versão forte (Chávez) ou fraca (Lula)” e “abandono de qualquer perspectiva anticapitalista<sup>175</sup>” como nos Partidos Socialistas europeus e aqui, com FHC. Coelho também aponta a habitual negligência de qualquer análise econômica por parte de Ruy Fausto. Quanto à questão entre esquerda e direita, embora considere que economicamente os governos Lula e FHC possam ter sido inclusivos, a ênfase populista de inclusão cidadã garantiria a diferença.

Em 3/7/2017, Celso de Rocha Barros, comenta novamente o livro de Ruy Fausto<sup>176</sup>. Ele concorda que a esquerda precisa se livrar das heranças totalitárias e populistas, mas perdoa a política de alianças (a terceira patologia, o adesismo ao centro). Segundo o sociólogo, “se o PT escapou da tradição totalitária para cair no vício da corrupção, o espaço entre as duas alternativas, no caso brasileiro, era estreito. O PT nunca esteve sequer próximo de ter uma maioria parlamentar” e acredita que “se o PT tentasse governar sem alianças, o risco de recair no totalitarismo (ou no populismo autoritário) certamente teria sido maior.”

Aqui vemos que o “modelo forte de populismo”, identificado a Chávez, aparece como populismo autoritário. O totalitarismo é novamente uma “evidência” dos regimes socialistas implantados no século XX e pode ser contido pela aceitação do jogo da democracia representativa.

---

<sup>174</sup> COELHO Marcelo Será que o governo Fernando Henrique foi tão de esquerda quanto o de Lula? Folha de S. Paulo, 7/7/2017 <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/07/1899122-debate-sobre-esquerda-e-direita-nao-se-resolve- apenas-com-cifras.shtml>

<sup>175</sup> O anticapitalismo de Ruy Fausto parece ser algo como o estabelecimento de limites à acumulação de capital, finalmente algo passível de realização dentro de um sistema capitalista.

<sup>176</sup> ROCHA BARROS Celso de Para onde, esquerda? Folha de S. Paulo, 3/7/2017 <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/celso-rocha-de-barros/2017/07/1897885-para- onde-esquerda.shtml?loggedpaywall>

## **Comentário Sintético de Opinião anti-PT “de esquerda”**

A opinião anti-PT “de esquerda” se assemelha muito à da *deuxième gauche* francesa: anti-soviética, libertária, direito-humanista e atenta a temas, digamos, transversais. Nem chega a ser notável que, em meio a esses ‘valores’, apareçam outras evidências – mais próprias ao terreno econômico – como “enterro da intervenção estatal”.

Nota-se, nessa crítica, a ênfase na confusão e indefinição da esquerda como um todo e em nível global após a queda do ‘socialismo real’. Assim, o PT em suas origens é retratado ora como antisoviético (sem propor alternativas), ora como semi-soviético (com correntes que lhe empurram para o pensamento totalitário), ora como abertamente soviético (e portanto arcaico).

Digno de nota sim é um artigo de Otávio Frias Filho defendendo a regulação do monopólio de empresas de comunicação – nesse texto, o PT antes mesmo da ascensão à presidência já teria sido cooptado pela Globo, não empreendendo a necessária crítica.

Não faltaram críticas à Carta ao Povo Brasileiro, que menciona o “aspecto totalitário” do pensamento único econômico, vulgo TINA, mas que na realidade demonstraria justamente a capitulação do PT à ditadura dos mercados. Nesse viés, Chico de Oliveira também falou do risco de subordinação da política à economia.

A partir de 2002 (dentro do nosso escopo), a Folha começa a publicar com muita frequência o filósofo Ruy Fausto que, como seu antigo amigo e atual desafeto Dennis Lerrer Rosenfield (segundo algumas más línguas acadêmicas), fornece uma análise bem acabada do fenômeno petista sob a ótica antitotalitária de *gauche*. Por essa senda, ele critica inicialmente o “oportunismo” e “aliancismo” petistas que, se abandonados, fariam com que “mesmo uma derrota não [fosse] uma catástrofe”. Rapidamente ele passa a criticar o viés autoritário no núcleo que dirige o PT e o governo, indicando associação direta entre partido e Estado.

Outras críticas apontam violação dos Direitos Humanos por parte do PT, ao não permitir a livre opinião de seus membros na exigência do centralismo nas votações parlamentares. “A submissão que esmaga o pensamento”, já bastante explorada na seção anterior, aqui em oposição aos DDHH, não à ‘Liberdade’. Em diferentes momentos, a ideia de expurgo é avançada.

Após a vitória de Lula, se viram críticas à “herança Fernando-henriquista”, em mistificação propagandística de certos termos como estratégia para evitar o debate, além de uma escalada contra a liberdade de imprensa.

Às críticas à aproximação com “governos totalitários” como Cuba são vastamente documentadas, e muitas vezes em aproximação singularizada na pessoa de José Dirceu, “o pior que há na esquerda em termos de burocratismo e autoritarismo”. A ideia de revolução, muito antitotalitaristicamente, é vista sob o prisma da “pilha de cadáveres”, as “revoluções bolivarianas” entram na linha de fogo e a divisão entre direita e esquerda precisa ser repensada. Movimentos sociais, MST em especial, são colocados nesse conjunto odioso por “herdeiros do impulso revolucionário”.

Nessa seção também vemos críticas à cegueira da militância e da intelligentsia ligada ao PT, que só admite críticas internas ao partido e o que vem de fora é ideologia, golpismo ou visão parcial da realidade.

Em 2007, Marcos Augusto Gonçalves traça o paralelo entre o PT e o PCB em fins dos anos 70, descrevendo uma problemática de conflitos internos da esquerda bastante similar à ocorrida na França: “agora, os remanescentes ou herdeiros da “esquerda revolucionária” combatem o partido de Lula como combatia-se o “reformismo””. Criaram-se também analogias entre o discurso secreto de Krushev e o “mensalão”.

A Folha dedicou amplas laudas ao livro “Caminhos da Esquerda”, de Ruy Fausto, lançado em 2016. Ele ensejou que colunistas exortassem “PT, PSOL e PCdoB a se libertarem dos traços totalitários”, que seriam a “simpatia por regimes ditatoriais brutais como o stalinismo e o maoísmo” em oposição a Estado de Direito, liberdades individuais, liberdade de opinião, Declaração dos Direitos do Homem.

Assim como na seção anterior, as críticas são puramente ideológicas, não havendo recurso a uma análise empírica da economia ou sociedade. Análises de inspiração marxista não servem, evidentemente.

\*\*\*

### **Opinião pró-PT**

Em 6/11/1999 o departamento de filosofia da USP homenageou Claude Lefort quando do lançamento da tradução de “Desafios da escrita política, compilação de ensaios publicada originalmente na França em 1992.

*"A influência de Lefort no desenvolvimento dos estudos filosóficos no Brasil e, particularmente, na formação dos pensadores da USP foi ressaltada pela professora titular do Departamento de Filosofia da universidade, Marilena Chauí, e por José Arthur Giannotti, professor emérito da USP e presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).*

*Giannotti recordou o impacto que o grupo responsável pela revista "Socialismo ou Barbárie", liderado na França por Lefort e Cornelius Castoriadis na década de 50, teve sobre os pensadores brasileiros que fundaram em 1958 o Seminário Marx, para ler "O Capital", entre eles o próprio Giannotti e o presidente Fernando Henrique Cardoso.*

*O grupo de Lefort e Castoriadis foi o primeiro na França a fazer a crítica do stalinismo e do totalitarismo de uma perspectiva de esquerda.*

*Chauí falou primeiro da importância das análises de Lefort sobre o fenômeno burocrático, "uma forma de poder e não um mero sistema organizacional". A seguir, ressaltou a novidade de sua concepção da democracia, "não um regime político, mas uma formação social e criação de direitos".*

*Os escritos de Lefort sobre a democracia marcaram parte da esquerda brasileira durante a abertura política nos anos 70 e influenciaram, em grande medida por meio de Chauí, ideias defendidas pelo PT, sobretudo nos seus primeiros anos, na década de 80.*

*Claude Lefort esteve várias vezes no Brasil a convite da USP para aulas e conferências, inclusive nos anos mais duros do regime militar, quando, segundo Chauí, "corria o risco de ser visto como colaborador da ditadura em seu país".*

Um mês antes, em outubro de 1999, Maria da Conceição Tavares falava – em termos econômicos – da tendência "totalitária global, na qual o caráter regressivo do capitalismo se manifesta em sua maior intimidade com o poder desenfreado do capital".

Somente em 10/92002 vemos na Folha uma crítica às ideias avançadas por Dennis Rosenfield, assim resumidas por Luiz Marques: "A intenção do autor foi, claramente, a de excluir a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva do espectro constitucional do Estado de Direito, apresentando-o ora como agente de um "movimento totalitário", ora como um mero "instrumento do partido", que, eleito, "não teria a autonomia própria de um presidente" para tomar decisões."

O filósofo Oswaldo Giacoia Jr, em 2 de janeiro de 2003, comemora a ascensão de Lula à presidência e alerta contra os escapismos: "É o FMI quem vai continuar ditando as regras dos programas de governo". "Agora é a hora de medir a distância entre o delírio demagógico da campanha e o realismo dos planos de ação possíveis." "A opção "light" é só a maquiagem oportunista do totalitarismo cor-de-rosa." Em seguida, explica de que se tratam: "Tais clichês funcionam como próteses mentais limitadoras, constringendo nosso pensamento a percorrer sempre as mesmas trilhas, pré-formatando respostas descosidas para questões sobre cuja gravidade, de fato, não ousamos refletir. Amparados em tais muletas, com toda a ingenuidade da má-fé auto-iludida, demitimo-nos do dever de pensar fazendo uso de nosso próprio intelecto."

Em análise sobre os cem primeiros dias do governo Lula, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos minimiza a saída de cinco deputados do PT e os conflitos internos: "Num momento em que o PT era muito mais débil, que foi na votação de Tancredo Neves, perdeu três grandes deputados. Foram expulsos. Uma medida violenta, o partido expulsou três deputados que votaram por Tancredo. E o PT estava se formando, era chamado de totalitário, de leninista, e dava uma demonstração de que parecia que era mesmo. Não houve crise nenhuma, continuou crescendo e hoje é o partido principal do parlamento."

Em fevereiro de 2003, Francisco de Oliveira critica as propostas de autonomia do Banco Central e, coerente, afirma que "está em gestação uma sociedade de controle que escapa aos rótulos simples do neoliberalismo e do totalitarismo". Na mesma linha, em 12/6/2003, economistas ligados ao PT (como Luiz Gonzaga Belluzzo, Ricardo Carneiro, Reinaldo Gonçalves e Plínio de Arruda Sampaio Jr.) assinam documento intitulado "A Agenda Interditada - Uma Alternativa de Prosperidade Para o Brasil" em que lemos que: "o Brasil está sendo levado a um beco sem saída de estagnação e desemprego por uma política econômica que capitulou à insensatez do totalitarismo de mercado".

Após um 2003 agitado, em 29 de dezembro Fábio Wanderley Reis afirmava precipitadamente que "o governo Lula (que, aos olhos de muita gente, não devia sequer ter chegado a existir) já nos trouxe, quando nada, a perspectiva de efetiva consolidação institucional da democracia brasileira, com o importante experimento que representa e a conciliação que vai aprendendo a fazer, como na social-democracia, dos princípios com o esforço de realismo e pragmatismo (cabe notar, a propósito, o bom sinal de que emudeceram as denúncias da ameaça de "totalitarismo".)"

2004 foi um ano em que a questão da "liberdade de imprensa" foi mote na construção do autoritarismo petista, mas o atento politólogo Fábio Wanderley Reis diz que a mídia exagera contra a proposta criação de um conselho. Para ele, ainda que setores do PT tenham laivos autoritários, algum controle da mídia é positivo. Ele esboça a ideia que era avançada, neste momento, a partir das propostas de criação do conselho, da Ancinav e de proibição da divulgação de grampos telefônicos: "A ideia de que você teria num governo petista pessoas imbuídas de uma ótica autoritária, de inspiração socialista stalinista, buscando o exercício de alguma coisa que acabaria sendo totalitária" (...) "afinal de contas, o PT é o herdeiro das suspeitas que havia anteriormente com relação ao risco de revolução".

Maria da Conceição Tavares, em 2004, leva novamente a discussão a termos macrohistóricos e econômicos e critica "a metafísica dos filósofos do pós-guerra, que "não deu contribuição relevante à utopia da "boa sociedade" ou do socialismo." "Os totalitarismos nazifascista e depois soviético foram denunciados, e a "irracionalidade" da sociedade de massas parece tê-los marcado irremediavelmente. Nenhum deles prestou maior atenção às transformações positivas do Estado de Bem-Estar, da social democracia, e, pasme, poucos se entusiasmaram com a descolonização da Ásia e da África."

Em 2005, Marilena Chauí sob ataque fez circular uma carta, publicada na Folha em 21/9/2005<sup>177</sup>, em que comenta aos alunos "perplexos" sua opção por não se pronunciar à mídia com relação ao "escândalo do Mensalão", ainda que viesse participando de grupos e eventos que refletiam o tema e outros que foram instrumentalizados na mídia como se refletissem o tema - no caso, "O Silêncio dos Intelectuais", planejado sob o mesmo nome havia mais de um ano, contando com intelectuais de ideologias e filiações diversas."A mídia está enviando a seguinte mensagem: 'Somos onipotentes e fazemos seu silêncio falar. Portanto, fale de uma vez!'"

Ela lembra a mudança da mídia com relação ao tratamento aos "radicais do PT": antes, uma ameaça, agora, verdadeiros porta-vozes de um PT que foi traído. Lembra as diferentes tentativas de desestabilização do governo, com ponto alto em matéria que afirmava que "na arma do policial que matou o brasileiro em Londres, estava a impressão digital de Lula, pois não criando empregos, forçara a emigração!" (sendo que a vítima havia emigrado sob o governo FHC e os dados indicavam forte crescimento econômico). Lembra o paradoxo da função pública a ser cumprida pelos meios privados de comunicação. Especifica a característica do

---

<sup>177</sup> Em carta a alunos, Chauí explica seu silêncio, Folha de S. Paulo, 21/9/2005 <http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u72595.shtml>

noticiário: bombardeio de notícias desencontradas, surpresas e desmentidos que não permitiam análise ou reflexão. Critica a forma da notícia, apresentada como opinião, indícios como evidências, suspeitos como culpados.

Neste momento, a filósofa recorre à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão: inocente até prova em contrário e ninguém poderá ser condenado por suas ideias, mas somente por seus atos.

O totalitarismo é retomado com Hegel sobre o terror: "transformação sumária do suspeito em culpado e sua condenação à morte sem direito de defesa, morte efetuada sob a forma do espetáculo público". Também com Hannah Arendt e Claude Lefort, sobre os tribunais dos totalitarismos, enfatizando a não criminalização das ideias e da opinião dissidente.

No mesmo ano, com relação à querela do desarmamento, Bárbara Gancia expõe o absurdo da revista Veja de tentar vincular a campanha à agenda do PT, ao dizer que o desarmamento é "historicamente um dos pilares do totalitarismo".

A Folha também vai se posicionar, em editorial de novembro, contra os grampos: "Essa intensa atividade de espionagem é, ao menos em parte, uma seqüela da ditadura militar, quando o Serviço Nacional de Informações (SNI) se tornou um ameaçador "aparelho" a fuçar a vida de todos, no pior estilo dos regimes totalitários".

Em 8/11/2006, Delfim Netto diagnostica uma "infecção de rabdovírus" nos "gigolôs oportunistas" de tradição marxisto-sartreana, inconformados com o que aconteceu no Brasil: "o proletariado libertador, que supunham liderar, vendeu o seu voto por um Bolsa Família"<sup>178</sup>. Sem dar nome aos bois, menciona "pelo menos um (que, aliás, foi fundador do PT) que, já nos anos 20, antecipou a tentação totalitária implícita na concepção da "ditadura do proletariado"."

Paulo Betti, que também sofria linchamento moral, se defendeu na Folha em 5/9/2006: "[a campanha] oculta, sob a forma de protestos indignados contra minha suposta pregação do "fim da ética", uma corrente de intolerância e de farisaísmo político que se esforça para desqualificar todos aqueles que se identificam com o projeto político representado pelo presidente Lula." Ele argumenta que qualquer democrata deveria se preocupar com a de exploração que suas declarações ensejaram: "é autoritária porque reproduz o germe de todos os sistemas

---

<sup>178</sup> NETTO Antonio Delfim Infecção do rabdovírus, Folha de S.Paulo, 8/11/2006 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0811200606.htm>

totalitários: desqualificar os que não se alinham com o pensamento dominante. Para calar, o primeiro passo é desmoralizar. Assim fazem as ditaduras.”

Igor Gielow entrevistou Bernardo Kucinski em dezembro de 2006, para quem “mídia brasileira foi "autoritária" na discussão das propostas encampadas pelo governo Lula para o setor --notadamente, o Conselho Federal de Jornalismo e a Ancinav”. Gielow, secretário de redação da Folha, questiona se “um jornalista deve abandonar o criticismo em favor de uma vontade expressa em urnas? Essa uniformidade não mimetizaria o ideário dos totalitarismos que o sr.rejeita como rótulo ao PT?”, ao que Kucinski responde que mais que “postura crítica”, houve engajamento ativo na campanha contra Lula.

Em 2007, Beluzzo comenta a postura agressiva do governo com relação à mídia e vice-versa em entrevista: “Em "Origens do Totalitarismo", quando você lê os relatos que a Hannah Arendt faz do fascismo, é claramente de um povo que se sentia acuado, economicamente, social e politicamente. O totalitarismo não permite que o indivíduo se exprima. Gera a violência. Isso é muito perigoso. Fico assustado quando vejo esse tipo de reação. A reação correta é construir um ambiente de diversidade. Não é um demônio adversário, em cima do qual você joga toda responsabilidade.”

Em 3/11/2008, Fernando de Barros e Silva critica os “Falcões do Serrismo” na hipocrisia do que alguns ideólogos da direita acusam a esquerda brasileira, o ‘duplipensar’: “ PT tem cupinchas, aparelha, põe a democracia em risco quando vence; tucanos têm assessores, empregam, quando vence exprime a saúde da democracia contra a tara totalitária do primeiro.” Ácido, o colunista conta que “um luminar não contabilizado do serrismo soprou ao governador e ele achou que deveria dizer o seguinte no discurso da vitória [à Prefeitura paulistana], ao lado de Kassab, domingo passado: "Ganharam no Brasil a pluralidade e a diversidade. Perderam o monopólio e aqueles que sonham com o monopólio". E completou a grande ideia com insinuações sobre o mundo sombrio de George Orwell.” Quem será o luminar? O jornalista em seguida pressagia: “o serrismo saiu da eleição por cima. Mas em uma semana já ofereceu um mau presságio do que ele poderá se tornar nas garras da direita que o parasita.”

Em 20/12/2014, André Singer comenta otimista a tentativa de aproximação entre Cuba e os EUA, levada a cabo ainda na presidência de Barack Obama. Ele afirma no texto que o totalitarismo é um fantasma do passado ressuscitado por setores da direita nacional ‘nos últimos meses’, ‘de maneira tola e artificial’ para pedir intervenção militar. Discursos delirantes.

Em 30/3/2016, o ator Wagner Moura assinou artigo intitulado "Pela Legalidade", no qual afirma a inconstitucionalidade de impeachment sem crime de responsabilidade. Ele diz que a ilegalidade do processo de impeachment é típica do vale-tudo de Estados totalitários (conceitos de estado policaresco, ação policial ao arrepio da lei, insegurança jurídica).

Marcelo Coelho Coelho fala do ambiente pré-impeachment em 13/4/2016, sopesando similaridades e diferenças entre aquele momento e períodos que antecederam escaladas autoritárias<sup>179</sup>. O totalitarismo, que ele não vê como iminente, pode conviver com a continuidade da ordem jurídica (que seguiria os novos parâmetros de legalidade), citando o stalinismo. A hostilidade a judeus na Alemanha de 1923 por um pequeno grupo de radicais é comparada a "fatos isolados" como: Estudantes pró-impeachment carregam uma faixa contra a "islamização do Brasil". O ministro Teori Zavascki, do STF, é retratado num pixuleco. Uma senhora ataca o cardeal-arcebispo de São Paulo, durante a missa, chamando-o de "comunista". Ele ainda sugere que o processo não seria inteiramente constitucional, por estar submetido ao "império da ignorância". O totalitarismo aqui descrito seria a subversão da ordem jurídica, o apelo às massas.

\*\*\*

### **Comentário Sintético de Opinião pró-PT**

Noticiando uma homenagem a Claude Lefort, em novembro de 1999 no departamento de filosofia da USP, a Folha destacou sua influência nos estudos filosóficos brasileiros. O grupo Socialismo ou Barbárie foi o primeiro na França a fazer a crítica do stalinismo e do totalitarismo de uma perspectiva de esquerda, dizia o jornal, e os escritos de Lefort sobre a democracia marcaram parte da esquerda brasileira durante a abertura política nos anos 70 e influenciaram, em grande medida por meio de Chauí, ideias defendidas pelo PT, sobretudo nos seus primeiros anos, na década de 80. Não defino se é uma notícia exatamente pró-PT, mas como o partido é colocado em um campo de simpatia, ela apareceu neste setor, como foi o caso de outras.

Boa parte dos artigos desta seção, no entanto, saem do universo conceitual do antitotalitarismo para se aproximar da noção globalitarismo, conceito proposto por Milton Santos em crítica de vários níveis ao processo de globalização conforme vem ocorrendo. Esse totalitarismo passa pelo terreno econômico. Maria da

---

<sup>179</sup> COELHO Marcelo O império da ignorância, Folha de S. Paulo, 13/4/2016 <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2016/04/1760335-o-imperio-da-ignorancia.shtml>

Conceição Tavares fala da "tendência totalitária global, na qual o caráter regressivo do capitalismo se manifesta em sua maior intimidade com o poder desenfreado do capital". Nesse sentido, também foram criticados os "filósofos do pós guerra", que não prestaram "maior atenção às transformações positivas do Estado de Bem-Estar". Entre temas mais pontuais, foi atacada por esse viés a proposta de autonomia do Banco Central

Os artigos que se situam no universo antitotalitário geralmente são peças de defesa quanto a acusações sofridas. Seja nas acusações a granel, como as dos expurgos Dirceu-stalinistas, seja no terreno mais teórico, como resumiu Luiz Marques em resposta a Rosenfield: "A intenção do autor foi, claramente, a de excluir a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva do espectro constitucional do Estado de Direito, apresentando-o ora como agente de um "movimento totalitário", ora como um mero "instrumento do partido", que, eleito, "não teria a autonomia própria de um presidente" para tomar decisões." Infelizmente, percebe-se que essas defesas não ocorrem de maneira articulada ou muito elaborada. Elas se mostram mais como uma evidência de bom senso em oposição, em maior ou menor grau, a fantasmas, tolices, artificialidades, discursos de setores minoritários da direita.

Em meio ao ataque que sofreu em 2005, Marilena Chauí mobiliza conceitos "antitotalitários" em seu favor e do PT na carta circular para os "alunos perplexos com seu silêncio quanto ao 'mensalão'", enfatizando a não criminalização das ideias e da opinião dissidente, bem como o Direito Humano de ser inocente até prova do contrário. Paulo Betti, também atacado, apontou o autoritarismo da desqualificação do pensamento não alinhado com o dominante, em coro reverso com muitos críticos do PT. Belluzzo é outro que cita Hannah Arendt para criticar a postura demonizadora do adversário.

De Delfim Netto parte uma crítica pesada aos "esquerdistas" de tradição marxista-sartreana, "gigolôs oportunistas", incapazes de analisar o voto popular a partir da efetiva alteração das condições de vida.

Fernando de Barros e Silva analisou a mudança de discurso de José Serra e insinuou que algum "assessor informal" lhe passaria as senhas do discurso antitotalitário a ser repisado e que isso seria um mau presságio.

Muito tardiamente começam a aparecer conexões entre totalitarismo e o sistema judiciário nacional (com ilegalidades típicas do "vale-tudo de estados totalitários") e o apelo às massas ignorantes.

## **Painel do Leitor**

A primeira menção a totalitarismo no painel do leitor desde 1998 acontece somente em resposta a artigo de Dennis Rosenfield, em 2002, entre outras críticas ao jornal<sup>180</sup>. O chefe de redação da campanha Lula Presidente, Carlos Tibúrcio, escreve que "para nosso espanto, habituados ao elevado nível da seção "Tendências/Debates", deparamos com um artigo mentiroso e insultuoso de Denis Rosenfield, que acusa o PT de "movimento totalitário"."

Em 2003, um leitor acusa o PT de ser um partido totalitário, que "para assumir o poder, não só mente, ao fazer promessas que sabe jamais serão cumpridas, mas também prejudica o país".

Em 2004 um leitor elogia artigo de Ricardo Kotscho em que defende o conselho da mídia: "afasta uma ideia que se vem alastrando indevidamente, a de que estaríamos diante de uma proposta opressiva e de caráter totalitário".

No mesmo ano, um leitor qualifica de "horrorosas e irresponsáveis as declarações do intelectual francês François Chesnais à Folha. Ele propõe ao Brasil um Estado totalitário de esquerda quando hoje sabemos que tanto o totalitarismo

---

<sup>180</sup> "O "Painel" (Brasil, pág. A4) de quinta-feira 22/8, sob o título "Puxão de orelha", insinuou que Lula revelara não conhecer a estrutura do governo ao propor a criação de uma Secretaria Especial da Mulher, pois essa secretaria já existe. O que Lula propôs, na verdade, foi uma Secretaria Especial da Mulher diretamente subordinada a ele na Presidência da República. Hoje existe uma Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, de status inferior, subordinada não ao presidente, e sim ao ministro da Justiça. Esse equívoco do "Painel", que se somou a uma certa exploração da fala de Lula pela atual secretária da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, poderia ter sido evitado se tivéssemos sido consultados. Na mesma edição, sob um título ofensivo, Nelson de Sá (coluna "No Ar") apresenta, sem provar, a tese de que "Lula malufou". A leitura cuidadosa de seus quatro argumentos mostra que, se houve alguma aproximação entre os dois políticos, foi de Maluf em direção a Lula, nunca de Lula em direção a Maluf. No máximo, poderia perguntar "Maluf lulou?", o que seria um título menos incorreto. Na página A3, para nosso espanto, habituados ao elevado nível da seção "Tendências/Debates", deparamos com um artigo mentiroso e insultuoso de Denis Rosenfield, que acusa o PT de "movimento totalitário". No dia 17/8, na página A4, a Folha noticiou: "Itamar apóia Lula em 17 minutos". O que esse tipo de título quer dizer? Que o apoio foi pequeno, de "apenas" 17 minutos? Esse tempo foi o da duração do cafezinho que Itamar e Lula tomaram no famoso Café Nice -símbolo da atividade política em Belo Horizonte e frequentado por JK- justamente para marcar publicamente o apoio. Antes, os dois tiveram um encontro de uma hora na residência de José Alencar com a participação de Marta Suplicy e de Alexandre Dupeyrat. Esse encontro foi relatado na ocasião aos jornalistas pelo coordenador de comunicação da campanha, Ricardo Kotscho. No dia seguinte, a Folha publicou com grande destaque que "Lula abandona orçamento participativo". Mas a própria reportagem traz o trecho do Programa de Governo que defende a extensão dessa proposta ao âmbito da administração central, mesmo considerando (o que o repórter não fez) a grande diferença entre esferas municipais (típicas de aplicação de um orçamento participativo) e esferas estaduais e federais. Para criticar-nos, bastam os erros que eventualmente cometemos, não é preciso inventar outros." Carlos Tibúrcio, chefe de redação da campanha Lula Presidente (São Paulo, SP) "Painel do Leitor, Folha de S. Paulo, 28/8/2008.

de direita como o de esquerda estão longe de poderem ser associados à palavra democracia e são fontes inesgotáveis de graves crimes contra o indivíduo.”

Em 2005, fora do contexto imediato petista, o assessor de imprensa de Paulo Maluf acusa um leitor que havia expressado críticas ao processo do político de “preconceito, ranço totalitário e macartismo”: “todos são inocentes até prova em contrário, diz a constituição do Brasil”. Cynicamente, afirma que “De 1964 até a queda do regime militar, muitos pensavam como pensa o senhor Celso Balloti e, por causa disso, a nossa história está cheia de pessoas que morreram assassinadas na prisão naquele período terrível”.

Em 2005, um leitor exige punição exemplar com perda do mandato aos políticos culpados: “O parlamentar que recebe dinheiro para votar representa a quem? Transigir nesse ponto significa condenar o país a novas aventuras totalitárias.”

No mesmo ano o Professor Roberto Romano ataca o deputado Professor Luizinho por suas críticas ao judiciário: “o líder do governo anuncia desprezo pelos promotores públicos e mostra os intentos totalitários de seus chefes. É o mesmo procedimento que inspirou o falecido Conselho Federal de Jornalismo e outras ações liberticidas.” Romano conclama todos os “cidadãos honestos” a protestar contra o parlamentar.

Já em 2006, Demétrio Magnoli responde a crítica de Emir Sader a um artigo seu, apontando que o sociólogo repete a lenda stalinista de que a URSS venceu a Alemanha nazista: “a ruptura com a democracia” (eufemismo para a ditadura totalitária) teria salvado a humanidade de Hitler”. No mesmo ano uma leitora diz que a reforma política não pode ser feita sob um governo petista sob risco de que nossa Constituição seja declarada letra morta e que passemos a viver debaixo de um regime totalitário.”

Em 2007, Sérgio Tannuri reclama de nota da Executiva Nacional do PT “defendendo a posição de Hugo Chávez, presidente da Venezuela, de fechar a emissora RCTV” e do “silêncio dos intelectuais”. “Enquanto isso, o vírus totalitário que contamina o nosso continente se alastra: também o presidente do Equador, Rafael Correa, já afirmou que cancelará a concessão de qualquer canal de TV que for contra o seu governo. Daqui a pouco, o índio cocalero Evo Morales decide acompanhá-los... E quem salvará a imprensa da América Latina?”. A Venezuela segue em voga em 2007, e um leitor considera “Inexplicável o viés favorável de Lula a Hugo Chávez, como se fosse o “arauto da democracia”. Foi mentor e

protagonista de um golpe de estado". Uma voz dissidente se horroriza com artigo de Boris Fausto intitulado "Limites legais e impunidade". O leitor critica a ideia de que a justiça brasileira deva ceder ao "clamor social", receita para erros judiciais históricos de Jesus Cristo a Dreyfus. O leitor especifica a punição de acidentes de trânsito – punição a priori do descumprimento de deveres de cuidado como se fossem crimes dolosos "é a mais pura expressão de totalitarismo".

Em 2008, leitor se questiona o que o "Chapolim Colorado [Hugo Chávez] precisa fazer para que Lula e sua turma do PT entendam" que ele é uma ameaça à democracia. Em crítica ao editorial "Criacionismo, não", um leitor identifica ali a "expressão de uma tentação totalitária epistemológica e de um anacrônico cientificismo". Em referência indireta a petistas, um leitor menciona "aquele pessoal das ideologias totalitárias" e da 'imaginação no poder'. Quando da liberação da colombiana Ingrid Betancourt, sequestrada pelas Farc, leitor põe em contraste democracia e liberdade individual versus narco-terrorismo, autoritarismo, totalitarismo. Outro leitor afirma que a crítica a espaço aberto à Opus Dei na seção Tendências e Debates é ação similar à de regime totalitário fascista.

Em 2010 um leitor comenta o livro de Jacques Lambert, de 1959: "'Os Dois Brasis" ainda são marcas indeléveis de uma "ordem e progresso" totalitária, definindo quem não tem acesso à energia elétrica e quem tem acesso à pena rara." Outro expõe algumas linhas mestras de antitotalitarismo francês e conservadorismo estadunidense: "o PT aparelhou o Estado e nós ficaremos reféns de um partido, assim como os venezuelanos, cubanos, iranianos e outros países totalitários. Preciso ter esperança de que o Poder Judiciário possa reverter essa situação." Em maio, um leitor lamenta o espaço dado a General Santa Rosa: "Concordo que a maioria dos torturados não lutava por uma democracia capitalista, mas, sim, por uma popular e socialista (o que não justifica a tortura de presos). Mas daí a afirmar que o atual governo - e, por tabela, todos os civis anteriores, pois FHC também era de esquerda - tende ao totalitarismo é lamentável." Na mesma coluna, outro leitor critica coluna de Eliane Cantanhede que dizia não temer a implantação do totalitarismo pelo PT "porque o mundo evoluiu". Concorda com o General Santa Rosa, porque as pessoas não mudam seu "íntimo essencial" e o PT, esse partido devasso, pensa em sequestrar o poder por 20 anos - ou mais - e transformar o Brasil em uma republiqueta bolivariana - quiçá coisa ainda pior. Em agosto, um leitor diz que "está tudo combinado": "Uma oposição falsa, o totalitarismo chegando devagar e todos os recantos do poder loteados entre absurdos novos "companheiros". Que, ao menos, a imprensa e o acesso a informação sobrevivam a esses sabe-se lá quantos anos que virão. Democracia sem oposição não existe.

Comunismo democrático também não. O que esperar?”. Em setembro, em comentário sobre a liberação da maconha, leitor diz que o argumento segundo o qual “tudo que faz mal deve ser proibido” é totalitário, “proibicionista”. Em outubro, um leitor critica como totalitária a postura da China, que ameaçou retaliar a Noruega, país que concedeu Nobel a crítico do regime. No mesmo mês, leitor qualifica como atitude totalitária a proposta de proibir a leitura de Monteiro Lobato por ser racista.

Em 2012, leitor critica editorial da Folha que propõe uma “visão tecnocrata do ensino” universitário. Formar indivíduos incapazes de compreender e atuar na solução dos problemas do mundo, porém perfeitamente adestrados ao mercado, só favorece a manutenção de um “status quo” baseado na idiotia das massas e, pior, favorece o aparecimento de sistemas totalitários baseados na desinformação.

Em 2013, leitor parabeniza Antônio Prata por uma coluna escrita em tom absolutamente irônico. “Essa gentinha protegida por um poder totalitário instalado em nossa nação há mais de uma década que impede o pleno desenvolvimento do país.”

Em 2014, leitor avalia que a manifestação de Gilmar Mendes contrária à realização de vaquinhas para o pagamento de multas judiciais, tem forte aspecto totalitário. Em carta que comenta o “fla-flu” eleitoral, uma leitora da Folha afirma que o Estado está “tão totalitário” que controla as crianças na escola com o kit gay. Em outubro, leitor comenta que debate gratuito de política e proselitismo eleitoral nas redes sociais demonstra totalitarismo, uma vez que não se demonstra tolerância a opiniões contrárias.

Já em 2016, um leitor diz que as gravações pessoais de Lula - ilegalmente vazadas pelo juiz Sérgio Moro - são comprovação de que o ex-presidente é totalitário, autoritário e se considera acima de tudo e todos, desprezando a Constituição.

\*\*\*

### **Comentário Sintético do Painel do Leitor**

O Painel do Leitor, publicação das cartas selecionadas pelo jornal Folha de S. Paulo, reflete alguns dos pontos de vista mais representados no jornal, com algum espaço para o contraditório que vai diminuindo gradualmente. Ele, no entanto, existe. Observamos também, “personalidades” que se respondem via painel, e pessoas ou representantes que se defendem de acusações antitotalitárias ou que as realizam.

As formulações, em todo caso, aparecem por vezes de maneira mais crua, sem os devidos subjuntivos, as devidas modulações, os devidos desvios dos clichês mais irritantes e os devidos cuidados de permanência em um universo semântico e teórico coerente. Isso se esperaria nos formadores de opinião da Folha, embora nunca tenha sido uma exigência, sabemos. Em outras palavras, se o grosso do material publicado no jornal fosse o material de estudo, esses leitores passariam em uma avaliação do Ensino Médio, mas não da graduação.

Assim vemos que “o PT é um partido totalitário que para assumir o poder, mente e prejudica o país”, que “o totalitarismo de esquerda e direita não podem ser associados à palavra democracia e são fontes inesgotáveis de graves crimes contra o indivíduo”, que “as pessoas não mudam seu “íntimo essencial” e o PT, esse partido devasso, pensa em sequestrar o poder por 20 anos - ou mais - e transformar o Brasil em uma republiqueta bolivariana”, que “essa gentinha protegida por um poder totalitário instalado em nossa nação há mais de uma década é que impede o pleno desenvolvimento do país”, que “o Estado está tão totalitário que controla as crianças na escola com o kit gay”. Muitos criticam colonistas da Folha que atentavam para o nonsense da iminência totalitária. Alguns, indo na linha mais conspiratória, acusam o complô estatista total, que incluiria mídia e oposição (falsa) contra os indivíduos.

O tema bolivariano, com a Venezuela em particular, recebeu muita atenção dos selecionadores da Folha de cartas para publicação no Painel. É curioso o empenho desses leitores em apresentar toda a conexão do argumento autoritarismo X liberdade proposto pelos colonistas.

Não é negligenciável o uso de palavras derivadas de totalit\* para comentar temas relativamente exógenos, entre livros, crítica ao criacionismo, proibição da maconha, etc. De fato, quando observamos a altíssima ocorrência do termo no jornal, não é de surpreender que ele tenha entrado em um vocabulário corrente sem pretensões de rigor conceitual. Vale para colonistas, vale para leitores.

A partir de 2014, os termos começam a aparecer em comentários sobre Direito (declarações de Gilmar Mendes, vazamentos de ligações pessoais, etc).

\*\*\*

## **Políticos**

Em 1998 Tarso Genro advogava por “um novo contrato social” contra as “determinações globalizantes e totalitárias do capital financeiro, que desestrutura a

capacidade reguladora e indutora do Estado” No mesmo ano, o mesmo Genro usa a expressão em outro terreno, dizendo-se favorável à instalação de uma CPI sobre o caso do grampo no BNDES, ilegalmente vazados e que traziam provas de comportamento criminoso por parte do então ministro Mendonça de Barros. Fundamentando o artigo na teoria constitucional da limitação do poder, ele se apressa em distinguir: “as provas não são as fitas ilegais, mas suas declarações [as do ministro, reconhecendo o comportamento], que aliás se caracterizaram por sustentar como de “interesse público” a violação do princípio da impessoalidade”.

“Na verdade, o que estamos presenciando é tão grave, como violência contra a ordem jurídica e como ruptura do contrato político expresso pela Carta, quanto os fatos que ensejaram o impedimento de Collor. Trata-se de um processo político, que só não se tornará parlamentar (CPI) e judicial (pela provocação do Ministério Público) se todas as instituições do país sucumbirem à inevitável conclusão de que o neoliberalismo é mesmo essencialmente corrupto. A liquidação da ideologia da Constituição pela destruição da sua força normativa, ao lado da descoesão social já provocada pelo modelo neoliberal, é o ovo da serpente que faz crescer a **tentação totalitária**. Só a dignidade do Parlamento e da Justiça pode, com a sociedade civil mobilizada, recompor o futuro do país, impondo a força normativa da Carta como limitação jurídica e política a desmandos e corrupção.

Em 1999, a Folha publicou a íntegra da edição do debate da campanha presidencial de 1989 entre Fernando Collor e Lula. Na ocasião, disse Collor: “no dia 17 vamos dar um basta definitivo à bagunça, à baderna, ao caos, à intolerância, à intransigência, ao totalitarismo, à bandeira vermelha. Vamos dar sim à nossa bandeira. Essa que está aqui (aponta para o peito), a bandeira do Brasil, a bandeira verde, amarela, azul e branca.” Lula respondeu: “Nós, que pertencemos à classe trabalhadora, sabemos perfeitamente bem que a nossa luta titânica é para escapar da fome, é para escapar do desemprego, é para escapar da favela ou de baixo de uma ponte.”

Em 25/1/1999, Tarso Genro volta à cena com a noção “globalitária” do sistema neoliberal na ordem política do Brasil: “ou se nos transformaremos definitivamente em servos de uma ordem global totalitária”. Em 27 de julho do mesmo ano, Genro publica na Folha suas reflexões sobre “os caminhos da esquerda” e o PT: “A esquerda em escala mundial busca novos caminhos. Alguns deles, como a Terceira Via de Tony Blair, na verdade tentam casar a renúncia do fiscalismo social-democrata com a ideologia mercantil do neoliberalismo globalizado. Outros apenas reafirmam com novas linguagens o velho projeto soviético. Um verdadeiro novo espaço de construção teórica e política, porém, vem

emergindo dentro da crise. Esse é o espaço no qual devemos batalhar.". Especificamente com relação ao PT, ele explica que "a polarização vigente hoje no PT, entre a "esquerda" e o chamado campo "moderado" do partido (...) é um entrave burocrático para sua modernização". Nas origens do partido, havia duas tradições de fundo: "de um lado, predominava uma concepção que identificava no Estado o verdadeiro sujeito das transformações socialistas e, de outro, uma expectativa de revigoramento de uma social-democracia "limpa", inspirada por uma nova ética de esquerda", mas "é possível afirmar que um partido socialista-democrático, numa época de hegemonia do neoliberalismo (ainda que em crise), de falência do socialismo real (por totalitário e anti-humanista) e de composição da social-democracia com os "ajustes" do sistema financeiro mundial, (...) não pode apostar, pelo menos seriamente, em nenhuma das duas vias consagradas pela esquerda até meados da década de 70." Com relação `URSS, diz que "o capitalismo de Estado, que é o primeiro passo da "acumulação soviética", já demonstrou seu anti-humanismo e as consequências da emergência da sua burocracia, que controla o Estado para seu proveito e para reproduzir seus privilégios." Assim, os dois campos no PT só sobrevivem "por hábito [que gera os grupos da política interna] e pelo interesse [disputa de poder interna e também mandatos e cargos no aparato estatal]". Como solução, Genro propõe "um acordo interno consciente, válido para um projeto de médio prazo, viável dentro da ordem internacional atual" com base no seguinte programa: "a) iniciar um processo concreto de controle social do Estado, pela combinação da democracia direta com a representação política; b) estabelecer uma inserção soberana na economia global, capaz de dar suporte à formação de um bloco que enfrente a hegemonia americana; c) definir um projeto nacional capaz de criar um mercado interno de massas, socialmente articulado; d) estruturar redes públicas e alternativas, de crédito industrial e agrícola, e promover a reforma agrária.". Genro conclui que "nosso segundo congresso, em novembro, que terá sucesso se conseguir "publicizar-se" - dialogando amplamente com a sociedade-, para realizar uma síntese da nossa experiência, não uma "média" dos atuais interesses de controle do aparato partidário. Aparato, hoje, repartido entre dois campos políticos extraordinariamente valorosos, mas cujo conflito não produziu uma política de partido dirigente, capaz de alterar a hegemonia e enfrentar com vigor o desastrado governo neoliberal de FHC."

Em fevereiro de 2000, Tarso Genro novamente prega o enfrentamento com o totalitarismo neoliberal.

Em setembro de 2000, seguindo a linha que será consagrada na Folha por Dennis Rosenfield, "o cientista político José Antônio Giusti Tavares, autor do livro

"O totalitarismo tardio: o caso do PT" acredita que o percentual de Yeda nas pesquisas mostra que existe um eleitorado maduro em Porto Alegre "que não aceita o comportamento totalitário do PT". A matéria se chamava "PSDB de Porto Alegre faz campanha "anti-PT"". Em 25/10 do mesmo ano, Alceu Collares oferece "uma opção para Porto Alegre": "O trabalhismo de PDT e PTB ressurgiu fortalecido; uma nova alternativa à arrogância totalitarista e radical do PT", mostrando que o PSDB não era o único a seguir essa linha de campanha. Em 14/8/2000, aliás, o PT já havia entrado na justiça contra o jingle do PDT em Porto Alegre que "associa a forma de administrar do PT ao regime totalitário, sendo ofensiva, difamatória e inverídica". No bojo das municipais daquele ano, eis a análise de Maluf com respeito a Marta Suplicy: "Somente a fraqueza de uma candidata, embriagada pela ambição pessoal, manipulada por um partido totalitário e radical e pelo oportunismo de políticos que, passada a eleição, voltarão à sua condição de inimigos irreconciliáveis, poderia ter fabricado nos estúdios de publicidade, uma candidatura tão artificial e perigosa para São Paulo." Na campanha de Curitiba, a senha também estava dada, com panfletos apócrifos que acusavam o candidato e então prefeito petista (Ângelo Vanhoni) de ser "comunista que prega a volta do regime totalitário e estatal que torturou e matou milhões de pessoas na ex-União Soviética".

Após o balão das municipais e com os embates de Hugo Chávez nos holofotes ("desde sua eleição em 2000, Chávez mudou estruturas institucionais, foi acusado de totalitarismo, enfrentou um golpe e agora vê ondas de protesto"), José Serra, na campanha presidencial de 2002 dizia que ""Quando sou perguntado sobre como seria uma administração petista, digo que seria como a Venezuela, um governo do PT seria como o de Chávez". Na campanha de 2002, lembremos a carta ao povo brasileiro de Lula, que trazia o termo em outro contexto: "a condução da política econômica apresentada de **modo totalitário** como único caminho possível para o Brasil", ecoando a ideia avançada em muitos dos artigos de Tarso Genro.

A ocupação da fazenda Fernando Henrique Cardoso em Burity pelo MST em março de 2002 foi um episódio polêmico e a opinião publicada exigiu uma posição do candidato Lula. O então ministro Arthur Virgílio chamou Lula de "irresponsável" pela forma como condenou a ação e criticou o dirigente sem terra Gilmar Mauro: "Ele pode curtir sua paranóia zapatista à vontade, mas me preocupa que a entidade que recebe recursos, inclusive de fora, e que já gozou da simpatia do público destina o dinheiro a uma causa totalitária".

Já em 2003, José Genoíno critica o ataque estadunidense ao Iraque: "Esta guerra, em particular, é movida por uma visão totalitária do bem contra o mal.". Em agosto, o PSDB lançou uma nota crítica ao governo Lula: "a história já

demonstrou os riscos que a combinação de procedimentos totalitários com posturas messiânicas pode causar à democracia". A nota também repisa a "postura arrogante do PT" e condena o clientelismo. Em setembro de 2003, Heloísa Helena dizia que *"Para que eu saia [do PT], vão ter de colocar a digital do totalitarismo, a digital do neo-stalinismo"*. Em outubro de 2003, o então presidente do então PFL Jorge Bornhausen elogia o governo espanhol de José María Aznar (PP) que, para chegar ao poder, precisou que o povo espanhol rompesse com "preconceitos ideológicos": "Por exemplo: a ilusão, ainda muito forte no Brasil, de que toda inteligência é esquerdista e de que socialismo é sinônimo de ética e democracia, sendo que a experiência mostra que, na maioria das vezes, dá-se o contrário. A tentação totalitária é sempre privilégio do radicalismo, seja ele de esquerda ou de direita." O artigo de Dennis Rosenfield que detalha o projeto de poder do PT, em oposição a um projeto de governo, foi publicado em 15/10/2003. Em 7/11, Nelson de Sá fala do "retorno de Serra", que coincidiria com uma "radicalização do PSDB": "Jereissati dizia ontem, na Globo, sobre novas votações no Congresso: - O governo quer apenas que façamos número para rejeitar ou dar uma legitimidade ao seu totalitarismo fisiológico". Uma formulação inovadora.

Em 2 de janeiro de 2004, Jarbas Passarinho comenta duas entrevistas, de José Serra e de Fernando Gabeira e passa a fatura da "utopia bolchevista": "os massacres repressivos que Gorender reconhece ao se referir ao "Livro Negro do Comunismo"". É interessante porque os termos que o tucano viria repisar ao longo dos próximos anos não passaram despercebidos em seu vazio: "Serra, entrevistado pela Folha, tratando da transformação pragmática do discurso socialista radical de 1989, do PT, para o aliancista de 2002, que o elevou ao governo, lastimou que o partido houvesse renegado a utopia, que "era a melhor coisa do bolchevismo". Em análise sobre as associações feitas ao bolchevismo e ao histórico de José Serra, termina se perguntando "qual a utopia que lastimou haver o PT dela se descartado. (...) Serra ficaria mais próximo de Martov."

Quanto a Gabeira, seu desentendimento com o PT teria sido "pela extrema tolerância do partido em relação às transgressões que acontecem no campo da esquerda. Fidel Castro e Cuba não podem ser exemplos para nenhum país do mundo". "É o reconhecimento do abandono da crença na ideologia original do autor de "O que É Isso, Companheiro?"" , comenta Passarinho.

Continuando com Gorender, Passarinho menciona uma noção que será recuperada nas páginas da Folha ao final de 2004 por um petista: "A partir da falência do socialismo real, Gorender se pergunta se rejeitar o bolchevismo não

significa aderir ao "bom capitalismo" humanizado. E como isso não aceita, sugere uma "alternativa socialista-comunista sem utopia"."

Mais tarde no mês, com relação às notas críticas do ministro José Dirceu sobre os vazamentos de informações da investigação do assassinato de Celso Daniel, o procurador-geral interino em São Paulo disse que o trabalho de investigação promovido por promotores apenas desperta a "ira dos totalitários e dos oligarcas". Disse que o órgão não irá se dobrar aos "poderosos do momento".

Em 29/7/2004, o PSDB repudiava "o ataque "totalitário" e "antidemocrático" comandado pela campanha de Marta Suplicy" em nota sobre confronto entre militantes.

Em 25/8/2004, lemos que "Os dois principais governadores do PSDB, **Geraldo Alckmin (São Paulo) e Aécio Neves** (Minas Gerais), criticaram ontem a "centralização" do governo federal. Alckmin comparou o governo do **presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao período militar, e Aécio disse temer o surgimento de um "governo totalitário"** no Brasil."

Em 13/9/2004, em meio a comentários sobre a administração petista da Prefeitura de São Paulo, José Serra repisa a ideia de que "vê no PT uma "tendência totalitária, uma espécie de bolchevismo sem utopia". Em 28/9/2004, Jorge Bornhausen critica o "negócio eleitoral PT-PTB, composição que tem tudo de operação marginal de troca de interesses sem nenhum toque político" porque "o que o presidente e seu partido estão fazendo conduz à perda de confiança da sociedade; favorece os radicais de sempre, os eternos totalitários à esquerda e à direita; e alimenta a ganância dos negociistas que apostam nos regimes de força."

Logo após todo esse barulho, o então ministro da educação, Tarso Genro, diz à Folha que "o crescimento do PSDB [nas eleições municipais] aponta para a modernização democrática da vida republicana do Brasil. Porque é um partido que tem proposta, tem enraizamento social definido". Na mesma entrevista, ele propõe um "rebaixamento utópico" ao PT: não mais o fim da sociedade de classes, mas sua recriação. "Se a nossa visão utópica era, via o socialismo, destruir a sociedade de classes, hoje é reorganizá-la. Porque isso significa reconstituir o sujeito político da democracia, isso significa poder repor, para quem quiser, num próximo período, pretensões utópicas mais radicais. Sem isso, é a *barbárie*. "(essas palavras de prefixo "re", vemos, se prestam a qualquer trabalho sujo). Possivelmente essa "releitura" corresponda ao "socialismo democrático" avançado e reavaliado por Ruy Fausto.

Com relação às mudanças no PT, Genro dizia que: "Tem a ver com a destruição da sociedade de classe originária da segunda revolução industrial, que dissolve o sujeito operário tradicional. Tem a ver com a quebra dos paradigmas originários do socialismo totalitário, estadista. Tem a ver com a crise da social-democracia e tem a ver com o fato que a própria social-democracia é inaplicável num país como o nosso." Nessa entrevista, Genro também falou da incapacidade do PT em disputar suas versões na sociedade.

Em janeiro de 2005, petistas culpavam as novas administrações gaúchas pela saída do Fórum Mundial de Porto Alegre: "os grupos políticos ligados a Rigotto e Fogaça sempre tentaram "desmoralizar e desprezar o fórum". "Todos os anos fizeram representações contra os recursos públicos destinados à organização e falavam que era um evento da esquerda totalitária".

Em 9/6/2005, Eduardo Jorge se perguntava se o PT acabou. Ele insistia em dizer-se socialista e afirmava que o PT não havia conseguido resolver uma série de dilemas, como totalitarismo/ democracia, produtivismo/ ecologia, nacionalismo / internacionalismo.

Em 8/7/2005, Paulo Pereira da Silva, vulgo sabemos quem, criticava a proposta de reforma política em artigo chamado "o golpe dos corruptos". Ele argumentava que "perder a esperança em nossas instituições políticas, hoje emporcalhadas, seria o pior dos mundos, porta de entrada para a rejeição da democracia e a volta da tentação totalitária."

Em 31/7/2005, Serra era apontado como o tucano mais competitivo para a campanha presidencial do ano seguinte. O então prefeito de São Paulo afirmava que "a atual gestão [presidencial] combina formas velhas e novas de patrimonialismo, associadas por sua vez à utopia mercadista e ao esforço de controle totalitário do aparato do Estado".

Em 20/9/2005 a Folha noticia que "a direção do PT iniciou ontem o que chama de "reação ao golpismo midiático que pretende inviabilizar o mandato legítimo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva", dirigindo duras críticas a setores da imprensa e à oposição.". O presidente interino do partido, Tarso Genro, segundo a Folha, "foi o responsável pela elaboração da base do texto [de resolução], que acabou aprovado após alterações feitas, principalmente, pelo 3º vice-presidente, Valter Pomar" e que dizia que o PT precisa iniciar "mobilizações regionais articuladas" para "esclarecer a opinião pública sobre os objetivos dos denunciamentos em curso, inclusive estabelecendo diálogo com órgãos de comunicação que não

estejam inseridos voluntariamente nesta campanha de massificação totalitária da opinião contra o governo Lula e o PT".

Em dezembro de 2005, Jorge Bornhausen reage às declarações do ministro Marcio Thomaz Bastos com relação à atuação da Polícia Federal no combate ao caixa 2 na campanha de 2006: "são totalitárias, arbitrárias, autoritárias e antidemocráticas.". Bornhausen disse que a PF será usada politicamente para beneficiar o PT e os aliados: "Os partidos são, na forma da lei, fiscalizados pelo Tribunal Superior Eleitoral. Qualquer interferência externa significa um ato servil de organismo público para atender a interesses do presidente da República e do seu ministro.

Em 17/7/2006, José Dirceu publica carta no Painel do Leitor em resposta a artigo de Demétrio Magnoli que, mais uma vez, procurou associá-lo a Stálin, além de questionar uma recente visita do ex-ministro à Bolívia por razão de suas atividades como consultor. José Dirceu achava naquele momento que o colunista havia "transposto o limite da civilidade com sua leviana acusação". Magnoli se defende dizendo que seu artigo não analisava os programas sociais do governo, mas "a degradação totalitária da linguagem política": "O ex-ministro deixou o governo proclamando que continuaria a "governar o Brasil". Depois de cassado, afirmou que continuaria a fazer política, o que faz na condição de dirigente informal do PT.".

Em dezembro de 2006, entre as governadoras que reclamaram de ataques durante suas campanhas, estava a do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius: "**Os ataques foram de um cunho totalitarista porque eu escolhi morar no Rio Grande do Sul com um marido gaúcho.** Aqui tive meus filhos e meus netos. Fui atacada por ter nascido em São Paulo. Isso me lembrou um pouco do viés totalitarista, não ser da raça gaúcha".

Em maio de 2007, a PF divulgou nota divertida informando que "aguarda eventual requisição de providências para apuração de possível irregularidade", com relação a vazamentos em operações, após Lula solicitar ao então ministro da Justiça Tarso Genro que apurasse os excessos. A PF também informou que não se manifestaria quanto às recentes declarações do ministro do STF Gilmar Mendes, que responsabilizava Tarso Genro pela "canalhice" dos vazamentos. Mendes disse ainda que a PF vinha fazendo: "terrorismo com a democracia" ao divulgar informações sigilosas em conta-gotas. "É cinismo falar em segredo de Justiça nesse momento. Cínico é o quadro que vivemos no país. É uma lógica absolutamente totalitária. Então, rasquem a Constituição."

Em julho de 2007, deputados comentavam declarações de Hugo Chávez: "o deputado Antonio Carlos Pannunzio (SP), líder da bancada tucana, considerou que Chávez, "totalitário", tenta "dar um ultimato a um Congresso soberano"

Em junho de 2008, a Folha se defende de representação judicial contra o jornal que considerou "propaganda eleitoral antecipada a entrevista concedida por Marta Suplicy, pré-candidata do PT à Prefeitura de São Paulo, aos jornalistas **Renata LoPrete** (editora do "Painel") e **Fernando de Barros e Silva** (editor de Brasil), publicada no dia 4/6." Entre diversas entidades de imprensa horrorizadas, a ABI (Associação Brasileira de Imprensa) dizia que "é um abuso, é uma manifestação totalitária que viola as disposições sobre liberdade de imprensa, nos termos assegurados na Constituição, com o pretexto de impedir propaganda eleitoral antecipada".

Em agosto daquele ano, Ciro Gomes, como sempre, dizia que seria difícil que a base de Lula tivesse apenas um candidato nas eleições de 2010. Na entrevista, faz referência a George Orwell em 1984, "que descreve um fictício Estado Totalitário".

Em 2/9, Dilma Rousseff compara ato de grampear a totalitarismo, com atropelo da justiça, estado policial, controle e censura prévios. Mais tarde no mês, o deputado Antonio Carlos Pannunzio foi publicado no "tiroteio" da coluna Painel: *"Lula continua a demonstrar subserviência aos países vizinhos com clara admiração pelo totalitarismo. Já vimos esse filme com Bolívia e Venezuela, e, agora, com o Equador."*

Em julho de 2009, Saulo Ramos, ex-consultor geral da república e ministro da justiça, fala sobre José Sarney: "A vida pública de Sarney foi sempre pautada pelos valores da democracia. Daí seu apego ao diálogo, ao entendimento, às formas consensuais para a solução dos problemas." Entre as benesses, "no momento em que o Brasil esteve na iminência de sofrer um retrocesso para o totalitarismo, apaziguou as partes em conflito e administrou com humildade os ânimos extremistas que desejavam impedir a volta do Brasil ao Estado de Direito".

Em outubro de 2009, o tema era a votação para inclusão da Venezuela no Mercosul: "Tasso Jereissati também expôs argumentos relacionados principalmente à falta de respeito aos princípios democráticos na Venezuela. Nesse ponto, a maioria dos senadores governistas concorda com o tucano." O temporizador (?) Eduardo Suplicy disse que "Em alguns aspectos não há democracia, como na relação com a imprensa. Eu também fui contra a adoção de possibilidade de

reeleição indefinida". O senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE) assim definiu: "Eu voto a favor preocupado. Não gosto desse espírito de totalitarismo de Chávez".

Em novembro de 2009, o deputado estadual tucano Vaz de Lima antecipa as eleições do ano seguinte como uma guerra dos petistas para manterem seus privilégios. "Aquela velha e assustadora ideia de transformar a mentira em verdade pela força da repetição só se sustenta nas ditaduras, felizmente hoje relegadas a setores minoritários do planeta. Porém, seus seguidores continuam por aí. E a herança daquele pensamento totalitário parece persistir em parcelas relevantes de nossa elite."

Logo a 9 de janeiro de 2010, nos deparamos com Arthur Virgílio em ataque ao PNDH-3 que contém todos os elementos: "O texto colide com princípios constitucionais essenciais como a da livre iniciativa privada, o direito de propriedade e a liberdade dos meios de comunicação, contendo diretrizes político-ideológicas parciais e totalitárias que restringem os direitos e garantias individuais e fragilizam as instituições democráticas, instrumentos primordiais na manutenção do Estado de direito". Três dias depois, Kátia Abreu retoma o tema em maneira menos sintética: "Direitos humanos, na forma aprovada pelo decreto 7.037, parece ser apenas a máscara benigna e traiçoeira que oculta a face terrível dos demônios que grupos radicais e sectários se recusam a sepultar. Aproveitando-se do sucesso da economia capitalista e globalizada do Brasil, para o que em nada contribuíram as ideias, os valores e a visão do mundo de setores radicais do PT e dos movimentos que o sustentam, atiram aos brasileiros essa plataforma totalitária."

Em 7/2/2010, com relação às teses para o Congresso do PT, "o ministro Samuel Pinheiro Guimarães (Assuntos Estratégicos) disse que a atenção que a política externa brasileira dá à integração do continente é objeto de "luta ideológica" no país (...) e opôs-se à "convicção na sociedade brasileira de que a Venezuela tem um governo totalitário".

Em 22 de setembro, em comentário à manifestação de movimentos sociais contra o golpismo da mídia, o General Clovis Purper Bandeira, vice-presidente do clube Militar, diz que "todo regime totalitário quer controlar a imprensa. Temo que estamos caminhando para isso em razão de declarações oficiais". À mesma época, o Clube Militar promovia seminário intitulado "riscos à liberdade de imprensa e à democracia".

Em outubro, o "vice improvisado" de José Serra Índio da Costa diz que o "PT está fazendo uma barbárie. Nunca vi tanto uso da máquina pública quanto nesta

campanha. Quanto gastou em viagens do presidente e dos ministros para cumprir agendas inexistentes? É o projeto de construção do totalitarismo". Associava totalitarismo a partido-estado, uso da máquina pública para política, perpetuação no poder, censura à imprensa, ligação com as FARC, ao narcotráfico, ao que há de pior.

Tasso Jereissati<sup>181</sup>, no dia da eleição em que perderia a cadeira de senador para candidatos apoiados por Lula, atacou o presidente de ter uma "atitude totalitária" ao tentar "acabar com a oposição". A atitude foi totalitária, chavista, típica de ditadores: a hegemonia destruidora para os valores do país e do Estado "é um perigo para o país"..

Em entrevista à Folha logo após sua reeleição ao governo bahiano, Jacques Wagner fala do 'carlismo': "uma concepção de poder diferente da minha, que era mais dura, absoluta e totalitária. Eu botei as minhas fichas num projeto antagônico, de diálogo e transparência. A nova hegemonia é nesse sentido."

Em artigo de 30/12/2010, em comentário à eleição em que Dilma Rousseff foi eleita pela primeira vez, Vinícius Torres Freire diz que "o pessoal do PSDB posava de último bastião de defesa da democracia contra a iminente ameaça do totalitarismo dos hunos petistas". Ele explicita o totalitarismo como discurso do PSDB, barbárie e oposto da democracia.

Em 2011, Vera Magalhães faz um perfil do então pré-candidato à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, que em seus anos de estudante de Direito, se "inquietava como um pensamento de tal forma libertário [marxismo] podia ter resultado em regimes tão fechados e totalitários", mas considerava a crítica trotskista ao stalinismo "um pouco moralista". "Questionado pela **Folha** sobre a existência do mensalão, o ministro não enviou resposta. Sobre o tema, limita-se a dizer: "Nenhum partido tem se saído bem nesse campo"."

Em fevereiro de 2012, Aécio Neves, então colunista da Folha, critica o governo cubano e a postura do PT com relação ao seu "autoritarismo". "Os silêncios e os temas evitados na viagem da presidente Dilma a Cuba agridem as consciências democráticas. O mal disfarçado flerta com regimes fechados e totalitários, como o de Cuba e o do Irã, entre outros, expõe publicamente a tentação autoritária que o PT tenta dissimular e que, no entanto, parece estar inscrito no DNA do partido."

---

<sup>181</sup> "Senadores de Lula" derrotam Jereissati no CE, Folha de S. Paulo, 4/10/2010  
<http://www1.folha.uol.com.br/esp/poder/po0410201030.htm>  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/10/808880-lula-tem-estrategia-totalitaria-de-acabar-com-oposicao-diz-tasso-no-ce.shtml>

Em fevereiro de 2013, a coluna painel lembra que em seu discurso de posse como prefeito de São Paulo, em 2005, José Serra citou trecho do livro "a revolução dos bichos", "uma fábula sobre o totalitarismo". Quando da morte de Ruy Mesquita, do Estadão, em maio de 2013, o presidente nacional do PSD Gilberto Kassab lamentou a perda do jornalista que resistiu à censura prévia, assim, combatendo o regime totalitário em nosso país.

Tasso Jereissati em discurso por ocasião da oficialização da sua candidatura ao Senado em 2014 fala da ameaça totalitária do PT ao país: partido que se confunde com governo, domínio total em ameaça à imprensa e à sociedade, menções a Hitler e Stálin. Em julho, Luis Moura se rebela contra decisão do PT pela sua expulsão depois de indícios de ligação com o PCC: decisão arbitrária, totalitária, equivocada, sem direito de defesa. Logo após sair da prisão devido a condena decorrente da AP470, Roberto Jefferson afirma que o "petrolão é o epílogo do mensalão", financiando o projeto do PT para se perpetuar no poder. O projeto é totalitário porque pretende calar a mídia, que fez papel de oposição, e disputa o poder a qualquer preço para sua perpetuação. Em outubro, Em artigo na Folha, o então presidente nacional do PSB Carlos Siqueira se posiciona em artigo "contra o maniqueísmo", que ao longo da história "justificou os totalitarismos à direita e à esquerda". Em dezembro daquele ano, em evento do PSDB, José Serra contou sua ação para atrasar até inviabilizar o projeto do trem-bala em São Paulo, além de atribuir ao PT uma postura bolchevique e totalitária, com a corrupção como método de governo.

Em 9/3/2015, Kim Kataguiri diz que o PMDB é corrupto, mas o PT é totalitário. Em 19/3, o deputado estadual tucano Cauê Macris critica artigo de Vladimir Safatle publicado dois dias antes ("Impeachment é pouco"), em que o filósofo comentava negativamente as manifestações de março daquele ano contra Dilma Rousseff: "reafirma [seu] totalitarismo" ao desqualificar a oposição/opinião contrária e defender o terrorismo como método (em referência ao apoio de Safatle à ocupação da reitoria da USP). No final de março, em debate promovido pela UOL, o líder do MBL Fernando Silva, tornado Holiday, não lamentava que o impeachment pudesse entregar o poder ao PMDB porque apesar de também estar envolvido com denúncias de corrupção, o PMDB não tem um viés totalitário: "O PT usa a corrupção para colocar em risco a nossa liberdade". Em junho daquele ano, após aprovação pela câmara de Campinas de emenda contra a discussão de gênero nas escolas, o coordenador do grupo Identidade, Paulo Mariante, disse que a proposta "tem a simbologia de autoritarismo, totalitarismo e de ser antidemocrática" por vetar a discussão e o contraditório. Em setembro de 2015, em artigo em que defende a

mudança de logradouros que homenageiem pessoas relacionadas à ditadura, Juliana Cardoso qualifica esse período como totalitarismo.

Em junho de 2016, já no pós-impedimento, O então ministro da Cultura, Marcelo Calero, criticou o protesto contra o impeachment dos atores do filme *Aquarius* em Cannes. O ato seria, para ele, “quase infantil” e até “um pouco totalitário”, reinventando a semântica, porque “pretende que uma visão específica cubra a imagem de um país inteiro”. Sônia Braga respondeu que isso implicava desconhecimento do que significa plena democracia: “Se estivéssemos falando em nome de todos, não precisaríamos, evidentemente, fazer o ato”<sup>182</sup>.

Em agosto de 2016, em retorno ao garantismo, o ministro do STF Gilmar Mendes criticou os procuradores da Lava Jato, que se avizinhavam do “terreno perigoso de delírios totalitários”<sup>183</sup> por ocasião do vazamento de acusações da OAS contra o colega Dias Toffoli. Totalitarismo aqui vem ligado a falta de garantias jurídicas, abuso do poder judiciário e delírio. Teoria absolutista, combate ao crime a qualquer preço. Após o episódio, a Folha publicou editorial<sup>184</sup> criticando o corporativismo do STF e PGR, que nunca havia reagido tão rigorosamente a outros vazamentos da Lava Jato. No editorial, a Folha nomina Aécio Neves e Marina Silva entre os padecentes de vazamento, mencionando também que Toffoli foi indicado por Lula ao STF.

Em 2017 temos João Dória Jr. dizendo que “no dia em que alguém for impedido pelo Ministério Público ou pelo desejo de petistas de viajar por seu próprio país, teremos instalada a ditadura e o totalitarismo”, quando da representação feita pelo PT-SP que acusava o prefeito de improbidade administrativa por conta das suas viagens. Ele diz que o PT e Lula produziram essa intolerância porque “ a verdade é só o Lula”.

Ronaldo Caiado também retorna com uma teoria que internacionaliza a perpetuação no poder, segundo a qual a Venezuela seria a expressão de projeto revolucionário socialista bolivariano: um projeto totalitário, urdido no Foro de São Paulo, entidade criada por Lula e Fidel Castro. “Lula disse que o Brasil, como maior economia, tem que sustentar o projeto do Foro – daí a rapina do Estado Brasileiro e a ascensão do crime organizado no continente (Farc presentes).” Diz que Lula

---

<sup>182</sup> É inadmissível um ministro da Cultura ofender artistas, diz Sonia Braga, Folha de S. Paulo, 7/6/2016 Na TV, Marcelo Calero critica protesto contra impeachment em Cannes, Folha de S. Paulo 6/6/2016

<sup>183</sup> BÉRGAMO Mônica Defesa de Lula distribuirá na ONU documento contra Lava Jato e Moro, Folha de S. Paulo 16/9/2016 <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2016/09/1813678-defesa-de-lula-distribuir-documento-contralava-jato-e-moro-da-onu.shtml>

<sup>184</sup> Dois Pesos, Folha de S. Paulo, 24/8/2016 <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/08/1806266-dois-pesos.shtml>

inventou Chávez. O Itamaraty se submetia aos ditames do Foro e “as digitais do PT estão impressas na tragédia venezuelana (presos políticos, mortes, torturas etc etc)”.

\*\*\*

### **Comentário Sintético de 'Políticos'**

Esta seção foi muitíssimo freqüentada por Tarso Genro, desde o início do nosso escopo até o final, refletindo tanto suas boas relações com o periódico dos Frias quanto suas obsessões conceituais. Ovo ou galinha, antes de passar ao noticiário nacional ele certamente lidou com as críticas locais de práticas totalitárias nas administrações do Rio Grande do Sul. Genro, contrariamente ao crítico antitotalitário gaúcho Dennis Rosenfield, varia muito no uso do “totalitarismo”, ora indo pela vertente globalitária, ora pela francesa, muitas vezes por um amálgama. Pela própria formação, insiste em argumentos jurídicos e constitucionais, além de estimular o debate da formação de uma nova esquerda de socialismo democrático – assim como Ruy Fausto.

Em interlúdio, tivemos lembranças do debate dos anos 80, quando a URSS ainda estava de pé, quando Fernando Collor reafirmava a bandeira verde e amarela nacional em oposição à internacionalista vermelha do PT, antes de voltar ao Rio Grande do Sul e a campanha eleitoral abertamente “anti-PT” já em 2000. Os adversários se colocavam como alternativa à “arrogância totalitarista” do partido. Em outras cidades, este viés também foi muito explorado, mais com argumentos “internacionais” (volta do regime totalitário e estatal que torturou e matou milhões de pessoas na ex-União Soviética) que como formulação nativa.

A comparação com a Venezuela já é explícita nas eleições de 2002: “um governo do PT seria como o de Chávez”, com maior ênfase nos distúrbios institucionais decorrentes que na posterior formulação de ditadura bolivariana. O tema retornaria sazonalmente, quando da polêmica da inclusão da Venezuela no Mercosul, por exemplo. A posição do PT com relação a Cuba também será cobrada e apresentada como prova do “DNA” perverso do partido.

O primeiro ano do governo Lula veio com as críticas já mencionadas nas outras seções, e o advento do mote do projeto de poder. A radicalização retórica do PSDB não passou despercebida e foi qualificada como hipócrita de maneiras diversas. A concertação radicalizada tucana aparece na boca dos seus luminares mais distantes entre si, em comparações explícitas do governo Lula a um regime totalitarista e mesmo à ditadura militar. Jorge Bornhausen se revela uma exceção

no campo dos críticos políticos ao proceder em formulações mais elaboradas e menos propagandísticas. Ele chegou a se levantar contra o uso da Polícia Federal na investigação de partidos políticos proposta pelo governo Lula. Começaram a pulular “traídos e desiludidos”, além da “expurgada” Heloísa Helena, que fez seu ruído. Procuradores e delegados já se defendiam da “ira dos totalitários” afirmando que não se curvavam aos “poderosos do momento”.

Mesmo após toda a radicalização, Tarso Genro exhibe postura notavelmente republicana (seja lá o que isso for), insistindo no aggiornamento da esquerda (não utópica, como avançada por Ruy Fausto e em concordância com o slogan que José Serra vinha tagarelado, a saber, que o petismo era o “bolchevismo sem utopia”).

As críticas ao PT, em 2005, continuavam frisando seus dilemas internos mal resolvidos, mas logo após o advento do “mensalão” a pecha da corrupção foi onipresente, seja relativa ao “golpe dos corruptos” da proposta de reforma política, seja às velhas e novas formas de patrimonialismo, seja associada à noção de aparelhamento do Estado. Parece que isso fez finalmente doer o calo de uns e outros, e o PT insinuou uma mobilização em “reação ao golpismo midiático que pretende inviabilizar o mandato legítimo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva”, dirigindo duras críticas a setores da imprensa e à oposição. Na carta supostamente estruturada por Tarso Genro, falava-se em “campanha de massificação totalitária da opinião contra o governo Lula e o PT”. Em 2006, José Dirceu se defende no Painel do Leitor contra as analogias entre ele e Stálin.

Uma declaração de Yeda Crusius, recém eleita governadora do RS em dezembro de 2006 mostra o estado de degradação conceitual e entrada em algum senso comum do termo “totalitarismo” em terras gaúchas: “Os ataques foram de um cunho totalitarista porque eu escolhi morar no Rio Grande do Sul com um marido gaúcho. Aqui tive meus filhos e meus netos. Fui atacada por ter nascido em São Paulo. Isso me lembrou um pouco do viés totalitarista, não ser da raça gaúcha”.

Em 2007 as ações da PF e, sobretudo, os vazamentos ilícitos, fizeram circular o vocabulário totalitarismo em sua vertente de Estado Policial e fora da lei/inconstitucional. Um Gilmar Mendes garantista falava em “terrorismo com a democracia”. A própria Folha se manifestou contra um “excesso judicial”, quando foi acusada de propaganda eleitoral antecipada por uma entrevista com a pré-candidata Marta então Suplicy.

A pré-campanha de 2010 vem com discurso montado de “mentiras petistas para garantir manutenção dos privilégios” e a polêmica em torno de PNDH-3 ressuscitou a questão dos radicais do PT.

Quanto às liberdades, o PT recebeu críticas de desrespeito à de imprensa por parte de um militar, críticas por apoiar outro candidato por parte de um membro da oposição, entre outras bizarrices. Totalitarismo já aparece como “prato único”, prescinde de coerência paradigmática ou até sintagmática. Tasso Jereissati foi outro que não poupou a palavra, sempre em associações odiosas.

Outros petistas foram amargamente laxistas quanto ao uso do “totalitarismo” (“o carlismo era uma concepção de poder mais totalitária”), ou abraçaram em público a versão dos “gigolôs oportunistas” - só para citar Delfim Netto - (“me inquietava como um pensamento de tal forma libertário [marxismo] podia ter resultado em regimes tão fechados e totalitários”).

A campanha de 2014 também foi rica no uso do totalitarismo, especialmente pela “perpetuação no poder” e pela atualização do ‘mensalão’ no ‘petrolão’ - apelido que não pegou - sendo a corrupção um método de governo.

Como veríamos em seguida de maneira muito explícita nos movimentos pró-impeachment de Dilma Rousseff, a corrupção não é problema, problema é o método: “o PMDB é corrupto, mas o PT é totalitário”. Escutamos essa frase em forma de slogan, repetida até se fazer interna. Naquele contexto, a desqualificação da crítica dos opositores (por conta da adoração ao pato, etc) era desqualificada enquanto “totalitarista”. A liberdade também é conceito farol na boca dos favoráveis ao impeachment, “em risco pelo PT”. Toda a série de supostos entre “liberdade” e “ameaçada pelo PT” pode ser preenchida de acordo com o gosto e a experiência de cada um - coisa que pudemos verificar nas reportagens sobre as manifestações daquele momento que continham depoimentos dos protestantes.

No pós-impeachment, os políticos pareceram redistribuir o foco antitotalitarista também para os abusos do poder judiciário, mas com o objetivo de destruição política de Lula e de sedimentação da versão até então apresentada, os ataques ao PT continuaram com o gancho que se apresente no momento.

\*\*\*

## **Breve comentário sobre a categoria “totalitarismo” e sua crescente saturação no discurso publicado**

Em 2004, Domenico Losurdo propunha uma crítica da categoria de totalitarismo<sup>185</sup>. Ele repassa uma série de autores e chega a Hayek (1899-1992), da chamada Escola Austríaca de pensamento econômico, muito citado pela chamada “nova direita” brasileira e, por que não lembrar, participante dos primeiros colóquios franceses sobre a reconstrução do liberalismo.

Em 1986, Hayek escreveu que “as tendências que desencadearam a criação de sistemas totalitários não se limitam aos países que posteriormente sucumbiram a eles. (...) [Na Áustria] não foram os fascistas, mas os socialistas que começaram a conclamar crianças desde a mais tenra idade às organizações políticas, para se assegurar de que cresceriam como bons proletários. Não foram os fascistas, mas os socialistas que pensaram primeiro em organizar esportes e jogos, futebol e excursões no clube do partido para que os membros não se contaminassem de pontos de vista diferentes. Primeiro foram os socialistas que insistiram que os membros deviam se distinguir pela maneira de se cumprimentar e de se dirigir uns aos outros”. Assim, Hayek conclui que a ideia de um partido político que engloba um indivíduo do berço ao túmulo remete em primeiro lugar ao movimento socialista e, com outros meandros argumentativos, que democracia social e democracia totalitária são sinônimos.

O artigo é riquíssimo, expondo também como se deu a “seleção do horror” entre todas as atrocidades do século XX (para ficarmos somente no século XX) que poderiam incluir, antes da Revolução de Outubro, a Primeira Guerra Mundial, o genocídio armênio, o genocídio dos Hererós. Ou, logo a seguir, os campos de concentração para japoneses e descendentes nos EUA, ou a ocupação japonesa da China, uso de armas biológicas no extremo oriente, as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Losurdo também demonstra como não se sustentam as aproximações entre marxismo e nazismo nos termos do aniquilamento da subjetividade individual. Ele defende que características atribuídas ao totalitarismo de manual (o partido único, conduta terrorista do Estado, monopólio dos meios de comunicação, monopólio da violência, economia administrada diretamente por um poder centralizado e racismo) são tanto relativas à noção de Estado em geral quanto atribuíveis a diversos outros tipos de Estado que não são tachados de totalitários, mencionando especificamente exemplos estadunidenses do século XX e

---

<sup>185</sup> LOSURDO Domenico, Pour une critique de La catégorie de totalitarisme, Actuel Marx 2004/1 (nº35) Presses Universitaires de France

aprofundando análises históricas de contextos específicos (Segunda Guerra de trinta anos).

*Losurdo conclui que o erro fundamental da categoria de totalitarismo é transformar uma definição empírica, relativa a algumas características determinadas, em uma dedução lógica de caráter geral.*

Segundo ele, não é difícil constatar analogias entre a URSS stalinista e a Alemanha nazista e a partir daí a construir uma categoria geral (o totalitarismo) com presença do fenômeno assim definido nos dois países, mas daí a transformar essa categoria em chave explicativa dos processos políticos que se desenrolaram ali constitui um salto espantoso. Mais ainda, se queremos focalizar a questão da ditadura de partido único, comparável nos dois países, por que recorrer às supostas afinidades ideológicas, e não à similaridade de suas situações políticas (permanente estado de exceção) e de contexto geopolítico (importante vulnerabilidade).

Se Marx semeou o gérmen do totalitarismo comunista e deve arcar com isso, segundo Hannah Arendt, que papel a palavra de ordem de luta contra o totalitarismo teve no massacre de centenas de milhares de comunistas na Indonésia em 1965? Qual foi seu papel no genocídio maia pela ditadura militar apoiada pela CIA, segundo relatório da comissão da verdade na Guatemala ? Qual o seu papel nos conflitos do Oriente Médio? Qual o seu papel na manutenção da prisão de Guantánamo?

O conforto do recurso a uma situação histórica relativamente distante e praticamente "irrevisável" devido a todos os tabus que a rodeiam e às construções ideológicas que se cristalizaram, aliado ao conforto da disputa em terreno ideológico e retórico sem maiores dados empíricos (exceto a martirologia mencionada por Deleuze) tornaram a categoria totalitarismo um lugar de derrota infalível para qualquer entidade a ela identificada.

\*\*\*

A partir das possibilidades de busca no site da Folha de São Paulo, compilamos os resultados que mencionam somente o lexema totalit\*, sem "PT" nas colunas da Folha Online, onde o termo aparece somente em 2000. É claro que, para uma análise rigorosa da representatividade dessa amostra, seria necessário estipular ao menos quando surgiram as colunas na Folha Online, quantos eram os colunistas e qual foi a evolução do seu número ao longo dos anos.

Os resultados, no entanto, são tão eloqüentes que, se bem não indicam com precisão o desenvolvimento do uso do termo durante a cronologia proposta, apontam claramente sua súbita saturação no debate publicado a partir de 2013 com ápice de ocorrências em 2016:

Colunista	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18*	Total
Hélio Schwartzman	1	1	1				3			1		1		2	1					11
Contardo Calligaris														5	1	2	1	4		13
João Pereira Coutinho								1	2			2	2	6	5	3	12	10	3	46
Bernardo Ajzenberg			1																	1
Sérgio Malbergier									1	2		1		1						5
Kennedy Alencar									1											1
Clóvis Rossi										2				1			2	1		6
Luiz Caversan											1		1		1	1				4
Manuel da Costa Pinto												1	1	4	2	1	1	1	1	12
Evgeny Morozov													1							1
Luiz Felipe Pondé													3	1	9	4	1	2	1	21
Vladimir Safatle													1	2	1		1	2		7
Marina Silva														1						1
Kátia Abreu														1						1
Barbara Gancia														1						1
André Singer														1	1					2
Álvaro Pereira Jr.														2	2	1				5
Carlos Heitor Cony														1	4	2				7
Antonio Prata														1	1		1		1	4
Alexandre Vidal Porto														1		1	1			3
Vinícius Torres Freire														1						1
Reinaldo Azevedo															2	1		1		4
Demétrio Magnoli															4	4	5	4		17
Daniel Pellizzari															1					1
Leonardo Padura															1		3			4
Martin Wolf															1					1
Oscar Vil. Vieira															2					2
Vinicius Mota															1					1
Luli Radfahrer															3	6	2			11
Michel Laub															1	4	1			6
Francisco Daudt															2	1	1			4
Kenneth Maxwell															1					1
Rosely Saião																1				1
Marcos																1				1



## Conclusão

---

Se na introdução procurei apresentar esse conjunto de páginas como um todo coerente, entendo que é muito provável que ao longo da sua exposição alguns fios tenham parecido um tanto frouxos, como sói acontecer. Esta conclusão há de servir para que eu tente voltar a amarrá-los ao hierarquizar a importância de algumas ideias entre tantas que circularam.

1. "Totalitarismo" não foi tratado nesta dissertação como um acontecimento histórico ou uma ideologia.
2. A categoria totalitarismo é discutida aqui sob algumas tradições diferentes, que, no entanto, nunca deixam de se comunicar, contaminar e amalgamar. Isso ocorre com especial furor nos discursos políticos e midiáticos, ressoando no que se convém chamar "opinião pública". Isso ocorre com menor frequência nos discursos acadêmicos.
3. O fenômeno ideológico-midiático do "antitotalitarismo" é algo que pode ser singularizado e apreensível com maior facilidade justamente por se tratar de um objeto da ordem das ideias e palavras, com origem sócio-histórica identificável, autores declarados, libelos publicados e trilha acadêmica rastreável. Ele foi constituído para além das representações da categoria totalitarismo, tendo o repúdio como componente essencial.
4. A ausência de realidade histórico-referencial no que é apresentado como totalitarismo, passado ou presente, não deve ser motivo para menosprezo da categoria. Ela é uma realidade discursiva.
5. A opção metodológica por realizar um trabalho eminentemente linguístico foi feita para dialogar, em sua própria tessitura, com o objeto que discutimos.
6. A discussão sobre o giro linguístico e sobre a análise do discurso de matriz althusseriana teve o mesmo objetivo: qual seja, dialogar também em nível metodológico com o objeto do trabalho em seus conflitos e em sua pretensa referencialidade, construída sob bases ideológicas. Indo mais além, trata-se de uma discussão importante para demonstrar a possibilidade epistemológica que se abriu – também a partir dos anos 70 – para avaliar uma forma de discussão política e histórica que prescinde de recurso ao empirismo.

7. A opção pela análise do discurso também está no cerne da nossa hipótese, qual seja, a instrumentalização do antitotalitarismo no processo de desconstrução discursiva do Partido dos Trabalhadores, ainda que não encontremos muitas referências diretas aos autores franceses que mencionamos na Parte 1 no corpus analisado. Segundo a AD, o discurso (qualquer discurso) constitui o ponto de encontro entre o velho e o novo, o mesmo e o diferente, a estrutura e o acontecimento. Desse modo, o discurso que vai se tornando memória (memória discursiva) retoma o mesmo, mas está sempre sofrendo deslocamentos.
8. A evocação dessas memórias discursivas, presentes em cada autor apresentado, em cada entrevista ou declaração, em cada linha aqui escrita, mas, para os fins desejados, sobretudo em – “Sua excelência” – o leitor dessa dissertação, foi a razão para a opção de transcrever literalmente muitas partes dos textos teóricos de base e do corpus sem desenvolver comentários extensos. Isso se deu porque o presente trabalho não se pretende conclusivo, só que tem uma grande e acanhada ambição de suscitar algum debate em termos diferentes dos que vêm sendo propostos em instâncias diversas.

Creio que é inadequado, chegando à plena conclusão, confessar que esse trabalho não se pretende conclusivo. O título do capítulo é pró-forma, sabemos. Por outro lado, a Parte 2, embora também mais propositiva do que conclusiva em seus inícios, apresenta alguns desenlaces conseqüentes.

Como cada sub-seção apresenta alguma forma de moral da história, aqui me limitarei a expor qual o papel de cada capítulo para a conformação do conjunto do estudo:

Com relação à imagem do PT, pudemos ver a permanência continuada do componente totalitário/autoritário em diversas nuances ao sabor dos tempos, impressa no “DNA petista” por sua própria natureza de partido político. Partido que se apresentou desde as origens com explanação pública, em evolução conjuntural, de projeto político e administrativo.

Quanto ao projeto de poder, foi possível observar que a “criminalização” do PT foi construída paralelamente à criminalização da política, com a alteração da conotação da expressão ao longo dos anos 90 e 2000 em associação ao totalitarismo e à corrupção – que também vieram a conformar um bloco.

O objetivo do capítulo tentação totalitária foi demonstrar que muitas discussões sobre o liberalismo que se colocam hoje como modernas e urgentes, que se colocam como do pós-queda do "socialismo real", na realidade estão se apresentando dessa mesma forma há cerca de 40 anos. Que o entrelaçamento, no debate nacional, entre autoritarismo e liberalismo tem raízes antigas e se manifesta atualmente de maneira muito similar. Que o problema jurídico da "tentação totalitária" foi vastamente explorado na Itália da operação Mãos Limpas sem que tenhamos aprendido daquela discussão em tempo oportuno. E que a dita encruzilhada da esquerda após o fim da URSS é na realidade uma questão anterior.

O capítulo sobre o totalitarismo serviu para identificar ideólogos, políticos ou acadêmicos, que mantiveram e nutriram essa noção ao longo dos anos. Indicou também como um viés de apropriação da problemática terminou por ser abafado na disputa da versão de esquerda, o globalitarismo de Milton Santos. Gostaria, pessoalmente, que tivesse também servido para mostrar que esse debate não foi produtivo para a esquerda sem aspas e sem fronteiras enevoadas.

## Epílogo

---

*"Tu já vives justamente, já vives piedosa, pura, santamente, já vives em castidade virginal; contudo, vives ainda aqui na terra.*

*E não hás de te humilhar ao ouvires: "Acaso a vida do homem sobre a terra não é uma tentação?" (Jó 7,1)<sup>186</sup>.*

Em mais de dois mil anos, a teologia católica não chegou a uma resolução formal quanto à efetividade do pecado em pensamento<sup>187</sup>, a discussão é interessantíssima, mas por via das dúvidas se recomenda pagar alguma penitência. A tentação é uma condição humana irremediável, inerente à vida terrena e contra a qual a única defesa é a fé. Como se defender de um pecado original? A tentação totalitária ronda toda e qualquer organização de esquerda, e não só de esquerda, porque a fórmula de suspeição e detração parece perfeita. A palavra é tentação porque o homem não pode não ser pecador, uma vez que o cúmulo do pecado é a arrogância e o orgulho de cobiçar não ser pecador.

"A Nova Tentação Totalitária: Governança Global e Crise da Democracia na Europa", "O Demônio na Democracia: Tentações Totalitárias nas Sociedades Livres", "A Tentação totalitária, uma filosofia Política", "A Tentação Totalitária da Esquerda" etc. Esses são títulos de livros lançados há menos de dez anos que continuam a explorar a fórmula tentatória com nuances diversas, mas sempre para atacar algum inimigo político contemporâneo - seja a União Europeia, seja o "igualitarismo", seja a inveja, de certa forma... Mas sobretudo a esquerda, que opta por alhear-se da discussão e disputa de algumas categorias.

O último livro mencionado foi lançado em 2014 por Michèle Alliot-Marie, deputada europeia e que, entre 1993 e 2011, ocupou os cargos de ministra da

---

<sup>186</sup> In AGOSTINHO, A Santa Virgindade, Paulus, 2000.

<sup>187</sup> "Ouviste o que foi dito: 'Não cometerás adultério'. Eu, porém vos digo, que qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, em seu coração, já cometeu adultério com ela." Mt 5:27-28.

Juventude e Esporte, da Defesa, da "Casa Civil" (Intérieur), da Justiça e de Relações Exteriores.

Naquela triste França sob Hollande, Alliot-Marie sentenciava que "por trás dos discursos emolientes do presidente, que tenta apaziguar as críticas mais violentas, a realidade cotidiana é de endurecimento das bases ideológicas e da engrenagem. É preciso manter a máquina estatal a qualquer preço. É preciso minimizar a expressão pública de contestação. É preciso inverter a marcha, aparentemente inexorável, rumo à derrota eleitoral, mesmo se, para isso, seja necessário esquecer as regras da democracia. É quando desponta a tentação totalitária da esquerda."<sup>188</sup>

Sabemos como terminou esse capítulo da história.

\*\*\*

À época de sua publicação, o livro "Tentação Totalitária" do jornalista francês Jean-François Revel recebeu resenha de Paul E. Sigmund, da qual traduzimos excertos:

"um ataque oportuno à tendência da esquerda europeia de criticar as falhas do Oeste – especialmente dos EUA – ao mesmo tempo em que defende ou ignora os males muito mais graves dos regimes ditatoriais marxistas"

"É oportuno porque existe a possibilidade de que partidos comunistas participem de coalizões governamentais na França e na Itália (como já participaram, coisa frequentemente esquecida, por muitos anos após a IIGM)"

"No entanto, o argumento do livro é na realidade a imagem espelhada do tipo de duplipensar que ele critica. (...) Revel se diz socialista e argumenta brevemente que a social-democracia é tanto inevitável como justa, mas seu livro trata muito mais de atacar o comunismo que de defender o socialismo. (...) A maior parte do livro se dedica a atacar as tendências inevitavelmente monolíticas, totalitárias e ditatoriais inerentes a todos os regimes comunistas e ao próprio marxismo. O capitalismo pode evoluir para o socialismo porque é compatível com a democracia, mas o comunismo é necessariamente "stalinista", contrário aos trabalhadores e ineficiente do ponto de vista econômico."

"Se Revel tivesse gastado algum tempo analisando Marx (e Lênin) e a experiência de marxistas no poder, poderia ter usado esses fatos em favor do seu

---

<sup>188</sup> ALLIOT-MARIE, Michèle. La tentation totalitaire de la gauche, Plon, Paris, 2014

argumento. Infelizmente, no entanto, o autor mobiliza três casos como prova principal – Portugal, Peru e Chile –, nos quais o papel do partido comunista não era central e que ele retrata com viés tão unilateral quanto os intelectuais europeus que critica.”

Após se dizer incapaz de uma análise mais profunda do caso português, o resenhista aponta diversas simplificações estereotipadas, escolhas enviesadas, omissões e distorções de má-fé nos estudos de Revel sobre Peru e Chile para concluir que a questão sobre se comunistas e marxistas sempre e em todo lugar serão inevitavelmente levados a adotar um centralismo burocrático e ditatorial pela “tentação totalitária” ficou pelo menos em aberto.

“O próprio partido social-democrata de Marx evoluiu para uma aceitação plena da democracia parlamentar, Dubcek deu passos em direção a uma forma de comunismo mais libertária na Tchecoslováquia antes da intervenção russa e é possível que, com o tempo, possamos observar uma evolução similar nos partidos comunistas ocidentais quando eles forem sucumbindo a uma outra tentação, a *“tentação democrática”*.”

## Bibliografia

---

AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)

AGOSTINHO, Santo. *A Santa Virgindade*, Paulus, 2004.

ALLIOT-MARIE, Michèle. *La tentation totalitaire de la gauche*, Plon, Paris, 2014.

ALTHUSSER, Louis (1996). "Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado". IN ZIZEK, Slavoj. *Um Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto

ANDERSON Perry, *Nas trilhas do materialismo histórico*, Boitempo Editorial, 2004

ANGLADA Camille. *De la révolution prolétarienne aux révoltes démocratiques (1966-1974) : une étude de la mouvance maoïste française*. Histoire. 2016.

ARON Raymond, *L'Opium des intellectuels* (1955), edition Agora, Paris, 1986.

BÉCARD Thomas, "Apostrophes" en 1977, l'émission qui rendit André Glucksmann et BHL célèbres, *Télérama*, 10/11/2015.

BENSAÏD Daniel *The crisis of French Marxism*, *International Marxist Review*, n. 14. 1992. <http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article2215>

BONELLI Laurent *Quand Pierre Rosanvallon fustige um "deficit de compréhension"*, *Le Monde Diplomatique*, maio de 2006. <http://www.monde-diplomatique.fr/2006/05/BONELLI/13430>

BRUN Éric, *Les situationnistes, Une avant-garde totale*, Paris, CNRS Éditions, 2014.

CARVALHO Rodrigo *Althusser e a questão da atualidade da hegemonia, Trabalho apresentado no II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo, realizado nos dias 5 e 6 de outubro de 2007, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo.*

CHARAUDEAU, P. *Pathos*. In: CHARAUDEAU, P., MANGUENEAU, D. (Orgs.) *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Une problématisation discursive de l'émotion: a propos des effets de pathémisation dans la télévision*. In: PLANTIN, C., DOURY, M., TRAVERSO, V. 102 *Forum Linguístico*, Florianópolis, v.7, n.1 (88-102), jan-jun, 2010 (Orgs.) *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.

CHRISTOFFERSON Michael-Scott *Les intellectuels contre la gauche : L'idéologie antitotalitaire en France (1968-1981)* [« French Intellectuals Against the Left: The Antitotalitarian Moment of the 1970's »], *Agone*, Paris, 2009. (ISBN 978-2748900989)

CHRISTOFFERSON, Michael-Scott, 2009, op. Cit. 2

CHRISTOFFERSON Michael, "May 1968's Black Sheep", *Jacobin Magazine*, 26/12/2015 <https://www.jacobinmag.com/2015/12/andre-glucksmann-foucault-nouveaux-philosophes-christofferson-french-new-left-may-1968> (visitado em 22/5/2017)

COCHEZ, Pierre, "Grâce à l'Île de Lumière", *dês milliers de Vietnamiens ont reconstruit leur vie*, *La Croix*, 8/8/2013 <http://www.la-croix.com/Actualite/Monde/Grace-a-l-Ile-de-Lumiere->

[des-milliers-de-Vietnamiens-ont-reconstruit-leur-vie-2013-08-08-996240](#) (visitado em 22/4/2017)

CORCUFF Philippe Actualité de la philosophie politique de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) - (II) - Politique et histoire, Mediapart, 7/1/2009. <https://blogs.mediapart.fr/philippe-corcuff/blog/070109/actualite-de-la-philosophie-politique-de-maurice-merleau-ponty-1908-1961-ii-politique-et-histo>

COUTO, Edvaldo Souza e ROCHA, Telma Brito (org.) "A vida no Orkut – narrativas e aprendizagens nas redes sociais", 2010 EDUFBA Salvador [http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/4999/1/a%20vida%20no%20orkut\\_RI.pdf](http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/4999/1/a%20vida%20no%20orkut_RI.pdf) (visitado em 8/5/2017)

DENORD François Néo-libéralisme version française : Histoire d'une idéologie politique, Éditions Demopolis, Paris, 2007.

DINIZ Talita Rampazzo, O que guia o maior jornal do Brasil: a visão editorial da Folha de S. Paulo, artigo apresentado no 1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP da SPBJor, Novembro/2017, disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/818/500>

FARIAS, Anelilde Maria de Lima "O gênero e-forum do Orkut: um instrumento de desenvolvimento da argumentatividade, 2011 Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da UFPE [http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7667/arquivo452\\_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7667/arquivo452_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y) (visitado em 8/5/2017)

FULLA Mathieu. « Chronologie », *Les socialistes français et l'économie (1944-1981). Une histoire économique du politique*, Fulla Mathieu (Org.) Presses de Sciences Po (P.F.N.S.P.), Paris, 2016, pp. 419-428. <http://www.cairn.info/les-socialistes-francais-et-l-economie--9782724618600-page-419.htm> (visitado em 26/5/2017)

GARO Isabelle, « Entre démocratie sauvage et barbarie marchande. À propos de Le Temps présent, Écrits 1945-2005 de Claude Lefort », in *La Revue internationale des livres et des idées*, no 3, janeiro-fevereiro 2008

GARRISON, Jim (2003), Dewey's Theory of Emotions: The Unity of Thought and Emotion in Naturalistic Functional "Co-Ordination" of Behavior, *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, Vol. 39, No. 3

GAUCHET Marcel, NORA Pierre, HOLLANDE François, Une France fraternelle, *Le Débat* nº191 setembro-outubro 2016.

GAUCHET Marcel, *Les idées en France*, Paris, Folio, 1989.

GLUCKSMANN André, Liberté, Égalité, Fraternité, Fondapol, Paris, 5/2011. <http://www.fondapol.org/wp-content/uploads/2011/05/Andre-GLUCKSMAN-Note.pdf> (visitado em 24/5/2017)

GOT Olivier *Histoire "Du mot scandale"*, Sigila nº33, primavera-verão 2014.

GUÉRIN, Cédric. Anarchisme français de 1950 à 1970, Mémoire de Maîtrise : Histoire contemporaine : Lille 3 : 2000. Villeneuve d'Ascq, Dactylogramme, 2000.

HENRI-LEVY Bernard, *American Vertigo*

HOURMANT François Le désenchantement des clercs – Figures de l'intellectuel dans l'après-Mai 68 , Presses universitaires de Rennes, Rennes, 1997  
<http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20080709.BIB1699/que-reste-t-il-des-nouveaux-philosophes.html> (visitado em 24/5/2017).

HUTCHINSON William "Media, government and manipulation: the case of the two Gulf Wars", Proceedings of the 9th Australian Information Warfare and Security Conference, Edith Cowan University, Perth Western Australia, 1/12/2008.

KE Jing, "Did the US media reflect the reality of the Kosovo war in an Objective Manner?", Intercultural Communication Studies Review, I 2008. <http://web.uri.edu/iaics/files/16-Jing-Ke.pdf> (visitado em 10/5/2017)

KEEN, Andrew. O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. Cad. AEL, v.8. nº14/15, 2001.

LAURENT Vincent, 'Enquête sur la Fondation Saint-Simon: les architectes du social-libéralisme', *Le Monde diplomatique* (septembre,1998), <http://www.monde-diplomatique.fr/1998/09/LAURENT/10967.html>  
(Visitado em 10/6/2017)

LEDO, Amanda Cavalcante e PEIXOTO, Thaís Soares "Gêneros digitais: possibilidades de interação no Orkut, 2009 <https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/g-l/generos-digitais.pdf> (visitado em 8/5/2017)

LEFORT Claude, *Écrire à l'épreuve du politique*, Camann-Lévy, 1992, p. 11-12 (tradução livre)

Dialogue entre Claude Lefort *et al.*, « À l'épreuve du politique. Dialogue entre Claude Lefort ET Pierre Rosanvallon », *Esprit* 2011/12 (Dezembro), p. 17-31. DOI 10.3917/espri.1112.0017

LIMA, Renato Brasileiro, *Legislação Criminal Especial Comentada*, Editora Juspodivm, 2ª ed., 2014, p.481/484 (op. Cit.)

LOSURDO, Domenico. Le révisionnisme en histoire. Problèmes et mythes.Paris, Albin Michel, 2006.

LOSURDO, Domenico. Pour une critique de La catégorie de totalitarisme, *Actuel Marx* 2004/1 (nº35) Presses Universitaires de France.

MAZAURIC Claude Aux sources de la droitisation de l'intelligentsia française, *L'Humanité*, 9/10/2009. <http://www.humanite.fr/node/425292> (visitado em 15/4/2017)

MESTROVIC Stjepan, *Postemotional Society*, SAGE Publications, Londres, 1997

MESTROVIC Stjepan, *Genocide after emotion: The post-Emotional Balkan War*, Routledge, Nova Iorque, 2005 – primeira edição em 1996.

NODÉ-LANGLOIS Michel, *La politique Lidée de bien commun*, Philopsis 2013  
[http://www.philopsis.fr/IMG/pdf\\_politique\\_bien\\_commun\\_node-langlois.pdf](http://www.philopsis.fr/IMG/pdf_politique_bien_commun_node-langlois.pdf)

PADIS Marc-Olivier, « 68, au-delà des générations », *Esprit* 2008/5 (Maio), p. 29-33. DOI 10.3917/espri.0805.0029

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990

PÉCRESSE, Jean-François, « *MSF, une vie de révoltes* », *Les Échos*, 20/12/2001 [https://www.lesechos.fr/20/12/2001/LesEchos/18556-174-ECH\\_msf--une-vie-de-revoltes.htm](https://www.lesechos.fr/20/12/2001/LesEchos/18556-174-ECH_msf--une-vie-de-revoltes.htm) (visitado em 22/4/2017);

PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de "INFORMAÇÃO E SOCIABILIDADE NAS COMUNIDADES VIRTUAIS: um estudo sobre o Orkut" 2013 <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3368/2494> (visitado em 8/5/2017)

PLATONE François, RANGER Jean "L'échec Du Parti Communiste français aux élections Du printemps 1981", *Revue Française de science politique*, 1981, Vol. 31. [http://www.persee.fr/doc/rfsp\\_0035-2950\\_1981\\_num\\_31\\_5\\_393989](http://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1981_num_31_5_393989) (Visitado em 11/6/2017)

RAVIGNANT Patrick, *L'Odéon est ouvert*. Paris, Stock, 1968. In: LOYER Emmanuelle, *Mai 68 dans le texte*. Bruxelas, Complexe, coleção « De source sûre », 2008.

RIFFATERRE Michael, *Essais de stylistique structurale*, 1970.

SALLES, Jean-Paul. *La Ligue communiste révolutionnaire (1968-1981) : Instrument du Grand Soir ou lieu d'apprentissage ?*, Rennes , Presses universitaires de Rennes, 2005 <http://books.openedition.org/pur/21289> (Visitado em 5/5/2017)  
ISBN : 9782753531833. DOI : 10.4000/books.pur.21289.

SHAMPO, Marc A., e Robert A. Kyle. "Bernard Kouchner—Founder of Doctors Without Borders." *Mayo Clinic Proceedings* 86.1 (2011): e6. PMC. (visitado em 22/4/2017);

STEWART Iain, *Rethinking the 'French Liberal Revival*, palestra realizada na Conferência *New Directions in French History*, 09/2015. <http://frenchhistorysociety.co.uk/blog/?p=670> (visitado em 10/06)

STEWART Iain, *Raymon Aron and the roots of the French liberal Renaissance*, tese de doutorado, Universidade de Manchester, 2011

TÉTU, Jean-François , « L'émotion dans les médias : dispositifs, formes et figures », *Mots. Les langages du politique* [En ligne], 75 | 2004, mis en ligne le 22 avril 2008, consulté le 14 mai 2017. URL : <http://mots.revues.org/2843>

VANEIGEM Raoul, *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*, Paris, Gallimard, 1967. In: BRUN Éric, *Les situationnistes, Une avant-garde totale*, Paris, CNRS Éditions, 2014.  
VION-DURY Juliette, BRUNEL Pierre *Dictionnaire des mythes du fantastique*, Presses Univ. de Limoges, 2003

WEILL Nicolas, *Rétrocontroverse : 1977, les "nouveaux philosophes"*, *Le Monde*, 23/7/2007. [http://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/23/retrocontroverse-1977-les-nouveaux-philosophes\\_938320\\_3232.html](http://www.lemonde.fr/idees/article/2007/07/23/retrocontroverse-1977-les-nouveaux-philosophes_938320_3232.html) (visitado em 30/5/2017)

WHITE, Hayden "Meta-história – A imaginação histórica do século XIX", *Edusp*, São Paulo, 1992

WITTGENSTEIN, "Ludwig Tractatus logico-philosophicus", 5.6, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1961.

Central Intelligence Agency, Office of European Analysis, Freedom of Information Act (FOIA) Library. France: Defection of the leftist intellectuals, 12/1985. <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP86S00588R000300380001-5.PDF> (visitado em 1/6/2017)

Perrineau Pascal. Glucksmann (Andre) - *La cuisinière et le mangeur d'hommes, Essai sur l'Etat, le marxisme, les camps de concentration..* In: *Revue française de science politique*, 26<sup>e</sup> année, n<sup>o</sup>2, 1976. pp. 324-327.

[www.persee.fr/doc/rfsp\\_0035-2950\\_1976\\_num\\_26\\_2\\_418236\\_t1\\_0324\\_0000\\_002](http://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1976_num_26_2_418236_t1_0324_0000_002) (visitado em 22/5/2017)

107th Congress Public Law 56, "Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001", U.S. Government Printing Office, 26/10/2001. <https://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-107publ56/html/PLAW-107publ56.htm> (visitado em 24/5/2017)

## ANEXOS

**Anexo 1:** PONDÉ Luiz Felipe, Basta, Folha de S. Paulo, 20/8/2012.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/61753-basta.shtml>

### Basta

#### ***O que é corrupção ideologicamente justificada? O PT diz 'porque sou do bem, roubo'***

A Anvisa é uma das agências fascistas que querem controlar nossas vidas nos mínimos detalhes, com sua proposta de exigir receita médica para comprar remédios tarja vermelha. É uma das pragas contemporâneas.

Não acredito na boa vontade nem na ciência desses tecnocratas da Anvisa. Acho que eles se masturbam à noite sonhando como vão controlar a vida dos outros em nome da saúde pública. Não acredito em motivações ideológicas para nada, apenas em taras sexuais escondidas. Freud na veia...

Dou mais dois exemplos desse tipo de praga: proibir publicidade para crianças e cotas de 50% nas universidades federais para índios, negros e pobres (alguma pequena porcentagem neste último caso vá lá).

Nós, contribuintes, não podemos nos defender dessa lei das cotas. Essa lei rouba nosso dinheiro na medida em que somos nós que pagamos pelas universidades federais.

Até quando vamos aceitar esta ditadura "light" que "bate nossa carteira" dizendo que é em nome da justiça social? "Justiça social" é uma das assinaturas do fascismo em nossa época.

O fascismo não morreu, e um dos maiores desserviços que minha classe intelectual presta à sociedade é deixar que as pessoas pensem que o fascismo morreu. Aldous Huxley ("Admirável Mundo Novo"), George Orwell ("1984") e Ayn Rand ("A Revolta de Atlas") deveriam ser adotados em todas as escolas para ensinar o que os professores não ensinam e deveriam ensinar: que o fascismo não morreu.

O fascismo é a marca de tecnocratas e políticos que querem governar a vida achando que somos idiotas incapazes de decidir e que usam nosso dinheiro para esconder suas incompetências e sustentar suas ideologias "do bem". Querem nos tornar idiotas e pobres, para depois "tomar conta de nós".

O governo brasileiro, que flerta com o fascismo, engana as pessoas se concentrando em temas da "igualdade" e "saúde pública". A proposta de cotas nas universidades federais, além de populismo sem-vergonha, maquia a incompetência imoral do governo em retribuir à sociedade o que arrecada monstruosamente em impostos. A máquina de arrecadação de impostos no Brasil faz do governo sócio parasita de todo mundo que trabalha.

Em vez de investir dinheiro na educação básica, sua obrigação, o governo usa o dinheiro público em aventuras como o mensalão, se escondendo atrás de medidas (cotas nas universidades, controles da Anvisa, proibição de publicidade para crianças) que não arranham a corrupção ideologicamente justificada inventada pelo PT, mas que têm grande apelo publicitário.

O que é corrupção ideologicamente justificada? Você se lembra do "rouba, mas faz"? O PT diz "porque sou do bem, posso roubar". Essas leis não atrapalham a corrupção porque não disputam dinheiro com a corrupção. O pior é que, como parte do corpo de professores e funcionários das universidades federais é também fascista, acha isso tudo lindo.

Quanto à proibição da publicidade infantil, todo mundo sabe que só a família e a escola podem fazer alguma coisa para educar crianças. Todo mundo sabe que é difícil educar, ocupar e conviver dizendo "não" para as crianças. Todo mundo sabe que, quanto menos a mãe está em casa e quanto mais ela é só e menos tempo tem para criança, mais a criança come porcaria.

E quanto mais isso tudo acontece, mais se precisa de escola pública competente para preencher o vazio de famílias que não cumprem sua função, ainda que nunca seja a mesma coisa. Mas escola pública atrapalha a corrupção porque gasta o dinheiro da "mesada do bem". Mais barato para o governo é brincar de proibir a publicidade infantil.

Os mesmos que gozam pensando em mandar na vida dos outros são os que mentem quando não dizem que as crianças comem porcaria porque ficam largadas em casa sem mãe para tomar conta delas (e sem boas escolas). Não precisa ser gênio para saber que, sem mãe atenta, nada funciona na vida das crianças.

Os mesmos que cospem na cara da família como instituição, estimulam as mulheres a pensarem só em si mesmas e acusam a família de ser autoritária são os que pedem a proibição da publicidade infantil.

### Totalitarismo econômico

O termo "totalitarismo" tornou-se uma espécie de bicho-papão para a filosofia política ocidental. Totalitário é sempre aquilo que não passa por economia de mercado ou democracia: a pretensão exclusiva de um partido ao controle político; um aparato burocrático centralista; a repressão a qualquer movimento de oposição; um sistema de poder ilimitado, que galvaniza todas as esferas da vida e penetra até mesmo na intimidade. A democracia, ao contrário, assim dizem, traz a todos a felicidade sem ferir idiossincrasias: ela é sequiosa de oposição; o pluralismo das idéias e dos projetos de vida é respeitado; a esfera privada é tabu para o poder social, permitindo-se em paz que as pessoas sejam diferentes.

A história do século 20, dessa maneira, pode ser entendida como um conflito básico entre a democracia liberal e a ditadura totalitária. Ao menos isso é o que consta dos livros-textos ocidentais. Dessa perspectiva, as ditaduras de Hitler e Stálin no passado foram totalitárias, e hoje o são talvez os "Estados religiosos" do fundamentalismo islâmico. Seja como for, o totalitarismo é tido como um pensamento alheio e antagônico à liberdade ocidental, um ideário cuja existência sombria pode ser a todo momento invocada como perigo iminente.

Salta à vista que, nessa "teoria do totalitarismo" das duas esferas polares da sociedade moderna, somente a esfera político-estatal é mencionada, enquanto a econômica permanece de todo ofuscada. Nesse sentido, só pode existir um Estado totalitário, mas aparentemente não uma economia totalitária, um modo de produção totalitário, um mercado totalitário. O axioma dessa consideração unilateral é que apenas o Estado e a política integram o âmbito social, enquanto a economia -como já postulavam, no século 18, os fisiocratas e Adam Smith- pertence supostamente à "natureza" e extrapola, com isso, a teoria social em sentido estrito.

Ora, "leis naturais" não podem ser totalitárias e ameaçar a liberdade; é preciso aceitá-las como ao tempo. Com esse truque grosseiro o liberalismo buscou desde o princípio tornar o centro econômico da modernidade inacessível à reflexão crítica, silenciando, ao mesmo tempo, o fato de que as ditaduras totalitárias do período entre guerras possuíam ao menos uma coisa em comum com a democracia: as formas econômicas do moderno sistema produtor de mercadorias. O conceito de totalidade é oriundo da filosofia do século 19. Em Hegel, sobretudo, ele se vincula à tentativa de subsumir o mundo num único "conceito total", concebendo-o, portanto, em sua plenitude. Não é difícil reconhecer o pano de fundo social desse pensamento no fato de o ser humano e a natureza deverem se submeter "totalmente" à máquina social capitalista, a fim de transformar cada átomo ideal, cada idéia e cada sentimento em material do processo de valorização. Na verdade é a própria lógica econômica do capitalismo, portanto, que suscita a vocação totalitária; e, com a transfiguração ideológica dessa vocação em "lei natural", o liberalismo busca apenas camuflar seu próprio âmago ditatorial. Dizia Henry Ford que os compradores de seu "Modelo T" poderiam adquiri-lo em qualquer cor que desejassem, contanto que ela fosse preta; do mesmo modo, o pluralismo liberal dá crédito a todas as idéias e a todos os objetos, desde que possam ser comercializados. Até meados do século 20, esse totalitarismo econômico esteve longe da perfeição. Ainda havia elementos de um modo de produção mais arcaico, de bases agrárias e comunais, como também esferas culturais da vida que se furtavam ao espaço-tempo abstrato do capitalismo. Para tornar os indivíduos material humano das máquinas capitalistas era necessário primeiro uma mobilização política das massas: a esfera política ganhou nessa época um aspecto de "energia armazenada", servindo como uma espécie de resistor que se carregava, por assim dizer, a fim de pôr em funcionamento o totalitarismo econômico.

Nesse sentido, agiu como poderoso rastilho a implementação da política de massas por intermédio da mobilização militar. Foi nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial que se criou o protótipo democrático. Em seu famoso romance de guerra "Nada de Novo no Front", escreve o autor alemão Erich Maria Remarque: "As diferenças que a educação e a cultura criaram estão quase apagadas e mal são reconhecidas. É como se antes tivéssemos sido moedas de diversos países; passamos por um processo de fundição e agora todos têm a mesma cunhagem". A igualdade democrática perante a moeda, que até então só fora posta em prática de maneira insatisfatória, não pôde ser preparada senão na forma de uma igualdade da morte e da mutilação nos "moinhos de sangue" da Primeira Guerra Mundial. Essa forma arquetípica de democracia no século 20

brindou finalmente os indivíduos com a igualdade de exemplares isolados. Sob determinadas condições históricas, como na Rússia e na Alemanha, o avanço desse processo social assumiu a forma do movimento totalitário de massas e da ditadura; mas também nos Estados Unidos a mobilização do "New Deal" foi acompanhada de paradas militares, cortejos de mísseis e o foguetório da propaganda política. Tratava-se de abarcar a sociedade "como um todo" e de lhe "dar uma sacudida", para muito além dos objetivos políticos e militares imediatos. O escritor alemão Ernst Jünger cunhou para tanto, em 1934, o conceito de "mobilização total". A "mobilização parcial" prendia-se à "essência da monarquia", que, como dizia ele, "transgride seus limites à medida que é obrigada a inserir as formas abstratas do espírito, do dinheiro, do "povo", em suma, das forças da crescente democracia, no contexto armamentista". Jünger divisava por isso na democracia ocidental sobretudo uma forma mais elevada de exaurir todas as reservas sociais: "Foi assim que a mobilização nos Estados Unidos, um país de constituição muito democrática, pôde ser efetuada com medidas de uma virulência que teriam sido impossíveis no Estado militar prussiano (...). Já nessa guerra não se tratava de saber se um Estado era militarizado ou não, mas de saber se era capaz da mobilização total".

Que esse processo transcendia em muito os propósitos puramente militares não escapou também ao general alemão Ernst Ludendorff, que em 1935 escreveu num tratado sobre a "guerra total": "A guerra total, que não é assunto apenas das forças beligerantes, mas fala de perto também à vida e à alma (!) de cada membro isolado dos povos em pé de guerra, aqui teve seu início (...). Desde então a guerra total ganhou em profundidade com a melhoria e a multiplicação das aeronaves, das bombas de toda espécie, mas também das folhas volantes e dos demais materiais de propaganda despejados sobre o povo, e com a melhoria e a multiplicação da aparelhagem de radiodifusão voltada contra o inimigo". Mas, se o propósito secreto dessa "mobilização total" consistia, em última análise, em pôr em prática a vocação totalitária da economia capitalista, então o "movimento" político-militar na primeira metade do século 20 pode ser facilmente decifrado como um estágio preparatório para cortar as peias ao "mercado total", coisa que se deu a partir de 1950. Nas democracias comerciais do pós-guerra, as "bombas de toda espécie, as folhas volantes e os demais materiais de propaganda" de Ludendorff transformaram-se na metralha giratória da publicidade e na tagarelice da mídia, que como apelo visual e acústico preenche todo o espaço público, assumindo traços francamente terroristas: eis que ninguém é capaz de esquivar-se a esse lero-lero infindo e a sua despuorida impertinência. O que aqui "volta-se contra o inimigo" (e o "inimigo" são tudo e todos na guerra permanente pela clientela, por postos de trabalho, carreiras, prestígio etc. num mundo capitalizado até a medula) excede em todos os aspectos os primórdios militares da "guerra total" entre 1914 e 1945. Lemos assim o conceito de totalitarismo a contrapelo da ideologia legitimadora ocidental. Isso é tanto mais evidente num clássico da "teoria do totalitarismo", o livro da filósofa norte-americana Hannah Arendt sobre as "Origens do Totalitarismo". Nele podemos ler: "Nada é mais característico dos movimentos totalitários em geral, e da natureza da glória de seus líderes, do que a espantosa rapidez com que eles podem ser esquecidos e a espantosa facilidade com que podem ser substituídos (...). Essa instabilidade tem certamente algo a ver (...) com a avides de mobilidade dos movimentos totalitários, que só conseguem subsistir enquanto se mantiverem em movimento e puserem em movimento tudo a seu redor (...); é justamente essa capacidade extraordinária de adaptação e essa falta de continuidade que constituem sem dúvida seu marco distintivo, se é que existe mesmo algo como um caráter totalitário ou uma mentalidade totalitária". Hannah Arendt tem em vista aqui somente o lado político-estatal do totalitarismo, isto é, as ditaduras do período entre guerras. Mas só na aparência a massa anônima, mobilizada política e militarmente pelas ditaduras ou pelos regimes de transição democráticos, opõe-se ao culto comercial do indivíduo igualmente anônimo, do "consumidor" das democracias do pós-guerra. Na verdade, a primeira, a massa mobilizada nas paradas militares, pode ser entendida como um embrião do segundo, o indivíduo como consumidor isolado. O indivíduo democrático "livre" do pós-guerra nada mais é senão o "exemplar" originalmente moldado e regulado pela máquina político-militar, exemplar este que somente foi libertado para se ajustar à marcha comercial da máquina capitalista no mundo. Atendo-se às ditaduras totalitárias de Estado (algo compreensível em 1951), Hannah Arendt ignora completamente quanto suas formulações sobre a essência do totalitarismo aplicam-se com exatidão ao caráter de um mercado cada vez mais totalitário e, portanto, à própria democracia ocidental. Que outro enunciado, senão a "espantosa rapidez do esquecimento", caracterizaria melhor as conjunturas capitalistas, que não se caracterizam mais como evolução humana, sendo antes um processo de conteúdos indiferentes, cujo combustível é o dinheiro? E "facilidade da substituição", que descrição

seria mais precisa da personalidade rebaixada a objeto do ser humano universalmente intercambiável? E o que poderia ser mais "ávido de mobilidade" do que o próprio capitalismo, o qual, na condição de sistema econômico do tipo "bola de neve", de fato "só consegue subsistir enquanto se mantiver em movimento e puser em movimento tudo a seu redor"? Onde a "extraordinária capacidade de adaptação" seria uma virtude mais excelsa senão nas economias democráticas de mercado, da forma como ela voltou a ser apregoada hoje pelos paladinos da "adaptação permanente" a uma cega "mudança estrutural"? E o que, finalmente, poderia representar uma "falta de continuidade" mais radical do que o mercado universal sem história, que realiza seu movimento sempre idêntico numa espécie de nirvana atemporal? Essa correspondência torna-se ainda mais nítida quando Hannah Arendt tenta esmiuçar a "lei de movimento" do totalitarismo: "Por trás da pretensão de dominar o mundo, típica de todos os movimentos totalitários, existe sempre a pretensão de criar um ser humano que corporifique ativamente as leis que, de outro modo, ele só suportaria passivamente, cheio de resistência e jamais em sua plenitude. A paz sepulcral que, segundo a teoria clássica, a tirania instala no país (...) permanece tão vedada ao país de regime totalitário quanto a paz em geral. É verdade que seus habitantes são despojados de toda ação que nasce da livre espontaneidade; mas eles são mantidos em permanente movimento como expoentes do gigantesco processo sobre-humano da natureza ou da história, que passa zunindo por eles (...). O terror, nesse sentido, é como a "lei" que não pode mais ser transgredida". O que nessa passagem é denunciado, porém, como essência do totalitarismo nada mais é do que a própria essência do liberalismo. Isso porque não foi ninguém mais senão a nata da economia política burguesa e da filosofia iluminista que, desde o princípio, fez sua a pretensão de executar nos homens "as leis da natureza e da história". E é o capitalismo totalizado que, no espaço social em que impera, despoja seus habitantes "de toda ação que nasce da livre espontaneidade", uma vez que toda atividade nesse espaço é axiomáticamente modelada pelo imperativo econômico. Bem mais implacável do que as ditaduras dos Estados totalitários, os indivíduos economizados pelo livre mercado mundial são "mantidos em permanente movimento como expoentes do gigantesco processo sobre-humano" de uma cega dinâmica de crescimento marcada por falhas estruturais, dinâmica essa que "passa zunindo por eles" e é proclamada pelos ideólogos neoliberais como "processo objetivo da natureza e da história".

Na verdade, estamos às voltas com uma patente continuidade da história capitalista, na qual as ditaduras dos Estados totalitários e a "mobilização total" das guerras mundiais não são um modelo fundamentalmente oposto, antes representam um determinado continuum histórico e uma forma de imposição da própria "economia de mercado" e da "democracia": a sociedade como um todo foi posta em movimento acelerado em todos seus níveis e esferas, a fim de poder suportar a acumulação acelerada e concentrada do capital. No final do século 20, a transformação do totalitarismo capitalista (que de Estado total passou a mercado total) conduziu a um inusitado "terror da economia" -a uma "lei" que, como nos dizem ironicamente, "não pode mais ser transgredida". E o controle da realidade imposto pela mídia capitalista só pode falar ininterruptamente de liberdade porque há muito deixamos "1984" para trás.